



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

VÍVIAN MÁRCIA HORÁCIO MONTEIRO

VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO ESPÍRITO SANTO E NO RIO DE JANEIRO:
DADOS DO PROJETO ALiB

Salvador

2026

VÍVIAN MÁRCIA HORÁCIO MONTEIRO

**VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO ESPÍRITO SANTO E NO RIO DE JANEIRO:
DADOS DO PROJETO ALiB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Amanda dos Reis Silva

Salvador

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (BURMC)

M775v

Monteiro, Vivian Márcia Horácio.

Vogais médias pretônicas no Espírito Santo e no Rio de Janeiro : dados do Projeto ALiB / Vivian Márcia Horácio Monteiro. – Salvador, 2026.

216 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras,
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, 2026.

Orientador: Amanda dos Reis Silva.

1. Linguística. 2. Vogais médias pretônicas. 3. Descrição fonético-fonológica. 4.
Projeto ALiB. I. Amanda dos Reis Silva.

CDU 81-11

Elaborado por: Daniel Cerqueira Silva – CRB-5/1447

vivian.marcia@ufba.br

VÍVIAN MÁRCIA HORÁCIO MONTEIRO

VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO ESPÍRITO SANTO E NO RIO DE JANEIRO:

DADOS DO PROJETO ALiB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Língua e Cultura. Área de concentração: Linguística Histórica. Linha de pesquisa: Sociolinguística e Dialetoлогия.

Aprovada em 30/01/2026.

Banca Examinadora

Dra. Amanda dos Reis Silva – Orientadora
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
Universidade Federal da Bahia – UFBA
Doutora em Língua e Cultura pela UFBA

Dr. Gredson dos Santos – Examinador
Universidade Federal da Bahia – UFBA
Doutor em Letras e Linguística – UFBA

Dra. Dirce Aparecida Kailer – Examinadora
Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa – UNESP

*A Sueley,
que incentivou e acompanhou cada passo dessa jornada
(e de tantas outras).*

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil, e ninguém disse que seria. Por vezes, pensei em desistir, em jogar para o alto, em dar uma pausa, ou pensei que não era capaz de fechar esse ciclo. Mas, ao meu lado, tive pessoas e energias que me impulsionaram e me fortaleceram a todo instante. E é aqui, nesse pequeno, porém importantíssimo espaço, que eu faço os agradecimentos a todos que me acompanharam neste processo e, também, na vida, àqueles que, muitas vezes, sequer sabem o bem que me fizeram ou fazem. Se não fossem vocês, nada disso seria possível.

Em primeiro lugar, agradeço a meu Pai Òsàgiyán, meu fôlego, dono do meu Ori, que abençoou e abençoa toda a minha trajetória, toda minha vida, minhas escolhas, meu sucesso, minhas conquistas e todo o meu ser. *Mo dúpé baba*. A Pai Sàngó pela força, pela proteção e pela perseverança. Não menos importante, a Ori, que me faz ser quem eu sou, minha essência, minha resistência, nada seria possível sem sua permissão. Obrigada, pela vida.

Agradeço a minha mãe, Suely, que não só me pôs nesse mundo, mas me acompanhou em todos os momentos desde então, apoiou meus empreendimentos (todos eles), deu força a meus sonhos e, o mais importante, foi e é um exemplo inigualável de pessoa, a quem dedico todos os meus esforços e meu amor incondicional.

Sou grata também por ter um companheiro ímpar, a razão da leveza da minha vida, das minhas gargalhadas, dos momentos felizes e aconchegantes. Gilson, obrigada por estar ao meu lado, por suportar todas as dificuldades comigo, por me acomodar no choro e na tristeza, mas por comemorar as alegrias, os **triunfos** e as etapas vencidas; por dividirmos esse caminho durante todos esses anos, por me aceitar e me dar forças todos os dias.

Shura, filha, minha vida, você não lerá isso, certamente, mas você vem sendo minha energia durante esses seus cinco anos de vida, mesmo fisicamente longe em alguns momentos; você é meu antidepressivo diário, é meu consolo. Estar com você me faz perceber que a vida presta, sim. Menções honrosas a meus grandes amores que se foram e outros que continuam alegrando minha vida: Gohan (*in memoriam*), Milu (*in memoriam*), Miúda e LanZhu.

Sou grata a meus avós, Lau e Raimundo, e a meu irmão Vinicius por estarem comigo e compreenderem minha ausência em diversos momentos. Obrigada por, mesmo não entendendo o propósito disso tudo, apoiarem, o que me faz feliz.

Obrigada, minhas amigas-irmãs, Jaqueline e Nana (Janaína), por me apoiarem e por festejarem comigo todas as glórias que a vida proporcionou, e por aturarem todos os

sofrimentos ao longo de mais de dez anos, sem soltarem as mãos. Vocês fazem parte dessa conquista também.

Para a família que a UFBA me deu, são tantos nomes envolvidos nessa história que se faz difícil um agradecimento nominal. Mas, devo destacar pessoas que participaram ativamente da minha formação, que são fonte de diversos sucessos e que me colocaram nesse percurso que venho trilhando.

Primeiro, quero agradecer ao Projeto ALiB, minha casa. Um Projeto ao qual dedico meu amor e carinho. São oito anos tendo a honra de fazer parte dessa família maravilhosa que tanto me ensinou e continua ensinando.

Agradeço a Jacyra Mota, que me deu régua e compasso, me pôs no caminho das vogais médias pretônicas, sem nem mesmo eu saber a sua importância, que me ensinou a fazer pesquisa e me inspirou a querer sempre saber mais, procurar mais, buscar mais e melhorar. Obrigada, pró.

A Amanda Reis, minha orientadora e amiga, pessoa forte e batalhadora, que segurou minha mão durante esses dois anos e não me deixou desistir; me aturou, me mostrou que eu sou muito mais do que imagino, que sou capaz de ir além das minhas próprias expectativas, além de me ensinar muito. Mostrou os caminhos para (re)conhecer a pesquisadora que eu sou e a que quero me tornar, aperfeiçoando sempre minhas habilidades. Obrigada por, lá em 2017, em LETA11, ter acreditado em mim. Isso não teria sido possível sem você, nem antes, nem agora.

Agradeço a Ana Regina Teles (*in memoriam*), grande fonte de inspiração e trabalho, indo embora precocemente, mas deixando um legado de conhecimentos valiosos e uma “mentalidade geográfica” importantíssima para nós.

Agradecimentos especiais às professoras e professor que compuseram a banca avaliadora deste trabalho: Juliana Gayer, que me transmitiu conhecimentos não somente em ocasião da qualificação, mas durante todos esses anos de convivência, sou grata pelo carinho e cuidado; a Dircel Kailer, a quem pude conhecer pessoalmente e que agregou muitíssimo, com uma avaliação rica e detalhada; a Gredson dos Santos, que também me acompanha há anos e se faz presente conosco em mais um momento importante da carreira. Obrigada a todos vocês por dedicarem tempo a mim e a esta dissertação que tanto amo.

Quero agradecer também aos bolsistas, colegas e professores da família ALiB. Vocês são muitos e também muito queridos por mim. Obrigada por fazerem parte dessa jornada, por cuidarem de mim, assim como tento cuidar de vocês, e pela paciência. Sintam-se todos contemplados nesse grande e carinhoso abraço de gratidão, pois vocês viveram tantos

momentos comigo e participaram desse caminho, apoiando minha pesquisa, meus sonhos e, até mesmo, me dando folga para trabalhar na dissertação. Menção honrosa também a minhas duas companheiras de guerra, representando todos os alibianos, Giovana Oliveira, parceira das pretônicas desde 2018, e Beatriz Souza. Meninas, estamos brilhando juntas, e vamos continuar brilhando sempre. Obrigada pelo apoio, pelo carinho, por partilharmos nossas vidas e pesquisas juntas.

A todos, só tenho a agradecer pelo amor, carinho, cuidado, apoio e compreensão.

Bora Bahêa!

Ọwọ tí ó n tọ mi sọ̀nà ni ọwọ̀ bàbá mi.

Afẹ́fẹ́ mi, èémí mi, Òṣàgiyán.

Mo dúpẹ̀ lẹ́wọ̀ baba.

RESUMO

Os estudos dos dialetos vêm sendo foco de linguistas brasileiros e ganhando força com a constante produção de trabalhos na tentativa de descrever o português falado no Brasil, e, pensando nisso, o presente trabalho tem como objetivo analisar o comportamento das vogais médias [ɛ, e, ɔ, o] em posição pré-acentuada nas 19 localidades dos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, que compõem a rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Busca-se averiguar qual qualidade vocálica prevalece em tais áreas e os contextos que favorecem os processos de fechamento ou abertura dessas vogais. Para a análise empreendida neste estudo, são consideradas as vivências sociohistóricas da região, bem como as dinâmicas socioculturais contemporâneas, para o entendimento dos resultados obtidos, à luz de um contexto mais ampliado, que é o da disseminação da língua portuguesa no Brasil. A metodologia utilizada contemplou: i) seleção do corpus a ser analisado; ii) levantamento, partindo da audição dos inquéritos, feitos pelo Projeto ALiB nas localidades e transcrição fonética das respostas que apresentam vogais médias pretônicas, como t[e]rreno e t[ɛ]rreno, c[o]ração e c[ɔ]ração; iii) codificação dos dados; iv) tratamento estatístico dos dados linguísticos com o auxílio do software *GoldVarb 2001*. Para a pesquisa, os inquéritos utilizados contam, de acordo com a Dialetoologia Pluridimensional (Radtke; Thun, 1996) – proposta que considera características sociais dos informantes, além da distribuição espacial, incorporando, ainda, pressupostos e métodos de outras áreas, como a Sociolinguística e a ciência cartográfica – com o repertório linguístico de homens e mulheres, das faixas etárias I (18-30 anos) e II (50-65 anos), de ensino fundamental, contabilizando um total de 76 informantes. De modo geral, dentre os 7.017 dados foram encontradas maiores ocorrências das variantes fechadas nas normas estudadas, destacando-se o fechamento das vogais posteriores (85%), em face das anteriores (90%). Alguns resultados estatísticos, todavia, apontam para tendências à abertura, sobretudo entre falantes nativos do Espírito Santo, como exemplifica a cidade Barra de São Francisco, para a qual se obteve peso relativo de 0.10 para a manutenção fechada das anteriores e 0.01 para as posteriores. No Rio de Janeiro, ao contrário, destaca-se a capital fluminense, onde se observam pesos relativos altos para as duas séries vocálicas (0.75 para anteriores e 0.80 para posteriores). Acredita-se, por fim, que essas informações possam auxiliar na descrição da Língua Portuguesa em tais localidades, no que tange aos aspectos fonético-fonológicos e à compreensão das suas realidades sociais e históricas.

Palavras-chave: Vogais médias pretônicas; descrição fonético-fonológica; Projeto ALiB; Espírito Santo; Rio de Janeiro.

ABSTRACT

Studies on Brazilian Portuguese dialects have increasingly drawn the attention of linguists, gaining strength through the steady production of research that seeks to describe the varieties of Portuguese spoken in Brazil. In this context, the present study aims to analyze the behavior of mid vowels [ɛ, e, ɔ, o] in pretonic position across 19 localities in the states of Espírito Santo and Rio de Janeiro, which constitute part of the network of survey points of the Atlas Linguístico do Brasil (ALiB Project). The objective is to investigate which vowel qualities prevail in these areas and the phonological contexts that favor processes of raising or lowering of these vowels. The analysis considers both the sociohistorical background of the region and its contemporary sociocultural dynamics, in order to interpret the results within a broader perspective, namely the dissemination of the Portuguese language in Brazil. The methodology adopted included: i) selection of the corpus to be analyzed; ii) examination of the interviews conducted by the ALiB Project in the surveyed localities, along with phonetic transcription of responses containing pretonic mid vowels such as in t[ɛ]rreno and t[ɛ]rreno, c[o]ração and c[ɔ]ração); iii) data coding; iv) statistical treatment of the linguistic data using the software GoldVarb 2001. The interviews analyzed were selected according to Pluridimensional Dialectology (Radtke; Thun, 1996) – an approach that incorporates social characteristics of the informants in addition to spatial distribution, while drawing on principles and methods from Sociolinguistics and Cartography. The corpus comprises the speech of men and women belonging to two age groups I (18–30 years) and II (50–65 years), with elementary schooling, totaling 76 informants. Overall, among the 7,017 tokens analyzed, closed variants prevailed in the studied varieties, especially regarding back vowels (85%) as compared to front vowels (90%). Nonetheless, some statistical results suggest tendencies toward vowel opening, particularly among speakers from Espírito Santo, as exemplified by the city of Barra de São Francisco, where low relative weights were obtained for vowel opening (0.10 for front vowels and 0.01 for back vowels). In Rio de Janeiro, in contrast, the capital city stands out with higher relative weights for both vowel series (0.75 for front vowels and 0.80 for back vowels). It is believed that these findings contribute to the description of Portuguese in these localities, particularly concerning phonetic-phonological aspects and the understanding of their social and historical realities.

Keywords: Pretonic mid vowels; phonetic-phonological description; ALiB Project; Espírito Santo; Rio de Janeiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Matriz dos segmentos envolvidos em um processo de nasalização segundo a Fonologia Gerativa Padrão	35
Figura 2	Linhas de associações para as vogais segundo a geometria de traços	38
Figura 3	Processo de espraçamento de abertura	39
Figura 4	Divisão dialetal de Nascentes de 1953	67
Figura 5	Georreferenciamento da divisão dialetal de Nascentes de 1953, conforme proposta de Teles (2018).	68
Figura 6	Cartograma representativo do subfalar fluminense, segundo proposta de georreferenciamento de Teles (2018)	69
Figura 7	A cidade de Barra de São Francisco no estado do Espírito Santo	77
Figura 8	A cidade de São Mateus no estado do Espírito Santo	78
Figura 9	A cidade de Vitória no estado do Espírito Santo	80
Figura 10	A cidade de Santa Teresa no estado do Espírito Santo	82
Figura 11	A cidade de Alegre no estado do Espírito Santo	84
Figura 12	A cidade de Itaperuna no estado do Rio de Janeiro	86
Figura 13	A cidade de São João da Barra no estado do Rio de Janeiro	87
Figura 14	A cidade de Campos dos Goytacazes no estado do Rio de Janeiro	89
Figura 15	A cidade de Três Rios no estado do Rio de Janeiro	91

Figura 16	A cidade de Nova Friburgo no estado do Rio de Janeiro	92
Figura 17	A cidade de Macaé no estado do Rio de Janeiro	94
Figura 18	A cidade de Valença no estado do Rio de Janeiro	96
Figura 19	A cidade de Petrópolis no estado do Rio de Janeiro	97
Figura 20	A cidade de Nova Iguaçu no estado do Rio de Janeiro	100
Figura 21	A cidade do Rio de Janeiro no estado do Rio de Janeiro	102
Figura 22	A cidade de Niterói no estado do Rio de Janeiro	105
Figura 23	A cidade de Arraial do Cabo no estado do Rio de Janeiro	107
Figura 24	A cidade de Barra Mansa no estado do Rio de Janeiro	109
Figura 25	A cidade de Paraty no estado do Rio de Janeiro	110
Figura 26	Inquiridoras responsáveis pela realização das entrevistas conforme localidade do estado do Espírito Santo – Projeto ALiB	115
Figura 27	Inquiridoras responsáveis pela realização das entrevistas conforme localidade do estado do Rio de Janeiro - Projeto ALiB.	116
Figura 28	Rede de pontos completa dos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro – Projeto ALiB	117
Figura 29	Tabela de levantamento e codificação das ocorrências de vogais anteriores em Barra de São Francisco-ES, informante 4	125
Figura 30	Processo de espraçamento de traço de abertura da vogal tônica para a pretônica em /presépio/	137
Figura 31	Escala de sonoridade segundo Selkirk (1984)	147

Figura 32	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e RJ, distribuição diatópica dos pesos relativos – dados do Projeto ALiB referentes à manutenção de [e]	157
Figura 33	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e RJ, distribuição diatópica quando a tendência – dados do Projeto ALiB referentes à manutenção de [e]	158
Figura 34	Processo de espraçamento de traço de abertura da vogal tônica para a pretônica em /colega/	172
Figura 35	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e RJ, distribuição diatópica dos pesos relativos – dados do Projeto ALiB referentes à manutenção de [o]	188
Figura 36	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e RJ, distribuição diatópica quando a tendência – dados do Projeto ALiB referentes à manutenção de [o]	189

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Representação das vogais orais do português brasileiro	33
Quadro 2	Estudos sobre vogais médias pretônicas com base nos dados do ALiB	44
Quadro 3	Identificação dos informantes do Projeto ALiB por sexo, faixa etária e escolaridade	61
Quadro 4	Junção adotada para eliminação de nocautes nos grupos 7 e 8	128
Quadro 5	Nocautes acusados pelo <i>GoldVarb 2001</i> para as vogais anteriores no ES e RJ, segundo o contexto vocálico seguinte (vogal inacentuada) – dados do Projeto ALiB	140
Quadro 6	Nocautes acusados pelo <i>GoldVarb 2001</i> para as vogais posteriores no ES e RJ, segundo a vogal tônica – dados do Projeto ALiB	167
Quadro 7	Nocautes acusados pelo <i>GoldVarb 2001</i> para as vogais posteriores no ES e RJ, segundo a vogal seguinte inacentuada – dados do Projeto ALiB	172
Quadro 8	Nocautes acusados pelo <i>GoldVarb 2001</i> para as vogais posteriores no ES e RJ, segundo o contexto consonântico seguinte – dados do Projeto ALiB	178

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ – dados do Projeto ALiB	132
Tabela 2	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo distância entre pretônica e tônica – dados do Projeto ALiB	133
Tabela 3	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a vogal tônica – dados do Projeto ALiB dados do Projeto ALiB referentes à manutenção de [e].	135
Tabela 4	Vogais anteriores diante de [ɔ] e [a] em sílaba tônica – dados do Projeto ALiB	136
Tabela 5	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a qualidade da vogal tônica – dados do Projeto ALiB	139
Tabela 6	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo o contexto vocálico seguinte (vogal inacentuada) – dados do Projeto ALiB	141
Tabela 7	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo o contexto consonântico precedente – dados do Projeto ALiB	143
Tabela 8	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo contexto consonântico seguinte – dados do Projeto ALiB	145
Tabela 9	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo contexto consonântico seguinte: coda silábica e ataque da sílaba seguinte – dados do Projeto ALiB	146
Tabela 10	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo o número de sílabas do vocábulo – dados do Projeto ALiB	148
Tabela 11	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a distribuição diatópica – dados do Projeto ALiB	149
Tabela 12	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo o sexo – dados do Projeto ALiB	158
Tabela 13	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a diatopia e o sexo – dados do Projeto ALiB	159
Tabela 14	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a faixa etária – dados do Projeto ALiB	161
Tabela 15	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a diatopia e a faixa etária – dados do Projeto ALiB	161

Tabela 16	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ – dados do Projeto ALiB	164
Tabela 17	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a distância entre pretônica e tônica – dados do Projeto ALiB	165
Tabela 18	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a constituição da sílaba em que se encontra a pretônica – dados do Projeto ALiB	168
Tabela 19	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e RJ diante de contextos abertos em sílaba tônica – dados do Projeto ALiB	168
Tabela 20	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e RJ diante de contextos fechados em sílaba tônica – dados do Projeto ALiB	169
Tabela 21	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a vogal tônica – dados do Projeto ALiB	169
Tabela 22	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e RJ diante de contextos abertos em sílaba tônica ou átona seguinte – dados do Projeto ALiB	173
Tabela 23	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo o contexto vocálico seguinte (vogal inacentuada) – dados do Projeto ALiB	173
Tabela 24	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo o contexto consonântico precedente – dados do Projeto ALiB	175
Tabela 25	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e RJ segundo o modo de articulação das consoantes dentoalveolares – dados do Projeto ALiB	176
Tabela 26	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo o contexto consonântico seguinte – dados do Projeto ALiB	179
Tabela 27	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a distribuição diatópica – dados do Projeto ALiB	181
Tabela 28	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo o sexo – dados do Projeto ALiB	190
Tabela 29	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a diatopia e o sexo – dados do Projeto ALiB	191
Tabela 30	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a faixa etária – dados do Projeto ALiB	192
Tabela 31	Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a diatopia e a faixa etária – dados do Projeto ALiB	193

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Distribuição temporal da recolha de dados – Espírito Santo	114
Gráfico 2	Distribuição temporal da recolha de dados – Rio de Janeiro	115
Gráfico 3	Distribuição geral das realizações das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores em áreas do ES e do RJ – dados do Projeto ALiB	131
Gráfico 4	Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a altura da vogal tônica – dados do Projeto ALiB referentes à manutenção de [e]	137
Gráfico 5	Localidades do ES e RJ cujos pesos relativos obtidos demonstram desfavorecimento à manutenção vocálica – dados do Projeto ALiB	152
Gráfico 6	Localidades do ES e RJ cujos pesos relativos demonstram favorecimento à manutenção vocálica – dados do Projeto ALiB	153
Gráfico 7	Localidades do ES e RJ cujos pesos relativos demonstram desfavorecimento à manutenção vocálica – dados do Projeto ALiB	183
Gráfico 8	Localidades do ES e RJ cujos pesos relativos demonstram favorecimento à manutenção vocálica – dados do Projeto ALiB	184

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ab	Traço de abertura
ALECE	Atlas Linguístico do Estado do Ceará
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALISPA	Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALITTI	Atlas Linguístico do Território Incaracterístico
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALMS	Atlas Linguístico de Mato Grosso do SUL
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
BA	Bahia
C	Consoante
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
ES	Espírito Santo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPA	<i>International Phonetic Alphabet</i> (Alfabeto Fonético Internacional)
MG	Minas Gerais
NURC	Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta
PortVix	Português falado na cidade de Vitória
P.R	Peso relativo
PEUL	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua

RJ	Rio de Janeiro
SP	São Paulo
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNB	Universidade de Brasília
V	Vogal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	27
2	AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO BRASIL	32
2.1	SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	32
2.1.1	Fonologia: análises lineares e não-lineares	34
2.2	UM POUCO DA HISTÓRIA DO ESTUDO DAS MÉDIAS PRETÔNICAS BRASILEIRAS	40
2.3	AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NOS ESTADOS DO ESPÍRITO SANTO E RIO DE JANEIRO	45
3	CIÊNCIAS DA VARIAÇÃO	49
3.1	A DIALETOLOGIA	49
3.1.1	Divisões dialetais brasileiras	55
3.1.2	Atlas Linguístico do Brasil	58
3.2	A SOCIOLINGUÍSTICA	62
4	O FALAR FLUMINENSE	66
4.1	DELIMITAÇÃO DO FALAR FLUMINENSE	67
4.2	ESPÍRITO SANTO E RIO DE JANEIRO: ONTEM E HOJE	69
4.2.1	Espírito Santo	70
4.2.2	Rio de Janeiro	73
4.3	AS LOCALIDADES	76
4.3.1	188 – Barra de São Francisco (ES)	76
4.3.2	189 – São Mateus (ES)	78
4.3.3	190 – Vitória (ES)	79

4.3.4	191 – Santa Teresa (ES)	82
4.3.5	192 – Alegre (ES)	84
4.3.6	193 – Itaperuna (RJ)	86
4.3.7	194 – São João da Barra (RJ)	87
4.3.8	195 – Campos dos Goytacazes	89
4.3.9	196 – Três Rio	90
4.3.10	197 – Nova Friburgo	92
4.3.11	198 – Macaé	93
4.3.12	199 – Valença	95
4.3.13	200 – Petrópolis	97
4.3.14	201 – Nova Iguaçu	99
4.3.15	202 – <i>Rio de Janeiro</i>	101
4.3.16	203 – Niterói	104
4.3.17	204 – Arraial do Cabo	106
4.3.18	205 – Barra Mansa	108
4.3.19	206 – Paraty	110
5	METODOLOGIA	113
5.1	LEVANTAMENTO E TRATAMENTO DOS DADOS	125
6	ANÁLISE DOS DADOS	131
6.1	VOGAIS ANTERIORES	132
6.1.1	Estudo das vogais médias anteriores: variáveis linguísticas	133

6.1.1.1	<u>Distância entre pretônica e tônica</u>	133
6.1.1.2	<u>Vogal tônica</u>	134
6.1.1.3	<u>Contexto vocálico seguinte (vogal inacentuada)</u>	140
6.1.1.4	<u>Contexto consonântico precedente</u>	142
6.1.1.5	<u>Contexto consonântico seguinte</u>	144
6.1.1.6	<u>Número de sílabas do vocábulo</u>	148
6.1.2	Estudo das vogais médias anteriores: variáveis extralinguísticas	148
6.1.2.1	<u>Distribuição diatópica</u>	149
6.1.2.2	<u>Sexo</u>	157
6.1.2.3	<u>Faixa etária</u>	161
6.2	VOGAIS POSTERIORES	163
6.2.1	Estudo das vogais médias posteriores: variáveis linguísticas	164
6.2.1.1	<u>Distância entre pretônica e tônica</u>	164
6.2.1.2	<u>Constituição da sílaba em que se encontra a pretônica</u>	166
6.2.1.3	<u>Vogal tônica</u>	167
6.2.1.4	<u>Contexto vocálico seguinte (vogal inacentuada)</u>	171
6.2.1.5	<u>Contexto consonântico precedente</u>	175
6.2.1.6	<u>Contexto consonântico seguinte</u>	178
6.2.2	Estudo das vogais médias posteriores: variáveis extralinguísticas	180
6.2.2.1	<u>Distribuição diatópica</u>	181
6.2.2.2	<u>Sexo</u>	190
6.2.2.3	<u>Faixa etária</u>	192

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
	REFERÊNCIAS	200
	ANEXO	213
	APÊNDICE	217

1 INTRODUÇÃO

Os estudos dialetais vêm sendo foco de linguistas brasileiros e ganhando força com a constante produção de trabalhos na tentativa de descrever o português falado no Brasil desde, pelo menos, a década de 1920, a exemplo de Amadeu Amaral (1920), que descreve o chamado dialeto caipira, cuja obra leva mesmo nome, variedade típica do interior do estado de São Paulo; e Mário Marroquim, quem traz, em sua obra *A Língua do Nordeste* (1934), características da fala nordestina presentes nos estados de Alagoas e Pernambuco. Nessa perspectiva, os estudos da diversidade fonética cresceram e se consolidaram, trazendo resultados importantes para a área da Linguística, principalmente quando objetivam dividir áreas dialetais que compõem o país, como o caso das vogais médias pretônicas.

O fato que diferencia a realização das vogais médias nada mais é do que a alternância da altura da língua. Como será melhor explicado posteriormente neste trabalho, as vogais do português brasileiro são classificadas de acordo com o avanço e recuo da língua, altura da língua e arredondamento dos lábios.

É a partir, pois, desse movimento que distingue a altura da língua, conseqüentemente o timbre da vogal, que a variação ocorre, podendo a língua assumir uma altura média-baixa, [ɛ] e [ɔ] (semiabertas), média-alta, [e] e [o] (semifechadas); ou alta, [i] e [u] (fechadas).

O fenômeno aqui em destaque passa a ser observado em um contexto específico, que é de posição pretônica, ou seja, antes da sílaba tônica dos vocábulos, como em “E.LE.FAN.TE” e “CO.RA.ÇÃO”. Nesse caso, a alternância entre as variantes abertas e fechadas não implica distinção de significado, como é possível observar na realização de [tɛ'hẽɐ̃] e [tɛ'hẽɐ̃], [adʒivɔ'gado] e [adʒivɔ'gado].

No português brasileiro, o fenômeno de variação das vogais médias pretônicas é visto nitidamente quando são comparadas, por exemplo, as realizações de falantes de Salvador, capital do estado da Bahia, com as realizações dos falantes de São Paulo, capital do estado paulista. Como as cartas linguísticas presentes no segundo volume do Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso *et al.*, 2014) apresentam, 100% dos falantes da cidade de São Paulo dizem t[e]l[e]visão e c[o]ração, enquanto em Salvador, entre 51 e 75% dos falantes dizem t[ɛ]l[ɛ]visão e c[ɔ]ração. Ou seja, foi observado que, na cidade de São Paulo, há uma unanimidade na escolha das variantes mais fechadas, cenário que não é

encontrado na capital baiana: a maioria utiliza, predominantemente, as variantes mais abertas, para o *corpus* em estudo.

Em 1922, partindo do interesse em compreender o que chamou de “linguajar carioca”, Antenor Nascentes publica um estudo após a observação sobre as diferentes formas de se falar nas regiões espalhadas pelo Brasil. Para isso, ele toma o fenômeno de realização das vogais médias pretônicas como critério, unido à cadência da fala, embora não adotando uma forma sistemática de coleta de dados. Esse trabalho então é revisado e republicado em 1933 e, por fim, em 1953, quando o autor propõe a divisão dialetal definitiva do Brasil.

Para ele, o país estaria dividido em duas grandes regiões de falares: os falares do norte e os falares do sul. Concluiu, então, que o que caracteriza a fala da grande região do norte é o uso predominante das vogais mais abertas, [ɛ] e [ɔ], enquanto a grande região do sul produziria as variantes, em sua maioria, mais fechadas, [e] e [o]. Além de fazer essa separação do país, Nascentes ainda propõe outras seis subdivisões para essas grandes regiões de falares, que teriam características próprias: ao norte, estariam localizados os falares amazônico e nordestino; já ao sul, encontram-se os falares baiano, mineiro, fluminense e sulista.

Considerando ainda os falares sulistas, o autor afirma que o falar baiano teria um comportamento intermediário entre os falares do norte e do sul, porém não desenvolve muito essa possibilidade em seu trabalho; bem como sinaliza a existência de um território incaracterístico que, durante o período de seus estudos, não possuía falantes o suficiente para atribuir uma classificação mais precisa à fala daquela área, localizada, sobretudo, no centro-oeste brasileiro, considerado, antes e agora, um espaço com diversos vazios demográficos devido ao intenso movimento da agropecuária, forte atividade econômica da região. Hoje, no entanto, existe um *Atlas Linguístico topodinâmico do Território Incaracterístico* – ALITTI (2015), produzido por Marigilda Cuba, que descreve a língua falada na região e desmistifica o termo “incaracterístico”.

Leite (2014), em seu trabalho de mestrado, apresenta alguns resultados, com base nas amostras do *corpus* PortVix (Português falado na cidade de Vitória), que podem indicar que a capital capixaba está ou compõe uma zona de transição entre os falares do norte e os falares do sul propostos por Nascentes (1953), corroborando a ideia de Celia (2004), o que será um pouco mais explorado posteriormente.

Observando o comportamento das capitais nordestinas nos resultados apresentados nas cartas linguísticas do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) para o

fenômeno das vogais médias pretônicas e analisando as propostas levantadas por Celia (2004) e por Leite (2014), surgem algumas questões: seria mesmo o falar baiano – que compreende o estado de Sergipe, Bahia e a parte norte de Minas Gerais – intermediário entre norte e sul conforme propõe Antenor Nascentes (1953)? Como se comporta o estado do Espírito Santo (que compõe o falar fluminense, de acordo com Nascentes, 1953), observando capital e cidades do interior, diante das realizações abertas das vogais médias em posição pré-acentuada? A cidade de Vitória é ou está, de fato, como sugerem Celia (2004) e Leite (2014), em uma zona de transição, ao invés do falar baiano, como propôs Antenor Nascentes (1953)?

As hipóteses norteadoras se apresentam no formato de potenciais respostas às perguntas expostas anteriormente, que i) talvez o falar baiano não esteja, atualmente, na zona de transição; que ii) o comportamento das vogais no estado do Espírito Santo, com base nos dados levantados, pode estar dando indícios de uma mudança ocorrida após a década de 50 do século passado e o momento da coleta dos dados do ALiB, nos anos 2000; e que talvez fosse necessário realizar uma pesquisa mais ampla, contemplando mais espaços para melhor observação dos fatos.

Pensando nessas questões e buscando compreender melhor a realidade linguística brasileira, dos seus dialetos, sobretudo no que tange ao uso das vogais médias pretônicas, o presente trabalho tem por objetivo:

- a) averiguar o comportamento das vogais médias pretônicas realizadas pelos informantes das 19 localidades que compõem a rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, observando os casos de abertura e manutenção vocálica em vocábulos como *s/E/reno*, */O/rvalho*, entre outros, presentes nos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical do Projeto ALiB (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001);
- b) observar e descrever os contextos favorecedores da realização das vogais semiabertas;
- c) descrever o comportamento linguístico e extralinguístico que envolve as vogais médias pretônicas nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro;
- d) apresentar os caminhos da pesquisa referente às vogais médias em posição pretônica no *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, com base em trabalhos anteriores que utilizam dados do referido Projeto e compará-los,

quando pertinente, sobretudo em relação a Minas Gerais (Alves, 2022), estado que faz fronteira com Espírito Santo e Rio de Janeiro.

- e) verificar a validade, em cenário contemporâneo, da proposta de Nascentes (1953), a partir dos dados coletados pelo Projeto ALiB para tais áreas.

Além dos objetivos concretos deste trabalho, há, por trás do fazer científico, o propósito de analisar esses dados e compartilhá-los de forma acessível, como o caso dos habitantes dos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, proporcionando um conhecimento a respeito da língua que se fala, em conjunto com a história que a cerca. A língua compõe a identidade de uma região, das suas pessoas, de sua trajetória. É de extrema importância que as informações alcancem o público-alvo, sobretudo o público escolar, que precisa entender as formas e as nuances da variação linguística em épocas de formação.

A presente pesquisa justifica-se pela oportunidade de descrever a língua portuguesa do Brasil no que tange à realização das vogais médias pretônicas no Espírito Santo e no Rio de Janeiro, contribuindo com saberes fonético-fonológicos aplicados a dados reais de língua falada, e verificar os aspectos que favorecem a abertura das vogais nessa região.

Há trabalhos já publicados sobre o assunto, o fenômeno; outros estão em andamento e trarão resultados complementares, mas todos se propõem a descrever o português falado no Brasil e compor materiais que possam ser disponibilizados, como no próprio ALiB, principalmente para a área da educação. Por isso, este trabalho possui também esse objetivo mais amplo e a ser desfrutado a longo prazo.

Esta dissertação conta com a presente introdução, o capítulo seguinte, intitulado **“As vogais médias pretônicas no Brasil”**, em que será feita a descrição do sistema vocálico do português brasileiro encontrando o fenômeno das vogais médias pretônicas e uma breve revisão de teorias fonológicas que serão utilizadas como aporte para as análises linguísticas, bem como um apanhado de estudos sobre o comportamento das vogais médias pretônicas no Brasil e, em específico, no falar fluminense e os respectivos resultados considerados mais relevantes para o presente trabalho.

Em seguida, serão apresentadas as *Ciências da Variação* utilizadas como base para o presente estudo, como os pressupostos da Dialectologia e seu método de trabalho, e a Sociolinguística, que auxiliará nas análises extralinguísticas. É feito também um breve apanhado sobre estudos dialetais e propostas de divisões dialetais já elaboradas para que se possa chegar na divisão mais atual e, até o momento, amplamente utilizada por

estudiosos brasileiros. O tópico *Atlas Linguístico do Brasil* apresentará as bases do Projeto, cujo *corpus* é utilizado no presente trabalho, e sua metodologia.

O capítulo seguinte, intitulado “**O Falar Fluminense**”, trará informações a respeito da divisão dialetal proposta e onde se encaixa o referido falar no espaço, sobre os estados que serão estudados nesta dissertação, a história das localidades, características geográficas e passagens da socio-história linguística nessa região. Cada localidade será amplamente analisada e descrita a considerar todas as suas dinâmicas sociais possíveis, as interações com os demais pontos e de que forma se relacionam a outros ambientes.

Em seguida, na “**Metodologia**”, serão descritos, de forma minuciosa, toda a metodologia utilizada no recorte do *corpus*, todas as especificações necessárias para a compreensão total do objeto de estudo e o passo a passo seguido para alcançar os resultados, apresentados os processos metodológicos seguidos, os critérios de levantamento dos dados e o tratamento estático aos quais foram submetidos.

O capítulo “**Análise dos dados**”, em sequência, contemplará todos os resultados alcançados, os quais serão devidamente descritos e tentar-se-á, também nesse espaço, justificar os comportamentos assumidos pelo fenômeno com base nos dados levantados a partir dos inquéritos do Projeto ALiB. A análise contemplará pressupostos da Fonética Articulatória e da Fonologia, para as variáveis linguísticas; e da Sociolinguística Variacionista.

Por fim, o capítulo “**Considerações finais**” fará um desfecho breve da pesquisa, retomando pontos importantes do trabalho, com vistas a relembrar os principais resultados e responder às questões norteadoras, bem como confirmando ou não as hipóteses aqui levantadas. Seguem-se a ele as referências e o anexo – contendo a chave de codificação utilizada para a análise quantitativa dos dados –, encerrando esta dissertação.

2 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO BRASIL

Para conhecer os estudos das vogais médias em posição pré-acentuada na história do Brasil, deve-se, antes, compreender como o sistema vocálico da língua funciona, as classificações de acordo com seu som, as nomenclaturas utilizadas, entre outros pontos importantes para o presente trabalho.

As vogais, aqui vistas, serão analisadas à luz da Fonética Articulatória, que trata o som do ponto de vista de sua produção, e da fonologia, visando algumas teorias que auxiliarão na explicação do comportamento do fenômeno, sobretudo nos contextos em que as vogais pretônicas serão uma exceção ao uso predominante da região; e de que forma os diversos fatores selecionados influenciam nessas ocorrências, seja na produção das médias-altas [e] e [o] ou em seu abaixamento (abertura, realização de [ɛ] e [ɔ]).

2.1 SISTEMA VOCÁLICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

É de amplo conhecimento dos linguistas que existe, no português brasileiro, um total de sete vogais orais, as quais são classificadas de acordo com o avanço e recuo da língua (anterior, central e posterior), altura da língua (baixa, média baixa, média alta e alta) e arredondamento dos lábios (arredondadas e não arredondadas).

Nesse quesito, as vogais aqui observadas serão divididas entre anteriores e posteriores, pois os movimentos da língua na cavidade oral que modificam esses sons podem ser realizados na área anterior ou posterior da boca, respectivamente. Ao fazer esses movimentos de alongar e recolher a língua, unido à sua altura, as vogais poderão ser produzidas de maneiras diferentes. Sendo assim, as vogais do português brasileiro [i], [e] e [ɛ] são classificadas como anteriores; já as vogais [u], [o] e [ɔ] são posteriores. A vogal [a] encontra-se em posição central.

Após compreendido o processo de avanço e recuo, é possível observar a maneira como a língua se movimenta verticalmente, regulando sua altura. Dessa forma, serão encontradas as alturas baixa, média e alta. A categorização da altura ainda proporciona uma distinção quanto abertura e fechamento, a qual indica que, quanto mais alta a língua se posiciona, maior é o fechamento da cavidade oral.

A seguir, encontram-se dispostas as vogais de acordo com sua classificação:

Quadro 1 – Representação das vogais orais do português brasileiro.

Posição da língua	Localização articulatória		
	Anterior	Central	Posterior
Alta	[i]		[u]
Média-alta	[e]		[o]
Média-baixa	[ɛ]		[ɔ]
Baixa		[a]	
	Não arredondadas		Arredondadas

Fonte: Câmara Júnior, 1970, p. 31 (adaptado pela autora).

Além das sete vogais orais, existem cinco vogais nasais, que constituem, em muitos estudos, análises opositivas em relação às vogais orais, como em *mata / manta*, *seda / senda*, *lida / linda*, *boba / bomba*, *fuga / funga* (cf. Callou e Leite, 2009, p. 87). Elas se distribuem da mesma maneira das vogais orais, tendo, porém, apenas um nível para as vogais médias, o [ẽ] e o [õ], tomando uma posição levemente posterior, o que ocorre frequentemente na língua brasileira em diversos dialetos, sobretudo naqueles que nasalizam as vogais como regra. Dessa forma, haverá, então, um total de cinco vogais nasais observadas no português do Brasil.

De acordo com Câmara Júnior (1970, p. 31), para se ter a plenitude da realização de uma vogal, ou seja, ouvi-la com maior nitidez, e poder analisar com mais clareza seus traços distintivos, deve-se analisa-la em posição tônica (considerando o que o autor chama de registro culto formal), pois é nessa posição em que a vogal se apresenta com maior força, maior intensidade, seja ela oral ou nasal, considerada, assim, a posição ótima para realização e seu estudo.

O autor ainda faz a classificação pelo timbre, considerando-o aberto, fechado e reduzido, como quando descreve as vogais átonas finais, as quais não são produzidas de maneira idêntica às de posição tônica, e por isso são mais fechadas. Ou seja, são emitidas de maneira diferente, como, por exemplo, a vogal /a/ postônica final, que será produzida como uma média-baixa [ɐ], diferente da realização baixa [a].

A modificação da altura da vogal ocorre gradualmente, e esse contínuo pode conter outros graus de abertura, não somente [ɛ] e [e], [ɔ] e [o]. Esses traços são importantes e distintivos nos contextos de tonicidade, como av[o] e av[ɔ]. Contudo, em contexto pretônico, existe também a possibilidade de manutenção das vogais médias, isso inclui o alçamento vocálico, muito comum no processo de redução da vogal átona final,

como os casos de *elefant*[ɪ], *advogad*[ʊ], entre outros exemplos. Em posição pretônica, esse fenômeno também ocorre frequentemente quando se fala de português brasileiro e é perceptível em diversos dialetos espalhados pelo país, visto em casos como *t*[i]soura e *[i]*scola, e *m*[u]tivo e *c*[u]rtina.

Assim, essa alternância, em posição pretônica, não promoverá distinção de significado, pois se trata de variantes (alofones), e não fonemas distintos.

Dessa forma, no presente trabalho serão analisadas as vogais médias, sejam elas médias-altas e médias-baixas, anteriores e posteriores, sendo, assim, [e] ~ [ɛ] e [o] ~ [ɔ], em posição pré-acentuada, ou seja, antes da sílaba tônica.

Além da Fonética Articulatória, extremamente importante para este estudo, serão observados alguns processos à luz da fonologia, que auxiliarão no melhor entendimento das realizações e de alguns fenômenos, sejam eles relacionados à abertura (abaixamento) da vogal ou ao fechamento (elevação).

Para isso, serão, a seguir, descritos alguns caminhos pelos quais esta análise seguirá para compor a exposição mais adequada dos dados encontrados e para melhor compreensão dos métodos propostos pelas teorias da fonologia.

2.1.1 Fonologia: análises lineares e não-lineares

Para estudar a realização e a manutenção das vogais médias pretônicas, será necessário percorrer uma trajetória que se inicia na Fonologia Gerativa Padrão, proposta feita por Noam Chomsky e Morris Halle em 1968. Para destrinchar questões fonológicas e conseguir descrever melhor o comportamento dos sons a partir de sua forma mínima, precisa-se partir de uma ideia construída antes dos modelos não-lineares e da proposta gerativa.

A visão estruturalista da fonologia afirma que, na língua, a unidade básica distintiva é o que se conhece por fonemas, que, na perspectiva da dicotomia saussuriana *langue* e *parole*, são definidos como um sistema abstrato composto por oposições, os quais se materializam no processo da fala por meio dos fones, elementos sonoros concretos (Moraes, 2024).

Contudo, dois dos principais estudiosos do Círculo Linguístico de Praga no final da década de 1930, Jacobson e Trubetzkoy, já reconheciam, no âmbito da fonologia, que a fala era composta por feixes de traços, e essa ideia foi desenvolvida, posteriormente, pelos estudos de Chomsky e Halle (1968), os quais propõem um modelo que considera

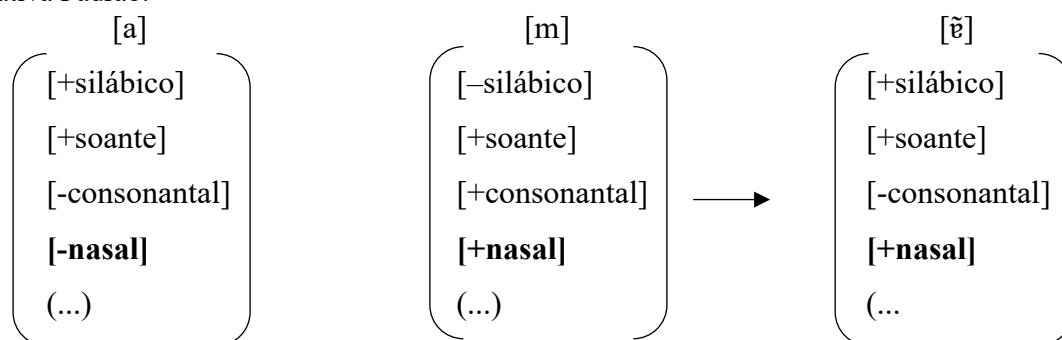
uma unidade ainda menor a partir do fonema: o traço. Segundo os autores, os fonemas são constituídos por traços que caracterizam o som, indicando se determinado som tem mais (presença) ou menos (ausência) daquele traço. Dessa forma, o modelo se estrutura em “bijetividade”, em uma relação “de um-para-um”.

Nesse modelo, a fala é considerada como uma construção linear de segmentos, sem existência de uma hierarquia que possa distribuir as características físicas desses traços, ou seja, não existe uma ordem a qual deva ser seguida na classificação de um som.

Um exemplo simples para compreender a ideia de traços distintivos e, em seguida, a relação “de um-para-um” é pensar que a diferença existente entre os fones [p] e [b] nada mais é do que um traço de vozeamento. A consoante [p], dentre muitos traços, pode ser caracterizada por ser [–sonora], [–coronal] e [+bilabial], e a consoante [b], por ser [+sonora], [–coronal] e [+bilabial], por isso, nesse caso, distinguem-se pelo traço de sonoridade.

Após entender que existem traços e que eles são responsáveis pela distinção de cada som, é importante ser observada uma outra questão, por exemplo, na palavra “amante”: há duas vogais /a/ nessa lexia, no entanto, elas podem ser produzidas de maneiras distintas, e é a presença da consoante nasal /m/ após o primeiro /a/ que atribui, em algumas variedades do português brasileiro, a característica de nasalidade à vogal, e isso ocorre a partir de um processo de assimilação, quando, na Fonologia Gerativa Padrão, um som “copia” um traço de outro som adjacente, como é possível visualizar nas matrizes a seguir:

Figura 1 - Matriz dos segmentos envolvidos em um processo de nasalização segundo a Fonologia Gerativa Padrão.



Fonte: elaborada pela autora.

Mas, para a Teoria Gerativa, esses sons devem ser descritos apresentando a matriz de forma completa, listando necessariamente suas características quanto à produção

conjuntamente, não tornando possíveis as relações de associação mais fluidas entre as características deles.

Em meados da década de 1970, Goldsmith começou a investigar o comportamento dos tons em línguas africanas, porque as ideias do modelo linear da Fonologia Gerativa Padrão (como o de Chomsky e Halle) não conseguiam descrever adequadamente os padrões tonais dessas línguas. Assim, propõe uma nova visão, com base na versão padrão da Fonologia Gerativa, que amplia o entendimento sobre os traços e as relações feitas por eles. E, a partir desse momento, nasce o que se conhece como Fonologia Autossegmental.

The aim, then, of autosegmental phonology is to deal with the consequences for generative phonology of multi-linear phonological analysis and representation. That is, we let go of the assumption that phonological and phonetic representations consist of a single string, or concatenation, of segments. (Goldsmith, 1979)

Essa teoria, considerada como não-linear dentro da Fonologia, por representar a distribuição multidimensional dos traços, “estuda e formaliza as unidades mínimas que integram a estrutura interna dos segmentos” (Matzenauer e Miranda, 2017, p. 51) e categoriza os traços, suas posições, bem como descreve os processos protagonizados por esses segmentos. Além disso, essa teoria também consegue demonstrar o que é natural a uma língua e o que não é natural.

Concebendo os traços da Fonologia Autossegmental, reconhece-se que existe uma autonomia maior, uma independência quanto à colocação do traço no segmento, há um rompimento com a ideia de bijetividade preconizada pelo modelo tradicional da Fonologia Gerativa. Por isso, ocorre uma formalização a partir dessa ideia sobre os traços, que se expressará em uma estrutura bastante comum à teoria gerativa: formações arbóreas, ou seja, conformação que apresentam raízes, ramificações, pontos ou nós, formando uma geometria de traços (Clements, 1985; Clements e Hume, 1995).

Partindo dessa ideia, a proposta de um modelo autossegmental da fonologia considera as representações fonológicas como multidimensionais e hierárquicas, com diversos arranjos no que vai ser chamado de camadas. Essas camadas vão ser associadas aos níveis, os quais estão envolvidos na atividade de produção de um som. Com essa nova distribuição, é possível analisar alguns processos como o de espreadimento, em que um traço pode ser espreado a outro fonema sem, necessariamente, repetir toda a matriz de um traço, diferentemente da proposta de “copiar” um traço a partir do modelo gerativo padrão.

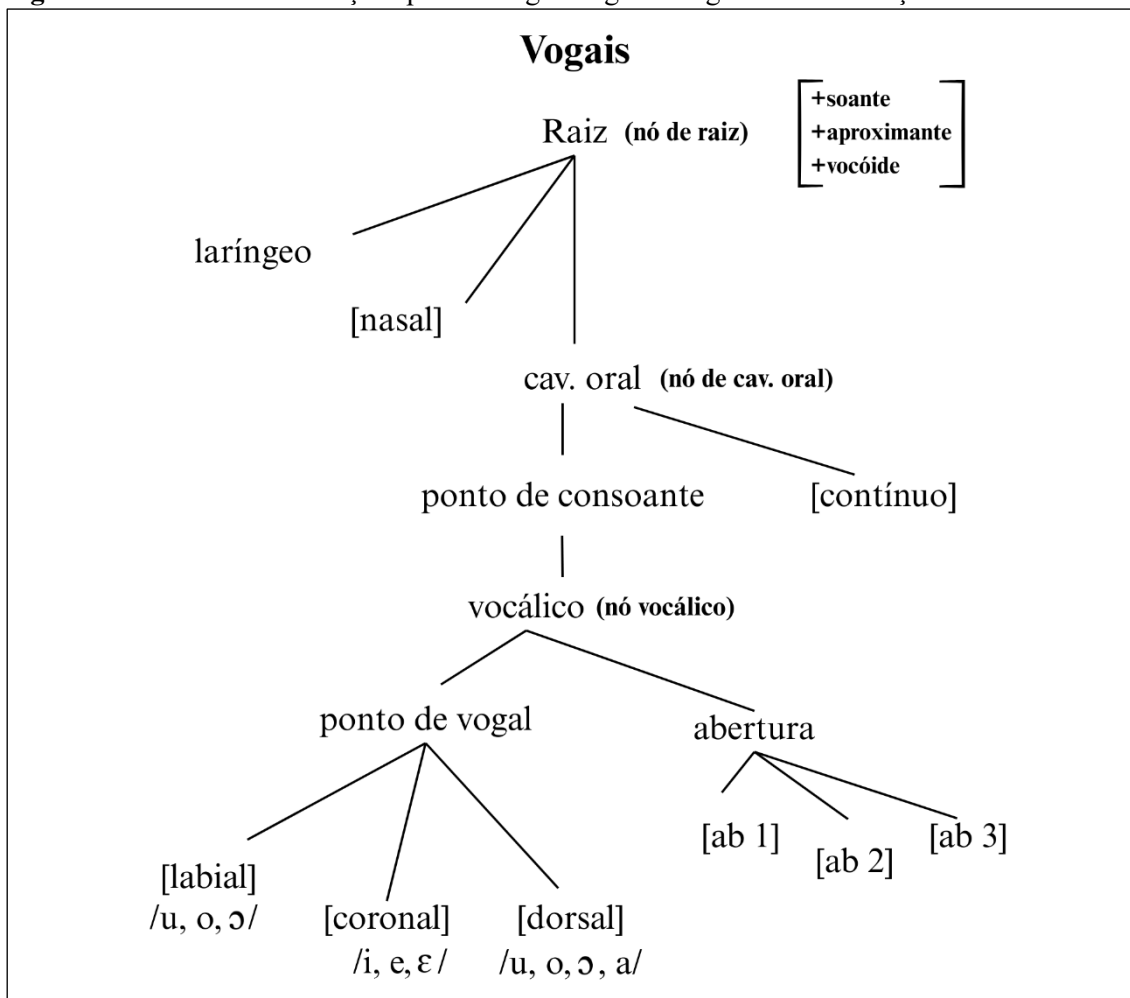
As consoantes sempre terão as seguintes camadas, necessariamente nesta ordem:
i) o nó de raiz, aquele que caracterizará, inicialmente, a consoante, podendo ser [±soante]

e [±aproximante], no caso das consoantes, sempre será [–vocóide]; ii) em sequência, haverá uma ramificação para o nó laríngeo no nível seguinte, identificando se a consoante mais ou menos vozeada; iii) depois, uma ramificação poderá indicar a presença do traço nasal ou não na produção do som; iv) após, haverá uma ramificação que indica a cavidade oral, dela partirá um lado que apontará se aquele som é contínuo ou não, outra que identificará os respectivos pontos de consoantes – labial, coronal (anterior, distribuído) e dorsal.

As vogais terão uma representação um pouco mais longa do que a das consoantes, as quais, já no nó de raiz, indicarão presença de todos os traços: [+soante], [+aproximante], [+vocóide]. Os nós laríngeo e nasal se configuram de idêntica maneira ao das consoantes, repetindo a formação descrita anteriormente em ii, iii e iv, havendo, também, o ponto de consoante na estrutura do segmento. Seguindo o ponto de consoante, haverá o nó vocálico, de onde partirão duas ramificações: abertura e ponto de vogal. A abertura poderá contemplar 3 níveis (Clements, 1991, 1995), considerando a altura assumida pela língua na cavidade oral, sendo abertura 1 (comum a /a/), abertura 2 (comum a /a/, /ε/, /ɔ/, /e/ e /o/) e a abertura 3 (comum a /a/, /ε/ e /ɔ/). As vogais altas /i, u/, desse modo seriam [–aberta] nos três níveis.

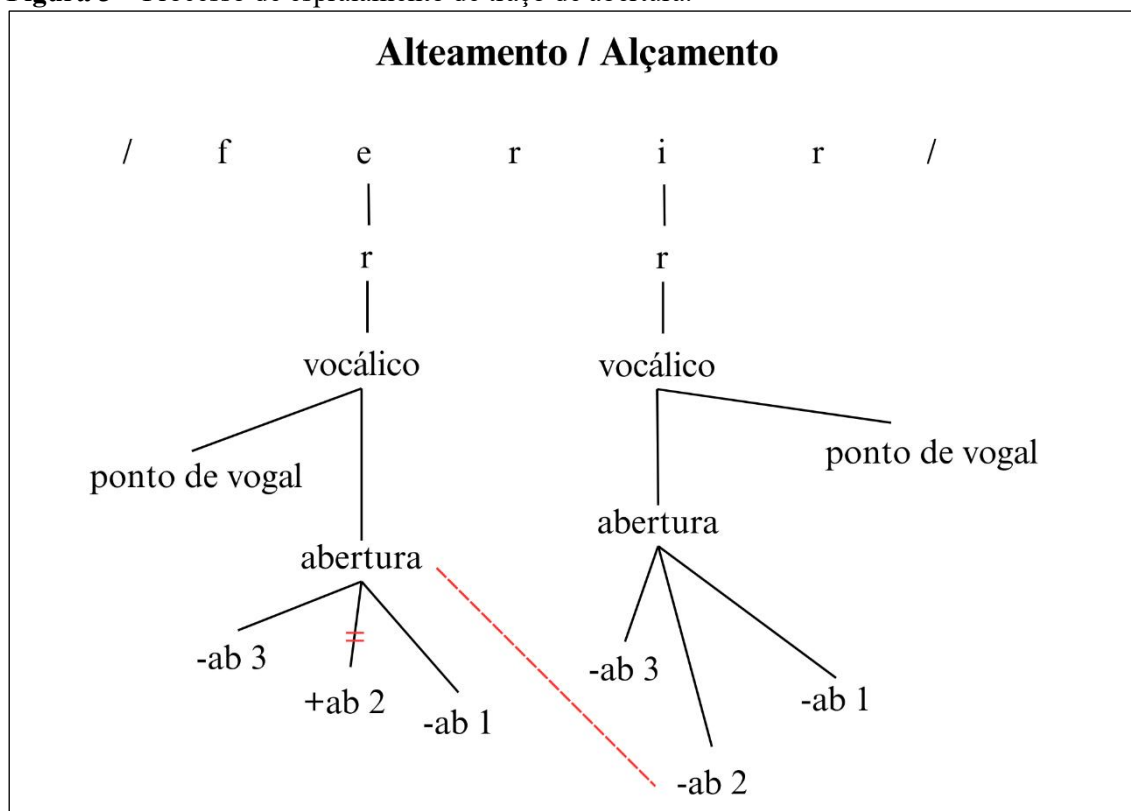
Já no ponto de vogal, serão encontrados os traços que caracterizarão os segmentos conforme descrito no ponto de consoante em iv (cf. Matzenauer, 2005, p. 50 e 51).

Figura 2 – Linhas de associações para as vogais segundo a geometria de traços.



Fonte: elaborada pela autora, adaptado de Matzenauer (2005, p. 50).

Partindo do modelo de traços, é possível observar diversos fenômenos fonológicos recorrentes na língua portuguesa, como, por exemplo, o processo de alçamento vocálico das pretônicas partindo da perspectiva de harmonização vocálica por espraçamento de traços.

Figura 3 – Processo de espraçamento de traço de abertura.

Fonte: elaborada pela autora.

Na figura anterior, observa-se a formalização do processo fonológico de alçamento vocálico, ocorrido a partir de uma assimilação por espraçamento de traço de abertura, em que a vogal tônica [i] compartilha a característica de [-abertura2] com a vogal pretônica [e], que passa a [i] em uma regra de harmonização vocálica (/ferir/ > /firir/), por interferência da vogal tônica. Nesse caso, há um desligamento entre o nó vocálico e a abertura de [e], simbolizado pelos dois traços vermelhos na associação, e a representação da nova ligação com a abertura de /i/ se ilustra pelo tracejado, também em vermelho, demonstrando o compartilhamento daquele nó de abertura da direita para a esquerda¹.

Esse processo de assimilação também pode ser visto em diversos casos de variação da vogal pretônica entre médias-baixas e médias-altas anteriores e posteriores, tema amplamente trabalhado nesta pesquisa, e que será exemplificado durante a seção de análise dos dados. Mas é importante que seja entendido de qual maneira se dá esse

¹ O Princípio de Não Cruzamento de Linhas de Associação (NCL) é uma regra que diz que não pode haver cruzamento de linhas durante um processo de espraçamento entre dois elementos de uma camada a outra. Contudo, esse processo de espraçamento ilustrado na Figura 3, por exemplo, é possível, ainda que haja, entre as vogais, um segmento interveniente (no caso, uma consoante, o /r/), porque a representação das vogais, elementos focais desse processo, organiza-se incluindo na distribuição o ponto de consoante, possibilitando o não cruzamento das linhas (cf. Matzenauer, 2005, p. 47).

espraiamento entre vogais dispostas e relacionadas em uma mesma lexia, ou até mesmo entre vogais e consoantes em contextos próximos.

Um exemplo bastante comum é quando se tem a lexia “elétrico”, cuja vogal tônica é, invariavelmente, produzida como a vogal média-baixa (semiaberta) anterior [ɛ]. A vogal /e/ pretônica, estando imediatamente seguida da tônica, sofre um processo de assimilação do traço de abertura, em que o traço [+abertura3] é compartilhado, espraiado para a vogal pretônica, a qual assume igual abertura [+abertura3], tornando-se [ɛ], assim como a tônica. Ao final, tem-se a pronúncia [ɛ'letriku], por exemplo.

A partir da compreensão dessas teorias, deve-se, então, pensar nas possibilidades de aplicação delas à análise do fenômeno variável no português brasileiro em torno das vogais médias pretônicas em geral, como o exemplificado anteriormente, para entender de quais formas podem estar ocorrendo os processos de abaixamento e elevação da vogal.

Essas questões serão mais amplamente discutidas na seção 6 do presente trabalho, na qual os resultados serão apresentados e analisados sob as teorias discutidas neste tópico.

2.2 UM POUCO DA HISTÓRIA DO ESTUDO DAS MÉDIAS PRETÔNICAS BRASILEIRAS

Como é possível perceber, as vogais médias pretônicas, assim como outros fenômenos, são de extrema importância para a Dialectologia Brasileira. Elas têm sido fundamentais na tarefa de separar dialetos ou regiões dialetais, e muitos trabalhos seguem tal premissa. Hoje já se pode observar um número crescente de análises propostas e, até mesmo, críticas à divisão da década de 1950.

Certamente a divisão de Nascentes (1953) incentivou o movimento de estudos das médias pretônicas brasileiras e, desde então, dialetólogos se debruçam sobre esse aspecto, e serão mencionados aqui alguns dos nomes importantes para a história da investigação das vogais médias pretônicas no Brasil.

Mota (1979), Silva (1980), Bisol (1981) e Silva (1989) são pioneiras em relação ao estudo dentro de programas de pós-graduação, e se destacam, sobretudo, pelo rigor metodológico das suas pesquisas e por apresentarem importantes informações a respeito das realizações das vogais na língua portuguesa do Brasil, embora partam de pressupostos diferentes. Ademais, há o recente trabalho de Mota e Lopes (2023) a respeito das vogais

médias pretônicas nos dados do Projeto ALiB nas 25 capitais que compõem sua rede de pontos.

Tomando como referência a divisão dialetal de Nascentes (1953), a respeito das vogais médias pretônicas no falar sulista, Bisol (1981) descreve a fala gaúcha e confirma a ausência das pretônicas abertas encontradas sob as mesmas condições de análise utilizadas por Nascentes (1953). Desde *O dialeto caipira* de Amaral (1976 [1920]) já se abordava o uso dessas vogais na fala caipira paulista, mas Rodrigues (1974) se destaca por ser a pioneira na apresentação sistemática de dados mais representativos para o fenômeno e registra a alternância entre abertas e fechadas das vogais. Contudo, por ser uma descrição restrita à cidade de Piracicaba, Silva (2021) acredita que não seja suficiente para invalidar a proposta de Nascentes (1953).

Sobre o falar fluminense, alguns autores merecem destaque em suas produções, como Silveira (1921), Câmara Júnior (1953, 1970), Houaiss (1959), Leite (1974), Lemle (1974) e a pesquisa de Callou e Leite (1986). Nem todos esses trabalhos, no entanto, revelam a alternância entre as médias-altas e médias-baixas; alguns autores, como o caso de Câmara Júnior (1970), não evidenciam as ocorrências significativas das variantes abertas no dialeto carioca. Além do Rio de Janeiro, Silva (2021) observa que

as pretônicas baixas ocorrem também na variedade capixaba, que, como se viu, faz parte do subfalar fluminense na divisão de Nascentes (1953 [1922]). Ela [Abaurre, 1981] reconhece nele o processo de harmonização vocálica, que, na sua opinião, “se dá diante de *ès* e *òs* tônicos apenas” (p. 27), relacionando-o com estilos mais lentos do português. Os exemplos apresentados por essa autora são *pèrèreca*, *pèroba*, *pòròroca*, *Ròberto* e *còlega*, ou seja, em contexto de vogal baixa nem sempre homorgânica. (Silva, 2021, p. 248).

Dessa forma, é possível verificar que o uso da variante aberta no falar fluminense se restringe a casos específicos e se configura fora à regra do subfalar definido por Nascentes (1953).

Pensando em falar baiano, Mota (1979) trabalha, em sua tese, com dados de falantes analfabetos da cidade de Ribeirópolis (SE). A autora, porém, descreve com profundidade os contextos em que as vogais abertas e fechadas estão presentes e contribui para grande parte do entendimento do fenômeno, sobretudo no que tange ao contexto linguístico das vogais. Cardoso (1986) observa os dados de Bahia e Minas Gerais a partir do *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB de Rossi, 1963) e do *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG de Ribeiro, 1977), respectivamente, e conclui que a delimitação feita por Nascentes (1953) entre o falar baiano, mineiro e fluminense se aproxima consideravelmente dos resultados por ela alcançados, e que, na área do falar

baiano (Bahia e norte, nordeste e noroeste de Minas Gerais), há predominância do uso da variante aberta.

Buscando, então, informações do falar nordestino, é possível encontrar trabalhos como os de Marroquim (1934), Aguiar (1937), Castro (1958 *apud* Silva, 2021) e Maia (1986 *apud* Silva, 2021). Os autores, apesar das diferenças metodológicas propostas à época, encontram resultados muito semelhantes, observando também uma regra variável de harmonização de timbre devido à realização mais ou menos fechada da vogal tônica ou subsequente, bem como também observou Silva (1989) para a variedade de Salvador. Por fim, observando os resultados encontrados nos trabalhos mencionados, é possível verificar uma proximidade entre os falares nordestino e baiano.

O falar amazônico, por sua vez, tem sido alvo de estudos com o intuito de averiguar se a proposta de Nascentes (1953) permanece válida. A respeito de estudos mais antigos, destaca-se Silva (1980), que descreve a realização pretônica das vogais médias da cidade de Manaus como similar ao falar vizinho, o nordestino, respondendo a regras específicas para o uso da variante fechada. Silva (2021), ao analisar os glossários de Vieira (1983 *apud* Silva, 2021) e Corrêa (1980 *apud* Silva, 2021) sobre a região norte, cujo estudo contempla a alternância entre médias e altas, observa um fato curioso: as pretônicas da Região Norte estariam se comportando de forma semelhante à do falar fluminense.

Contrariando todas as informações que aqui arrolamos sobre os falares do Norte, parecem predominar, no referido glossário, as variantes fechadas, [o] e [e]. Pelo menos predominam nos dados os contextos onde elas ocorrem. Diferentemente das outras variedades nortistas, as pretônicas dessa região só se realizam como baixas em contextos de baixas homorgânicas (p[ɛ]t[ɛ]ca, r[ɛ]tr[ɛ]te, c[ɔ]t[ɔ], c[ɔ]r[ɔ]ca etc.). (Silva, 2021, p. 252)

Afirma que são médias quando a sílaba seguinte apresenta vogal alta (*d[e]rrubar*, *r[e]frigerante*, *d[o]minó*, *p[o]vilho* etc., cf. Silva, 2021, p. 252), antes de médias (poucos exemplos: *t[e]rreiro*, *matintap[e]r[e]ra* e *[o]v[e]lha*, cf. Silva, 2021, p. 252); antes de baixas não homorgânicas (*b[o]l[ɛ]ero*, *l[e]g[ɔ]rne*, *d[e]rrame* etc., cf. Silva, 2021, p. 253); e antes de vogais nasais (*refrig[e]rante*, *m[e]lancia*, *c[o]rdão* etc., cf. Silva, 2021, p. 253).

Em trabalho mais recente, Dias (2012) revela resultados, diferentemente do que era previsto por Nascentes (1953), que indicam predominância do uso das variantes fechadas em posição pré-acentuada das vogais médias na Região Norte do país, assim como também mostram Mota e Lopes (2023) em alguns casos. Acredita-se que seja necessário uma investigação mais profunda em localidades interioranas desses estados para avaliar se existe uma mudança em curso.

A respeito do chamado território incaracterístico, como já mencionado, hoje já se tem algumas informações a mais do que na década de 50 do século passado, e já houve a produção do *Atlas linguístico topodinâmico do território incaracterístico* (Cuba, 2015). A autora afirma que os falantes da região, assim como o falar sulista de Nascentes (1953), utilizam majoritariamente as vogais fechadas, tanto anteriores como posteriores.

Ao fim do percurso trilhado pelo estudo das vogais pretônicas no Brasil, é importante lembrar que outros *corpora* mais amplos que possibilitam pesquisas mais recentes também apresentam resultados que concordam parcialmente com a proposta de Antenor Nascentes (1953), como o exemplo do Projeto ALiB, que registrou a fala de informantes em todo o país e forneceu dados promissores para a investigação das pretônicas brasileiras. Ressalta-se, desses trabalhos, Mota e Lopes (2023), sobre a realização das vogais nas 25 capitais; Souza (2018), que trabalha a descrição das médias em posição pré-acentuada no estado de Goiás; Alves (2022), que detalha o comportamento das vogais em Minas Gerais; Lopes (2013), que apresenta como se realizam as vogais pretônicas em Sergipe; e Dias (2012), já citado, que analisa as pretônicas nas capitais da Região Norte; entre outros. É também registrado o trabalho de mestrado de Edinaldo dos Santos, intitulado *A Distribuição Geo-Sociolingüística das Vogais Médias Pré-tônicas no Estado do Pará*, porém esse material não foi encontrado no site do Projeto ALiB ou no repositório da Universidade Federal do Pará.

Minas Gerais, estado fronteiro do Espírito Santo e, também, do Rio de Janeiro, possui um estudo sob a perspectiva fornecida pelos dados do Projeto ALiB. Alves (2022), embora encontre, de fato, mais frequência no uso das variantes [e] e [o], identifica duas grandes áreas nas quais o favorecimento se distingue. Do meio para o norte do estado, até as áreas fronteiriças entre sul da Bahia e norte de Goiás, o autor encontra dados que apontam para o favorecimento das variantes semiabertas; enquanto as áreas localizadas do meio ao sul do estado, onde se faz fronteira com norte de São Paulo e parte sul de Goiás, é possível observar dados que apontam um favorecimento das variantes semifechadas.

Os resultados apresentados por Alves (2022, p. 175 e 210) conseguem ilustrar essa divisão presente em Minas Gerais. Além disso, é bastante interessante o fato de que essa divisão se replica, de forma muito semelhante, nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, localizados a leste de Minas Gerais, como será mais amplamente discutido mais à frente. Ou seja, as tendências do Espírito Santo junto ao Rio de Janeiro se identificam ao estado de Minas Gerais.

Quadro 2 – Estudos sobre vogais médias pretônicas com base nos dados do ALiB.

Autor/ Data	Escopo de análise e observações gerais	Principais resultados estruturais	Principais resultados extralinguísticos
Vieira (2010)	Analisa o uso variável das vogais médias pretônicas no Espírito Santo com base em dados do ALES e do ALiB. São raras as ocorrências das variantes mais abertas.	Não controlou fatores linguísticos.	Possíveis influências advindas dos estados limítrofes ao Espírito Santo (BA, MG e RJ).
Dias (2012)	Descreve o comportamento das vogais médias pretônicas em seis capitais da Região Norte do Brasil: Belém-PA, Manaus-AM, Rio Branco-AC, Macapá-AP, Porto Velho-RR e Boa Vista-RO com base nos dados do ALiB. As variantes fechadas são mais frequentes.	Vogais tônicas altas atuam fortemente na elevação da pretônica.	Mulheres utilizam mais as variantes semiabertas, informantes mais velhos alteiam mais, e os jovens fazem mais manutenção; informantes de nível universitário utilizam mais [e] e [o].
Lopes (2013)	Investiga o uso variável das vogais médias pretônicas em Sergipe com base nos dados do ALiB. Os dados comprovaram uma forte tendência de abertura das vogais.	O fator vogal tônica mostra-se como forte influenciadora do comportamento das médias pretônicas. Para o abaixamento, as consoantes alveolares e bilabiais foram as mais favorecedoras nos contextos precedente e seguinte.	A variável faixa etária apontou uma provável mudança em curso, pois os mais velhos conservam as variantes abertas na fala. Com exceção de Propriá, a variável sexo aponta que os homens utilizam mais variantes abertas.
Santos (2016)	Analisa a variação das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores na área do “falar baiano” em Minas Gerais com base nos dados do ALiB.	As vogais seguintes, tônicas ou átonas, de mesmo timbre e as vogais nasais condicionam a abertura das vogais médias pretônicas. A variante [ɛ] é favorecida diante de consoantes bilabiais, glotais e alveolares; e a variante [ɔ] diante das alveolares, bilabiais e velares.	As mulheres tendem a utilizar mais as variantes fechadas [e, o], do que os homens.
Souza (2018)	Analisa a alternância entre médias pretônicas abertas e fechadas nas cidades do interior de Goiás, constituintes da rede de pontos do ALiB. Identifica que as variantes semifechadas são mais comuns na área.	As vogais tônicas, as vogais inacentuadas seguintes, os contextos consonantais precedente e seguinte favorecem uso das semifechadas.	O sexo e a faixa etária foram indicados como favorecedores da realização de [e], e, para a realização do [o], apenas a faixa etária foi selecionada.
Alves (2022)	Investiga o abaixamento das vogais médias pretônicas em Minas Gerais com base nos dados do ALiB. As variantes semifechadas são mais utilizadas, porém há presença significativa da média-baixa.	A principal fator favorecedor do abaixamento das vogais médias pretônica [e] e [o] é o contexto em que há presença de uma vogal média pretônica baixa na sílaba tônica.	A partir da variável diatópica, foi verificada uma divisão de Minas Gerais em duas áreas dialetais.

Fonte: elaborado pela autora com base nos trabalhos presentes no site alib.ufba.br.

2.3 AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NOS ESTADOS DO ESPÍRITO SANTO E RIO DE JANEIRO

Embora ainda sejam de menor abrangência, os trabalhos até o momento publicados a respeito do comportamento das vogais médias pretônicas nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, também pertencentes ao falar fluminense de Nascentes [1953 (1922)], revelam informações pertinentes quanto à presença das vogais abertas nessa região.

Os pioneiros na descrição da língua falada são, certamente, Sousa da Silveira (1923[1940]), que traz em suas *Lições de Português* a história da língua desde a expansão do latim até seus desdobramentos no Brasil, mostrando aspectos lexicais, morfológicos, sintáticos e, também, fonético-fonológicos da fala, essa em termos da fonética articulatória, explicando o funcionamento do aparelho fonador, e da fonologia quanto às formas encontradas no português brasileiro.

Serafim da Silva Neto, em 1965, faz uma descrição de alguns falares regionais, e, a respeito do Rio de Janeiro, afirma que “todas as vogais acentuadas nasais ou orais são fechadas quando estão antes de consoante nasal” (Silva Neto, 1976 [1965]), por exemplo, enquanto fala da relação de mudança do português de além-mar para o português brasileiro. Além disso, o autor menciona a hipótese sobre as vogais pretônicas e o fato de que, por influência indígena, elas seriam mais abertas no Nordeste, ou se haveria uma generalização referente à pronúncia de Portugal, mantendo abertura das vogais sobre os casos de antigas crases, como *paadeiro* > *pàdeiro* e *moordomo* > *mòrdomo*.

Houaiss (1959), em seu livro *Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca*, produzido em ocasião do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro (1956), no qual o autor constata que a fala dita culta na cidade do Rio de Janeiro se baseia no sistema vocálico restrito às vogais [a], [e], [i], [o] e [u], além da série nasal desses mesmos segmentos vocálicos.

Câmara Júnior, como já visto anteriormente, também traz, em alguns materiais, uma descrição de aspectos da língua falada, como em *Estrutura da Língua Portuguesa e Para o estudo da fonêmica portuguesa*, entre outros estudos.

Brandão (2010) analisa dados obtidos a partir de dois *corpora* que contemplam o repertório de falantes: o Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara – AfeBG (Lima, 2006), nas localidades de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, Magé e Itaboraí; e o Microatlas

Fonético do Rio de Janeiro – MicroAFERJ (Almeida, 2008), que coleta dados nos municípios de São Francisco de Itabapoana, Porciúncula, Santa Maria Madalena, Cabo Frio, Cantagalo, Cachoeiras de Macacu, Itaguaí, Paraty, Valença, Três Rios, Quissamã e Resende.

Na pesquisa, Brandão (2010) encontra um resultado que considera bastante homogêneo, em que a variante [e] predomina com índices superiores a 70%, já a vogal [i], a partir de um processo de alçamento da vogal, apresenta percentuais que oscilam entre 18% e 20%, e a variante média-baixa [ɛ] apresenta pouca expressividade, com percentual igual a 4%. Para as posteriores, a autora também encontra resultados similares nos quais observa o uso predominante das vogais mais elevadas [o] e [u], com percentuais superiores a 60% e 30%, respectivamente. Já a variante [ɔ] possui percentuais entre 2% e 4%. Ou seja, foi observada, de fato, a preferência pelas variantes fechadas em posição pretônica, tanto no AfeBG, quanto no MicroAFERJ.

Callou e Leite (1986) também encontram resultados semelhantes na fala de informantes cultos da cidade do Rio de Janeiro, encontradas no *corpus* do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta – Projeto NURC. Há muito mais casos de elevação da vogal média em posição pretônica do que seu abaixamento, em casos, inclusive, que as autoras acreditam não poder ser explicados:

Foram registradas vogais com timbre de ɛ e ɔ em sílabas pretônicas em casos que não podem ser explicados por derivação de uma raiz que contenha ɛ ou ɔ, como, por exemplo, em obrigat[ɔ]riamente, pr[ɔ]priamente, p[ɔ]rcamente, caf[ɛ]zinho, b[ɛ]líssimo. (p. 159).

Ainda, Callou e Leite (1986) afirmam que essa variação é “realmente digna de ser estudada em maior profundidade” (p. 161) pelo pesquisador que se debruça sobre esses dados, e acreditam que somente quantificar essas variações e estabelecer os fatores segmentais determinantes é insuficiente para a caracterização desse fenômeno da língua portuguesa.

Yacovenço (1993) também analisa a realização das vogais médias em posição pretônica no falar culto da cidade do Rio de Janeiro. Para isso, utilizou entrevistas do Projeto NURC na capital e considerou alguns fatores linguísticos que, ao longo do tempo, mostraram-se como relevantes à investigação, como a vogal tônica, a distância entre pretônica e tônica, vogal seguinte à pretônica inacentuada, modo e ponto de articulação da consoante precedente, modo e ponto de articulação da consoante seguinte; além disso, controla os fatores externos, como sexo, faixa etária e zona de residência.

A autora alcançou resultados que apontam, também, a preferência pelo uso das variantes mais fechadas, obtendo percentuais de mais de 60% para as semifechadas, quase 33% para as vogais em processo de alçamento, anterior e posterior; e apenas 3% para as variantes semiabertas, e destaca alguns dos fatores que viabilizam os maiores percentuais referente ao uso das variantes mais altas (semifechadas e fechadas).

Considerando pesquisas com dados do Espírito Santo, Vieira (2010) produz cartas fonéticas, em sua dissertação, referentes às vogais médias pretônicas com base nos dados recolhidos pelo Projeto ALiB no dialeto da capital, Vitória, e nos dados recolhidos pelo *Atlas Linguístico do Espírito Santo* – ALES (Rodrigues, 2008) nas demais localidades trabalhadas. Em geral, a autora encontra raras ocorrências das variantes semiabertas, e que os casos de manutenção e de alçamento vocálico apresentam mais frequência. Além disso, observa que existem possíveis influências dos estados limítrofes ao Espírito Santo na fala capixaba.

Gambarini (2017) debruça-se sobre o fenômeno nas cidades de Vitória, capital, e o município de Montanha. Nesse trabalho, a autora faz um estudo acústico das vogais e analisa os fatores que atuam no abaixamento da vogal pretônica, observando os contextos vocálicos e consonantais em que ocorrem e as tendências apontadas pelos resultados nas duas cidades, tanto para as anteriores quanto para as posteriores. Para isso, utiliza um *corpus* próprio, contendo a fala de 16 informantes, oito em cada localidade, distribuídos nos sexos feminino e masculino e em duas faixas etárias (18 a 30 anos e 30 a 50 anos), dois informantes para cada categoria. A autora obteve resultados que indicam uma preferência pelo uso das variantes médias-altas [e] e [o], com percentuais elevados tanto para Vitória, quanto para Montanha.

Também a respeito da capital capixaba Vitória, destaca-se o trabalho de Leite (2014), que parte da análise dos inquéritos da amostra do *Português Falado da cidade de Vitória* (PortVix), do qual analisou um total de 20 entrevistas. Nesse *corpus*, a autora encontrou um percentual de 64% das variantes semifechadas, 16% sofrendo o processo de alçamento, e 18% das variantes semiabertas. Além disso, observa as tendências apontadas pelos contextos, favorecendo a abertura, na fala dos informantes de Vitória. Por fim, declara “que é provável que o dialeto de Vitória esteja na zona de transição entre o falar norte e sul” (Leite, 2014, p. 106).

Em 2004, Celia já especulava a respeito da possibilidade de o Espírito Santo compor uma zona de transição entre os falares do norte e do sul, a partir da proposta de

Nascentes (1953), uma vez que se encontra, de certa forma, isolado devido às fronteiras com Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Declara:

A ausência de trabalhos que levem em conta o dialeto capixaba pode representar uma lacuna importante na caracterização das regiões dialetais brasileiras, pois o dialeto parece constituir-se uma área de transição entre os dialetos do sul e do norte do Brasil. (Celia, 2004, p. 22).

O presente trabalho, portanto, apresentará dados referentes à realização das vogais médias pretônicas no dialeto capixaba, bem como uma análise do fenômeno no estado nas perspectivas linguística e extralinguística, visando descrever o seu comportamento e observar a posição do Espírito Santo quanto à divisão dialetal de norte e sul do Brasil.

3 CIÊNCIAS DA VARIAÇÃO

Nesta seção, serão apresentadas as ciências que tomam a variação como seu objeto de estudo, e que contribuíram para a construção e realização do presente estudo. Sem elas, não se entenderia que a língua varia, como varia e até mesmo por que varia. Estão representadas, então, a Dialetoлогия e a Sociolinguística a seguir.

3.1 A DIALETOLOGIA

*Tôda ciência, todo método científico, aspira ao universal, isto é, procura enunciados válidos para qualquer situação, circunstância, momento ou área, A Dialectologia não foge a essa ambição. Mas fazendo da distribuição espacial dos fatos lingüísticos num momento dado (sincrônica, portanto) seu objetivo primeiro e matéria prima da interpretação histórica (logo, diacrônica) das áreas assim delimitadas, muito dificilmente escapa à fatalidade das imposições do **regional**, quando não das peculiaridades do estritamente **local**.*

(Rossi, 1967, p. 89)

Hoje em dia, com os processos de globalização e valorização das redes sociais e midiáticas, o contato com polos distantes torna-se muito mais fácil e eficaz do que outrora foi, possibilitando o intercâmbio por diversos meios. De muitos desses contatos “distantes” pode surgir uma espécie de estranhamento pelos usuários da língua, sobretudo diante da fala, ainda que as pessoas estejam dentro do mesmo território, por isso, as diversas maneiras de falar, os dialetos, estão, sempre, instigando linguistas e pessoas leigas. E por dialeto, Chambers e Trudgill (1994) apresentam a maneira de pensa-lo: “los dialectos pueden así ser considerados como subdivisiones de una lengua en particular. Consecuentemente podemos hablar del dialecto parisino del francés, del dialecto de Lancashire del inglés, del dialecto bávaro del alemán, etc.” (p. 19-20).

O final do século XVIII é o momento em que o dialeto se torna objeto de atenção para os linguistas, com a coleta dos provincianismos suecos pelo arcebispo Erik Benzelius, em 1776, através de questionários por correspondência, estendendo-se ao estudo lexicográfico das palavras dialetais norueguesas não compreendidas pelos dinamarqueses, feito por Erik Pantopidan em 1749, entre outros que, ao longo dos anos do final do século, seguiram suas buscas.

O século XIX, pouco depois, é um marco decisivo para trilhar os rumos do novo ramo de estudo da linguagem: a Dialetologia. São destacados por Cardoso (2010) alguns acontecimentos importantes para esse período: a criação da *Academie Celtique*, em 1804; J. Grimm em defesa dos “*patois*” (dialetos) em 1812, e criação da primeira descrição de um grupo de dialetos alemães em 1819. É levantada a possibilidade, em 1823, da confecção de cartas fonéticas previstas por Désiré Monnier; já em 1921, houve a coleta de dados por meio de inquéritos sistemáticos por J. A. Schmeller e foi realizado um comparativo entre falantes do campo, urbanos e cultos. A publicação do primeiro fascículo da gramática comparada das línguas indo-europeias é feita por Franz Bopp, em 1833.

Inúmeros outros trabalhos foram produzidos nesse contexto, seja pensando nas diferentes formas que os falantes se expressam em sua própria língua, seja pensando na intercomparação de línguas.

Outro marco importante para a história da Dialetologia é o trabalho de Adrien Balbi, em 1826, que publica o *Atlas Ethnographique du Globe*, em que é feita a classificação dos povos antigos e modernos e, dessa forma, é atribuída importância às línguas como instrumento que leva ao conhecimento desses povos. Para esse trabalho, Balbi solicita ao Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, ministro plenipotenciário do Brasil na França na época, informações a respeito da língua lusa. Assim, o Visconde de Pedra Branca realiza um breve estudo a respeito da comparação da língua portuguesa falada em Portugal com a língua portuguesa falada no Brasil. Demonstra, a nível lexical, palavras que não são correspondentes dentro das línguas e que existem no Brasil, porém não são registradas em Portugal.

Nesse momento, inicia-se a primeira fase da Dialetologia brasileira, conforme define Antenor Nascentes (1953) e reafirmam Ferreira e Cardoso (1994), bem como propõem uma tripartição do caminho dialetológico no Brasil.

Para essa primeira fase, Ferreira e Cardoso (1994) consideram algumas características, autores e obras que marcaram a produção da época, como estudos do léxico e especificidades do português brasileiro e trabalhos regionais. Esse período vai de 1826 a 1920 e tem como destaque o próprio Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, em 1926; e José Jorge Paranhos da Silva, em 1879, com a publicação de *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, em que são tratados os diferentes aspectos das duas línguas faladas, como pronúncia, vocabulário etc.

A conhecida segunda fase do percurso da Dialetologia no Brasil, cujo período as autoras definem entre os anos de 1920 e 1952, inicia-se com a publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, trabalho que compila características dialetais de uma região do estado de São Paulo. A segunda fase tem grande importância para a Dialetologia, pois é nela que é ampliado o olhar para a necessidade de observação dos fatos linguísticos *in loco*.

O intuito dos trabalhos dessa fase foi buscar a descrição dos fenômenos que caracterizam determinada área levando em conta não só o ponto de vista semântico-lexical, mas também o morfossintático e fonético-fonológico. Outros destaques para essa época são Antenor Nascentes e a publicação de *O linguajar carioca em 1922*, no mesmo ano do título, trabalho no qual o autor se empenha em definir o falar brasileiro e posicionar a língua falada no Rio de Janeiro dentro desse conjunto, considerando diversos aspectos, ainda propõe uma primeira divisão de falares brasileiros.

Mário Marroquim, em 1934, analisa os falares dos estados de Alagoas e Pernambuco na obra *A língua do nordeste*, em que o autor reconhece a pluralidade dialetal do território brasileiro, justamente por sua grande extensão, e afirma que é necessário um estudo cuidadoso dos falares nacionais, de maneira parcelada, para então ser dedicado o esforço de dividi-los em regiões dialetais.

Em 1952, inicia-se a última fase determinada por Ferreira e Cardoso (1994), a terceira fase da Dialetologia do Brasil, a qual se estende até 1996 após reconhecimento de Cardoso e Mota (2005).

O principal marco da terceira fase é a criação do decreto nº. 30.643 de 20 de março de 1952 que incube à Comissão de Filologia da Casa Ruy Barbosa a criação de um atlas linguístico do Brasil (cuja sigla, à época, estabeleceu-se ALB). Nessa fase, é tida uma nova visão na abordagem dos fenômenos da variação linguística no país, e é quando se iniciam, também, estudos sistemáticos em geografia linguística no Brasil. Serafim da Silva Neto foi um grande nome da época, quem defendeu e afirmou a importância dos estudos dialetais brasileiros, sugeriu aos institutos e faculdades de letras que realizassem, anualmente, um curso sobre Dialetologia e tentou definir quais tarefas deveriam ser realizadas para que os estudos dialetais no país pudessem ser cumpridos. Publica, então, em 1957, seu *Guia para estudos dialetológicos*.

Em 1958, Antenor Nascentes publica o primeiro volume de *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, e seu segundo volume em 1961, em que

estabelece o passo a passo que deveria ser seguido durante o processo de pesquisa de campo para a construção do ALB (Atlas Linguístico do Brasil).

Ainda na terceira fase, é publicado o primeiro atlas regional, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), em 1963, por Nelson Rossi, com colaboração de Dinah Isensee e Carlota Ferreira. Nesse momento, houve movimentações em outras universidades para a elaboração de outros atlas regionais.

A quarta fase, definida por Mota e Cardoso (2005), inicia-se em 1996 com a implementação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) durante o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, onde diversos autores de atlas regionais da época se reuniram, e foi assinada a *Carta de Salvador*, que firmava o compromisso entre esses autores de atlas publicados de concretizar o ALiB, sob uma metodologia unificada. A composição do Comitê Nacional se dá, um ano depois, em 1997, quando ocorre a I Reunião do Comitê Nacional do Projeto ALiB.

A partir desse primeiro encontro, foram definidas metas a serem cumpridas, envolvendo os critérios de escolha das localidades, perfil dos informantes, entre outras deliberações, incluindo uma versão preliminar do questionário linguístico utilizado como base da entrevista, em 1999.

Dessa forma, o Projeto ALiB definiu uma rede de pontos a partir desses critérios preestabelecidos, perfil dos informantes e um questionário definitivo (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001) voltado para pesquisas de diversos níveis de análise da língua, como fonético-fonológico, prosódico, semântico-lexical, morfossintático e pragmático. Foi definido um corpo de inquiridores e auxiliares para a pesquisa de campo e foi feito seu preparo, bem como inquéritos experimentais para ajustes da pesquisa. Com 29 anos de história, o Projeto ALiB realizou 1.100 inquéritos no Brasil nas 250 localidades que compõem a rede de pontos, e, hoje, conta com inúmeras produções nas diversas áreas da pesquisa dialetal brasileira. Nessa quarta fase, também houve a incorporação à metodologia de pesquisa os princípios da Sociolinguística da década de 1960, considerando outros fatores além do espacial e abandonando o caráter monodimensional.

O final da quarta fase e início da quinta é uma proposta de Teles (2018) em sua tese de doutorado, atribuindo-lhe, como marco, a publicação dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil, em outubro de 2014. A autora considera os fatos de que i) diversos trabalhos de análises são feitos ao decorrer dos anos utilizando o *corpus* do Projeto ALiB; além disso, Teles argumenta que muitos desses trabalhos formaram novos

pesquisadores, que já orientam outros alunos e constituíram novos projetos; ii) a difusão do atlas em nível nacional, apresentando as cartas linguísticas presentes no volume 2, apresentadas também na grande mídia, e tornando mais acessível as informações nele presentes; iii) além da inovação, no âmbito da cartografia, dessa publicação, com a aplicação do georreferenciamento das localidades e também do uso do Sistema de Informações Geográficas. A partir disso, muitos trabalhos e outros atlas regionais foram publicados seguindo o modelo do ALiB. Nesse pensamento, concorda-se que hoje esteja-se vivendo a quinta fase da Dialetologia brasileira.

Um advento para a Dialetologia moderna foi a Dialetologia Pluridimensional, a qual, dentre muitas atribuições, está responsável pelos estudos que saem do antigo patamar instituído da única dimensão, a espacial, nas pesquisas.

Em 1999, Radtke e Thun, propõem novos caminhos para pensar a Geolinguística Românica, a partir do surgimento de outras ciências que estariam superando a Dialetologia e a Geolinguística por não terem encontrado conexão com o mundo moderno da cidade, como: Sociolinguística, Pragmática, Psicolinguística, Linguística de Contato, Pesquisa Oral e de Expressão Escrita. Assim, os autores pensam na instauração de uma “crise estrutural e organizacional” (Radtke; Thun, 1999, p. 32) e citam a “morte” de diversos dados e projetos de Geolinguística em áreas da România ou a sua baixíssima produtividade.

No simpósio no qual discutiram a temática e de onde surgiram diversos contextos e ideias, os autores apontaram a via única da Geolinguística através do estudo da diatopia, e que existem muitos trabalhos que seguem esse viés, tanto para projetos em fase de planejamento ou em andamento quanto para projetos concluídos à época ou adiantados (Radtke; Thun, 1999, p. 35).

Mencionam atlas que foram construídos a partir do cruzamento da diatopia com os fatores diastráticos e diageracionais: “Naturalmente, é melhor traçar um perfil sociológico antes de iniciar o trabalho linguístico. Contudo, nem sempre se conta com o tempo necessário para fazê-lo” (p. 36). A respeito do parâmetro diageracional, os autores falam sobre a nova modalidade de cartografia, sobretudo visando ao que foi chamado de “tempo visível”, ou seja, a representação da convivência de gerações. Destacam também a importância do traçado de isoglossas² para a realização de uma espécie de síntese para análise da variação entre as gerações e deslocamentos contemplados nesse âmbito, “o

² Isoglossas são traçados virtuais que delimitam uma área a partir de uma realização em comum de algum elemento linguístico (Ferreira; Cardoso, 1994).

parâmetro diageracional multiplica e condensa os cortes sincrônicos no momento final presente no eixo do tempo” (p. 37).

A respeito da variação de cunho diassexual, Radtke e Thun (1999) discorrem a respeito da representação da mulher como informante, pensando sobre os temas que podem ser incluídos em suas entrevistas e, por outro lado, os temas abordados em entrevistas com informantes homens. Levantam uma hipótese que a diferença biológica, no que tange aos fatores linguístico, não seria, na verdade, uma construção dos papéis sociais de homens e mulheres. Exemplificam alguns casos de atlas produzidos, inclusive em estados brasileiros, que não distinguem o registro das respostas dadas pelos informantes homens e mulheres nas representações cartográficas; e outros casos que podem ser considerados, potencialmente, diassexuais.

Tendo em vista a realidade vivida nos dias atuais, reconhece-se que o papel desempenhado por homens e mulheres socialmente pode interferir nas escolhas linguísticas, e é um fator que deve ser controlado sistematicamente em pesquisas sobre a fala, bem como os casos em que são realizados estudos que contemplam a realidade de pessoas que não se restringem aos sexos biológicos.

Os autores, em seguida, apresentam o parâmetro diafásico presente nos atlas, visualizando a maneira de coleta dos dados, sejam eles na fase leitura, respostas a perguntas dos questionários, conversa livre/dirigida, objetivando o registro da fala mais espontânea possível. No entanto, admitem que há o estilo controlado. A observação dos registros diafásicos aponta para possíveis melhorias metodológicas na realização das gravações. “Ainda mais difícil deveria ser registrar sistematicamente o saber metalinguístico dos falantes e cartografá-lo contrastivamente em conjunto com suas afirmações linguísticas” (p. 40).

Por fim, Edgar Radtke e Harald Thun consideram a existência de duas distintas correntes: “Por um lado, a geolinguística persiste no caminho já experimentado de uma ciência que delega a si a descrição de dialetos de base como objetivo primordial e que define como tarefa sua o acúmulo de um máximo de projetos similares, com o objetivo de obter uma ótima densidade de dados. Por outro lado, pode-se perceber de maneira insistente uma tendência de enriquecer esta aspiração tradicional com um modelo variacional de maior alcance metodológico e que considere novas possibilidades da técnica de levantamento de dados” (p. 49), contudo, existe possibilidade para reencontro dessas duas linhas a partir de um diálogo científico, considerando a distribuição espacial

e outros aspectos sociais dos falantes envolvidos, controlando-os de maneira sistemática. Dessa forma, obtém-se o método da Geolinguística Pluridimensional.

Essa nova maneira de pesquisar tornou as amostras mais igualitárias, sendo possível, a partir delas, observar a fala por ângulos diversos e que podem descrever de melhor forma as realidades linguísticas às quais associam-se os espaços.

3.1.1 Divisões dialetais brasileiras

Ao estudar fenômenos característicos dos dialetos brasileiros, gera-se a necessidade de traçar, delimitar regiões dos falares, considerando essas características, sejam elas de ordem fonológica, lexical, morfológica, sintática etc.

O interesse em propor divisões dialetais do falar brasileiro surgiu, segundo Nascentes (1955), em 1891, por Júlio Ribeiro que, de acordo com o autor, utiliza critérios exclusivamente geográficos para propor uma divisão entre Norte (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco), Leste (Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo), Centro (Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso) e Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Nascentes, no entanto, atribui alguns defeitos a essa divisão:

Junta o Norte com o Nordeste, que é diferente dele; separa Alagoas dos demais estados do Nordeste; coloca Espírito Santo e o Rio de Janeiro junto da Bahia, tão diferente esta; coloca São Paulo, tão caracteristicamente sulino, junto com Alagoas (!), junto com Sergipe, e Bahia e junto com Espírito Santo e Rio de Janeiro; coloca Minas (sem discriminar) junto com Goiás e Mato Grosso; no Sul, só há que objetar a falta de São Paulo. Como se vê, toda ela imperfeita. (Nascentes, 1955, p. 214)

Em seguida, é apresentada por Serafim da Silva Neto, em seu artigo no *A Manhã*, de 17 de janeiro de 1950, a divisão de Maximino Maciel: brasilo-guianense ou setentrional, idiodialetos estaduais ou centrais, brasilo-castelhano ou meridional. Assim como a anterior, essa proposta também se mostrou problemática para Nascentes, que declarou, além do critério exclusivamente geográfico dessa divisão, que a língua da Guiana Brasileira vai até a margem direita do Amazonas, questiona-se o que serão *idiodialetos*, e que a influência do castelhano na língua da fronteira com o Uruguai e com a Argentina não chega a tomar o subfalar do extremo sul. Declara, por fim, que “sem uma base histórica, não se pode fazer nada nesse assunto” (Nascentes, 1955, p. 215).

Já João Ribeiro, no ano de 1915, propõe uma divisão em cinco falares: extremo norte, norte, centro, interior e sul, e essa proposta, às vistas de Nascentes (1955), ao considerar os critérios geográficos e históricos das regiões, seria mais aceitável.

Rodolfo Garcia, então, sugere a divisão em norte (Amazonas, Pará e Maranhão), norte-oriental (Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas), central-marítima (Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro), meridional (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e altiplana-central (Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso), cujos defeitos Nascentes (1955) aponta como incorreto “colocar o Maranhão na zona Norte, quando ele é uma espécie de intermediário entre ela e o Nordeste, coloca Rio de Janeiro e o sul do Espírito Santo na zona Central-Marítima, coloca Minas Gerais (sem discriminar) e Goiás junto com Mato Grosso” (p. 216).

É importante, pois, entender que nenhuma dessas propostas considerava, de fato, o uso da língua, fato corroborado por Renato Mendonça (1936), sobretudo a respeito da proposta de Antenor Nascentes: “para esse traçado Nascentes levou em conta a história da colonização no Brasil, obedecendo talvez em excesso ao critério geográfico” (Mendonça, 1936, p. 201 *apud* Teles, 2018, p. 91). Enfatiza-se que há uma imprecisão nessas propostas, sobretudo por não existir uma tecnologia que pudesse indicar os limites dessas divisões de forma assertiva.

Em 1922, a partir de ajustes na divisão de Rodolfo Garcia, o próprio Antenor Nascentes faz sua proposta de divisão dialetal: Nortista, compreendendo Amazonas, Pará, litoral dos estados desde o Maranhão até a Bahia; Fluminense, que contempla Espírito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas Gerais e Distrito Federal; Sertanejo, contendo os estados do Mato Grosso, Goiás, norte de Minas Gerais e sertão dos estados litorâneos, desde o Maranhão até a Bahia; e Sulista, que compreende os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro (conforme visto na p. 216-217).

Essa divisão de 1922, por sua vez, obteve as críticas, bem recebidas por Nascentes, de Lindolfo Gomes. O autor observa as novas sugestões e propõe, em 1933, a zona Norte (Amazonas e Pará), zona Nordeste (litoral desde o Maranhão ao norte do Espírito Santo), zona Sul (acréscimo do sul de Minas Gerais).

Novamente criticada por Renato Mendonça, pela presença de São Paulo e Rio Grande do Sul indiscriminadamente na mesma região dialetal e a diferença entre os falares do Amazonas, Pernambuco e Bahia, para estarem reunidos no dialeto nortista, Nascentes reformula sua divisão após parcial concordância com a sugestão e declara: “Hoje que já realizamos nosso ardente desejo de conhecer o Brasil de lés a lés, do

Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá, fizemos nova divisão que não consideramos nem pudéramos considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade” (p. 217).

Assim, em 1953, propõe duas grandes divisões de falares: os falares do norte e os falares do sul, tendo com critério a cadência da fala e a presença de vogais médias pretônicas abertas, excluindo-se dessa análise diminutivos e advérbios terminados em *-mente*. Ao norte, há predominância das vogais abertas, e ao sul, fechadas. Além disso, determinou outros seis subfalares: amazônico e nordestino na grande divisão do norte e baiano, fluminense, mineiro e sulista ao sul, além do território incaracterístico, cujas informações considerou insuficientes para descrição.

Essa divisão é utilizada ainda hoje por estudos da área da Dialetologia, sobretudo com o intuito de confirmar ou negar a proposta, a exemplo de Cardoso (1986), pioneira nesse movimento de averiguar a delimitação dos falares, que propõem uma validação da divisão dialetal da década de 1950 na perspectiva de realização das vogais médias pretônicas no dito falar baiano.

A autora analisa resultados dos atlas regionais que contemplam a área do falar baiano, como o APFB e o EALMG. Após levantar as ocorrências do fenômeno nos dois atlas mencionados, ela conclui que “A linha que demarca a fronteira entre o falar baiano e o mineiro e o fluminense [...] aproxima-se consideravelmente dos limites estabelecidos por Nascentes. Diante de tais evidências, só nos cabe concluir: tinha (tem) Nascentes razão” (Cardoso, 1986, p. 53).

É evidente, contudo, que tal atividade de validação não se justifica, ou não pode ser realizada com perfeição, sobretudo hoje, quando se tem dinâmicas sociais múltiplas que contemplam panoramas histórico, econômico etc., todos bastante distintos. Além disso, cabe frisar que Nascentes, durante sua busca pelos falares, não possuía dados concretos e passíveis de uma análise pormenorizada e atenta, tampouco sistematicidade em seu método. O que é possível, ainda, de ser feito é a verificação das áreas dialetais atuais, levando em conta a realidade de dinamicidade da língua em seus espaços. Isso poderá mostrar se haverá uma coincidência ou não com a proposição feita por Nascentes em 1953.

3.1.2 Atlas Linguístico do Brasil

Como já foi visto, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil nasceu em 1996, no mês de novembro, durante o *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na Universidade Federal da Bahia, onde reuniu os principais autores de atlas à época, publicados ou em andamento.

Integraram, então, o Comitê Nacional os seguintes nomes: Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia), Suzana Alice Marcelino Cardoso (Universidade Federal da Bahia), Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal da Paraíba), Mário Roberto Lobuglio Zágari (Universidade Federal de Juiz de Fora) e Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina), representando atlas já publicados, e Walter Koch (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), como representante dos atlas em andamento. (Cardoso, 2012, p. 17-18).

A partir do ano de 1997, então, iniciaram-se os trabalhos em conjunto com as universidades brasileiras, com o intuito de fazer o atlas linguístico brasileiro, considerando a língua portuguesa. Foram realizados, desde então, encontros, com as Reuniões do Comitê Nacional, para debates acerca da metodologia a ser aplicada, bem como *workshops* de aperfeiçoamento das técnicas de pesquisa e treinamento para a coleta de campo, envolvendo professores e alunos.

Hoje, no ano de 2025, o Comitê Nacional é composto por outros membros pesquisadores da área, após atravessar algumas mudanças, principalmente pelo falecimento dos Diretores-científicos Walter Koch (2008), Mário Roberto Lobuglio Zágari (2010), e de Suzana Cardoso, primeira Diretora-presidente, em 2018. Após essas perdas, outros diretores foram agregados ao Comitê, e, mais recentemente, em 2023, durante a realização do XV WorkALiB, foram integrados mais pesquisadores para a renovação da equipe, a fim de dispor de mais frentes científicas.

Atualmente, a equipe é composta pela Diretora-presidente Jacyra Andrade Mota (UFBA), pela Diretora-executiva Silvana Soares Costa Ribeiro (UFBA), e pelos Diretores-executivos Abdelhak Razky (UFPA | UNB), Alcides Fernandes de Lima (UFPA | UFRPE), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Conceição de Maria de Araujo Ramos (UFMA), Fabiane Cristina Altino (UEL), Felício Wessling Margotti (UFSC), José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA), Marcela Moura Torres Paim Fernandes (UFRPE), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC), Marilúcia Barros de Oliveira (UFPA), Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS), Valter Pereira Romano (UFSC) e Vanderci de Andrade Aguilera (UEL).

Partindo de todo trabalho em grupo e esforços de diversas ordens, foi definida uma rede de pontos com um total de 250 localidades distribuídas por todo território brasileiro. Dessas, 25 são capitais dos estados, revelando a incorporação de premissas da Dialetologia Pluridimensional, e excluindo, apenas, Palmas, em Tocantins, e Brasília, no Distrito Federal, devido ao tempo recente de fundação dessas cidades e por questões demográficas, como em Brasília, que devido à formação da população, não havia uma geração mais idosa de nativos à altura da realização dos inquéritos.

De acordo com Isquendo e Telles (2014), em texto do volume 1 do ALiB, o Projeto considerou, para a construção da rede de pontos da pesquisa, os seguintes critérios:

- a) As localidades propostas por Nascentes (1958) em *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, no qual sugere uma malha de 602 municípios. O ALiB manteve um total de 163 das 602 localidades;
- b) Densidade demográfica, concedendo exceções em casos de densidade abaixo de 1,0, como nos Estados do Acre, Roraima e Amapá; uma pequena densidade em áreas extensas, como ocorre no Mato Grosso e no Amazonas; e uma maior densidade populacional, como nos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo;
- c) Zonas dialetais já delimitadas antes por dialetólogos, utilizando como base atlas regionais publicados, como o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963), Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (1977), Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984), Atlas Linguístico de Sergipe – ALS (1987), Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (1994);
- d) A distribuição espacial das localidades, observando a equidistância entre os pontos, e confrontando, sobretudo, esse fator com a densidade demográfica;
- e) E a importância da localidade para o levantamento de bilinguismo e/ou a relação de diglossia, se existe uma fronteira entre estados ou países, considerando, ainda, locais com influência de povos italianos e alemães, como as comunidades falantes de línguas de imigração.

A construção do corpo de informantes parte, de acordo com Cardoso (2010), da Dialetologia pluridimensional, que considera, além da distribuição diatópica, fatores sociais dos informantes, como sexo, faixa etária e nível de escolaridade, controlados sistematicamente. Alguns critérios foram postos pelo Comitê Nacional na época do levantamento do perfil dos informantes que foram importantes na constituição do *corpus*, como:

- a) ser natural da localidade em questão;
- b) ter pais também naturais daquela localidade ou da região próxima;
- c) ter idade enquadrada a uma das duas faixas etárias (I, de 18 a 30 anos, e II, de 50 a 65 anos);
- d) ter nível de escolaridade fundamental ou universitário, apenas nos casos das capitais.

Diversos fatores podem ser controlados nas pesquisas sociolinguísticas: gênero, profissão, religião, entre outros, a depender do foco da investigação. Para o Projeto ALiB, foram considerados os sexos biológicos masculino e feminino, duas faixas etárias e a escolaridade como os fatores sociais, e esses aspectos serão controlados como base de análise extralinguística ora realizada, mesmo que o intuito da presente pesquisa tenda para o âmbito da Dialetologia.

As faixas etárias são divididas em faixa I, composta por informantes entre as idades de 18 e 30 anos; e a faixa II, que contempla informantes que possuem idades de 50 a 65 anos. Existem dúvidas acerca da não consideração de uma faixa intermediária entre os 30 e os 50 anos, por isso, vale explicitar que esse procedimento se tornou inviável devido ao tempo que levaria para a realização de mais quatro inquéritos em cada localidade, e, consequente, as implicações financeiras de uma maior permanência. Ao todo, são 1.100 informantes inquiridos nas 250 localidades brasileiras que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB.

Sobre o nível de escolarização, no *corpus* do ALiB, serão considerados dois: o fundamental incompleto e o universitário. O fundamental incompleto está presente em todas as localidades, sejam elas das 25 capitais ou dos interiores — não capitais —, contabilizando quatro por localidade. Já o nível universitário está presente apenas nas capitais, havendo um acréscimo de mais quatro informantes aos de nível fundamental.

Dessa forma, as localidades do interior possuem um total de quatro informantes, sendo dois homens e duas mulheres distribuídos nas faixas etárias I e II, de nível fundamental incompleto; e as capitais possuem, além do mesmo tipo de informantes dos interiores, mais quatro informantes, dois homens e duas mulheres das duas faixas etárias que cumpriram até o nível universitário completo. É possível, então, observar o seguinte panorama de informantes incluindo as capitais:

Quadro 3 – Identificação dos informantes do Projeto ALiB por sexo, faixa etária e escolaridade.

- Inf. 1 - homem, faixa etária I, fundamental incompleto.
- Inf. 2 - mulher, faixa etária I, fundamental incompleto.
- Inf. 3 - homem, faixa etária II, fundamental incompleto.
- Inf. 4 - mulher, faixa etária II, fundamental incompleto.
- Inf. 5 - homem, faixa etária I, universitário completo.
- Inf. 6 - mulher, faixa etária I, universitário completo.
- Inf. 7 - homem, faixa etária II, universitário completo.
- Inf. 8 - mulher, faixa etária II, universitário completo.

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Tendo em mente a composição de elementos-chave para a presente pesquisa, é possível perceber a gama de fatores à disposição para melhores investigações e explicações acerca do fenômeno de realização das vogais médias pretônicas no falar dos capixabas e fluminenses.

3.2 A SOCIOLINGUÍSTICA

“A língua é uma forma de comportamento social.”

(Labov, 2008 [1972], p. 215)

No início da década de 1960, é inaugurada uma forma de se estudar a língua: a Sociolinguística Variacionista. Em síntese, a disciplina possui o objetivo de analisar as relações possíveis entre a língua e os fatores sociais que a condicionam, visando, sobretudo, compreender e descrever os processos e padrões de variação aos quais todas as línguas naturais são suscetíveis (Labov, 2008 [1972]).

Um dos estudos fundamentais da área é o realizado em *Martha's Vineyard*, uma ilha vinculada ao estado de Massachusetts nos Estados Unidos, com o intuito de investigar as realizações dos ditongos [ay] e [aw] da língua inglesa, em palavras como *right* e *house*, revela importantes informações a respeito da comunidade que vivia naquele ambiente. Trata-se da dissertação de mestrado do norte-americano William Labov, publicada em 1963.

Labov controlou em sua análise os fatores i) idade, considerando falantes entre 30 e 60 anos; ii) ocupação, podendo ser pescadores (ligados às tradições locais) e pessoas empregadas nas áreas do turismo; iii) origem local e tempo de residência, observando nativos da ilha e os migrantes e turistas; e iv) identificação com a ilha (*local identity*). Além disso, o autor considerou fatores linguísticos atrelados às realizações, como contextos fonológicos e o estilo de fala, a partir do controle de diferentes estilos de elocução, por exemplo: fala espontânea, entrevistas, leitura de palavras e leitura de listas.

Em sua tese de doutoramento, orientada por Uriel Weinreich, uma das análises feitas por Labov foi acerca das realizações de /R/ pós-vocálico em diferentes lojas de departamento em um prédio na *5th Avenue*, em Nova Iorque, comprovando a existência de uma estratificação na língua inglesa novaiorquina. Ele pedia informações como: *Where can I find women's shoes?* E a resposta esperada continha a expressão “*fourth floor*”, permitindo observar a pronúncia do /R/ em *fourth* e *floor*. Foi observado, na fala de atendentes do comércio, que, quanto mais alta classe era a loja, mais se intensificava a pronúncia do /R/; quanto mais popular fosse a loja, mais era percebido o apagamento desse /R/ pós-vocálico. Além disso, Labov observou padrões pragmáticos no comportamento de resposta e que tal postura indica uma consciência social da forma de prestígio, seja ela uma variante ou uma postura.

Outra obra fundamental e que endossa o que vieram a ser os fundamentos da Sociolinguística Variacionista é *Languages in Contact*, de Uriel Weinreich, publicada em 1953. Esse trabalho dá visibilidade acadêmica ao contato linguístico e desmistifica a ideia de que o fenômeno não é um desvio ou uma corrupção da língua. Assim, Weinreich apresenta situações de contato como um fato social normal e não se trata de uma exceção, mas sim uma espécie de regra histórica. Aponta que esse processo gera interferências fonológicas, morfossintáticas e lexicais que seguem padrões sistemáticos, e não erros “aleatórios”, que, por sua vez, geram variação e possível mudança; e que fatores sociais, como prestígio, status do falante e função social da língua condicionam fortemente os resultados do contato linguístico.

Marvin Herzog, também supervisionado por Weinreich durante o doutoramento, fez um importante estudo do dialeto de 34 comunidades na Polônia, confirmando a hipótese de que uma determinada, e pequena, área do país poderia ser utilizada como modelo em escala do território iídiche oriental no que tange às realizações dos dialetos, e isso possibilitou maiores esclarecimentos a respeito da dinâmica dialetal em áreas de ocorrência de contatos linguísticos. Após o falecimento de Weinreich, e por ser o maior colaborador da grande obra geolinguística de seu outrora professor, Herzog finalizou e publicou o *Atlas linguístico e cultural das comunidades judaicas asquenazes*, em 1992, sendo esse mais um dos seus grandes empreendimentos.

A composição de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, intitulada *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, publicada no ano de 1968, é um texto que indica “o ponto de partida para as investigações sobre a dinâmica da mudança em outras comunidades contemporâneas” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), como aponta Carlos Alberto Faraco na apresentação da tradução brasileira do livro (p. 10). A união dos intelectuais foi fundamental para a compreensão das dinâmicas sociais que envolvem a língua no âmbito da variação e, sobretudo, da mudança em comunidades de falantes. Faraco acrescenta:

É da feliz confluência de estudos intensivos do contato linguístico em situação de bilinguismo (Weinreich) e de interação dialetal (Herzog) com as investigações da realidade sociolinguística urbana (Labov) que vai emergir o texto que ora se publica em português. (p. 12).

Nesse ensaio conjunto, os autores descrevem uma metodologia para o estudo da variação e da mudança nas línguas, além de trabalharem as ideias sobre a variação ser um processo ao qual as línguas estão suscetíveis, ele é ordenado e sistemático, e encontrado

em padrões. Afirmam também que a variação é o ponto de partida para a mudança linguística.

O *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* abre caminho para novos estudos dentro dessa ciência emergente em meados do século XX, possibilitando diversos estudos que consideram não somente a estrutura da língua, mas a forma como ela se concretiza nas diferentes formas de se falar, dando visibilidade às variedades encontradas em toda uma comunidade ou comunidades. Além dessa, outras obras fomentaram a Sociolinguística, como *Sociolinguistic patterns*, publicado por Labov em 1972.

A sociolinguística consolidou-se no Brasil a partir do final da década de 1960 e, sobretudo, ao longo dos anos 1970, em diálogo direto com o desenvolvimento internacional da área. A chegada dessa perspectiva ao Brasil ocorreu por meio de pesquisadores que realizaram formação acadêmica no exterior e trouxeram novas concepções teóricas e metodológicas para o estudo da língua, a exemplo de Anthony Julius Naro, responsável por introduzir a metodologia quantitativa nos estudos sobre a variação do PB e por ser um dos fundadores do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). Esse movimento contribuiu para o questionamento de abordagens estritamente normativas e para a valorização do uso real da língua, concebendo-o como algo sistematizável. Segundo Naro (2007, p. 15):

[...] o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade lingüística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras. Em outras palavras, tal como existem condições ou regras que obrigam o falante a usar certas formas (*a casa*) e não outras (*casa a*), também existem condições ou regras mudáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas em cada contexto. Isto pressupõe que, na língua, variantes podem estar em competição, no sentido de que ora pode ocorrer uma, ora pode ocorrer outra. Porém, dado o pressuposto básico, deve ser possível identificar uma série de categorias independentes que influem neste uso. Estas categorias podem ser internas ao sistema linguístico ou externas a ele. (Naro, 2007, p.15).

Um marco fundamental para o desenvolvimento dos estudos linguísticos no Brasil foi o Projeto de estudo da Norma Urbana Culta (NURC), iniciado nos anos 1960. Embora não tenha sido concebido inicialmente como um projeto sociolinguístico variacionista, o NURC constituiu um vasto banco de dados de fala urbana, contemplando algumas grandes capitais brasileiras, o que, posteriormente, se tornou essencial para análises de variação e mudança linguística.

A partir da década de 1980, a Sociolinguística no Brasil passou por um processo de institucionalização, com a criação de projetos regionais e a consolidação de linhas de

pesquisa em programas de pós-graduação. Destacam-se, nesse período, o PEUL (1979), na Universidade Federal do Rio de Janeiro; e o Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARISUL – 1984), sediado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e, por último, em 1990, também na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Esses projetos adotaram metodologias quantitativas inspiradas em Labov (1972).

Além da descrição da variação no âmbito fonético-fonológico e morfológico, a Sociolinguística brasileira ampliou progressivamente seus objetos de estudo. Ganharam destaque as pesquisas sobre o contato linguístico, fundamentais para a compreensão da formação histórica do português brasileiro, discussão estimulada pela publicação, em 1986, do artigo *Sobre a alegada origem crioula do Português Brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias*, de Fernando Tarallo³. Com desdobramentos posteriores, estudos sobre línguas indígenas, línguas africanas e comunidades quilombolas também passaram a ocupar lugar central na produção sociolinguística nacional, com contribuições relevantes de autores como Yeda Pessoa de Castro e Dante Lucchesi, de quem se retoma a ideia de Transmissão Linguística Irregular, para compreensão da formação do Português Popular Brasileiro: “seria esse processo de transmissão linguística irregular de tipo leve que estaria na base da formação das atuais variedades populares do português do Brasil” (Lucchesi, 2009, p. 72).

Atualmente, a Sociolinguística ocupa um lugar central nos estudos linguísticos no Brasil, articulando-se com a linguística histórica, a antropologia linguística e os estudos sobre políticas linguísticas. Sua trajetória evidencia não apenas a recepção de teorias estrangeiras, mas também a construção de uma tradição de pesquisa própria, sensível às especificidades sociais, históricas e linguísticas do país.

Neste trabalho, pois, serão utilizados os pressupostos da Sociolinguística Variacionista de Labov (1976) e o seu modelo quantitativo para analisar os dados levantados e tratados aqui, como, por exemplo, a Sociolinguística Quantitativa, trabalhada por Guy e Zilles (2007).

³ Este artigo foi publicado originalmente em inglês na revista *Cadernos de Estudos Linguísticos* e, posteriormente, traduzido e republicado na obra *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*, cuja primeira edição é de 1993.

4 O FALAR FLUMINENSE

À primeira instância, falar de variação diatópica remete aos processos em que os falantes observam diferenças na maneira como as pessoas de outras regiões produzem determinadas variantes, sejam elas fonéticas, prosódicas, lexicais ou morfológicas, e, delas, até mesmo criam estereótipos: “carioca fala chiando”, “baiano fala arrastado”, “paulista puxa muito o R”, “paraense tem o nh e o lh muito marcado na fala”, “o sul riograndense fala guri”, entre outros estereótipos muitas vezes vistos em discussões acerca da variação.

Silva (2016), nesse sentido, observa em sua pesquisa, sobre contato dialetal, relatos de paraibanos residentes de São Paulo que sofreram preconceitos devido à sua forma de falar, como apresenta a fala de uma colaboradora: “Já sofri mais preconceito do que situações de elogio. Quando as pessoas vêm elogiando, no fundo elas acabam ridicularizando a nossa forma de falar” (Silva, 2016, p. 81).

Para pensar na variação diatópica, é necessário, antes de tudo, compreender a que espaço se refere aquela característica linguística e quais variantes compõem a fala daquele espaço em detrimento de outro.

Ao longo do tempo, houve diversas associações feitas e desfeitas acerca da definição de espaço geográfico. Então, para isso, será considerado o conceito proposto pelo geógrafo brasileiro Milton Santos, que apresenta o espaço geográfico como a junção de dois componentes: a configuração territorial e a dinâmica social. Por configuração territorial, Santos (2006 [1996], p. 38-39) entende como um conjunto de conformações naturais que podem ter sido modificadas pela ação consciente do ser humano; a dinâmica social, por sua vez, seria o conjunto de relações que servem para definir uma sociedade em determinado momento de sua vivência. Conclui, assim, que “O lugar é, pois, o resultado de ações multilaterais que se realizam em tempos desiguais sobre cada um e em todos os pontos da superfície terrestre” (Santos, 2002 [1978], p. 258).

Para compreender a realidade linguística do Brasil, é necessário saber que, dentro dos espaços geográficos que o compõem, (co)existem diversos dialetos que são definidos por diversos fatores, sobretudo os sociais, como a conformação da sociedade daquele lugar: a história da colonização e as influências sobre aquele espaço, existência de habitantes masculinos, femininos ou outras identificações de gênero; não escolarizados,

de escolaridade elementar ou mais avançada, executores de diversas e variadas profissões, entre outros.

Visando estudar, identificar e distinguir o chamado linguajar carioca, Antenor Nascentes (1953), após viajar “do Oiapoc ao Xuí” (p. 24), propõe uma divisão dialetal brasileira a partir de duas grandes regiões de falares, norte e sul, e seus respectivos subfalares, como visto anteriormente.

No presente trabalho, serão analisados dados referentes aos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, que comporiam, segundo Nascentes (1953), parte do que foi chamado de falar fluminense.

4.1 DELIMITAÇÃO DO FALAR FLUMINENSE

De acordo com Antenor Nascentes (1955), o falar fluminense compreende os estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e parte de Minas Gerais (“Mina e parte do Leste”, Nascentes, 1955, p. 98). Na época em que seu estudo foi desenvolvido, um mapa foi publicado, delimitando os falares propostos, assim como indicava seu texto. Devido à falta de tecnologias voltadas para cartografia, não era possível referenciar, espacialmente, esses limites.

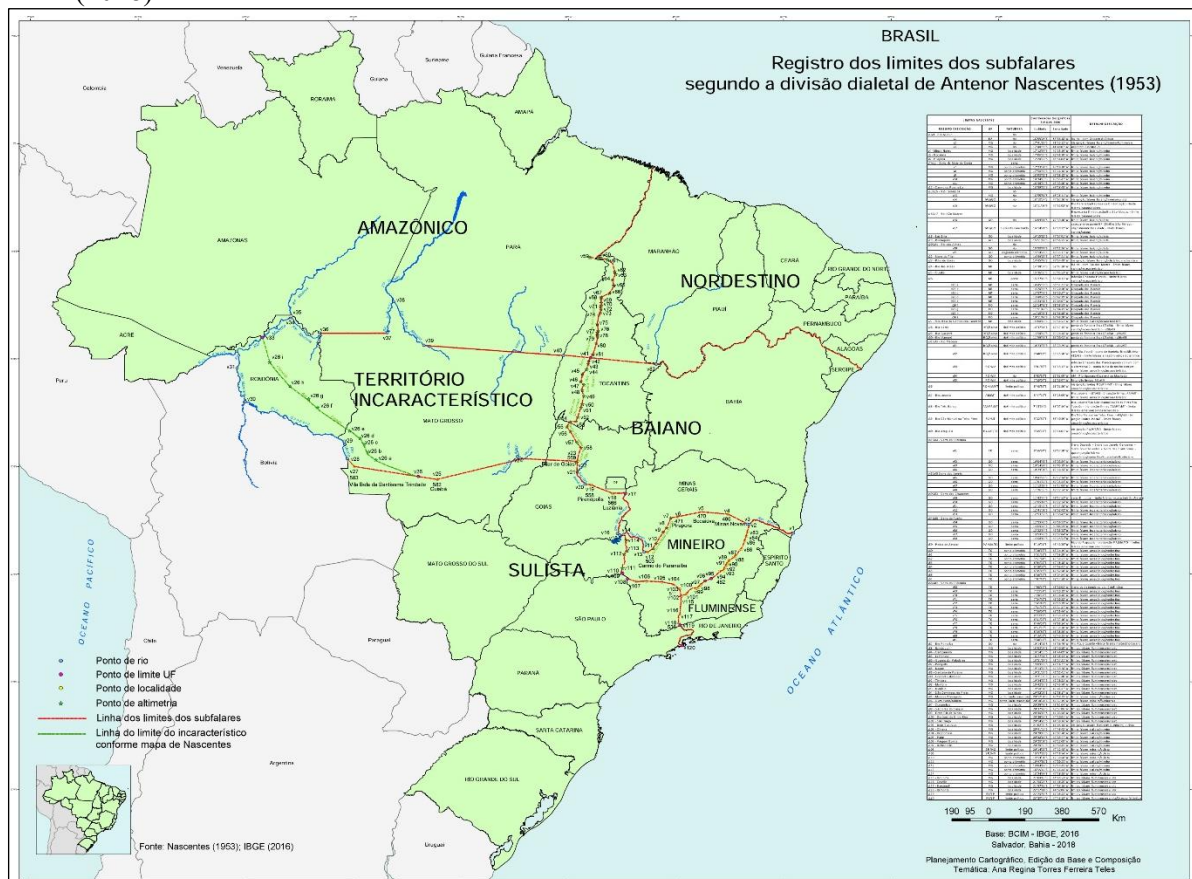
Figura 4 – Divisão dialetal de Nascentes de 1953.



Fonte: Nascentes (1955), p. 218.

Contudo, em 2018, Ana Regina Teles, em sua tese de doutoramento, propõe o georreferenciamento da divisão dialetal de Nascentes da década de 1950, considerando todas as indicações feitas no texto do autor e utilizando a malha do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referente ao território brasileiro.

Figura 5 – Georreferenciamento da divisão dialetal de Nascentes de 1953, conforme proposta de Teles (2018).



Fonte: Teles (2018), p. 485.

Para a delimitação específica do falar fluminense, a autora utiliza vértices definidores dos limites desse subfalar, ou seja, as cidades mencionadas no texto de proposição da divisão dialetal, conforme expõe Nascentes em seu material, e, assim, consegue delimitá-lo com a precisão, como é possível visualizar na figura a seguir.

Figura 6 – Cartograma representativo do subfalar fluminense, segundo proposta de georreferenciamento de Teles (2018)



Fonte: Teles (2018), p. 425.

O trabalho de Ana Regina Teles, realizado na união dos saberes geográficos e linguísticos, é uma contribuição relevante para os estudos dialetais, sobretudo no que tange à elaboração de novas redes de pontos para atlas linguísticos e para trabalhos que se debruçam sobre propostas de divisão dialetal, fornecendo um material que auxilia na mais precisa identificação do espaço.

4.2 ESPÍRITO SANTO E RIO DE JANEIRO: ONTEM E HOJE

A ocupação dos estados do Espírito Santo e do Rio de Janeiro dá-se pouco mais de 30 anos após o estabelecimento dos portugueses no que hoje se conhece como estado da Bahia, sobretudo na região do entorno da Baía de Todos os Santos, onde aportaram no princípio e iniciaram o processo de colonização. A língua que lá chegou difere em alguns

aspectos da língua portuguesa propagada no sudeste brasileiro da época, devido a dinâmicas distintas do processo de escravidão, principalmente; seja por tempo de permanência dos negros escravizados, seja pela época em que foram trazidos, e, por isso, elementos do português do Brasil são tão distintos e ricos em cada local do país.

Para compreender melhor o fenômeno das vogais médias pretônicas nos dois estados, será necessário compreender a disseminação da língua portuguesa nas áreas em questão, os potenciais contatos linguísticos desempenhados e as dinâmicas sociais estabelecidas nos espaços em questão.

As informações trazidas foram retiradas, tanto sobre os estados quanto sobre as localidades, principalmente, do censo realizado pelo IBGE no ano de 2010⁴, o mais próximo da realidade à época da coleta dos dados pelas equipes do Projeto ALiB, dos sites das prefeituras e secretarias dos municípios e do governo do estado, de Institutos Federais e Universidades Federais e Estaduais, arquivos públicos, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sites de turismo, redes sociais das cidades. Em alguns momentos, foi possível encontrar fontes em materiais acadêmicos publicados ou manuais e relatórios produzidos pelo governo estadual, os quais serão devidamente creditados.

4.2.1 Espírito Santo

A história do estado do Espírito Santo está ligada à colonização portuguesa e aos processos de contato linguístico que se estabeleceram desde o século XVI. Antes da chegada dos europeus, o território era habitado por diversos povos indígenas, principalmente falantes de línguas pertencentes aos troncos Tupi e Macro-Jê, como os temiminós e botocudos (Souza, 2009). Essas populações ocupavam o litoral e o interior, praticando atividades agrícolas, de caça e pesca, além de possuírem rica tradição oral.

Com a doação da capitania a Vasco Fernandes Coutinho, em 1534, iniciou-se o processo de colonização portuguesa na região referente ao Espírito Santo (Alvarenga, 2022). A fundação da Vila do Espírito Santo (atualmente Vila Velha) e, posteriormente, de Vitória, em 1551, e marcou o início da presença lusa permanente na região. A

⁴ Os inquéritos que serviram de base ao *corpus* desta dissertação foram gravados entre os anos de 2003 e 2013.

colonização foi lenta e marcada por conflitos com povos indígenas e por dificuldades econômicas.

No final do século XVI, iniciam-se as expedições denominadas de Bandeiras, movimentos realizados pelos paulistas tendo como finalidade penetrar os interiores desconhecidos em busca de ouro. Diegues Jr. (1960) aponta que essa iniciativa tem melhor desenvolvimento já no século XVII e alcança seu auge no século XVIII. Além de serem encontradas às mãos dos autóctones no hoje Brasil, as notícias do ouro também vinham das colônias espanholas, tornando conhecida a presença do metal nas terras. Os grupos de bandeirantes eram compostos, principalmente, por mamelucos (descendentes de indígenas e brancos) e indígenas aliados, pois conheciam os costumes dos originários e sabiam como adentrar as matas, bem como apresenta Holanda (1986):

Ainda aqui, bem apurado, é um aspecto da influência indígena que insiste em sobreviver em terra onde foram assíduas a comunicação e a mestiçagem com O gentio. Influência que viria animar, senão tornar possíveis as grandes empresas bandeirantes. Sabemos como era manifesta nesses conquistadores a marca do chamado selvagem, da raça conquistada. Em seu caso ela não representa uma herança desprezível e que deva ser dissipada ou oculta, não é um traço negativo e que cumpre superar; constitui, ao contrário, elemento fecundo e positivo, capaz de estabelecer poderosos vínculos entre o invasor e a nova terra. (Holanda, 1986, p. 18)

O autor também aponta que os bandeirantes eram agentes de uma expansão territorial marcada pela precariedade, pela violência e pelo imprevisto, cujos objetivos eram a captura de indígenas, a busca por riquezas e a sobrevivência econômica. Embora as bandeiras tenham promovido diversas interações no que hoje é o Brasil, o movimento não foi intenso e não provocou alterações na dinâmica dos povos na região do Espírito Santo.

A presença de africanos escravizados também se faz presente já no século XVI, logo após a fundação da Capitania do Espírito Santo (1534). Embora o estado não tenha sido um dos maiores centros escravistas do Brasil, a escravidão foi base da economia local, especialmente nos engenhos de açúcar da região da baía de Vitória, Vila Velha, Cariacica e Guarapari, além das fazendas de café e cana no sul do estado, como em Cachoeiro de Itapemirim, Anchieta, Itapemirim, Muqui, entre outros.

Os portos de Vitória e Regência, em Linhares, recebiam parte dos navios negreiros vindos de portos do Rio de Janeiro e da Bahia, redistribuindo pessoas escravizadas para o interior capixaba. No Espírito Santo, o predomínio foi banto, especialmente angolas e congos, que eram os mais numerosos (Pimenta; Mello; Martins, 2018). Segundo Silva *et*

al. (2021), eram mais de 400 grupos de etnias distintas, provenientes de áreas “desde Camarões, África Austral, África Central e África Oriental” (Silva *et al.*, 2021, p. 253).

Mattos e Silva (2008) aponta para mais um importante papel exercido pelos escravizados no processo de formação do que hoje se conhece como Brasil, destacando o significado de sua presença marcada até os dias de hoje:

A presença maciça dos africanos e afro-descendentes (sic) que a demografia histórica demonstra; a atuação constante dos escravos na frentes de economia da colonização; a mobilidade geográfica, decorrente das vicissitudes da vida econômica de seus senhores e da economia brasileira; os diversificados e múltiplos papéis por eles desempenhados na sociedade colonial rural e urbana; o significado social e lingüístico dos espaços ilegítimos da escravidão permitem embasar o meu ponto de vista interpretativo de que é esse segmento numeroso e operante – os africanos e afro-descendentes (sic) – o agente principal da difusão do português no território brasileiro, na sua face majoritária, popular ou vernácula (Mattos e Silva, 2008, p. 106)

Destaca-se, assim, o papel do sujeito negro, escravizado, na disseminação de um português adquirido em meio a um contexto fragmentado e de violência, por diferentes partes do que viria a ser o Brasil, dado o seu papel como mão-de-obra na economia colonial.

Durante os séculos XVII e XVIII, o Espírito Santo permaneceu relativamente isolado das demais capitanias, devido, principalmente, a políticas da coroa portuguesa que a usaram como barreira contra o contrabando de ouro vindo de Minas Gerais, restringindo o acesso ao seu interior e prejudicando seu desenvolvimento. Essa medida de "sufocamento" administrativa e militar, imposta por quase um século, impediu a criação de vilas fora do litoral e controlou a rota do ouro (Franco, 2015).

No século XIX, com a independência do Brasil e a intensificação da imigração europeia, o cenário lingüístico tornou-se ainda mais plural. A chegada de imigrantes italianos, alemães e pomeranos, especialmente na Região Serrana, a partir de 1875, introduziu novas línguas ao espaço capixaba (Franco, 2015). Em comunidades como Santa Leopoldina, Domingos Martins e Santa Teresa, essas línguas conviveram com o português, criando situações de bilinguismo e contato lingüístico prolongado.

No século XX, a expansão urbana e o desenvolvimento industrial, sobretudo a partir da década de 1970, favoreceram a difusão da variedade urbana do português, especialmente na grande Vitória, ao passo que as línguas de imigração passaram a sofrer certa retração. Franco (2015) aponta que, com a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e o posicionamento do Brasil contra as Nações do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), houve uma retaliação contra os imigrantes residentes do Espírito Santo, o que gerou fortes conflitos na época.

Tal decisão levou a que descendentes de italianos e alemães, que haviam se estabelecido como imigrantes a partir do século XIX, começassem a ser perseguidos. A situação se complicou ainda mais depois que submarinos alemães afundaram o navio brasileiro *Baependi*, resultando na morte do professor de Educação Física capixaba Adão Benezath. (Franco, 2015, p. 86).

Ainda assim, línguas como o pomerano⁵ e o italiano, por exemplo, continuam a ser utilizadas nas comunidades de imigrantes dispersas no estado. Em alguns casos, o português ainda é adquirido como segunda língua das crianças pomeranas⁶.

Atualmente, o português falado no Espírito Santo apresenta características típicas do português brasileiro, mas também traços regionais resultantes de sua formação histórica, do contato entre grupos étnicos e da influência de variedades do Sudeste e Nordeste (Citeli, 2017; Scardua, 2018).

Desse modo, a história do Espírito Santo evidencia como fatores históricos, migratórios e socioculturais moldaram a configuração linguística atual do estado, tornando-o um espaço de diversidade e conservação linguística singular no contexto brasileiro.

4.2.2 Rio de Janeiro

O território que hoje corresponde ao estado do Rio de Janeiro era originalmente habitado por povos indígenas tupi, sobretudo *tamoios* e *temiminós*, dentre outros grupos falantes de mais de 20 línguas. *Tamoios* era como os moradores da capitania daquela época chamavam os tupis, como apresenta Carvalho Franco (1940, p. 22): “*tamoyos* e *tabayaras*, aos *tupynambás* do Rio de Janeiro e seu reconcavo, onde também se encontravam *tupyniquins* e *maracayás*”. Eles ocupavam a faixa litorânea e mantinham complexas redes de sociabilidade, economia e guerra antes da colonização europeia

⁵ Os pomeranos, oriundos da antiga região da Pomerânia, na Europa (hoje dividida entre o norte da Alemanha e Polônia), povoaram além da parte central do estado parte do norte do Espírito Santo. Destaca-se, aqui, a presença deste povo, pois estima-se que vivam cerca de 150 mil pomeranos, hoje, em todo o estado, sendo a língua pomerana utilizada nas trocas linguísticas cotidianas dessas comunidades, junto ao português. Trata-se de uma língua ágrafa, perpetuada na tradição oral das diferentes gerações pomerano-brasileiras, uma vez que não há registros desse povo na Europa contemporânea. Informações disponíveis em <https://wp.ufpel.edu.br/tesouro-linguistico/2019/12/06/pomerano-uma-lingua-brasileira/>. Acesso em jan. 2026.

⁶ Em estudo realizado na cidade de Domingos Martins (região central do ES), na década de 1980, verificou-se que 90% dos habitantes não falavam português e que a maior parte das crianças ingressavam na escola falando apenas o pomerano. (Foerste *et al.*, 2019, p.5). Domingos Martins fica a 65 km de Santa Teresa e a 170 Km de Alegre, localidades contempladas na rede de pontos do ALiB.

(Fausto, 2006). A presença indígena foi decisiva nos primeiros contatos com os europeus e nas disputas pelo controle da região.

A ocupação portuguesa do Rio de Janeiro consolidou-se apenas na segunda metade do século XVI, após a expulsão dos franceses, que haviam estabelecido a colônia da França Antártica na baía de Guanabara em 1555, após anos de esquecimento da região devido ao processo de extração do Pau-Brasil. Nesse tempo, os franceses se aproveitavam da pouca movimentação dos portugueses, a fim de firmar amizade com os povos nativos, em prol de interesses comerciais.

Em 1534, com a instauração do sistema de capitanias hereditárias, a região em que hoje se encontra o Rio de Janeiro passou a compor a Capitania de São Vicente, cujo donatário era Martim Afonso de Souza, responsável possuidor, porém não proprietário das terras (Fausto, 2006). Em sequência, a fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1565, por Estácio de Sá, marcou o início do domínio português efetivo na região (Abreu, 1997).

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, o Rio de Janeiro adquiriu crescente importância estratégica e econômica. Sua posição geográfica favoreceu o desenvolvimento do porto, que se tornou fundamental para o escoamento da produção de ouro proveniente das Minas Gerais. Nesse período, intensificou-se o processo de escravidão na região.

O contingente de africanos trazido para o território sulamericano entre os anos de 1502 e 1860 foi de mais de 9 milhões e meios e, dentre os países em processo de colonização nessa região e nesse período, o Brasil foi o maior importador de escravizados (Mattoso, 2003). Havia contrabandistas fluminenses envolvidos no tráfico de negros africanos, os quais faziam o precário transporte da África Ocidental e África Oriental (Karasch, 2000 [1987]), da costa da Guiné, negros bantos provenientes da região equatorial do continente, saídos dos portos de Luanda, Benguela, Congo e Ambriz, até chegarem ao Brasil e serem encaminhados ao Rio de Janeiro (Silva, 2018).

A mão de obra africana foi altamente utilizada para a economia fluminense, atuando em diferentes setores. Na cidade do Rio de Janeiro, os africanos escravizados estavam presentes em atividades portuárias, no comércio, nos serviços domésticos e em obras públicas. No interior do estado, especialmente no Vale do Paraíba, sua presença foi decisiva para a expansão da lavoura cafeeira no século XIX, configurando uma das regiões de maior concentração de população escravizada do país, de acordo com Mattos (2013[1995]).

No que tange à língua, o contato prolongado entre falantes de línguas africanas e o português europeu contribuiu para a formação de variedades do português brasileiro urbano e rural no Rio de Janeiro. As línguas bantas, em particular, exerceram influência significativa no léxico, na prosódia e em práticas discursivas do português falado, tendo fornecido vocabulário relacionado ao cotidiano, à religiosidade e às manifestações culturais (Petter, 2007; Lucchesi, 2009), bem como ocorreu em outros locais, como o estado da Bahia.

Callou *et al.* (2020), por outra via, reafirmam a importância de uma nova leva de portugueses na cidade do Rio de Janeiro para a manutenção das variedades rural e urbana no século XIX:

Uma história dos contatos linguísticos no decorrer do século XIX deve, inevitavelmente, se debruçar também sobre a imigração portuguesa para o Rio de Janeiro, que foi contínua ao longo de todo o período imperial. Os dados demográficos do censo de 1872 e 1890 sugerem que a imigração foi relevante para a configuração de diferenças entre as regiões da cidade, tendo provavelmente contribuído para a oposição entre uma fala urbana e uma fala rural, com os portugueses marcando a primeira, numa intensidade que ainda não é possível precisar. (Callou *et al.*, 2020, p. 353).

Em razão do crescimento econômico promovido pela região, a cidade do Rio de Janeiro, fundada em 1565, foi elevada à condição de capital da colônia em 1763, substituindo Salvador, o que provoca o crescimento urbano, administrativo e populacional da cidade.

No início do século XIX, a transferência da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808, promoveu profundas transformações políticas, econômicas e culturais no Rio de Janeiro. A cidade passou a sediar instituições administrativas, culturais e educacionais, consolidando-se como o principal centro político do Império brasileiro, após a independência, em 1822. Cidades como Petrópolis, na região serrana, foram ocupadas pela corte portuguesa.

Durante o século XIX, a economia do estado esteve fortemente associada à lavoura cafeeira, especialmente no Vale do Paraíba, sustentada pela mão de obra africana escravizada. Esse período foi marcado por intensa concentração de riqueza e população escravizada, bem como por profundas desigualdades sociais, cujos efeitos se prolongaram no período pós-abolição (Mattos, 2013[1995]; Karasch, 2000[1987]).

Com a Proclamação da República, em 1889, o Rio de Janeiro manteve-se como capital federal, posição que ocupou até 1960, quando a sede do governo foi transferida para Brasília. No século XX, o estado passou por acelerados processos de urbanização e

industrialização, acompanhados de desafios sociais e espaciais decorrentes do crescimento populacional.

Em 1975, ocorreu a fusão entre o antigo estado da Guanabara e o estado do Rio de Janeiro, definindo a configuração territorial atual. Hoje, o Rio de Janeiro destaca-se pela relevância histórica e cultural no cenário nacional, sendo marcado por uma formação social diversa, resultante da interação entre populações indígenas, africanas e europeias ao longo de sua história.

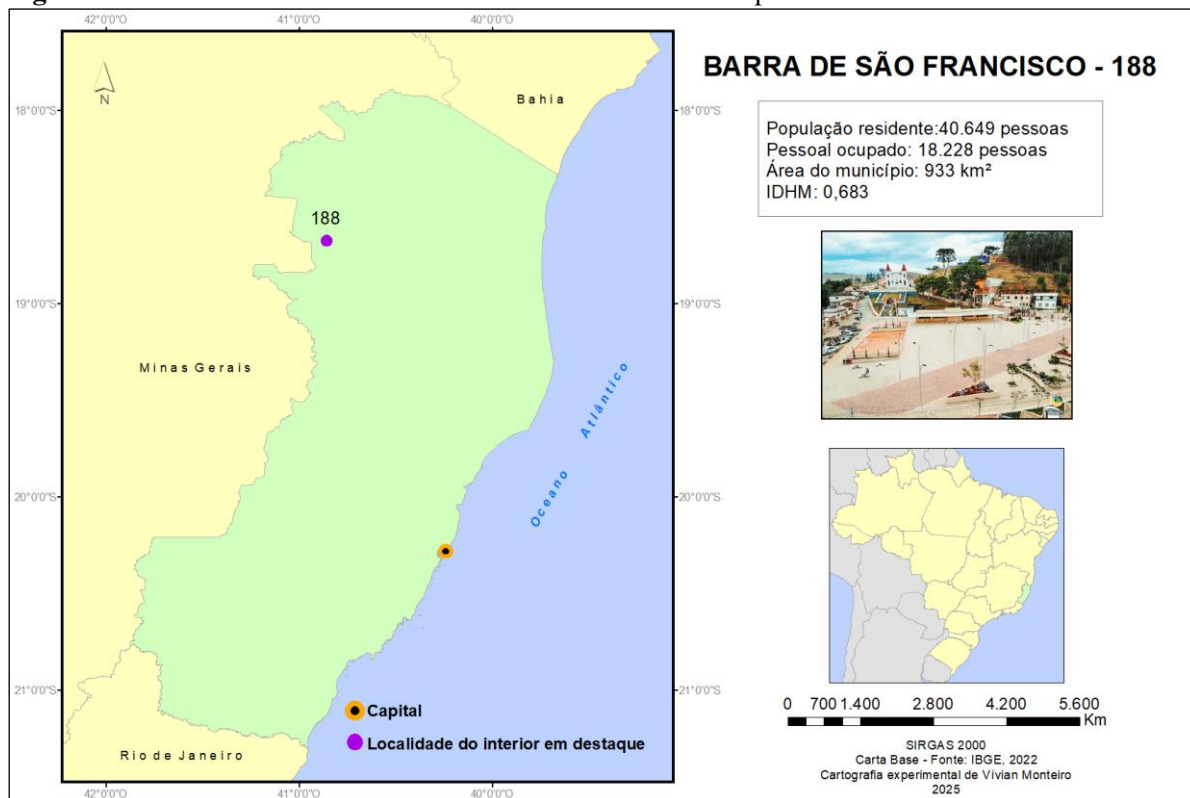
4.3 AS LOCALIDADES

Neste tópico, serão apresentadas as principais características a respeito das cidades dos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro que compõem a rede de pontos da presente pesquisa, a fim de observar aspectos que se mostrem relevantes para o entendimento da dinâmica linguística acerca das localidades, o que também auxiliará na compreensão de alguns resultados obtidos.

4.3.1 188 – Barra de São Francisco (ES)

O município de Barra de São Francisco está localizado na região noroeste do estado do Espírito Santo, distando 264 quilômetros da capital Vitória. Além disso, faz divisa com outros municípios capixabas e com o estado de Minas Gerais. Localiza-se a cerca de 180 Km de distância do extremo sul da Bahia.

Figura 7 – A cidade de Barra de São Francisco no estado do Espírito Santo.⁷



Fonte: elaborada pela autora.

A cidade foi emancipada politicamente em 1943, desmembrando-se de São Mateus, também ponto desta rede, o qual será mais explorado em sequência. Seu processo de formação esteve ligado à expansão das frentes de colonização do interior capixaba, impulsionadas pela abertura de caminhos, pela exploração de recursos naturais e pelo avanço da agricultura.

A economia de Barra de São Francisco é marcada principalmente pela agropecuária, com destaque para a produção de café, além da pecuária de corte e de leite. O município também se insere no contexto regional da extração e beneficiamento de rochas ornamentais, atividade relevante no norte e noroeste do Espírito Santo. O comércio e o setor de serviços exercem papel importante na dinâmica econômica local, atendendo tanto a população urbana quanto a rural.

Do ponto de vista demográfico, Barra de São Francisco apresenta uma população distribuída entre a sede municipal e áreas rurais, refletindo características típicas de municípios do interior capixaba. A organização social e cultural do município resulta da

⁷ IDHM corresponde ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, referente a cada um dos municípios que serão apresentados no presente tópico. O IDHM é utilizado para indicar marcadores em desenvolvimento humano e também a qualidade de vida. Muitas vezes é utilizado como método comparativo.

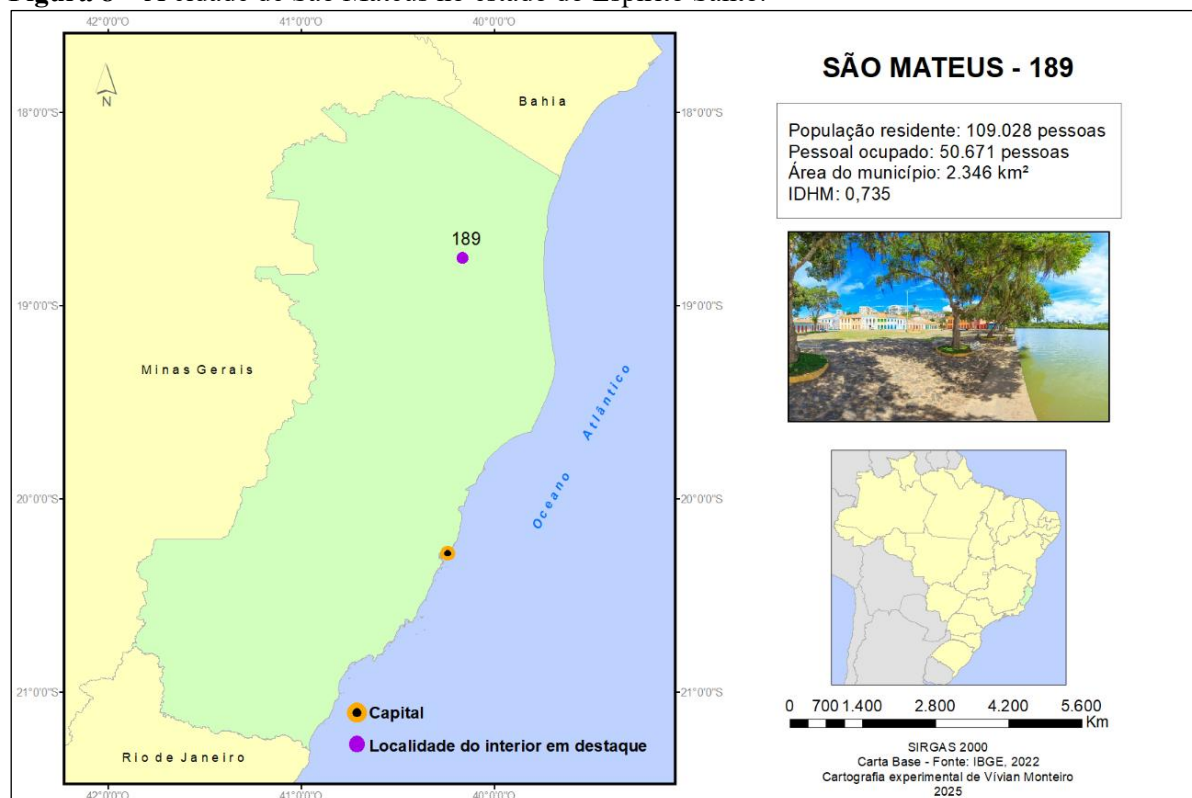
interação entre populações indígenas originárias, colonizadores europeus, populações afrodescendentes e migrantes internos, sobretudo mineiros, que influenciaram costumes, práticas culturais e a formação linguística local.

Em termos administrativos, o município conta com órgãos públicos responsáveis pelas áreas de educação, saúde, assistência social e infraestrutura urbana, integrando-se às políticas públicas estaduais e federais. Barra de São Francisco desempenha, assim, papel relevante na articulação econômica e social do noroeste capixaba.

4.3.2 189 – São Mateus (ES)

São Mateus é um município localizado na região nordeste do estado do Espírito Santo, destacando-se por sua importância histórica, econômica e cultural. Sua posição geográfica, próxima ao litoral e a importantes rotas fluviais, especialmente o rio São Mateus, favoreceu a ocupação do território desde o período colonial. Dentre as localidades da rede de pontos do ES, é aquela que está mais próxima do extremo sul baiano, distando 100 km.

Figura 8 – A cidade de São Mateus no estado do Espírito Santo.



Fundada no século XVI, São Mateus destaca-se entre os municípios mais antigos do Espírito Santo, tendo sido oficialmente elevado à condição de vila em 1764. Sua formação histórica esteve diretamente ligada à colonização portuguesa, à exploração econômica da região e à utilização de mão de obra escravizada de origem africana, fatores que marcaram profundamente sua organização social e cultural.

A economia do município é diversificada. Tradicionalmente associada à agricultura, com destaque para a produção de café, cana-de-açúcar e mandioca, São Mateus também possui forte presença dos setores industrial, comercial e de serviços. A exploração de petróleo e gás natural na região norte do estado favoreceu o desenvolvimento econômico e a ampliação da infraestrutura urbana e regional.

Do ponto de vista demográfico, São Mateus possui uma população distribuída entre a sede municipal, distritos e áreas rurais, refletindo uma dinâmica urbana em crescimento. O município abriga comunidades tradicionais, como remanescentes de quilombos, além de expressiva diversidade cultural, resultado do encontro de culturas de povos indígenas, colonizadores europeus, africanos escravizados e migrantes de diferentes regiões do país.

Em termos administrativos e sociais, São Mateus conta com rede de serviços públicos nas áreas de educação, saúde e assistência social, além de instituições de ensino superior e técnico. O município exerce papel estratégico como polo regional no norte capixaba, influenciando economicamente e socialmente municípios vizinhos.

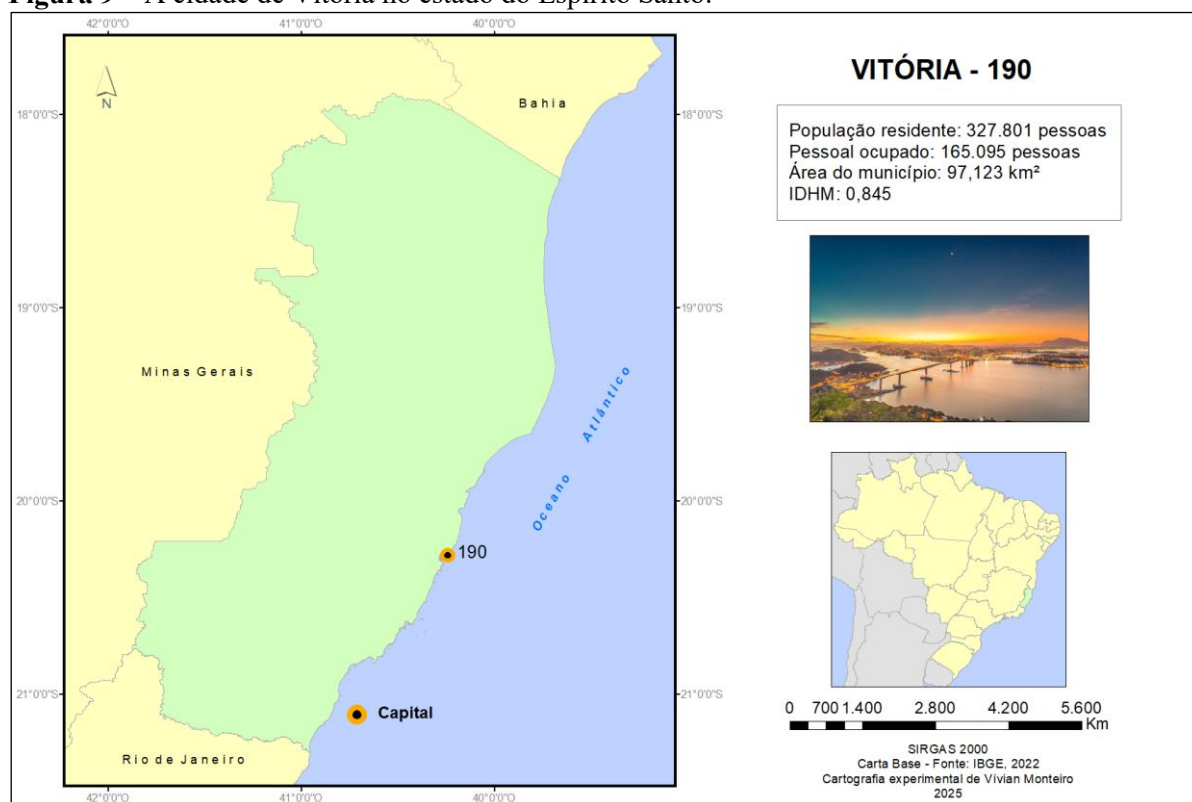
De acordo com dados do IBGE, São Mateus possuía, em 2010, um contingente de 49.027 pessoas residentes não naturais do município, contabilizando aproximadamente 45% da população. Dentre elas, 23.392 não são do estado capixaba, o que indica uma pluralidade de indivíduos, consequentemente, contatos interdialetais intensos. Das pessoas de fora do estado, mais de 13 mil residem em São Mateus há mais de dez anos, e mais de 8 mil moram entre um e nove anos.

4.3.3 190 – Vitória (ES)

Vitória é a capital do estado do Espírito Santo, localizada na região Sudeste do Brasil. O município, também a sudeste do estado, distingue-se por sua configuração territorial singular, sendo composto majoritariamente por uma ilha, além de áreas continentais, o que influencia sua organização urbana, econômica e ambiental. Sua

posição estratégica na costa brasileira favoreceu, desde o período colonial, a ocupação do território e o desenvolvimento de atividades portuárias.

Figura 9 – A cidade de Vitória no estado do Espírito Santo.



Fonte: elaborada pela autora.

A cidade foi fundada em 8 de setembro de 1551, tornando-se uma das capitais mais antigas do país. Sua formação histórica está associada ao processo de colonização portuguesa, à defesa do território e à exploração econômica, inicialmente baseada na agricultura e, posteriormente, no comércio marítimo. Ao longo do tempo, Vitória consolidou-se como centro administrativo e político do estado.

A economia do município é fortemente orientada para os setores de serviços, comércio e administração pública, além de atividades ligadas à logística e à operação portuária. O porto de Vitória e os complexos portuários da região metropolitana desempenham papel relevante na economia estadual, integrando o Espírito Santo às redes nacionais e internacionais de circulação de mercadorias.

Do ponto de vista demográfico, Vitória apresenta população predominantemente urbana e altos indicadores sociais quando comparada a outros municípios capixabas. A cidade abriga significativa diversidade cultural, resultante da presença histórica de povos indígenas, colonizadores europeus, populações afrodescendentes e fluxos migratórios internos e externos, que contribuíram para a formação social e cultural local.

O Espírito Santo apresenta particularidades quanto à evolução dos padrões demográficos, comparado aos outros estados da Região Sudeste, em decorrência dos fatores históricos, políticos e econômicos que condicionaram a colonização e o povoamento do território. A ocupação do espaço evoluiu lentamente, o processo só se intensificou na segunda metade do século XIX, em consequência dos programas nacionais e locais elaborados para incentivar a imigração europeia, que se constituiu no mais importante vetor do crescimento da população do Espírito Santo. (Castiglioni, 2019, p. 37).

O processo de formação populacional de Vitória esteve fortemente associado a diferentes fluxos migratórios ao longo de sua história. Inicialmente, a ocupação do território contou com a presença de povos indígenas, especialmente grupos de matriz tupi, que habitavam a região antes da chegada dos colonizadores portugueses no século XVI. A colonização portuguesa introduziu novos padrões sociais, econômicos e culturais, além do uso sistemático de mão de obra africana escravizada, cuja presença foi responsável pela construção material e simbólica da cidade.

Durante os séculos XIX e início do XX, Vitória recebeu imigrantes europeus, principalmente italianos, alemães e portugueses, que se estabeleceram tanto na capital quanto em áreas do interior do estado, mas mantiveram relações econômicas e comerciais com a cidade. Esses grupos contribuíram para a diversificação cultural, linguística e econômica do município, influenciando práticas urbanas e religiosas, como explicita Pessotti (2021),

a primitiva espacialidade de Vitória refletiu um processo ideológico de domínio e representação desse lugar. O processo de repetição e propagação da hierofania fundou ontologicamente um mundo sagrado (Eliade, 1992), sob a égide da fé católica. O processo de organização social e espacial da vila fundamentou-se na religiosidade. (Pessotti, 2021, p. 3).

A partir da segunda metade do século XX, o município passou a atrair intensos fluxos de migração interna, sobretudo de outras regiões do Espírito Santo e de estados vizinhos, como Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro (Dota; Coelho; Camargo, 2017). Segundo os dados encontrados no censo 2010 do IBGE, dos 327.801 residentes de Vitória, 72.938 eram naturais de outros estados, enquanto 183.125 eram nascidos e criados na capital e outros 71.738 eram de outros municípios capixabas.

Esse movimento deve estar relacionado ao processo de urbanização, industrialização e expansão do setor de serviços, além da centralização administrativa da capital. A migração interna contribuiu para o crescimento populacional, a ampliação das áreas urbanas e a formação de novos bairros. Além disso, “o encanto da cidade e seus grupos tradicionais regionais fazem com que Vitória seja um destino turístico cada vez mais em ascensão”, como afirma Ceteli (2017, p. 57).

Nas últimas décadas, Vitória também passou a integrar dinâmicas mais amplas de mobilidade populacional, recebendo migrantes em busca de oportunidades de trabalho, estudo e acesso a serviços especializados. Esses fluxos migratórios continuam a moldar a configuração social da cidade, reforçando sua condição de polo urbano e administrativo. Em termos administrativos e sociais, Vitória concentra órgãos do governo estadual, instituições públicas e privadas de ensino superior, além de ampla rede de serviços nas áreas de saúde, educação e cultura. Integrada à Região Metropolitana da Grande Vitória, a capital exerce papel central na articulação econômica, política e social do Espírito Santo.

4.3.4 191 – Santa Teresa (ES)

Santa Teresa é um município serrano do estado do Espírito Santo, caracterizando-se por seu relevo montanhoso, clima ameno e significativa cobertura de Mata Atlântica. Localizado a apenas 78 quilômetros da capital Vitória, sua posição geográfica e condições naturais favoreceram tanto a ocupação humana quanto o desenvolvimento de atividades agrícolas ao longo de sua história.

Figura 10 – A cidade de Santa Teresa no estado do Espírito Santo.



Fonte: elaborada pela autora.

O município foi fundado em 1874, no contexto das políticas de incentivo à imigração europeia promovidas pelo Império brasileiro. Santa Teresa é reconhecida como o primeiro núcleo de colonização italiana do Espírito Santo, tendo recebido famílias provenientes, sobretudo, do norte da Itália. Esse processo marcou profundamente a organização social, econômica e cultural do município.

A economia de Santa Teresa baseia-se na agricultura familiar, com destaque para a produção de café, hortaliças e outros cultivos típicos de áreas de montanha. Atualmente, o município também se destaca pelo turismo histórico, cultural e ecológico, aproveitando seu patrimônio arquitetônico, festas populares e paisagens naturais.

A formação populacional de Santa Teresa está fortemente ligada aos processos de imigração ocorridos na segunda metade do século XIX. Esses imigrantes, mais fortemente os italianos, foram assentados em colônias agrícolas, onde desenvolveram pequenas propriedades rurais. A migração italiana foi fundamental na organização do espaço rural, na introdução de novas práticas agrícolas e na consolidação da agricultura cafeeira, que se tornou uma das principais atividades econômicas da região. Esse modelo de colonização diferenciou Santa Teresa de outras áreas do estado marcadas por grandes propriedades e pelo uso intensivo de mão de obra escravizada.

Além dos italianos, Santa Teresa recebeu, em menor escala, migrantes de outras origens europeias, como alemães e pomeranos – que se espalharam por toda a região serrana do ES –, bem como fluxos internos de população, provenientes de diferentes regiões do estado. Ao longo do século XX, a migração interna intensificou-se, acompanhando mudanças econômicas, a expansão das redes de transporte e a urbanização gradual do município.

Do ponto de vista sociocultural, a imigração deixou marcas profundas na identidade local. Elementos como a língua, a religiosidade, a arquitetura, as festas populares e os hábitos alimentares refletem a herança dos grupos imigrantes, especialmente italianos, que continuam a desempenhar papel importante na memória coletiva e no patrimônio cultural de Santa Teresa.

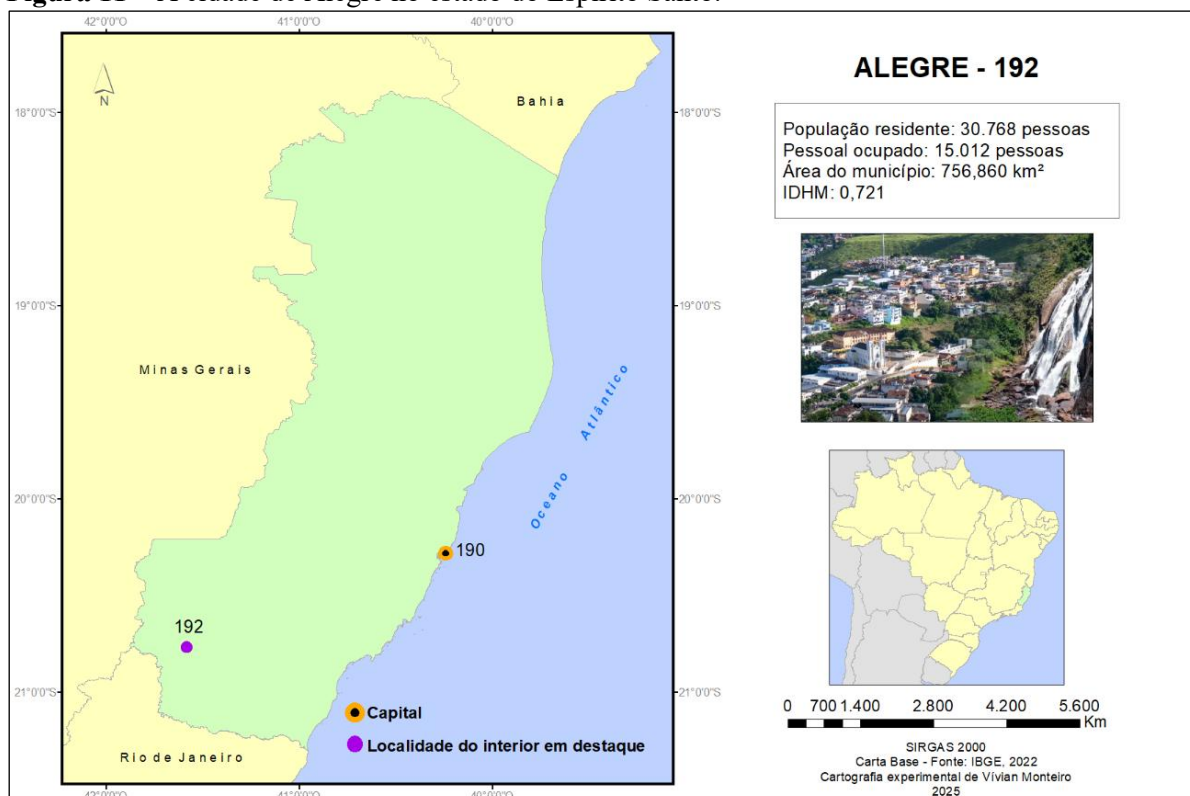
Nas últimas décadas, o município passou a vivenciar novas dinâmicas migratórias, incluindo movimentos de retorno ao campo, migração por qualidade de vida e atração de novos moradores vinculados ao turismo, à pesquisa científica, sobretudo nas áreas da biologia, ecologia, meio ambiente e ciências agrárias; e às atividades culturais. Esses fluxos contemporâneos convivem com a herança histórica da imigração, contribuindo para a contínua transformação social e demográfica do município.

Apesar de não possuir instituições de ensino superior em Santa Teresa, existe uma intensa produção científica que envolve a área, a qual está ligada principalmente a instituições públicas de pesquisa e ensino, como o Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA), o Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) – *Campus* Santa Teresa, a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e pesquisadores vinculados a universidades brasileiras e estrangeiras.

4.3.5 192 – Alegre (ES)

O município de Alegre está localizado ao sul do estado do Espírito Santo, caracterizado por relevo ondulado a montanhoso e pela presença de importantes cursos de água, como o rio Itapemirim, que teve papel importante na ocupação e no desenvolvimento da região. Sua posição geográfica favoreceu a integração entre áreas rurais e centros urbanos do sul capixaba.

Figura 11 – A cidade de Alegre no estado do Espírito Santo.



Fonte: elaborada pela autora.

O município foi fundado no século XIX e emancipado politicamente ainda em 1884, em um contexto marcado pela expansão da cafeicultura, atividade que impulsionou o crescimento econômico e populacional da região. A formação histórica de Alegre, assim

como outros já apresentados aqui, esteve associada à presença de povos indígenas, colonização portuguesa, ao uso de mão de obra escravizada de origem africana e, posteriormente, também à imigração europeia, especialmente italiana.

A economia de Alegre tem como fonte a agropecuária, com destaque para a produção de café, além da pecuária e de culturas alimentares voltadas ao abastecimento da própria região próxima. Nas últimas décadas, os setores de serviços e educação ganharam maior relevância, impulsionados pela instalação de instituições de ensino superior.

Sobre os pontos demográfico e social, Alegre apresenta população distribuída entre a sede municipal e áreas rurais da cidade, mantendo forte vínculo com o campo. O município exerce papel de referência regional na oferta de serviços educacionais, sobretudo devido à presença da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Campus Alegre, que contribui para a dinâmica econômica, cultural e científica local. O *campus* possui cursos de graduação e pós-graduação, com destaque nas áreas de ciências agrárias, ciências biológicas, engenharias e ciências ambientais. A presença da UFES contribui significativamente para a produção científica regional, especialmente em temas como agricultura sustentável, manejo de recursos naturais, biodiversidade, desenvolvimento rural e meio ambiente.

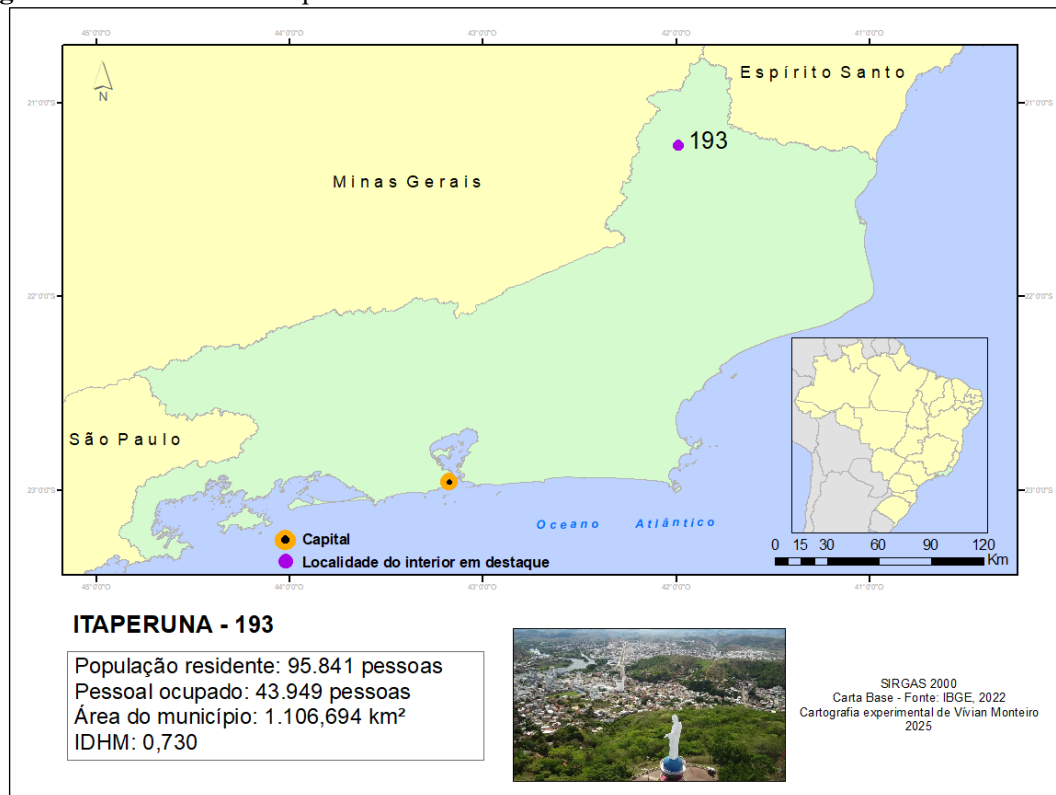
Além do ensino, a UFES em Alegre se sobressai na pesquisa e na extensão universitária, desenvolvendo projetos voltados às demandas locais e regionais. Essas ações envolvem parcerias com produtores rurais, escolas, órgãos públicos e comunidades, promovendo a difusão de conhecimento científico e tecnológico e fortalecendo o desenvolvimento socioeconômico do município e de seu entorno.

Outra instituição relevante é o Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) – *Campus* de Alegre, que oferece cursos de graduação tecnológica, além de cursos técnicos e de formação continuada. O IFES atua de forma conjunta ao ensino superior, com foco em áreas aplicadas, inovação tecnológica e formação profissional, contribuindo para a qualificação da mão de obra regional.

4.3.6 193 – Itaperuna (RJ)

Itaperuna é um município localizado na região noroeste do estado do Rio de Janeiro, está a 320 quilômetros da capital e possui uma área de aproximadamente 1.107 km², tendo divisas próximas aos estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

Figura 12 – A cidade de Itaperuna no estado do Rio de Janeiro.



Fonte: elaborada pela autora.

A história de Itaperuna inicia-se no século XIX, período em que a ocupação do território esteve associada à expansão da agropecuária, especialmente da cafeicultura, o que favoreceu o crescimento populacional e econômico da região. O município foi emancipado politicamente em 1889, consolidando-se como centro administrativo regional.

A economia de Itaperuna apresenta caráter diversificado. Embora a agropecuária tenha desempenhado papel relevante em sua formação, atualmente destacam-se os setores de comércio, serviços, saúde e educação. O município abriga hospitais, instituições de ensino superior e uma rede de serviços que atende não apenas a população local, mas também municípios vizinhos do noroeste fluminense e de estados limítrofes.

Dos pontos de vista demográfico e social, Itaperuna possui população predominantemente urbana, com forte influência de fluxos de migração interna,

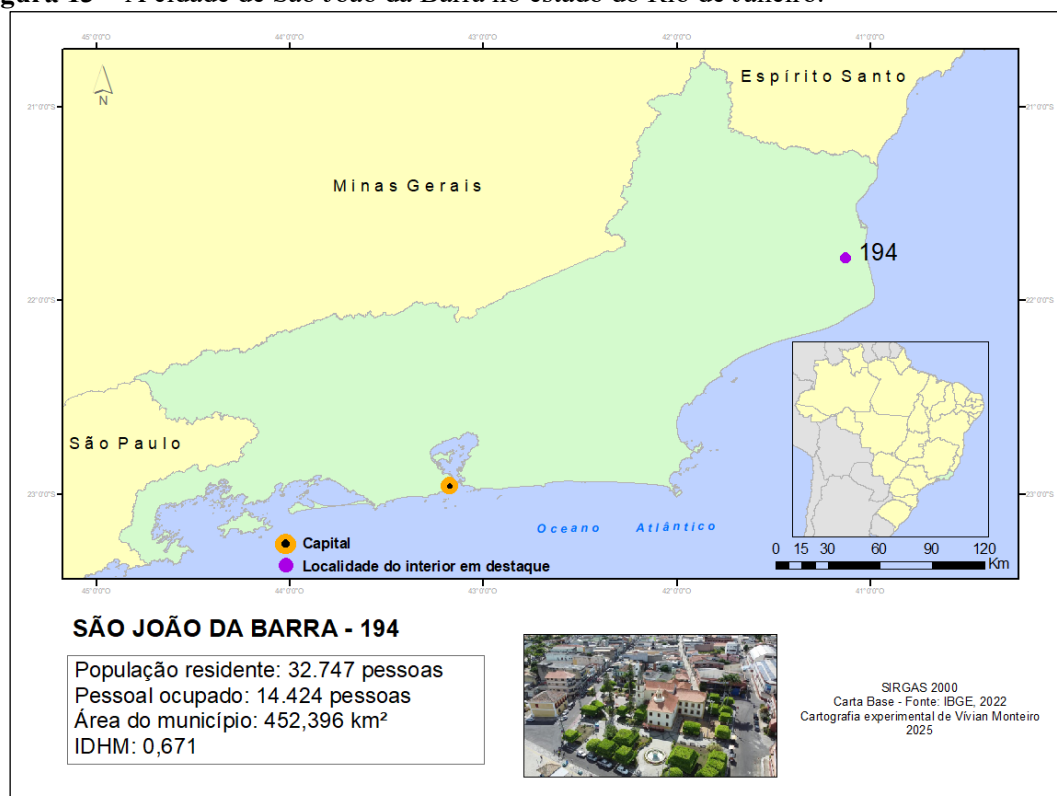
especialmente provenientes de municípios menores da região. Essa dinâmica reforça sua função de polo regional e contribui para a diversidade social e cultural do município.

Em termos administrativos e urbanos, Itaperuna conta com infraestrutura de serviços públicos nas áreas de saúde, educação e assistência social, além de instituições de ensino superior que fortalecem sua importância como centro educacional regional. Dessa forma, o município desempenha papel estratégico no desenvolvimento econômico e social do Noroeste do estado do Rio de Janeiro.

4.3.7 194 – São João da Barra (RJ)

São João da Barra é um município localizado na região nordeste do estado do Rio de Janeiro, situando-se próximo à foz do rio Paraíba do Sul e ao litoral Atlântico. Sua posição geográfica, entre o interior fluminense e o oceano, influenciou o desenvolvimento de atividades econômicas ligadas à navegação, ao comércio e à agropecuária.

Figura 13 – A cidade de São João da Barra no estado do Rio de Janeiro.



Fonte: elaborada pela autora.

O município possui origem no período colonial, tendo sido fundado no século XVII e emancipado politicamente em 1850. Sua formação esteve associada à colonização

portuguesa, à exploração agrícola e ao uso de mão de obra escravizada, fatores que marcaram a organização social e econômica local ao longo do tempo.

A economia de São João da Barra foi tradicionalmente baseada na agricultura, com destaque para a produção de cana-de-açúcar, arroz e outros cultivos típicos das áreas de planície. Nas últimas décadas, o município passou por transformações significativas em sua dinâmica econômica, especialmente com a implantação do Complexo Portuário do Açú, que ampliou a importância do setor industrial, logístico e de serviços na região.

As atividades de pesca desempenham papel histórico e socioeconômico relevante em São João da Barra. A pesca artesanal, realizada tanto no rio Paraíba do Sul quanto no litoral, constitui importante fonte de renda e identidade cultural para comunidades locais. Além da pesca artesanal, há presença de pesca costeira de pequeno porte, integrada à economia regional. A atividade pesqueira está diretamente ligada à dinâmica ambiental da foz do rio e do oceano, sendo sensível a fatores como variações climáticas, assoreamento e mudanças no uso do território. Transformações associadas ao desenvolvimento portuário e industrial trouxeram novos desafios às comunidades pesqueiras, estimulando debates sobre sustentabilidade, preservação ambiental e políticas públicas de apoio à pesca tradicional.

No tocante à demografia, São João da Barra também apresenta população distribuída entre a sede municipal, distritos e áreas rurais, refletindo uma transição entre características rurais e urbanas. A presença do litoral e de áreas naturais contribui também para o desenvolvimento do turismo, especialmente em praias e localidades costeiras.

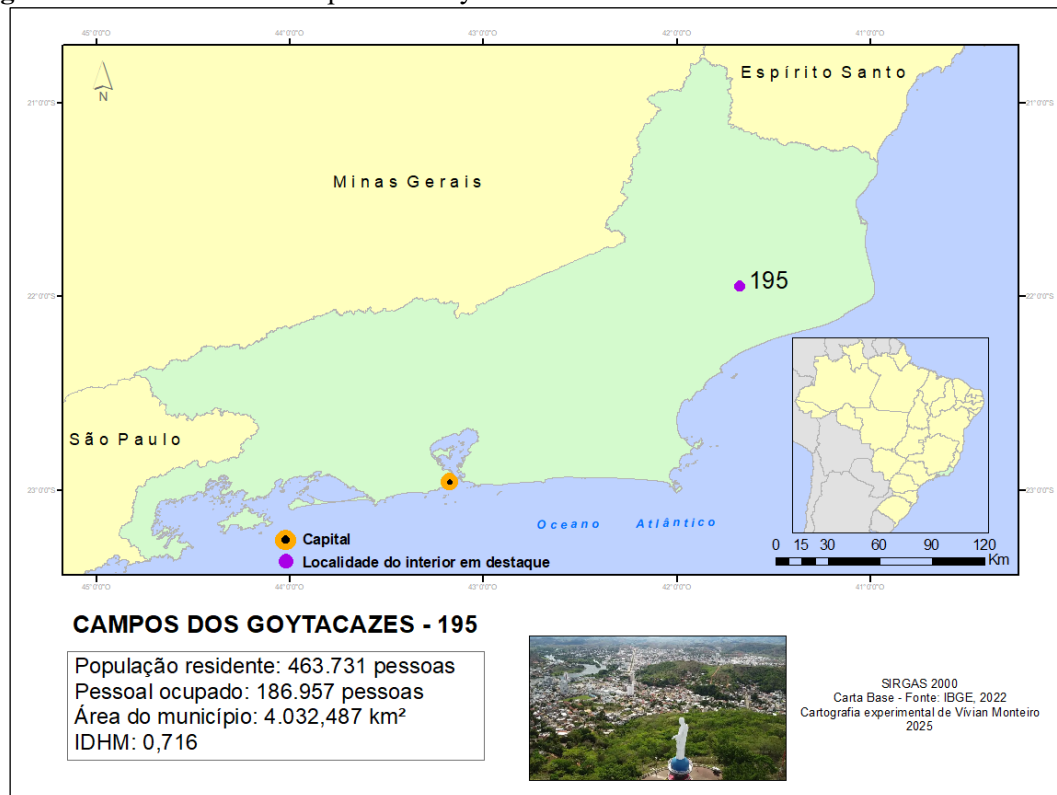
O turismo em São João da Barra baseia-se nos elementos naturais e culturais do município, especialmente ao seu litoral e à presença do rio Paraíba do Sul. As praias da região, como Grussaí, Atafona, Chapéu do Sol e Açú, constituem importantes espaços de lazer e atraem visitantes, sobretudo durante o verão e períodos festivos.

A região também apresenta potencial para o turismo histórico e cultural, com igrejas, festas religiosas e manifestações populares que remetem ao período colonial e à formação social do município. Além disso, áreas naturais favorecem práticas de ecoturismo, como observação da paisagem costeira, caminhadas e atividades educativas voltadas à dinâmica ambiental do litoral fluminense.

4.3.8 195 – Campos dos Goytacazes (RJ)

O município de Campos dos Goytacazes está localizado na região mais ao norte do estado do Rio de Janeiro, e é considerado um dos maiores e mais importantes centros urbanos do interior fluminense, distando 278 quilômetros da capital.

Figura 14 – A cidade de Campos dos Goytacazes no estado do Rio de Janeiro.



Fonte: elaborada pela autora.

Antes da chegada dos colonizadores, o território que hoje se conhece como Campo dos Goytacazes era ocupado pelos povos originários goytacás. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, a economia local esteve baseada na agropecuária, principalmente na produção de cana-de-açúcar, o que marcou profundamente a organização social, econômica e territorial do município. Campos, como popularmente é chamada, foi elevada à condição de cidade em 1835.

A economia do município passou por transformações significativas ao longo do tempo. Embora a atividade açucareira tenha sido central em sua formação, atualmente Campos dos Goytacazes apresenta economia diversificada, com destaque para o comércio, serviços, educação, saúde e administração pública. O município também mantém vínculos econômicos com a cadeia do petróleo e gás, em função da proximidade com a Bacia de Campos.

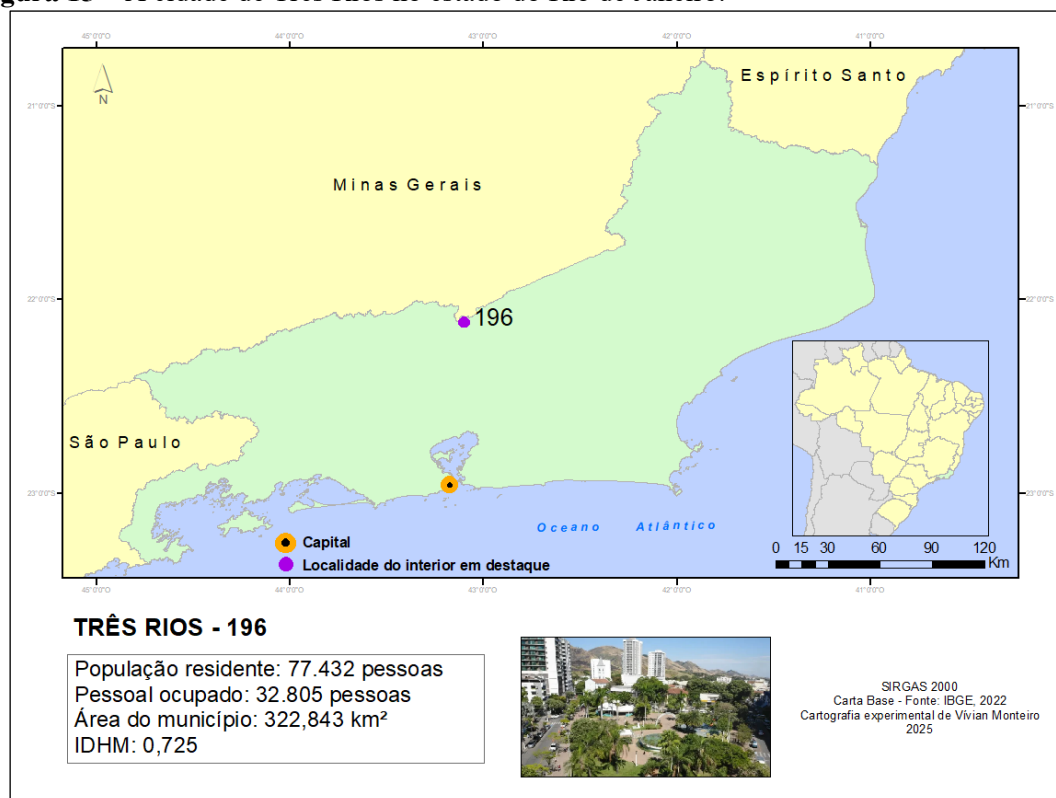
Do ponto de vista demográfico e social, Campos dos Goytacazes possui população majoritariamente urbana, distribuída entre a sede municipal, distritos e áreas rurais. Com um território de mais de 4.032km², a cidade abrigava, em 2010, um total de 463.731 pessoas; delas, mais 415 mil são naturais de Campos, o que aponta para um processo de maior fixação dos nativos e a presença menos significativa de pessoas provenientes de outras cidades fluminenses ou de outros estados.

O município exerce forte influência regional, atuando como polo educacional e de serviços para outras cidades também localizadas mais ao norte fluminense e de regiões vizinhas. Em termos administrativos e institucionais, Campos abriga importantes instituições de ensino superior, públicas e privadas, além de ampla rede de serviços nas áreas de saúde, cultura e infraestrutura urbana. Dessa forma, Campos dos Goytacazes desempenha papel estratégico no desenvolvimento econômico e social do Norte do estado do Rio de Janeiro.

4.3.9 196 – Três Rio (RJ)

Três Rios está localizado na região mais a centro-oeste do estado do Rio de Janeiro, sendo um dos municípios limítrofes entre Rio de Janeiro e Minas Gerais, fazendo fronteira com a cidade de Chiador (MG). O nome dado município tem referência no encontro dos rios Paraíba do Sul, Piabanha e Paraibuna, e está a uma distância de 130 quilômetros da capital.

Figura 15 – A cidade de Três Rios no estado do Rio de Janeiro.



A história da cidade de Três Rios iniciou-se durante o processo de interiorização da ocupação portuguesa no Rio de Janeiro, no século XIX, impulsionado pela expansão da cafeicultura no Vale do Paraíba. O município foi emancipado politicamente em 1938, e logo se consolidou como centro urbano e comercial da região.

A economia de Três Rios apresenta perfil diversificado, com maiores destaques para os setores industrial, comercial e de serviços. O município possui um parque industrial significativo para o porte regional (Oliveira; Milward-de-Azevedo, 2015), além de atividades ligadas a logística e ao comércio, favorecidas por sua localização estratégica e por sua infraestrutura de transportes.

Do ponto de vista demográfico e social, Três Rios possui população predominantemente urbana, exercendo papel de polo regional na oferta de serviços, comércio e educação para municípios do entorno. A dinâmica populacional reflete fluxos de migração interna associados à busca por emprego e acesso a serviços urbanos, e, por isso, com referência no censo 2010, foi registrado que a cidade possuía 18.783 habitantes não trirrienses, ou seja, mais de 24% da população não nativa. Desses, mais de 9 mil são provenientes de outros municípios fluminenses.

Culturalmente, a região de fronteira apresenta traços compartilhados, perceptíveis na forma de falar, nos hábitos alimentares, nas festas populares e nas tradições religiosas.

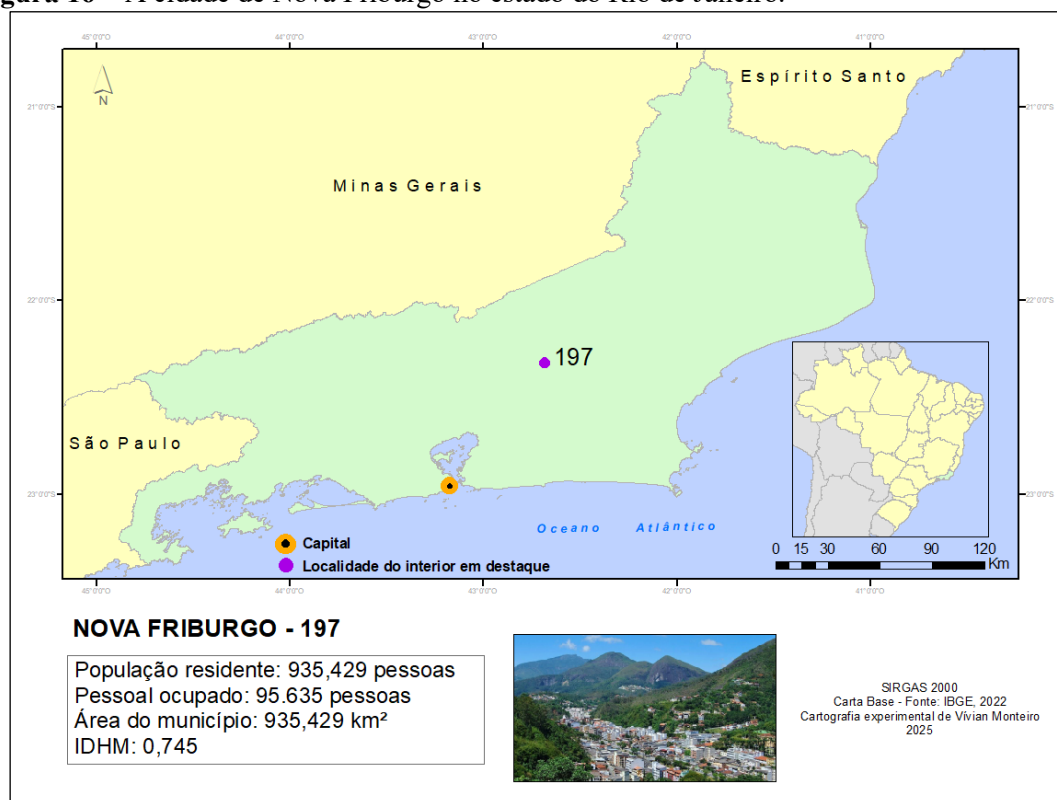
Esses elementos evidenciam a formação de identidades regionais híbridas, resultantes de longos processos de convivência e mobilidade populacional entre os dois estados. A fronteira entre Rio de Janeiro e Minas Gerais pode ser vista não apenas como um limite político-administrativo, mas como um espaço de interação contínua, fundamental para entender as dinâmicas históricas, sociais e econômicas dos municípios situados em suas proximidades (Guilherme Júnior; Guimarães; Duenhas, 2025).

Em termos administrativos, Três Rios conta com rede de serviços públicos nas áreas de saúde, educação e assistência social, além de instituições de ensino técnico e superior.

4.3.10 197 – Nova Friburgo (RJ)

A cidade de Nova Friburgo faz parte da região serrana do estado do Rio de Janeiro, possui um relevo montanhoso, clima ameno e expressiva cobertura vegetal. Distando apenas 156 quilômetros da capital fluminense, Nova Friburgo foi a primeira colônia suíça estabelecida fora do continente europeu e até os dias atuais carrega características marcantes da colonização.

Figura 16 – A cidade de Nova Friburgo no estado do Rio de Janeiro.



Fonte: elaborada pela autora.

O município foi fundado em 1818 e, posteriormente, após a presença portuguesa e suíça, Nova Friburgo também recebeu imigrantes alemães e italianos, o que contribuiu para a diversidade cultural e para a formação social da cidade. Esse processo migratório influenciou fortemente a organização urbana, econômica e cultural do município.

Os povos originários da região serrana, os puris e os coropós (subgrupo dos puris), foram também escravizados pelos colonizadores que lá chegaram, para a construção das cidades. Quando isso não ocorria, eram sequestrados para comércio ou mortos, o que gerou a dizimação dos coropós. Os puris resistiram ao genocídio e ainda habitam outras regiões mais distantes, espalhados. Ambos os grupos eram falantes de línguas provenientes do tronco macro-jê.

A economia de Nova Friburgo apresenta-se bastante diversificada. Historicamente vinculada à agricultura e à produção artesanal, a cidade consolidou-se, ao longo do século XX, como um importante polo industrial, especialmente nos setores têxtil e de confecções, com destaque para a indústria de moda íntima. O comércio e o turismo também exercem papel relevante na economia local. Além disso, o município possui destaque no cultivo de peixes, sendo o maior produtor de truta do Brasil.

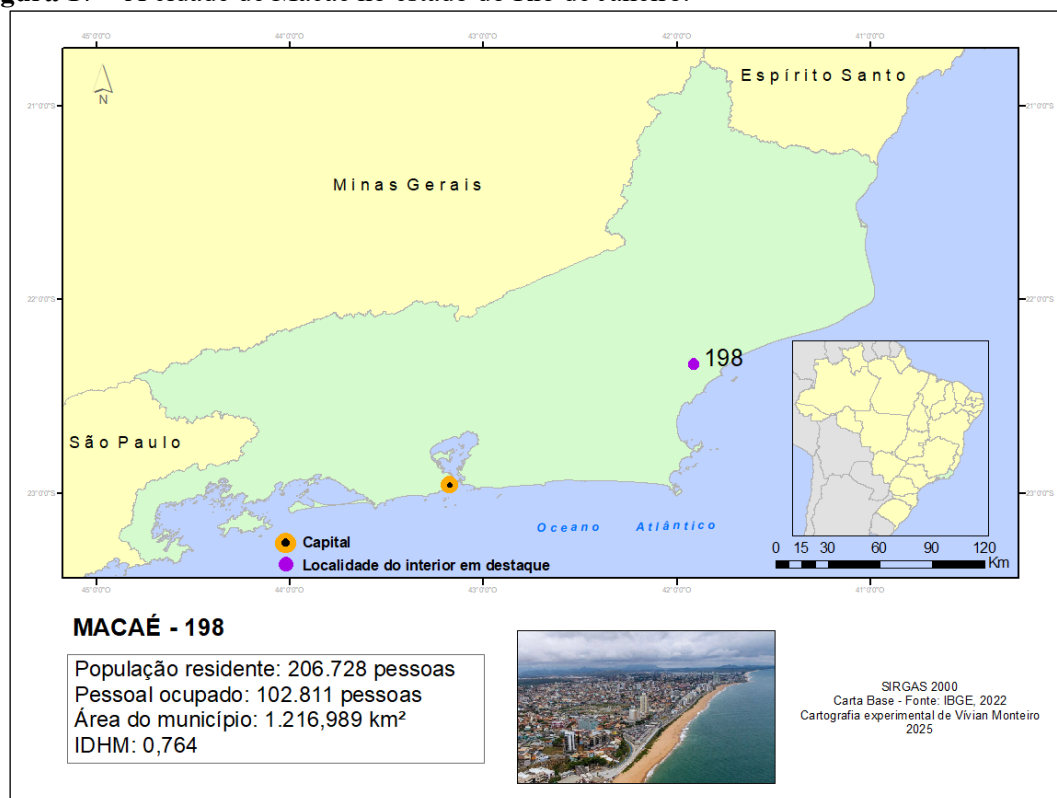
No que diz respeito à formação demográfica e social, Nova Friburgo possui população predominantemente urbana, distribuída entre a sede municipal e os distritos. O município destaca-se pela oferta de serviços educacionais, culturais e de saúde, atendendo tanto a população local quanto cidades vizinhas da região serrana. Ela é uma das cidades que recebe o Festival SESC de Inverno, evento importante que promove a cultura no estado do Rio de Janeiro.

Em termos administrativos e institucionais, Nova Friburgo conta com infraestrutura urbana consolidada e instituições de ensino técnico e superior, além de equipamentos culturais e turísticos. Assim, o município desempenha papel estratégico no desenvolvimento econômico e social da Região Serrana do estado do Rio de Janeiro.

4.3.11 198 – Macaé (RJ)

Macaé é um município litorâneo do estado do Rio de Janeiro, situado próximo à foz do rio Macaé. Sua localização favoreceu a organização territorial e o desenvolvimento econômico do município. A cidade dista 189 quilômetros da capital fluminense.

Figura 17 – A cidade de Macaé no estado do Rio de Janeiro.



Fonte: elaborada pela autora.

A vida litorânea, a pesca e a agricultura estão fortemente atreladas à história de Macaé. O município foi emancipado politicamente em 1813, consolidando-se ao longo do século XIX como núcleo urbano regional. De acordo com a, hoje extinta, Fundação Macaé de Cultura, vinculada ao governo municipal, existem divergências quanto à origem do nome da cidade:

É possível encontrar narrativas que caracterizam a diversidade geográfica e natural, e é atribuída ao Goitacá, um dos grupos nativos da região. O termo “miquié”, que significa “rio dos bagres”. Contudo, estudos recentes de tupinólogos, apontam para um outro significado oriundo da corruptela de “macaê”, que entre estes nativos significava “macaba doce”, por extensão “coco doce”, palmeira muito abundante na região. (Fundação Macaé de Cultura, 2025).

No âmbito da economia, Macaé passou por profundas transformações a partir da segunda metade do século XX, especialmente com a intensificação das atividades ligadas à exploração de petróleo e gás natural na Bacia de Campos. Esse processo influenciou o crescimento urbano, a diversificação econômica e a atração de fluxos migratórios, levando a cidade a se destacar como referência nacional no campo da produção de energia.

Pelo fato de várias plataformas de extração de petróleo e gás natural estarem próximas à região litorânea ligada a Macaé, a cidade recebe trabalhadores de diversas

regiões do Brasil e do exterior. Paganoto (2008), ao olhar para a dinâmica demográfica do município, lança as seguintes questões:

Em primeiro lugar questiona-se se a população migrante leva vantagem sobre a população não-migrante na disputa pelas vagas do mercado de trabalho em expansão no município de Macaé. Em seguida, questiona-se por que a população local tem a impressão, reiterada pela mídia, de que não param de chegar migrantes a Macaé, ainda que o crescimento relativo da população entre 2000 e 2007 tenha sido significativamente inferior ao apresentado entre 1991 e 2000. (Paganoto, 2008, p. 1-2).

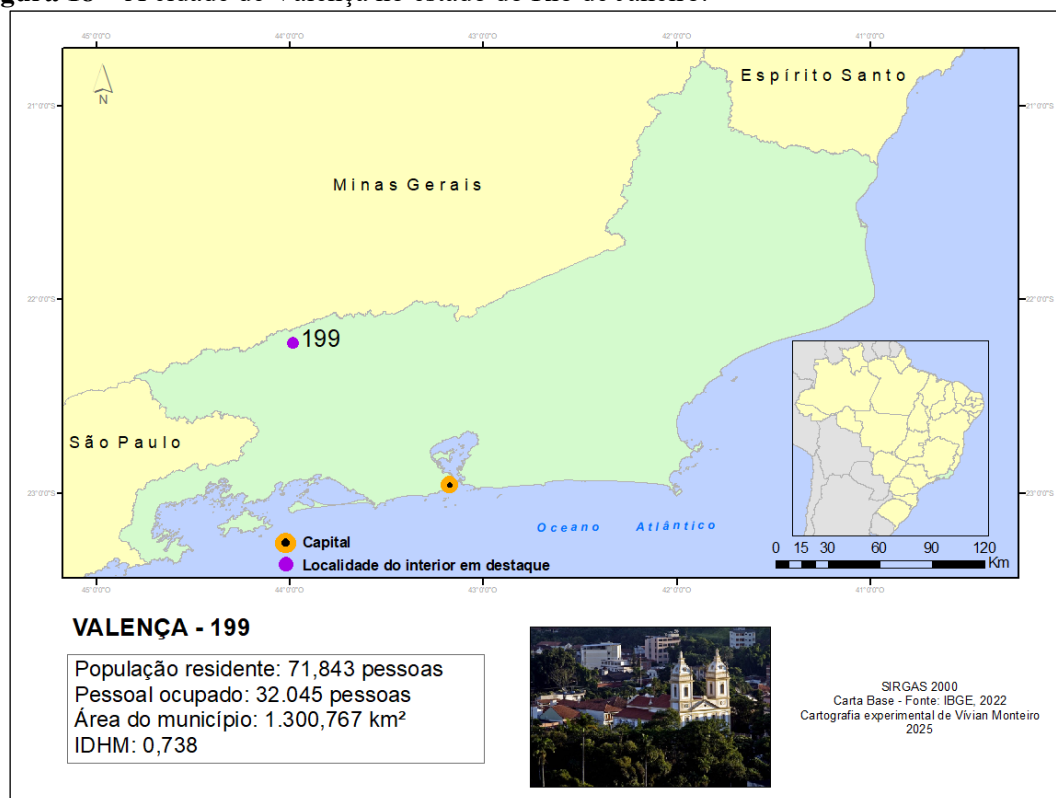
Além disso, o autor aponta para a hipótese de que a transitoriedade elevada no município esteja vinculada ao campo de trabalho. A cidade apresenta população em sua maioria urbana, e, de acordo com os dados levantados pelo IBGE em 2010, Macaé possuía, dentro dos mais de 206 mil habitantes, cerca de 46% (aproximadamente 92 mil pessoas) da população é composta por pessoas não nativas, das quais mais de 40 mil são de fora do estado do Rio de Janeiro. Esse e outros dados anteriormente apresentados apontam para um cenário de contato interdialetoal intenso, pensando nas variedades de diversos locais que estão compondo a dinâmica linguística de Macaé.

No relacionado a áreas administrativas e institucionais, Macaé conta com ampla rede de serviços públicos e privados nas áreas de saúde, educação e transporte, além de instituições de ensino técnico e superior.

4.3.12 199 – Valença (RJ)

A cidade de Valença fica localizada na região mais ao sudoeste fluminense, no estado do Rio de Janeiro, inserido no Vale do Paraíba, o qual segue o curso do Rio Paraíba do Sul, estando a 158 quilômetros da capital.

Figura 18 – A cidade de Valença no estado do Rio de Janeiro.



A emancipação política do município é datada de 29 de setembro de 1823, e, durante o período de escravidão, Valença era o segundo município do estado com maior número de escravizados, chegando aos 30 mil, ficando atrás apenas de Campos dos Goytacazes, de acordo com o Portal Vale do Café. Por razões naturais, favoráveis, como solos férteis, relevo adequado e disponibilidade de água, e pela grande mão de obra escravizada, a cidade cresceu no meio da cafeicultura (Cordeiro, 2019), torna-se destaque como centro urbano do Vale do Paraíba do estado durante o ciclo do café, sendo uma das principais áreas produtoras do Brasil Império.

Além disso, a economia de Valença, historicamente agrícola como já se sabe, passou por transformações ao longo do século XX, partindo de uma queda da soberania cafeeira devido às baixas financeiras de produtores (Trancoso da Silva, 2025). Atualmente, o município apresenta economia diversificada, com destaque para os setores de comércio, indústria de pequeno e médio porte, principalmente nos setores têxtil, alimentício, metalúrgico, de materiais de construção, entre outros. De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE-RJ), há um grande contingente de empresas familiares na região.

No âmbito da educação, o município abriga instituições de ensino superior, como o Centro Universitário de Valença, uma instituição privada mantida pela Fundação

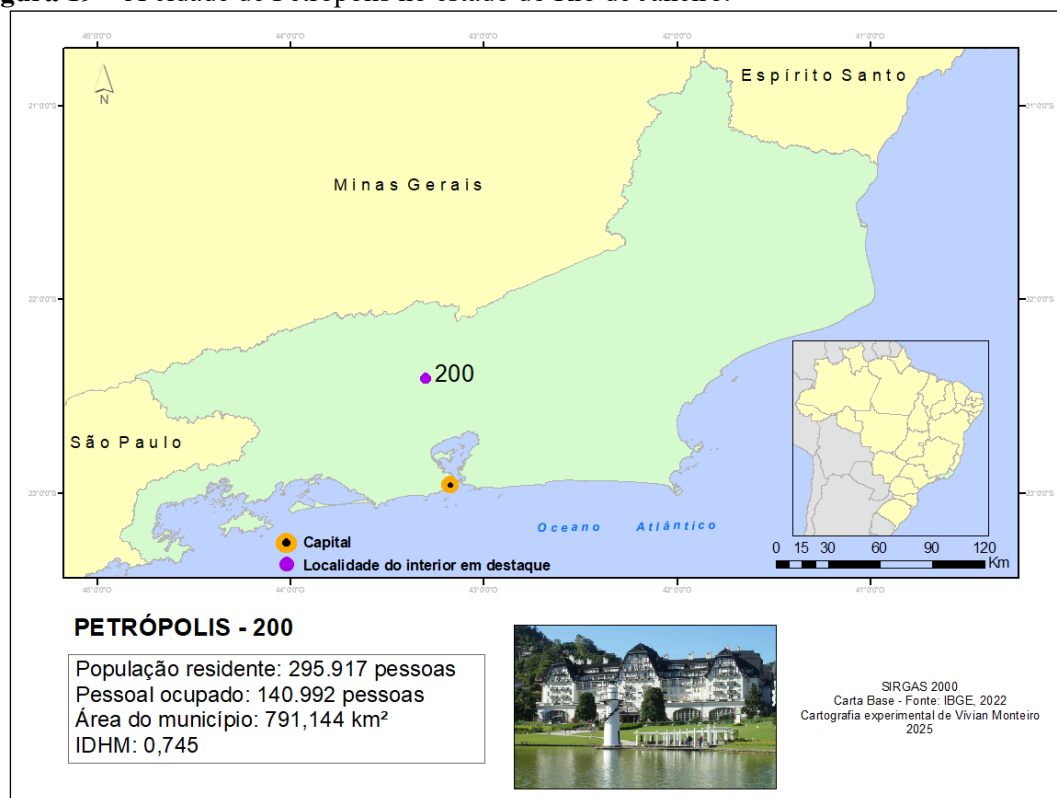
Educacional Dom André Arcoverde; o Instituto Federal (IFRJ – *Campus* Valença), o qual possui graduações (licenciaturas e/ou cursos tecnológicos), além de outros cursos técnicos. São encontrados também polos da Universidade Aberta do Brasil (UAB), que auxiliam e ampliam o acesso ao ensino superior público, especialmente para estudantes que não podem se deslocar para grandes centros urbanos que possuem outros *campi*.

Valença possui população predominantemente urbana, também distribuída entre a sede municipal e distritos. A cidade conserva significativo patrimônio histórico e cultural, como casarões, fazendas históricas e igrejas que remetem ao período cafeeiro, além de manifestações culturais tradicionais. Dos quase 72 mil habitantes, mais de 17 mil não são valencianos, e, desses, mais de sete mil não são fluminenses, o que possibilita certa diversidade e contato intercultural.

4.3.13 200 – Petrópolis (RJ)

Petrópolis é um município localizado na região serrana do estado do Rio de Janeiro, situado na Serra da Estrela, com relevo montanhoso e clima ameno, estando a aproximadamente 130 quilômetros de Nova Friburgo, também localidade da rede de pontos. Sua proximidade com a capital fluminense, em torno de 68 quilômetros de distância, favorece o destaque como destino turístico e residencial de muitos cariocas e alguns outros fluminenses.

Figura 19 – A cidade de Petrópolis no estado do Rio de Janeiro.



Fonte: elaborada pela autora.

Petrópolis, a Cidade Imperial ou “Cidade de Pedro”, foi fundada no ano de 1843, em ocasião do “arrendamento das terras da fazenda Córrego Seco ao Major Julio Frederico Koeler” (Laeta; Fernandes, 2015, p. 152), e, posteriormente, virou lar da Família Real e da Corte portuguesa. Sua formação histórica está diretamente associada ao período imperial brasileiro. A cidade foi planejada no século XIX, por iniciativa de Dom Pedro II, com o objetivo de sediar a residência de verão da Corte Imperial, sendo a primeira cidade planejada do Brasil (Barbosa Angelo, 2014). O processo de ocupação contou com expressiva presença de imigrantes alemães, responsáveis por parte significativa da organização urbana, da arquitetura e das atividades produtivas iniciais.

Durante o século XIX, Petrópolis era vista como importante centro político, administrativo e cultural do Império, abrigando palácios, residências nobres e instituições públicas, como o Palácio Quitandinha – hoje funcionando como ambiente residencial e hotel – e o palácio de verão do Imperador Dom Pedro II, onde, atualmente, se encontra o Museu Imperial de Petrópolis. Esse legado histórico permanece visível no patrimônio arquitetônico e cultural do município, incluindo alguns conjuntos de construções tombadas. A cidade tem uma relação muito forte entre passado e presente, como aponta Barbosa Angelo:

A transmissão de tradições, de hábitos e valores entre as gerações de pessoas que habitam o lugar interage com as práticas de sobrevivência econômica, social e cultural, à medida que constrói sua realidade com base em um universo de representações. A própria denominação de ruas, lojas e demais representações temporais são elos de formação simbólica, mesmo após a Proclamação da República e o exílio da família imperial. (Barbosa Angelo, 2014, p. 268).

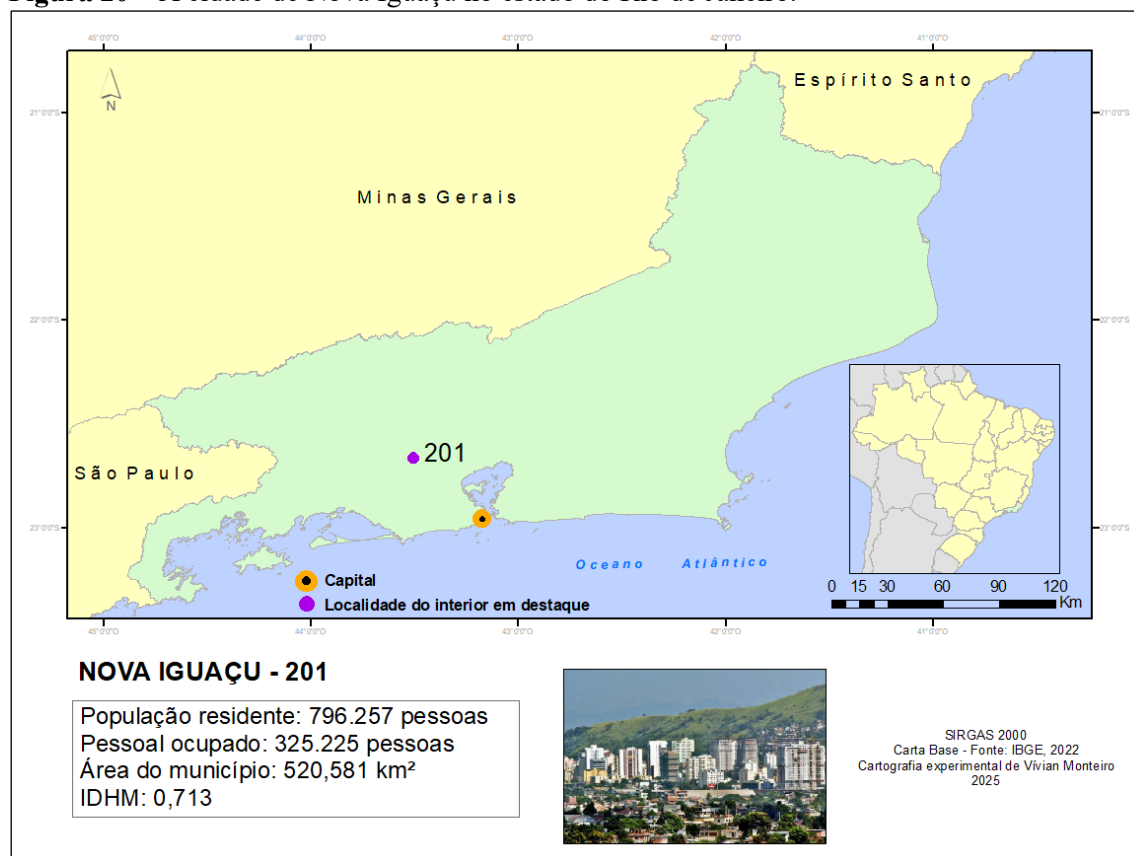
Na contemporaneidade, a economia de Petrópolis é diversificada, tendo principal fonte o turismo histórico e cultural, indústria e comércio, principalmente no setor têxtil e da produção de cervejas, como exemplo da Bohemia, primeira cervejaria brasileira, fundada em 1853. Assim como em Nova Friburgo, em Petrópolis há o predomínio de pequenas e médias empresas, incluindo familiares. A cidade possui um comércio expressivo de roupas e tecidos, como na famosa *Teresa*, uma rua cujas lojas se voltam para produtos de vestuários.

A população de Petrópolis, em 2010, era de quase 296 mil habitantes, sendo a maioria de petropolitanos (80%), enquanto uma parcela menor de mais de 58 mil é de não nativos. Dos não nativos, são provenientes de outros estados mais de 31 mil, indicando que cerca de 10% da população é equivalente a pessoas de fora.

4.3.14 201 – Nova Iguaçu (RJ)

A cidade de Nova Iguaçu, está situada na Baixada Fluminense, integrante da região metropolitana do Rio de Janeiro. Sua localização é próxima, distando apenas 39 quilômetros, da capital do estado e conta com importantes eixos de transporte, fator determinante para o crescimento urbano. Batista (2021) apresenta que “Iguassú, em tupi-guarani, significa ‘grande quantidade de água’ ou ‘água grande’, em referência ao Rio Iguaçu. Agoassú ou Aguassú, na língua indígena, era o rio de maior volume aquífero da região em que os índios Jacutinga habitavam” (Batista, 2021, p. 17).

Figura 20 – A cidade de Nova Iguaçu no estado do Rio de Janeiro.



Fonte: elaborada pela autora.

Antes da chegada dos portugueses, os indígenas que ocuparam as terras referentes ao município de Nova Iguaçu eram os pertencentes ao tronco tupi, habitantes principalmente da região litorânea do Brasil. A esses povos era dado o nome de *jacutingas*, que tem seu significado extraído da junção de *jacu*: uma espécie de galinha, e *tinga*: branco (Meneses, 2000 *apud* Batista, 2021), fazendo referência à ave peru-domato.

Durante o século XIX, quando ocorreu, em 1833, a emancipação política do município, a economia de Nova Iguaçu teve como base a agricultura, principalmente da cana-de-açúcar e, posteriormente, de laranja e da raiz mandioca. Batista (2021) apresenta que a prática do cultivo de subsistência nessa época garantiu, de forma basilar, a fixação da agricultura:

A produção de subsistência foi o grande motor da economia colonial na região do Recôncavo da Guanabara. Além da cana de açúcar, que aqui teve muita importância para a produção de água ardente, a mandioca foi elemento fundamental na economia colonial fluminense, o que persiste até nossos dias, como parte de nossas tradições. (Batista, 2021, p. 20).

Além disso, a região favoreceu-se devido à sua localização, ideal para o escoamento da produção por meio de caminhos e rios disponíveis.

Passando da segunda metade do século XX, Nova Iguaçu vivenciou intenso processo de urbanização e industrialização, gerado pela expansão da região metropolitana do Rio de Janeiro. Dentre os municípios da região, Nova Iguaçu destacou-se, “tendo saído à frente na estruturação de uma rede própria de comércio e serviços” (Maia; Rodrigues, 2009, p. 3857). Esse processo atraiu expressivos fluxos migratórios, sobretudo de outras regiões do estado e do país, contribuindo para o rápido crescimento populacional e para a diversificação social e cultural do município. Pensando na base de dados do censo 2010, dos quase 800 mil habitantes, um percentual de aproximadamente 33% não é natural de Nova Iguaçu, correspondente a mais de 262 mil pessoas; enquanto mais de 105 mil desses indivíduos também não são fluminenses.

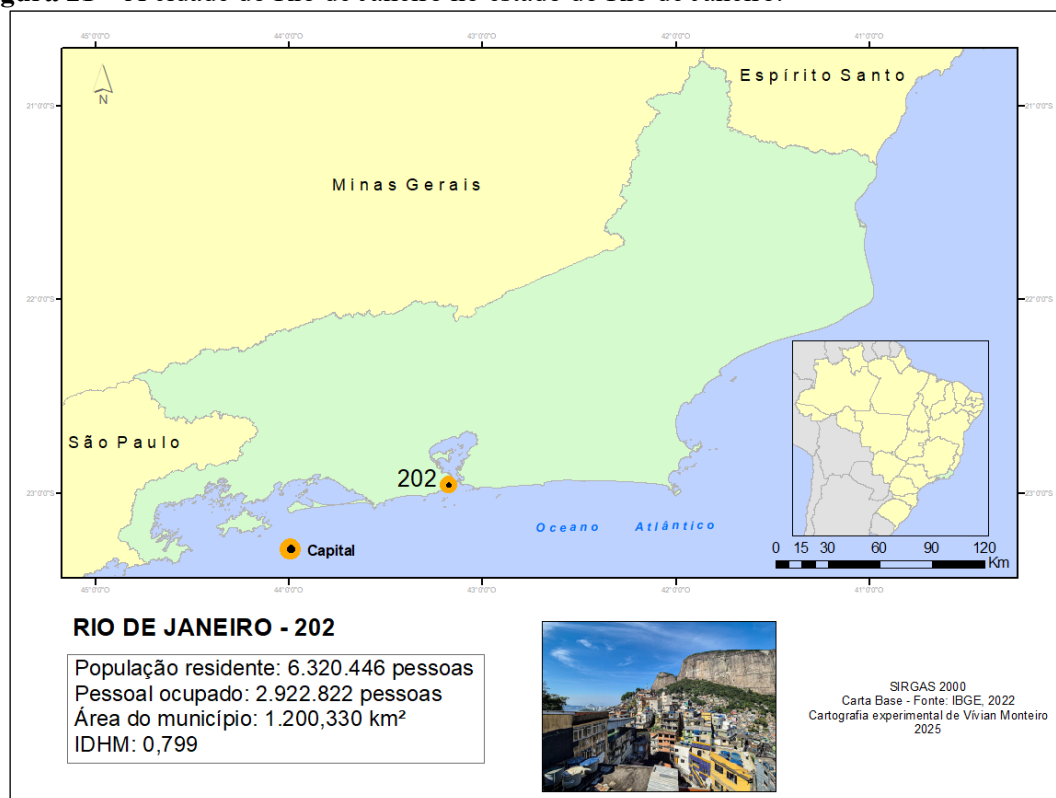
Atualmente, a economia de Nova Iguaçu é fortemente baseada nos setores de comércio e serviços, além de atividades industriais de pequeno e médio porte, como alimentícia, envolvendo panificações e massas, bebidas, doces, entre outros. Além disso, a indústria química, farmacêutica e de higiene também se destacam pela produção no município.

Nova Iguaçu conta com ampla rede de equipamentos públicos e privados, incluindo instituições de ensino técnico e superior, hospitais e centros administrativos. Assim, o município exerce papel estratégico na dinâmica econômica, social e urbana da Baixada Fluminense e do estado do Rio de Janeiro.

4.3.15 202 – Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro é a capital do estado homônimo e um dos municípios mais emblemáticos do Brasil, localizado na Região Sudeste. Integra a região metropolitana do Rio de Janeiro, exercendo papel central na organização econômica, política e cultural do estado e do país. Sua geografia é marcada pela combinação de litoral, áreas montanhosas, baías e lagoas, com destaque para a Baía de Guanabara.

Figura 21 – A cidade do Rio de Janeiro no estado do Rio de Janeiro.



Fonte: elaborada pela autora.

A Baía de Guanabara é uma das três maiores baías do território brasileiro, é rodeada por mais de 15 cidades, comporta dezenas de ilhas e destacou-se no processo de colonização do território que hoje corresponde à cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um espaço estratégico, caracterizado por águas abrigadas, numerosas ilhas e fácil acesso ao interior, fatores que favoreceram tanto a ocupação europeia quanto a circulação de pessoas, mercadorias e culturas desde o século XVI.

Antes da chegada dos europeus, a região da Baía de Guanabara era habitada principalmente por povos indígenas de língua tupi, com destaque para os tamoios e temiminós (Vargas, 2008). Esses grupos mantinham formas próprias e semelhantes de organização social, econômica e territorial, baseadas na pesca, na coleta, na agricultura e na intensa relação com o ambiente costeiro da baía. A Guanabara constituía, para esses povos, um espaço vital de subsistência, circulação e significado cultural.

A partir da chegada dos portugueses e da disputa com os franceses no século XVI, a Baía de Guanabara tornou-se cenário de conflitos coloniais e de resistência indígena. A fundação da cidade do Rio de Janeiro, em 1565, consolidou o domínio português e intensificou o processo de apropriação das terras indígenas, resultando na expulsão, dizimação ou assimilação forçada desses povos. Missões religiosas e ações militares contribuíram para a destruturação das sociedades indígenas locais.

Com a consolidação da colonização, a Baía de Guanabara passou a desempenhar função estratégica no sistema escravista colonial. O porto do Rio de Janeiro tornou-se, sobretudo a partir do século XVII e, de forma ainda mais intensa no século XVIII, um dos principais pontos de entrada de africanos escravizados no Brasil. Milhares de homens, mulheres e crianças, provenientes de diferentes regiões da África, desembarcaram na área da baía, sendo destinados ao trabalho urbano, doméstico, portuário e às atividades agrícolas do entorno e do interior.

Os africanos escravizados foram empregados na construção material da cidade, atuando na edificação de fortificações, igrejas, armazéns, estradas e infraestruturas portuárias, além de participarem as atividades econômicas ligadas à Baía de Guanabara, como a navegação, a pesca, o comércio e os serviços urbanos. Apesar da condição de violência e exploração, esses grupos preservaram e ressignificaram práticas culturais, religiosas e linguísticas, contribuindo de maneira decisiva para a formação da sociedade carioca.

Assim, durante o período colonial, a Baía de Guanabara configurou-se como um espaço de encontro forçado e conflito entre povos indígenas, europeus colonizadores e africanos escravizados. Esse processo deixou marcas profundas na organização social, econômica e cultural do Rio de Janeiro, fazendo da baía não apenas um elemento geográfico de destaque, mas também um território histórico de disputas, resistências e heranças culturais que ainda moldam a identidade da cidade.

Ao longo de sua história, o Rio de Janeiro, fundado em 1565, desempenhou funções estratégicas no território brasileiro, tendo sido capital da colônia, do Império e da República até 1960. Essa condição contribuiu para sua centralidade política, para o crescimento urbano e para a consolidação de instituições administrativas, culturais e científicas.

O município apresenta predominância dos setores do comércio, turismo e atividades financeiras. O Rio de Janeiro também abriga atividades industriais, especialmente nos ramos petroquímico, naval, metalúrgico, farmacêutico, alimentício e tecnológico, além de concentrar importantes empresas públicas e privadas. O turismo, impulsionado pelo patrimônio natural, histórico e cultural, constitui um dos principais pilares da economia municipal.

A população do Rio de Janeiro vivenciou e vivencia fluxos migratórios, tanto internos quanto internacionais. Como já visto, a cidade recebeu povos africanos escravizados durante o período colonial e imperial, além de imigrantes europeus, latino-

americanos e migrantes de diferentes regiões do Brasil, especialmente ao longo do século XX. Essa diversidade contribuiu para a formação de uma sociedade plural e para a complexidade das relações sociais e espaciais no município.

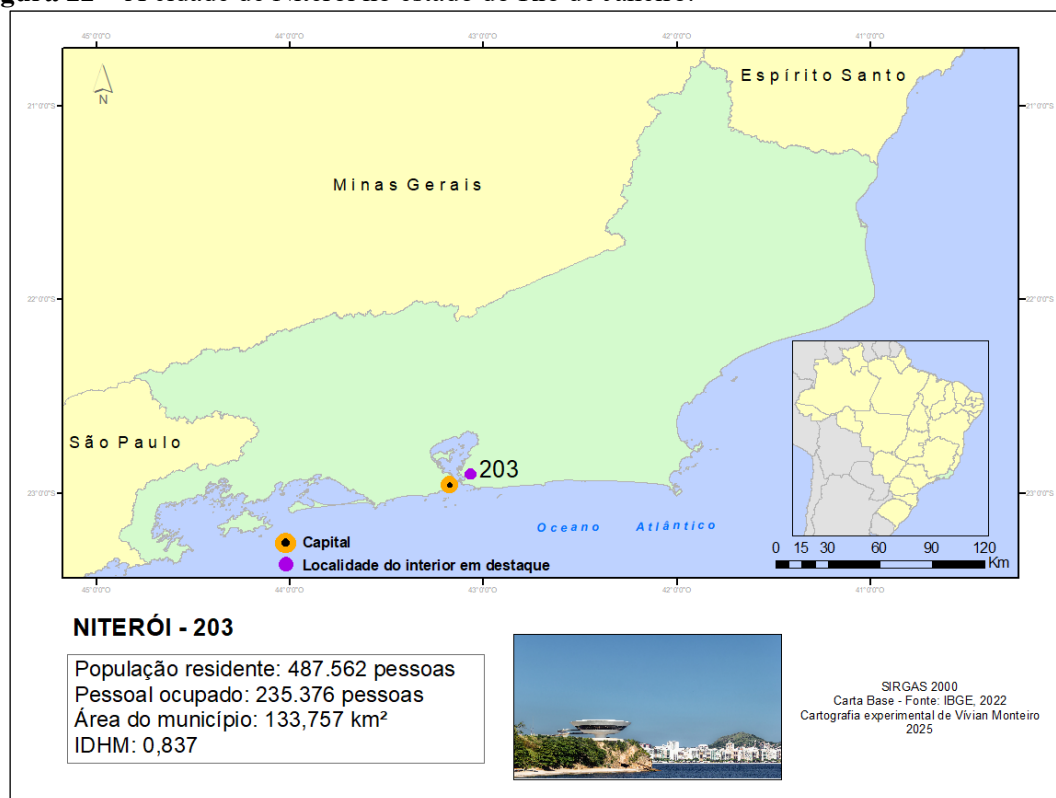
O Rio de Janeiro abriga um amplo conjunto de instituições de ensino superior, centros de pesquisa, equipamentos culturais e serviços públicos, destacando-se como referência acadêmica e científica, como no caso da Universidade Federal do Rio de Janeiro, localizada, majoritariamente, na Ilha do Fundão, Instituto Federal (IFRJ) e Colégio Pedro II. Sobre esta última, com 12 *campi* na cidade, a instituição fundada em 1837, a propósito da presença da família real portuguesa, tornou-se referência na oferta da Educação Básica no Brasil, equiparando-se, legalmente, aos Institutos Federais.

Por outro lado, o município enfrenta desafios relacionados à desigualdade socioespacial, à mobilidade urbana e à gestão territorial, características comuns às grandes metrópoles brasileiras, que culminam na organização espacial desordenada e em altos índices de violência urbana. Para além da influência de aspectos como o relevo montanhoso da cidade, constituída no entorno de uma Baía, transformações socioeconômicas ao longo do século XX desdobraram-se num processo profundo de fragmentação social e segregação socioespacial (Gomes; Ramos, 2003).

De acordo com pesquisa realizada pelo Ministério da Educação, a educação pública enfrenta questões como evasão escolar, defasagem idade-série, dificuldades de aprendizagem e impacto de fatores socioeconômicos, incluindo violência urbana, vulnerabilidade social e acesso desigual a recursos tecnológicos. Nos últimos anos, políticas educacionais têm buscado ampliar o tempo de permanência dos alunos na escola, fortalecer programas de alfabetização e incorporar tecnologias digitais ao processo de ensino-aprendizagem, ainda que de forma desigual entre as unidades escolares.

4.3.16 203 – Niterói (RJ)

O município de Niterói, localizado na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, situa-se na margem leste da Baía de Guanabara, em frente à capital, com a qual mantém intensa integração urbana, econômica e cultural. A ligação entre os dois municípios é realizada principalmente pela Ponte Presidente Costa e Silva (Ponte Rio-Niterói, a qual possui aproximadamente 13 quilômetros), uma das principais vias de circulação da região metropolitana.

Figura 22 – A cidade de Niterói no estado do Rio de Janeiro.

Fonte: elaborada pela autora.

Fundada oficialmente em 1573, Niterói teve origem na aldeia de São Lourenço dos Índios, estabelecida em terras concedidas ao líder indígena Araribóia, aliado dos portugueses durante os conflitos contra os franceses no século XVI. O nome Niterói tem origem tupi e é geralmente interpretado como água escondida ou água verdadeira, fazendo referência às características naturais da Baía de Guanabara, como é possível encontrar em passagens como Costa (1965, p. 9 *apud* Carvalho, 1996, p. 158): “em seu lado ocidental de Guaná-pará (‘seio do mar’) e, em seu lado oriental, de Nhê-terôy (‘água escondida’)”.

Segundo dados demográficos do censo de 2010, Niterói possuía população superior a 487 mil habitantes e destaca-se por apresentar um dos mais elevados IDHM⁸ do Brasil. Esse indicador reflete avanços significativos nas áreas de educação, renda e longevidade, associados a políticas públicas⁹ voltadas à qualidade de vida urbana, saneamento e acesso a serviços essenciais.

No campo educacional, Niterói possui destaque no cenário fluminense e nacional, abrigando a Universidade Federal Fluminense (UFF), uma das principais instituições de

⁸ Niterói já possuía, em 2010, um IDHM de 0,837, ocupando o sétimo lugar do ranking brasileiro.

⁹ O Plano Niterói 450 é um grande investimento realizado no município entre os anos de 2022 e 2024, o qual prevê uma verba de 2 milhões de reais para serem aplicadas em melhorias. De acordo com a Prefeitura de Niterói “o objetivo é ampliar e qualificar os serviços prestados à população niteroiense, marcando os 450 anos de fundação da cidade, comemorados em 2023”.

ensino superior do país, ocupando colocações entre as 20 primeiras em diversos estudos sobre universidades, como o *Center World University Rankings* (CWUR), o Ranking Universitário Folha (RUF) e o *SCImago Journal & Country Rank* (SJR). A presença da universidade contribui de forma decisiva para a produção científica, a formação de profissionais qualificados e o dinamismo cultural do município. Além do ensino superior, o município conta com uma rede diversificada de ensino básico, composta por instituições públicas e privadas.

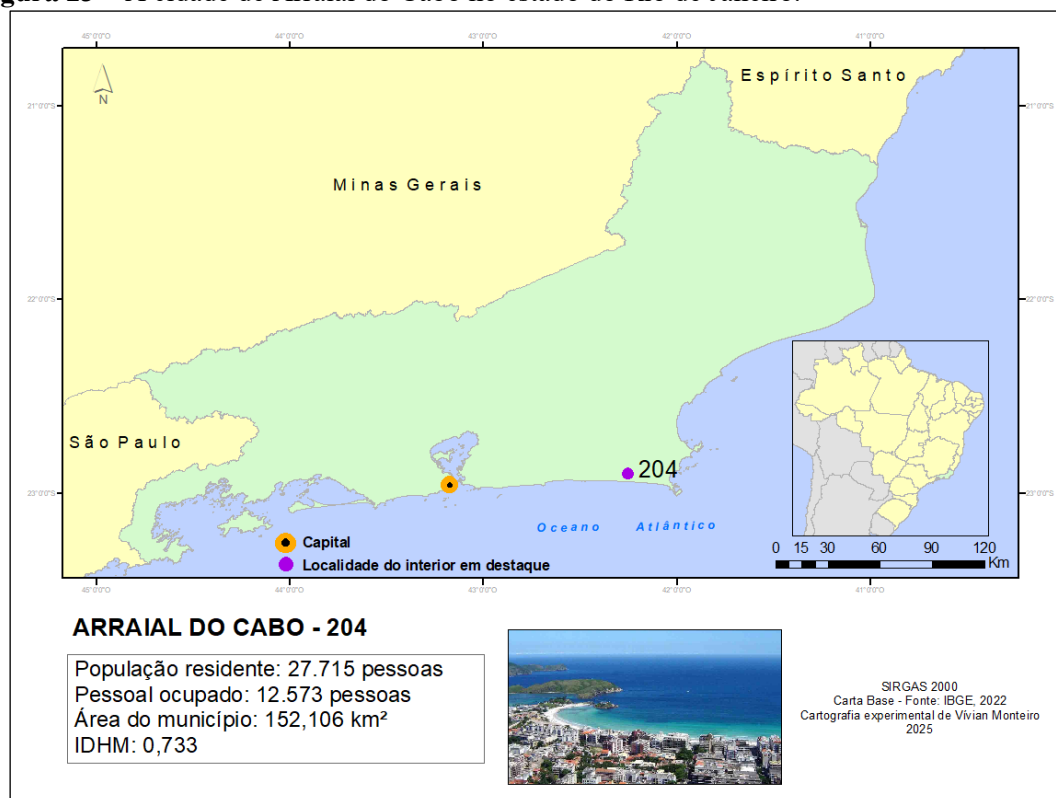
A economia de Niterói é predominantemente baseada no setor de serviços, com destaque para atividades ligadas à educação, saúde, comércio, administração pública e tecnologia. Historicamente, o município também desenvolveu atividades relacionadas à indústria naval e ao setor portuário, em função de sua posição na Baía de Guanabara. O turismo cultural e ambiental constitui outro segmento relevante devido à presença de museus, centros culturais, praias e áreas de preservação ambiental.

Do ponto de vista ambiental e urbano, Niterói reúne áreas densamente urbanizadas e importantes espaços naturais, como trechos do Parque Estadual da Serra da Tiririca, que têm papel fundamental na preservação da biodiversidade e na oferta de áreas de lazer e educação ambiental. Essa combinação entre patrimônio natural, histórico e institucional contribui para o reconhecimento de Niterói como um dos municípios com melhor qualidade de vida do estado do Rio de Janeiro, de acordo com o IDHM e o Índice de Progresso Social (IPS).

4.3.17 204 – Arraial do Cabo (RJ)

Arraial do Cabo, localizado na Região dos Lagos, no estado do Rio de Janeiro, destaca-se por sua relevância ambiental, histórica e econômica no contexto fluminense. Situado a aproximadamente 165 km da capital do estado, o município possui extensa faixa litorânea voltada para o oceano Atlântico, caracterizada por praias, enseadas e formações rochosas de grande valor paisagístico.

Figura 23 – A cidade de Arraial do Cabo no estado do Rio de Janeiro.



Durante o período de ocupação do território de Arraial do Cabo, a região foi utilizada como ponto estratégico para a navegação e a exploração dos recursos marinhos. Antes da colonização portuguesa, o litoral era habitado por povos indígenas tupi, os tamoios, que utilizavam o espaço principalmente para a pesca e a colheita. Com a presença europeia, a região passou a integrar as rotas marítimas coloniais, sendo posteriormente incorporada ao município de Cabo Frio, do qual se emancipou politicamente em 1985.

De acordo com os dados do Instituto Estadual do Ambiente (INEA), Arraial do Cabo é internacionalmente conhecida pelo fenômeno da ressurgência, processo oceanográfico que provoca a subida de águas profundas e frias, ricas em nutrientes. Esse fenômeno contribui para a elevada biodiversidade marinha da região, tornando o município um dos principais polos de pesquisa científica, pesca artesanal e turismo ecológico do Brasil.

De acordo com Ribeiro e Nascimento (2020, p. 22), “Arraial do Cabo é um município organizado e estruturado simbólica e materialmente a partir da pesca”, além disso, as autoras apresentam que a pesca, no município, recebe os esforços não somente dos homens, que costumam ser naturalmente associados à atividade, mas também das

mulheres. A pesca artesanal é um elemento histórico e cultural fundamental, constituindo importante fonte de renda e identidade para a população local.

Além da pesca, a economia local é baseada no turismo, favorecido pelas praias, pelo mergulho recreativo e pela paisagem natural preservada. Paralelamente, o município também abriga atividades ligadas à pesquisa marinha e à conservação ambiental, com a presença de unidades de conservação e projetos científicos, a exemplo do Operação Ressurgência II¹⁰ e o *Rocky Shore*¹¹.

Arraial do Cabo apresenta população relativamente pequena quando comparado a outros municípios fluminenses, sendo a única cidade da rede de pontos desta pesquisa que possuía, em 2010, mais habitantes de fora do que nativos. Dos quase 28 mil habitantes, aproximadamente 15 mil não são cabistas. De toda a população, mais de 23 mil pessoas são fluminenses, o que indica uma intensa imigração proveniente do estado do Rio de Janeiro. Apenas 46% da população é nativa de Arraial do Cabo, e tal fato aponta para uma intensa interação entre pessoas de diferentes origens, consequentemente, havendo uma convivência de variedades distintas da língua.

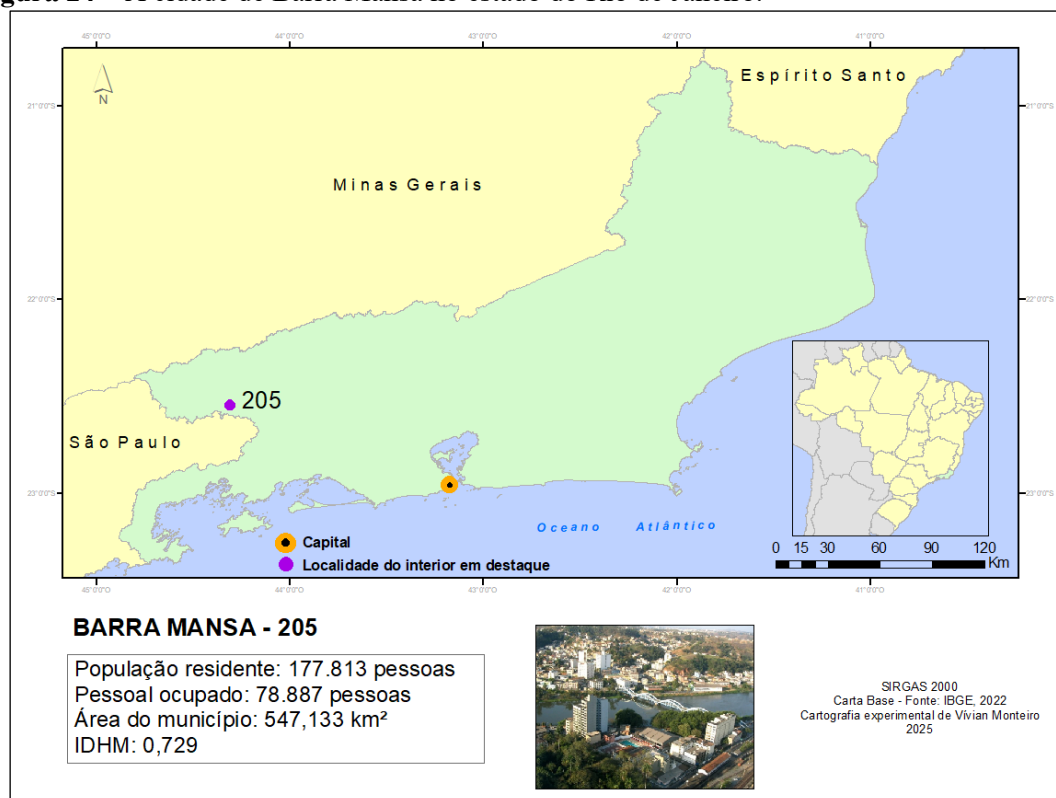
O município exerce grande influência regional devido à sua importância ambiental e turística. A combinação entre patrimônio natural, práticas tradicionais de pesca e valorização do ecossistema marinho faz do município uma referência nacional em debates sobre desenvolvimento sustentável em áreas costeiras.

4.3.18 205 – Barra Mansa (RJ)

Barra Mansa é um município localizado na região do Médio Vale do Paraíba, no estado do Rio de Janeiro, na Região Sudeste do Brasil. Situado às margens do rio Paraíba do Sul e entre as Serras do Mar e da Mantiqueira. Essa localização favoreceu sua ligação por importantes eixos de transporte, incluindo a Rodovia Presidente Dutra (BR-116) e grandes malhas ferroviárias, que conectam a cidade às principais capitais e áreas industriais da região. Barra Mansa encontra-se a aproximadamente 135 quilômetros da capital.

¹⁰ Operação Ressurgência II é realizado pelo Aviso de Pesquisa Hidroceanográfico Aspirante Moura, um navio da Marinha do Brasil dedicado à coleta e pesquisa de materiais marinhos, atualização de cartas náuticas, apoio à segurança da navegação e outros projetos científicos.

¹¹ O *Rocky Shore* estuda o ecossistema de recifes rochosos na área de Arraial do Cabo e integra dados sobre diversidade de peixes recifais, interações tróficas e uso do habitat.

Figura 24 – A cidade de Barra Mansa no estado do Rio de Janeiro.

Fonte: elaborada pela autora.

Barra Mansa foi fundada em 1832, inicialmente como a vila de São Sebastião de Barra Mansa, desmembrando-se de territórios vizinhos e se desenvolvendo ao longo do século XIX e XX. A proximidade com centros econômicos vizinhos e a participação nas rotas de circulação entre Rio de Janeiro e São Paulo contribuíram para o desenvolvimento urbano e produtivo da cidade.

De acordo com informações do censo de 2010 do IBGE, o município possuía mais de 177 mil habitantes, distribuídos majoritariamente em áreas urbanas, com presença significativa de população adulta e idosa. Do total de moradores, mais de 29% (51.681) corresponde a pessoas não naturais de Barra Mansa, desses, mais de 32 mil não são fluminenses. Tal fato aponta para uma transitoriedade intensificada de pessoas na cidade, principalmente quando se observa a proximidade com São Paulo capital (aproximadamente 302 quilômetros).

Barra Mansa está situada na margem do rio Paraíba do Sul e atravessada por vários afluentes, como os rios Barra Mansa, Bananal e Bocaina. O município é dividido administrativamente em cinco distritos: Barra Mansa (sede), Floriano, Rialto, Nossa Senhora do Amparo e Antônio Rocha, com altitudes que variam de cerca de 381 metros na sede até 1305 metros no ponto culminante do território.

Historicamente, a cidade possui um setor industrial consolidado, com mais de 500 unidades industriais distribuídas em segmentos variados, como nos setores metalúrgico, químico e transformador, e um centro comercial dinâmico que atende à população e à região vizinha de Volta Redonda.

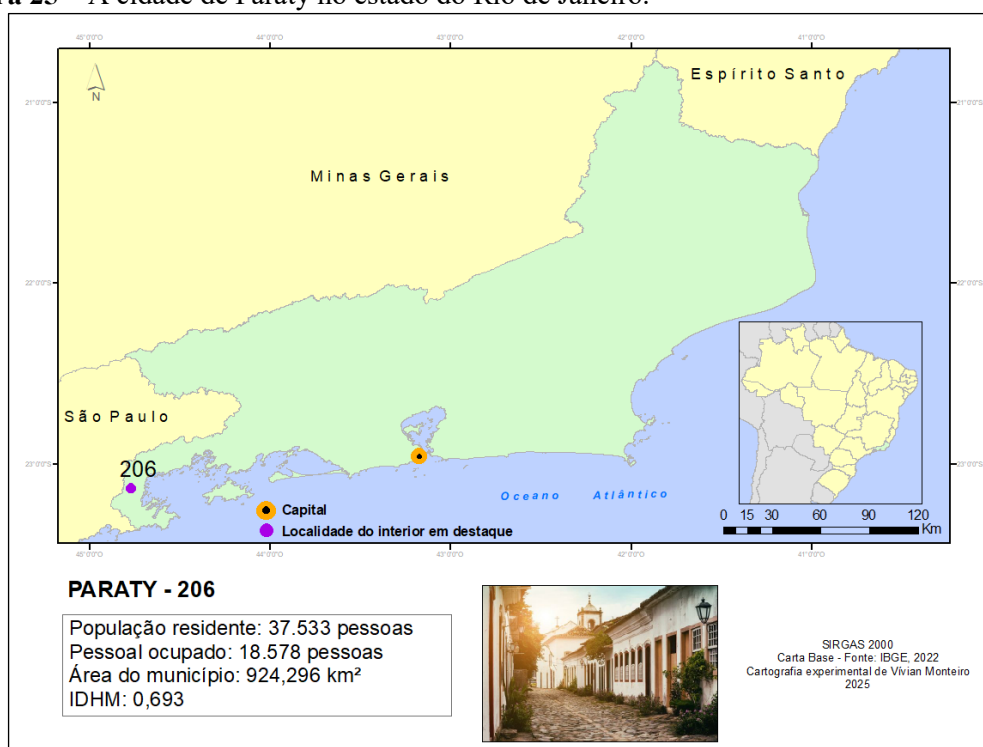
Barra Mansa tem se destacado em indicadores de desenvolvimento social e humano. Em levantamentos recentes do IPS, o município figura entre os mais bem colocados no sul fluminense, com bom desempenho em acesso a serviços sociais, direitos humanos e qualidade de vida urbana, além de índices médios em exames como o ENEM.

A cidade também é percebida como um ambiente com infraestrutura urbana consolidada, combinando áreas residenciais, comércio tradicional e espaços públicos para lazer e cultura, o que contribui para sua atratividade como centro regional.

4.3.19 206 – Paraty (RJ)

Paraty é um município histórico situado no sul do estado do Rio de Janeiro, na região conhecida como Costa Verde, entre o Oceano Atlântico e as montanhas da Serra da Bocaina. A cidade combina paisagens naturais, patrimônio cultural e uma rica tradição histórica, sendo um dos destinos mais conhecidos do Brasil. Paraty está a aproximadamente 250 quilômetros da capital fluminense.

Figura 25 – A cidade de Paraty no estado do Rio de Janeiro.



Fonte: elaborada pela autora.

Paraty “é lugar de memória, de esquecimento, de poder e de resistência, é repertório acumulado, documento e monumento histórico e artístico” (Chagas; Storino, 2014, p. 77), e por isso é tão conhecida e importante dentro do estado do Rio de Janeiro. O nome deriva da língua indígena tupi, refere-se a um peixe abundante na região. A área era originalmente habitada por povos indígenas tupi antes da chegada dos europeus. O povoado começou a se formar no século XVII e, com a descoberta de ouro em Minas Gerais, tornou-se um porto de escoamento do ouro rumo à Europa pela chamada Estrada Real.

A Estrada Real foi um conjunto de caminhos oficiais criados pela Coroa portuguesa, sobretudo entre os séculos XVII e XIX, com o objetivo principal de controlar, fiscalizar e escoar as riquezas minerais, especialmente o ouro e os diamantes produzidos no interior do Brasil colonial, em especial nas regiões que hoje correspondem a Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (Magalhães, 2007).

Esses caminhos não foram construídos do zero: “os indígenas percorriam os caminhos do “sertão”, através dessas trilhas abertas no meio da mata densa e foram algumas delas que deram origem à posterior Estrada Real” (Magalhães, 2007, p. 111), utilizados para circulação e comunicação entre o litoral e o interior. Com a colonização, essas trilhas foram ampliadas e adaptadas para o tráfego de tropas, escravizados, mercadorias e autoridades coloniais.

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, Paraty desenvolveu-se economicamente em torno do comércio marítimo, da produção de cana-de-açúcar e cachaça e da exportação de produtos coloniais. Com o declínio do ciclo do ouro e a abertura de outros portos na região, sua importância comercial diminuiu, o que contribuiu para a preservação de sua arquitetura colonial.

De acordo como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Centro Histórico de Paraty é reconhecido por suas ruas de paralelepípedos, casas coloniais coloridas, igrejas e edifícios públicos que datam dos séculos XVIII e XIX. Devido ao seu valor cultural e paisagístico, Paraty foi inscrita, em 2019, como Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na categoria de sítio misto (cultural e natural), juntamente com a região de Ilha Grande. Paraty é também um centro cultural ativo, sediando eventos de grande repercussão, como a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), que reúne autores e leitores de diversos países em debates, palestras e atividades literárias.

A baía de Paraty possui dezenas de ilhas, praias e enseadas que atraem turistas interessados em mergulho, passeios de barco e ecoturismo. Atualmente, o turismo é o principal motor econômico de Paraty, com um forte impacto sobre serviços como hospedagem, gastronomia, artesanato e eventos culturais. Estudos acadêmicos indicam que a relação entre o turismo e a sustentabilidade socioambiental é um tema de pesquisa relevante na região, especialmente no Centro Histórico e seu entorno.

Além do turismo, tradições como a produção de cachaça artesanal e o artesanato local incorporam influências indígenas, africanas e europeias, refletindo a diversidade cultural que moldou a identidade da cidade ao longo dos séculos.

A população de Paraty é composta, de acordo com os dados do censo 2010, por mais de 37 mil habitantes, dos quais 10.526 não são paratienses. Desses mais de 10 mil, quase 7 mil também não são fluminenses.

Após serem retomados aspectos acerca da delimitação do chamado falar fluminense, buscou-se circunstanciar sociohistoricamente as realidades passadas e presentes dos estados em estudo, considerando-os *lôcus* de ações de grupos humanos, com destaque para as localidades constituintes da rede de pontos do Projeto ALiB, ora contempladas.

Do exposto, é possível perceber, de modo geral, que as localidades do interior do Espírito Santo estudadas caracterizam-se, sobretudo, por um histórico de migrações de colonos europeus, com destaque para os pomeranos e italianos. Vivem, na atualidade, de um modelo de produção primário em que se destaca a agricultura e o setor de serviços básicos, como comércio e educação. Em razão do litoral, algumas são atrativos para turistas.

Por outro lado, as cidades do Rio de Janeiro revelam-se pequenos centros urbanos, em diferentes dimensões, ao longo do espaço estadual. Algumas destacam-se na indústria, outras na exploração petrolífera, enquanto há aquelas que são centros econômicos e/ou turísticos. Quase todas apresentavam, à altura do Censo de 2010, um expressivo contingente de moradores oriundos de outros países, estados e municípios. Diante dos dados e informações coletados e dos resultados a serem avaliados, será possível hipotetizar o quanto esses perfis sociais impactam nos panoramas linguísticos locais, ao menos no que tange às vogais médias pretônicas.

5 METODOLOGIA

A metodologia do trabalho dialetal – nada obstante reconhecer-se que o fazer é quem ensina, o fazer é que dita o método – pode ter alguns passos definidos, no sentido de **ordenar e proporcionar melhor rendimento da investigação** e disciplinar a pesquisa. (grifo nosso)

(Ferreira; Cardoso, 1994, p. 23)

Nesta seção serão descritos os processos metodológicos da pesquisa dialetal e todos os procedimentos seguidos para este estudo se tornar possível. Considerando o *corpus*, a rede de pontos, os questionários utilizados e os critérios aos quais os dados foram submetidos.

A metodologia do estudo dialetal parte, de acordo com Cardoso (2010), de um conjunto de pontos fundamentais que compõem o tripé da dialetologia: (i) a rede de pontos, (ii) os informantes; e (iii) o questionário linguístico. Além disso, considera-se, também de grande importância, a atuação do inquiridor e todo o preparo e cuidados necessários para a pesquisa acontecer.

O *corpus* desta pesquisa foi coletado pelo Projeto ALiB e conta com o repertório linguístico de 76 informantes, distribuídos entre as 19 localidades que compõem a rede de pontos nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro.

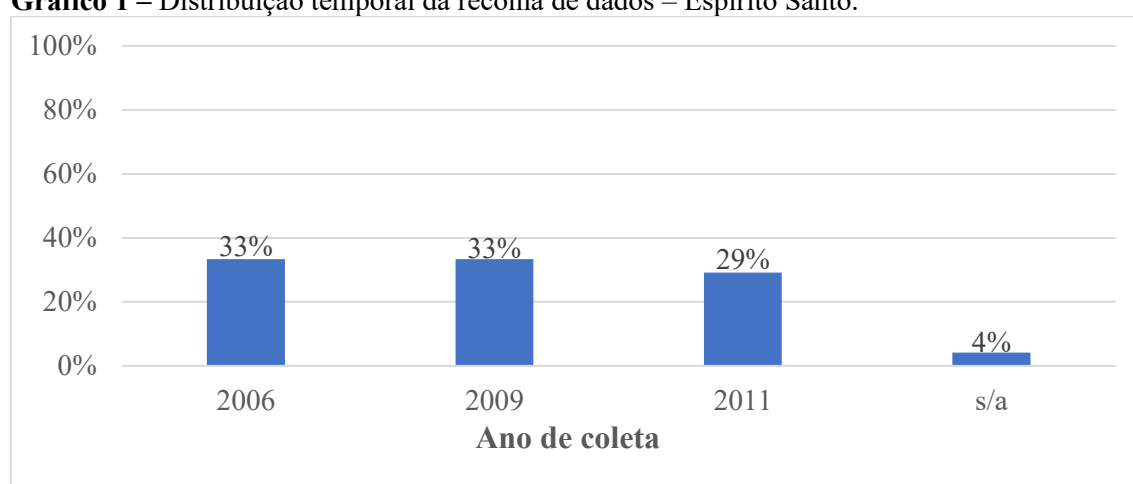
Os informantes, como parte fundamental da composição do *corpus*, estão divididos entre homens e mulheres, e distribuídos nas faixas etárias I (18 a 30 anos) e II (50 a 65 anos), de nível fundamental. Nas capitais, além do nível fundamental incompleto, existe mais uma categoria, que são os informantes de nível universitário. Para este trabalho, as análises não considerarão os dados dos informantes de nível universitário, uma vez que não há outras localidades que possuem igual característica de informantes para equiparar as condições da coleta e proporcionar intercomparação entre os dados. Ou seja, embora a audição, levantamento e codificação dos dados dos quatro informantes de nível universitário de Vitória (ES) e os 4 informantes de nível universitários do Rio de Janeiro (RJ) tenham sido realizados para esta pesquisa, a análise não os contemplará¹².

¹² Os dados das capitais foram levantados e publicados nos volumes 2 e 3 do Atlas Linguístico do Brasil, cartas e comentários às cartas (Mota; Lopes, 2023), respectivamente. Os critérios de coleta desta pesquisa e as variáveis independentes linguísticas para a análise dos dados se diferem dos utilizados para a elaboração do atlas em alguns poucos aspectos, como considerar iniciais absolutas (elefante, ovelha) e controlar a contiguidade da sílaba pretônica em relação à tônica. Sobretudo, o interesse aqui foi o de avaliar o comportamento dos dados das capitais em contraste ao do seu entorno geográfico imediato, as localidades dos interiores de seus respectivos estados. Além disso, devido questões de ordem não metodológica, os dados de levantamento das capitais foram perdidos, havendo, assim, a necessidade de coletá-los novamente.

Nesta amostra, foi registrado um total de 7.017 ocorrências, sendo 4.061 de vogais anteriores e 2.956 de vogais posteriores. Todas as ocorrências foram obtidas a partir das respostas dadas pelos informantes entrevistados nas 19 localidades.

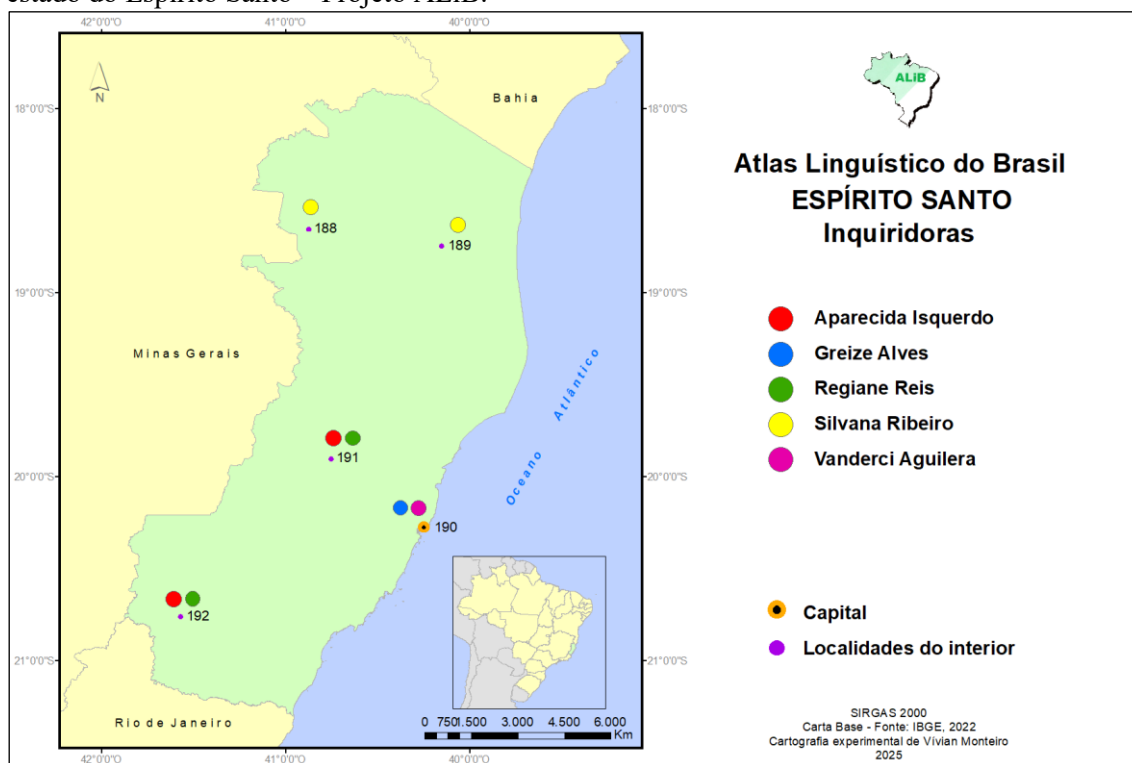
Os inquéritos aqui utilizados foram gravados entre os anos de 2003 e 2013, contando com a participação de professoras e alunas que contribuíram como inquiridoras e auxiliares durante o processo de coleta. A seguir, é possível conferir os gráficos 1 e 2, que indicam, em percentual, a distribuição temporal dos inquéritos; em sequência, serão apresentadas figuras, ilustrando a relação das inquiridoras que participaram da coleta dos dados durante o período da pesquisa de campo.

Gráfico 1 – Distribuição temporal da recolha de dados – Espírito Santo.



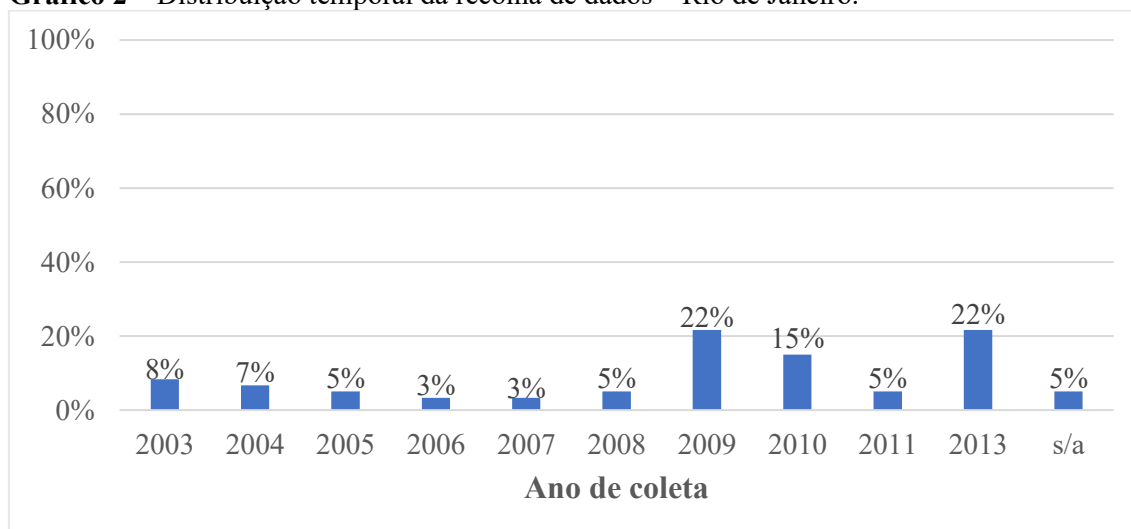
Fonte: elaborado pela autora com base em dados do Projeto ALiB.

Figura 26 – Inquiridoras responsáveis pela realização das entrevistas conforme localidade do estado do Espírito Santo – Projeto ALiB.



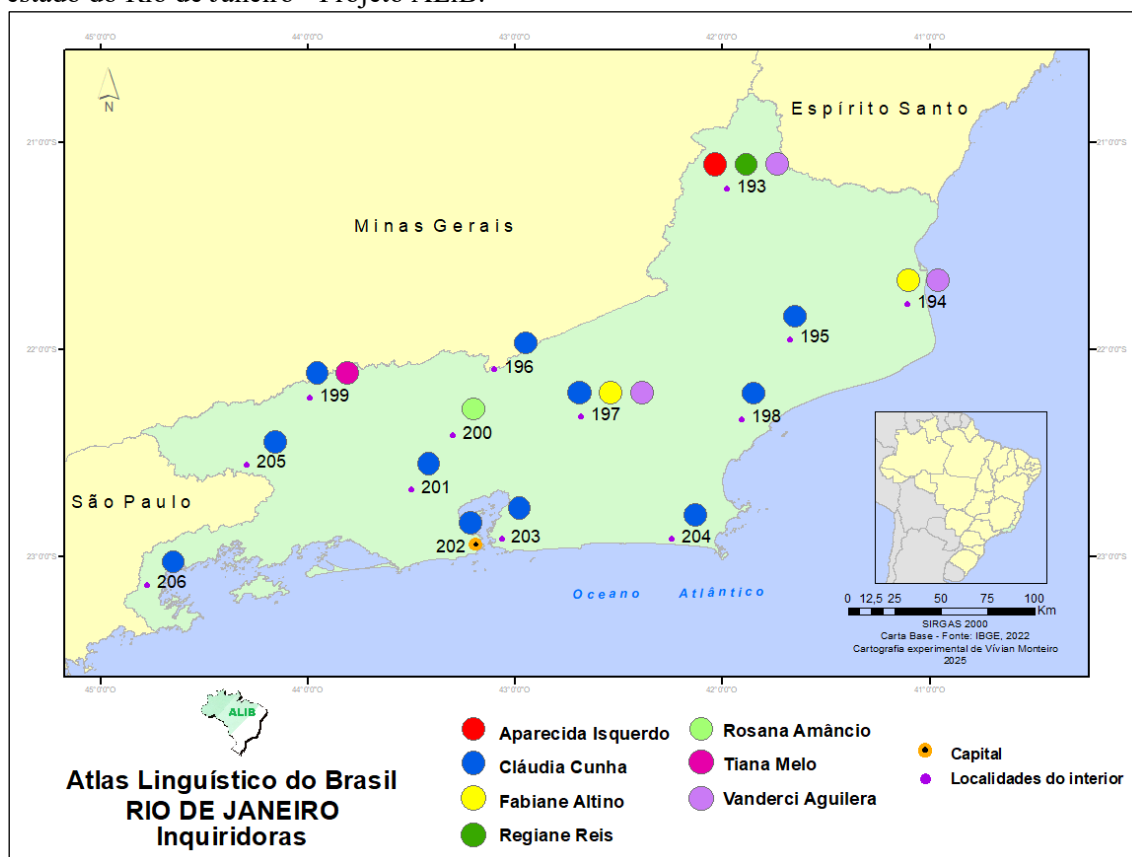
Fonte: elaborado pela autora com base em dados do Projeto ALiB.

Gráfico 2 – Distribuição temporal da recolha de dados – Rio de Janeiro.



Fonte: elaborado pela autora com base em dados do Projeto ALiB.

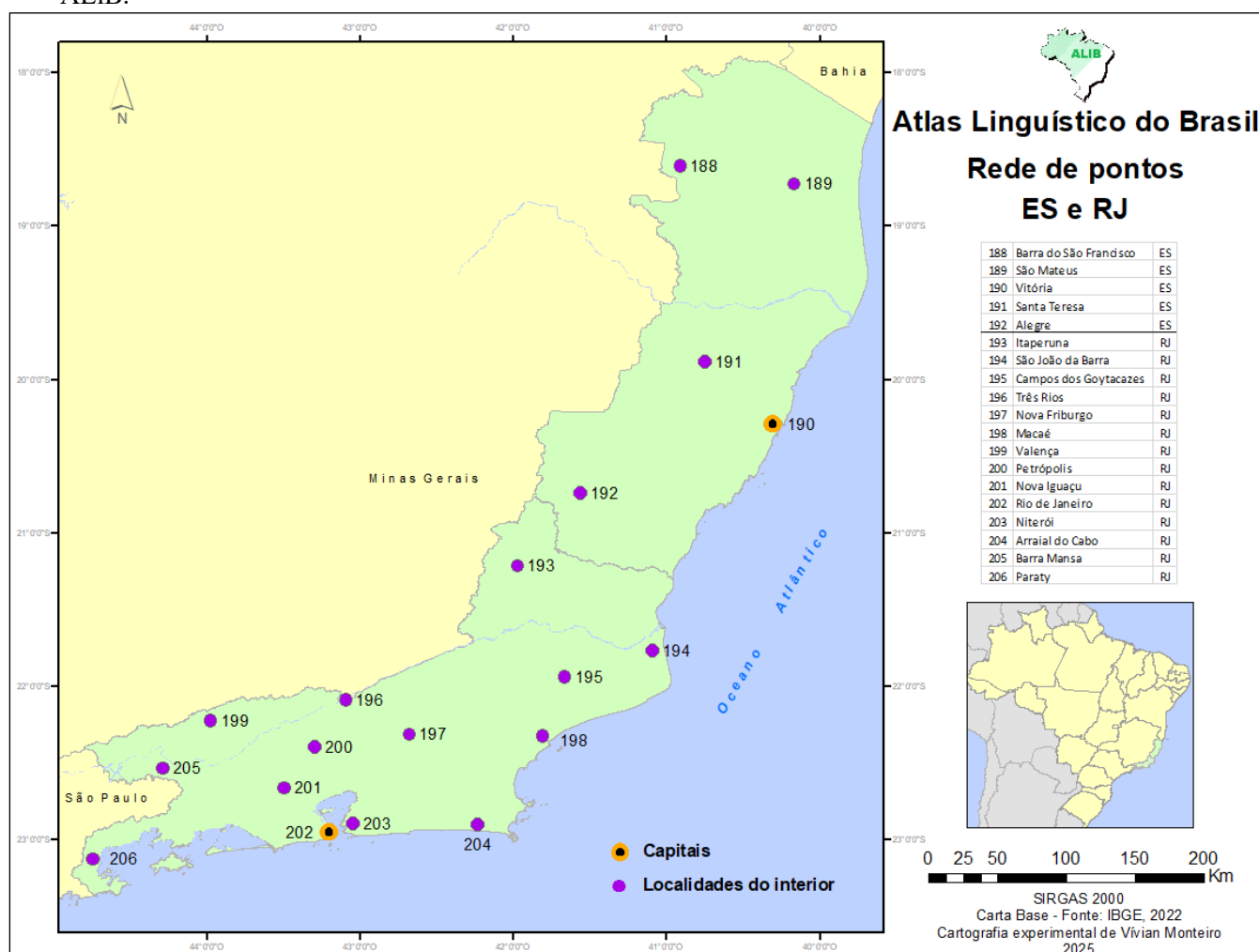
Figura 27 – Inquiridoras responsáveis pela realização das entrevistas conforme localidade do estado do Rio de Janeiro - Projeto ALiB.



Fonte: elaborado pela autora com base em dados do Projeto ALiB.

Ao todo, como já visto anteriormente, a presente pesquisa conta com dados de 19 localidades que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. Em Espírito Santo, tem-se os pontos (188) Barra de São Francisco, (189) São Mateus, (190) Vitória, (191) Santa Teresa e (192) Alegre. No Rio de Janeiro, encontram-se os pontos (193) Itaperuna, (194) São João da Barra, (195) Campos dos Goytacazes, (196) Três Rios, (197) Nova Friburgo, (198) Macaé, (199) Valença, (200) Petrópolis, (201) Nova Iguaçu, (202) Rio de Janeiro, (203) Niterói, (204) Arraial do Cabo, (205) Barra Mansa e (206) Paraty.

Figura 28 – Rede de pontos completa dos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro – Projeto ALiB.



Fonte: elaborada pela autora com base nos dados do Projeto ALiB.

Para a realização de todas as entrevistas, foi utilizado como roteiro os *Questionários* do Projeto ALiB (Comitê Nacional, 2001), e, no presente trabalho, foram levantados dados dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical, os quais contam com 159 perguntas e 202 perguntas, respectivamente, de caráter onomasiológico, contabilizando 361 questões, das quais foi possível extrair respostas e comentários contendo vogais médias pretônicas.

O questionário fonético-fonológico inicia a entrevista e costuma ser um pouco mais tenso que os demais, uma vez que o inquiridor responsável precisa fazer com que o informante dê exatamente a resposta que se espera, pois é a parte do questionário que busca registrar a realização de diversos fenômenos além das vogais médias pretônicas, a exemplo da palatalização de /t/ e /d/ diante de [i], o rotacismo, processos de monotongação e ditongação, ou o /S/ em coda silábica. Na questão **QFF069**, por exemplo, é possível observar:

- **INQ.:** Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?

A resposta esperada para essa pergunta é “DESVIO”, e foi elaborada com o intuito de registrar a realização do /S/ em coda silábica, se o falante pode dizer de[z]vio ou de[ʒ]vio. Contudo, essa resposta fornece um dado importante para a realização das vogais médias pretônicas, quando poderá ser obtido d[e]svio, d[ɛ]svio ou d[i]svio. E o mesmo ocorre com outras questões presentes no questionário fonético-fonológico, possibilitando, assim, o registro do fenômeno em diversas configurações linguísticas.

Outras perguntas podem ser aproveitadas, como:

- QFF012 – TORNNEIRA: “Como se chama aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?”;
- QFF027 – FERVENDO: “Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está?”;
- QFF092 – PERNAMBUCANO: “Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco?”;
- QFF107 – PROCISSÃO: “Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?”.

Embora o inquiridor tenha o papel de fazer com que o informante dê determinada lexia como resposta para observar a realização de um fenômeno fonético, ocorre também de não conseguir na primeira tentativa, e, muitas vezes, são obtidas respostas proveitosas para o estudo das vogais médias pretônicas, como é possível verificar no registro a seguir em a e b:

a) Questão 98 do QFF – CALÇÃO (Comitê Nacional, 2001, p. 14):

INQ.: Os jogadores de futebol usam aqui (*apontar*) camiseta. E aqui (*apontar*) o que é que usam?

INF.: Short.

INQ.: Outros nomes pra isso.

INF.: [bɛfi'mudɐ].

INQ.: Outro só mais um que eu quero.

INF.: Short, [bɛfi'mudɐ], calção.

Informante 4: *mulher, faixa etária II, ensino fundamental de Barra de São Francisco (ES)*

b) Questão 32 do QFF – ABÓBORA (Comitê Nacional, 2001, p. 14):

INQ.: Aquilo que dá no chão, grande (*mímica*) com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro?

INF.: No chão?

INQ.: No chão. É uma... como se fosse uma rama, né, C...

INF.: Vermelha amarelada?

INQ.: É... Por dentro. É, por dentro que ela vermelha amarelada. Casca é dura e...

INF.: [melɐ̃ˈsjɐ].

INQ.: É aquela outra que às vezes a gente cozinha...

INF.: Abóbora.

Informante 2: mulher, faixa etária I, ensino fundamental de Itaperuna (RJ)

O questionário semântico-lexical, por outro lado, tem o intuito de registrar a variação lexical, para tentar compreender o panorama das variantes atribuídas a determinado conceito apresentado. Nesse questionário, não há uma resposta, necessariamente, esperada, e, por isso, é possível registrar uma variedade de ocorrências para o fenômeno aqui analisado, considerando as respostas que possuem vogais médias pretônicas.

a) Questão 151 do QSL – BENZEDEIRA (Comitê Nacional, 2001, p. 33):

INQ.: Como se chama uma mulher que tira mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?

INF.: É [hezaˈdɐɐ̃].

Informante 3: homem, faixa etária II, nível fundamental de Campos dos Goytacazes (RJ).

b) Questão 168 do QSL – TRAMELA (Comitê Nacional, 2001, p. 35):

INQ.: Como se chama aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...?

INF.: [fejaˈdɐɐ̃].

INQ.: Fechadura?

INF.: [fejaˈdɐɐ̃].

Informante 3: homem, faixa etária II, nível fundamental de Campos dos Goytacazes (RJ)

Pela nasalização obrigatória no primeiro “e” pretônico da palavra “benzedeira” em a), não seria possível incluir como ocorrência, uma vez que as vogais nasais do português são tipicamente mais altas; contudo, ao informante responder “rezadeira”, a ocorrência pode ser registrada por se enquadrar nos critérios. Ainda nesse caso, o segundo “e” pré-acentuado de “benzedeira” poderia ser incluído. Em b), quando a resposta “fechadura” é obtida, será igualmente aproveitada como dado do fenômeno da realização das vogais médias em posição pré-acentuada.

Além disso, há diversas outras questões que podem também ser aproveitadas para a presente pesquisa, como:

- QSL010 – TROVÃO: “Como se chama o barulho forte que se escuta logo depois de um raio?”;
- QSL088 – PERNILONGO: “Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar zumbido*”;

- QSL102 – MELECA/TATU: “Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?”;
- QSL103 – SOLUÇO: “Como se chama este barulhinho que se faz? *Soluçar*”.

O questionário semântico-lexical possui 14 áreas semânticas, a saber: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, e vida urbana. Nessas questões, os informantes costumam estar menos tensos, não havendo tanto monitoramento, e isso se torna bastante proveitoso para o levantamento de dados, uma vez que é possível encontrar algo mais próximo do vernáculo do falante.

O passo a passo da pesquisa, que será destrinchado mais a frente, contou com a audição inicial dos inquéritos realizados pelo Projeto ALiB nas 19 localidades, e a transcrição fonética das respostas que possuem vogais médias pretônicas; em seguida, os materiais de transcrição são levados para uma planilha, onde são codificados a partir da chave de codificação própria do Projeto para o fenômeno a ser descrita em sequência. Após a codificação, os dados foram submetidos às rodadas no *software GoldVarb 2001*, programa especializado em tratar estatisticamente dados linguísticos, e interpretados.

Durante a coleta das ocorrências e transcrição fonética das respostas de interesse, alguns critérios foram seguidos para a realização do levantamento das ocorrências, tendo, assim, que incluir:

- as médias pretônicas, registradas ortograficamente com “e” e “o”, quando emitidas como médias [e, ε], [o, ɔ], como em sereno (s[e]reno/s[ε]reno) e coração (c[o]ração/c[ɔ]ração);
- até 5 ocorrências foneticamente iguais¹³;
- vogais diante de consoante nasal apenas quando realizadas de forma oral, como em [to'matʃi] e [me'nʃino];
- casos de mudança no padrão de acentuação previsto para as respostas do Questionário Fonético-Fonológico, a exemplo de [vo'mito] = ['võmito];
- e os casos em que o informante responde à pergunta com item de gênero não previsto para a questão, como “bonita” (não nasalizado e em resposta a

¹³ Número estabelecido de modo sistemático entre os pesquisadores da área de Fonética e Fonologia do Projeto ALiB, considerando a estrutura dos *Questionários* e a natureza das entrevistas.

“bonito”, QFF037) e “pernambucana” (em resposta a “pernambucano”, QSL107).

Os casos de alçamento vocálicos – quando há uma elevação da língua, fazendo com que “e” ou “o” sejam realizados como “i” e “u”, respectivamente – não serão considerados, uma vez que o escopo da presente pesquisa não previa tal levantamento, então não fizeram parte do levantamento casos como “minino” e “tisoura”, “tunate” e “bunito”.

Também, para este levantamento, foram desconsideradas:

- ocorrências de diminutivos e advérbios terminados em –mente, como previsto por Nascentes (1953), como “melequinha” e “totalmente”;
- vogais nasais ou nasalizadas, como em “emprego” e “contar”; ocorrências provenientes de monotongação de ditongos, a exemplo de “bejar” (para “beijar”) e “ovido” (para “ouvido”);
- vogais resultantes de processo de epêntese (“pEneu” e “adEvogado”);
- casos de alternância entre vogais anterior e posterior, como em “barguilha” para “berguilha”, “rodamoinho” para “redemoinho”; “projépio” para “presépio”;
- repetições de vocábulos que estão na fala do inquiridor, exceto quando emitidos de modo diferente;
- palavras-compostas emitidas como dois vocábulos (com dois acentos principais), como “quebra-molas” e “antes de ontem”;
- palavras cuja vogal pretônica esteja na estrutura silábica VC, quando a consoante é um /S/, como em “escola”, “esmola”, “escândalo” – pois, neste caso, a tendência é ao alteamento da vogal, em função de questões referentes à constituição silábica e a outros processos fonológicos não contemplados pelo estudo¹⁴.

Apesar de ter sido identificada a tendência ao alteamento das vogais anteriores, nos casos de fechamento de sílaba por /S/, o vocábulo “HOSPEDADO” foi registrado diversas vezes em inquéritos de informantes dos dois estados para a resposta da pergunta 157 dos questionário fonético-fonológico – HÓSPEDE, havendo alternância entre vogal aberta e vogal fechada, sendo observado casos como [ɔ̃pɛ'dado] e [ɔ̃pɛ'dado], por exemplo.

¹⁴ A partir das primeiras rodadas realizadas, constatou-se um nocaute importante, o que levou à exclusão do contexto VC, sendo /S/ na coda.

Durante o processo de audição, um dos informantes tinha a característica peculiar de utilizar em sua fala muitas palavras no diminutivo, o que ocasionou em inutilização de algumas respostas que poderiam fornecer dados em potencial, como é possível observar em a) e b).

6 Questão 102 do QSL – MELECA/TATU (Comitê Nacional, 2001, p. 29):

INQ.: Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?

INF.: Melequinha (risos).

Informante 1: homem, faixa etária I, nível fundamental de Niterói (RJ).

7 Questão 175 do QSL – INTERRUPTOR DE LUZ (Comitê Nacional, 2001, p. 35):

INQ.: Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

INF.: Terruptôzinho. Terruptô.

INQ.: Como é o nome?

INF.: Terruptô.

Informante 1: homem, faixa etária I, nível fundamental de Niterói (RJ).

A chave de codificação utilizada dentro do Projeto ALiB para as vogais médias pretônicas contempla a variável dependente, que nada mais é do que o fenômeno estudado, o qual depende de outros fatores para a sua realização; e as variantes, sendo elas, neste caso, [e] e [ɛ], [o] e [ɔ]; e as variáveis independentes, que são os fatores condicionantes da variável dependente. Elas podem ser intralinguísticas, quando sua relação se dá na estrutura do vocábulo fonológico e na implicação sonora de cada segmento; e extralinguísticas, quando considera fatores que não estão atrelados nem aos sons, nem ao vocábulo, mas sim quanto ao meio, aos falantes, ao local etc.

É possível conferir na relação a seguir as variáveis independentes intralinguísticas e extralinguísticas consideradas no presente estudo¹⁵:

➤ Posição da pretônica no vocábulo:

A variável indica em qual posição a pretônica analisada se encontra, se está em uma posição inicial, sendo absoluta ou não; ou em uma posição não inicial, como, por exemplo, elefante e televisão, e contornar, respectivamente.

➤ Distância entre pretônica e tônica:

Esta variável dependente controla a qual distância a sílaba da pretônica analisada se encontra da sílaba tônica. Assim, pode distar a uma, duas ou três sílabas, a exemplo de pecado, coração e pernambucano, respectivamente.

➤ Constituição da sílaba pretônica:

¹⁵ As variantes referentes às variáveis, bem como os códigos utilizados, serão colocadas em anexo a este trabalho para melhor compreensão e visualização dos fatores controlados.

Para a constituição da sílaba pretônica, haverá um total de seis contextos diferentes, que representam as configurações, dentro da língua portuguesa, que uma sílaba pode assumir, sendo V, VC, CV, CVC, CCV e CCVC, como, respectivamente, nos casos de elétrico, orvalho, pocã, perdão, prefeito e prostituta.

➤ Vogal tônica:

A vogal tônica é um fator importante a ser controlado na presente pesquisa, pois se trata do segmento que recebe mais força dentro da palavra. Para isso, serão consideradas como fatores todas as possibilidades de produção de vogais em posição ótima para o português brasileiro, sendo elas as vogais orais, nasais/nasalizadas e as formações de ditongos.

➤ Vogal da sílaba seguinte inacentuada:

O contexto átono seguinte à vogal pretônica analisada se faz importante também e será controlado de forma semelhante à vogal tônica, utilizando as possibilidades previstas nos sistemas do português falado no Brasil. Também serão consideradas como fatores as vogais orais e nasais/nasalizadas nesses casos, e os ditongos não são codificados, pois são poucos os exemplos contidos no *corpus*.

➤ Contexto consonântico precedente:

Será considerada também a consoante que precede a vogal pretônica analisada, e, para isso, serão consideradas todas as possibilidades de realização de consoantes encontradas no português do Brasil.

➤ Contexto consonântico seguinte:

De idêntica forma ao contexto consonântico precedente, os sons aqui controlados serão os mesmos possíveis para a língua portuguesa falada no Brasil, acrescentando, ainda, as posições de coda silábica para os segmentos /S/ e /R/.

➤ Número de sílabas do vocábulo:

Esta variável independente controla o número de sílabas do vocábulo, ou seja, a sua extensão como um todo, podendo variar entre dissílaba, trissílaba e polissílaba, quando possui um total de duas, três, quatro sílabas ou mais. Lembrando que não pode haver casos de lexias monossílabas, uma vez que são pesquisadas sílabas pretônicas, então deve existir, no mínimo, duas sílabas.

➤ Sexo:

Dentro da presente pesquisa, serão considerados os dois sexos biológicos, masculino e feminino, dos informantes, conforme a metodologia do Projeto ALiB, que segue os pressupostos da Dialetologia Pluridimensional (Cardoso, 2010).

➤ Faixa etária:

Também seguindo a metodologia do Projeto ALiB, e como já foi citado neste trabalho, serão utilizados os repertórios linguísticos de informantes distribuídos em duas faixas etárias, já apresentadas: I, que vai de 18 a 30 anos, e II, que contempla informantes dos 50 aos 65 anos.

➤ Distribuição diatópica:

A distribuição diatópica é um fator central neste trabalho, pois é a partir dela que se pauta a Dialetologia (Ferreira; Cardoso, 1994), a qual guia os objetivos da pesquisa e o incentivo a esta investigação.

Dentro da chave de codificação original do Projeto ALiB, já existente e utilizada para estudos anteriores deste fenômeno, foram identificados alguns grupos de fatores que, futuramente, durante as rodadas, poderiam causar certos conflitos.

A primeira mudança é referente à natureza dos grupos considerados e as especificações da pesquisa. Devido ao recorte referente à localidade e aos informantes, os fatores *distribuição diatópica por região geográfica brasileira e nível de escolaridade do(a) informante* foram descartados, pois ambos os estados trabalhados pertencem à região sudeste do país, e apenas os informantes de escolaridade nível fundamental foram considerados nesta pesquisa, embora todos os dados tenham sido levantados. Além disso, os grupos *classe morfológica do vocábulo e tipos de questionários* foram eliminados por não se mostrarem relevantes nem produtivos em rodadas-teste previamente realizadas¹⁶.

Tendo em mente todos os fatores considerados na realização do presente estudo, faz-se necessário ter conhecimento também dos procedimentos seguidos, passo a passo, para a obtenção dos resultados que serão apresentados mais adiante neste trabalho. Na sequência deste tópico, é possível observar os processos metodológicos seguidos para a melhor delimitação dos dados.

¹⁶ Mais adiante, no tópico seguinte, será mencionado o ocorrido durante as rodadas-teste.

5.1 LEVANTAMENTO E TRATAMENTO DOS DADOS

Durante a audição dos inquéritos do Projeto ALiB, era realizada simultaneamente a transcrição fonética das respostas que continham vogais médias pretônicas em um documento de texto, utilizando como referência o *International Phonetic Alphabet* (IPA). Após revisadas, as transcrições foram copiadas para uma planilha *Excel* que registrava i) a identificação da questão de onde a resposta havia sido retirada; ii) o registro gráfico da palavra; iii) a transcrição fonética; iv) os grupos para codificação, distribuídos em colunas numeradas de 1 a 13, e preenchidos a partir da chave de codificação do fenômeno; v) a codificação final, área na qual foi utilizada a função concatenar (=CONCATENAR) para unir os dados das células da codificação de cada ocorrência, que estavam distribuídas em linhas.

O método de codificação foi desenvolvido para melhor revisão dos dados e correções posteriores, caso necessário. Havia duas planilhas para cada localidade, sendo que uma era destinada a vogais anteriores, com abas dos informantes 1 a 4 ou 1 a 8, no caso das capitais Vitória e Rio de Janeiro, que, embora não analisados aqui, tiveram seus dados novamente levantados, como justificado anteriormente.

Com os códigos prontos, como se pode observar na figura a seguir, foi feita a cópia conjunta de todo o produto das planilhas, ou seja, os códigos, agrupando vogais anteriores em um arquivo e vogais posteriores em outro arquivo, totalizando dois arquivos de texto.

Figura 29 – Tabela de levantamento e codificação das ocorrências de vogais anteriores em Barra de São Francisco-ES, informante 4.

		A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	U
1		Localidade: BARRA DE SÃO FRANCISCO - 188/4																			
2		Questão	Resposta	Transcrição Fonética	Grupos/Codificação																
3					(	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Grupos/Codificação
4	QFF002	MATERIAIS	[materi'ajs]	(e 2 2 3 B i t r 4 F 2 b	(	e	2	2	3	B	i	t	r	4	F	2	b				(e223Bitr4F2b
5	QFF002	MATERIAIS	[materi'ajs]	(e 2 2 3 B i t r 4 F 2 b	(	e	2	2	3	B	i	t	r	4	F	2	b				(e223Bitr4F2b
6	QFF004	TELEVISÃO	[televi'zəw]	(e 1 3 3 B e t l 4 F 2 b	(	e	1	3	3	B	e	t	l	4	F	2	b				(e133Betl4F2b
7	QFF004	TELEVISÃO	[televi'zəw]	(e 2 2 3 B i l v 4 F 2 b	(	e	2	2	3	B	i	l	v	4	F	2	b				(e223Bilv4F2b
8	QFF006	TESOURA	[te'zore]	(e 1 1 3 o / t z 3 F 2 b	(	e	1	1	3	o	/	t	z	3	F	2	b				(e113o/tz3F2b
9	QFF009	ENERGIA	[êne'ʒie]	(e 2 1 3 i / n Z 4 F 2 b	(	e	2	1	3	i	/	n	Z	4	F	2	b				(e213i/nZ4F2b
10	QFF011	ELÉTRICO	[e'letriku]	(3 1 1 1 3 / / l 4 F 2 b	(	3	1	1	1	3	/	/	l	4	F	2	b				(31113//l4F2b
11	QFF011	ELÉTRICO	[e'letriku]	(3 1 1 1 3 / / l 4 F 2 b	(	3	1	1	1	3	/	/	l	4	F	2	b				(31113//l4F2b
12	QFF027	FERVENDO	[fer'vedu]	(e 1 1 4 E / f R 3 F 2 b	(	e	1	1	4	E	/	f	R	3	F	2	b				(e114E/fR3F2b
13	QFF029	CEBOLA	[se'bole]	(e 1 1 3 o / s b 3 F 2 b	(	e	1	1	3	o	/	s	b	3	F	2	b				(e113o/sb3F2b
14	QFF049	ELEFANTE	[ele'fêti]	(e 1 2 1 A e / l 4 F 2 b	(	e	1	2	1	A	e	/	l	4	F	2	b				(e121Ae/l4F2b
15	QFF049	ELEFANTE	[ele'fêti]	(e 2 1 3 A / l f 4 F 2 b	(	e	2	1	3	A	/	l	f	4	F	2	b				(e213A/lf4F2b
16	QFF069	DESVIO	[dez'viu]	(e 1 1 4 F / d z 2 F 2 b	(	e	1	1	4	F	/	d	z	2	F	2	b				(e114F/dz2F2b
17	QFF074	REVISÃO	[hevi'zəw]	(e 1 2 3 B i H v 3 F 2 b	(	e	1	2	3	B	i	H	v	3	F	2	b				(e123BiHv3F2b
18	QFF074	SEGURO	[se'guɾu]	(e 1 1 3 u / s g 3 F 2 b	(	e	1	1	3	u	/	s	g	3	F	2	b				(e113u/sg3F2b
19	QFF083	PREFEITO	[pre'feitu]	(e 1 1 5 F / r f 3 F 2 b	(	e	1	1	5	F	/	r	f	3	F	2	b				(e115F/rf3F2b
20	QFF092	PERNAMBUCANO	[pefinəbu'kənu]	(e 1 3 4 A A p R 4 F 2 b	(	e	1	3	4	A	A	p	R	4	F	2	b				(e134AApR4F2b
21	QFF097	DEFESA	[de'feze]	(e 1 1 3 e / d f 3 F 2 b	(	e	1	1	3	e	/	d	f	3	F	2	b				(e113e/df3F2b
22	QFF098	BERMUDA	[be'fimuɾe]	(e 1 1 4 u / b R 3 F 2 b	(	e	1	1	4	u	/	b	R	3	F	2	b				(e114u/bR3F2b

Fonte: elaborada pela autora.

Os grupos 10, 13 e 15 não estão preenchidos porque se trata dos grupos eliminados, como explicitado anteriormente, *tipo de questionário, nível de escolaridade do(a) informante e distribuição diatópica por região geográfica brasileira*. Os dois últimos eliminados devido a, respectivamente, o uso de apenas um nível universitário na análise, e por se tratar de uma pesquisa feita sobre apenas uma região brasileira, o Sudeste.

Após esses procedimentos, as ocorrências foram submetidas a análises através do *GoldVarb 2001* (Lawrence; Robinson; Tagliamonte, 2001). Os dados foram, então, divididos em dois arquivos, um para anteriores e outro para posteriores, contendo informação de ambos os estados, uma vez que serão observados na perspectiva de um contínuo entre Espírito Santo e Rio de Janeiro. Os códigos foram atribuídos de igual maneira para as vogais, alterando apenas as variantes da variável dependente.

Serão apresentados, nos apêndices, os resultados obtidos em rodadas que consideram os dois estados individualmente apenas para melhor compreensão da distribuição diatópica nas cidades dos dois estados, Espírito Santo e Rio de Janeiro, de forma separada, pois o objetivo deste trabalho pauta-se na análise contrastiva desses espaços, como já mencionado anteriormente¹⁷, o que se verifica melhor a partir de uma rodada conjunta.

Antes de iniciar as rodadas aqui descritas, foram realizadas algumas rodadas-teste para compreender melhor de que forma os dados deveriam ser tratados. Na primeira rodada teste, foi utilizado, como fator de aplicação as variantes semiabertas [ɛ] e [ɔ], tanto para as anteriores quanto para as posteriores, o que gerou problemas estatísticos. Houve um número muito elevado de nocautes, valores altos de significância estatística nas rodadas multivariadas e inclusões, nas rodadas consideradas melhores pelo programa, de grupos eliminados ao fim da análise multivariada.

Assim, decidiu-se utilizar as variantes semifechadas, [e] e [o], como fator de aplicação. Nas rodadas seguintes, foi percebido que os fatores *classe morfológica do vocábulo e tipos de questionários* sempre eram descartados, e, por isso, decidiu-se retirá-los da análise. Ao se pensar sobre os questionários utilizados – QFF e QSL – e a estrutura dos inquéritos do ALiB, pautados na dinâmica pergunta-resposta, percebeu-se, também, que a análise dessa variável não seria produtiva no caso em tela. Nem sempre, os

¹⁷ A rodada referente às vogais posteriores no Espírito Santo não é considerada perfeita, uma vez que houve, no *step up* (significância de 0.029), a inclusão de um grupo excluído ao final de todas as rodadas; por isso, optou-se por utilizar como referência a rodada *step down* (significância 0.477), pois não há a inclusão dos grupos desconsiderados.

comentários livres proferidos pelos informantes durante o QSL implicavam uma maior espontaneidade e não muitos serviram como fontes de dados.

As análises iniciaram-se a partir dos dados das vogais anteriores [e] e [ɛ]. O programa, ao identificar todas as variáveis independentes e seus respectivos fatores, fornece um quadro de condições sob as quais os dados devem ser processados. Para o presente trabalho, foi escolhido como fator de aplicação a vogal fechada [e], ou seja, a variante tomada como referência para as rodadas estatísticas; assim, os valores serão definidos em função de [e].

Após a identificação dos fatores pelo programa, são geradas as informações percentuais a respeito de cada um dos grupos propostos e dos fatores. Nesses resultados, ocorreram alguns *knockouts* (ou nocautes), que é o termo empregado pelo *software* para indicar resultados categóricos, ou seja, que apresentam 100% ou 0% de ocorrências em determinada condição em função de apenas uma variante, indicando que a variante analisada naquele contexto não apresenta variação no *corpus*, o que pode sugerir que se trata de um fator estatisticamente não relevante a partir dos dados coletados; bem como pode sugerir uma possível regra para aquela realização, ou algum caso de difusão lexical.

Para prosseguir com as rodadas estatísticas, foi necessário eliminar os grupos envolvidos nos resultados categóricos encontrados pelo *software* e fazer junções em outros, para isso, houve uma recodificação, quando os nocautes foram resolvidos.

Esses nocautes serão amplamente explorados na seção 6, referente à análise dos resultados obtidos, do presente trabalho.

Dando continuidade, após a eliminação dos primeiros nocautes acusados para as vogais anteriores, foi realizado uma nova rodada com as condições reescritas para a exclusão das variantes categóricas e a junção de grupos com características semelhantes.

Nesse sentido, houve a necessidade amalgamar as consoantes dos grupos de contextos consonantais precedente e seguinte de acordo com o seu ponto de articulação, considerando que as características que reúnem cada uma das consoantes do português brasileiro agem mais diretamente no que tange à altura da língua, consequentemente, na abertura e fechamento das vogais. O modo de articulação, por sua vez, está mais ligado ao controle da saída do ar pelas cavidades oral e nasal.

Foram, então, atribuídos novos códigos dentro do programa para eliminar os nocautes quanto aos grupos (7) contexto consonântico precedente e (8) contexto consonântico seguinte, como se apresenta no quadro a seguir.

Quadro 4 – Junção adotada para eliminação de nocautes nos grupos 7 e 8.

Modo	Consoante	Código
Bilabiais	[p], [b], [m]	B
Labiodentais	[f], [v]	L
Dentoalveolares	[t], [d], [n], [ɾ], [s], [z], [l]	D
Pós-alveolares	[ʃ], [ʒ]	A
Palatais	[ɲ], [ʎ]	P
Velares	[k], [g]	V
Róticos fricativos ¹⁸	[x], [χ], [h], [ħ]	H

Fonte: elaborado pela autora.

Os contextos de /S/ e /R/ em coda silábica foram mantidos (códigos \$ e R, respectivamente, para o grupo de número 8, contexto consonântico seguinte), pois, embora a coda silábica seja uma posição considerada mais fraca na sílaba por não ser obrigatória em diversos contextos, existe uma relação maior entre o núcleo (a vogal aqui analisada) e a coda do que o núcleo e o ataque, por exemplo (Moraes, 2024, p. 97). Além disso, nos dados encontrados para as localidades estudadas, essas estruturas foram frequentes.

Sem nocautes, foram obtidos os resultados percentuais mais uma vez para, em sequência, solicitar ao programa que fornecesse, nas rodadas estatísticas, o peso relativo para os dados levantados a partir do comando *Binomial, Up & Down*, que testará a significância de cada um dos grupos de fatores a partir do procedimento de *step-up/step-down*, ou seja, o grau de confiabilidade dos resultados.

O peso relativo é a forma como é contada a relevância estatística de um determinado fator em meio de outros fatores (Guy; Zilles, 2007, p. 239). Esse valor pode ser lido da seguinte maneira, e assim será utilizado no presente trabalho: quando estiver dentro da faixa 0.001 a 0.499, pode-se considerar esse um fator de menor relevância, ou um desfavorecimento à utilização da variante de referência; já quando o valor estiver acima de 0.500, o fator será considerado estatisticamente relevante e favorecedor da utilização da variante de referência. Por se tratar de uma análise binária (variante semiaberta vs. variante semifechada), o valor apresentado pelo peso relativo em 0.50 é considerado como ponto neutro (cf. Guy; Zilles, 2007, p. 239), não favorecendo nem

¹⁸ Embora se tenha escolhido essa designação, compreende-se que todas são consoantes posteriorizadas, articuladas na área velar/glotal. Portanto, [-coronais].

desfavorecendo a utilização da variante de referência, e os fatores cujos valores se aproximam desse ponto, são estatisticamente mais “fracos” na interferência da variante.

Após a obtenção dos pesos relativos na rodada inicial, foi possível visualizar, a partir da indicação do programa, os fatores relevantes e os fatores que não demonstraram relevância estatística para a realização do fenômeno, seja esse fator linguístico ou social. As eliminações que ocorreram foram devido ao fato de o *GoldVarb* não reconhecer os fatores linguísticos e sociais mencionados anteriormente como estatisticamente relevantes.

Os resultados estatísticos são apresentados de acordo com a forma que as rodadas foram realizadas, nesse caso, de *step-up/step-down*, na qual o programa realiza inicialmente um teste com os grupos individualmente, processando-os em adições um por um (*step-up*); em seguida, é realizado o procedimento contrário ao *step-up*, o *step-down*, em que os grupos de análise são retirados um por um. Esse processo gerará páginas de resultados, contudo, o programa indicará as melhores rodadas conforme cada etapa (Guy; Zilles, 2007, p. 164).

Para escolher qual rodada deve ser tomada como referência, é preciso observar a significância estatística, que é o valor atribuído pelo programa como forma “de estimar a probabilidade de se obter uma determinada distribuição de dados pressupondo certas características [...] quanto à natureza da fonte de onde os dados são extraídos” (Guy; Zilles, 2007, p. 85), e, assim, gera um grau numérico de confiabilidade dos dados. Esse número pode ser considerado aceitável quando não ultrapassa 1.0, e quanto mais próximo de 0.000 for a significância, melhores serão os dados. Acima desse valor, existe a possibilidade de essas informações não representarem uma realidade muito fidedigna em relação ao comportamento das variáveis em seus meios.

Para analisar mais pontualmente a relação entre alguns fatores sociais na presente pesquisa, foi necessário realizar cruzamentos entre as variáveis no programa, que vai, basicamente, averiguar as combinações entre duas variáveis sobre o uso das variantes e verificar se há independências ou interações entre as variáveis.

Os fatores selecionados como relevantes para tal cruzamento foram os seguintes, considerando a relação entre esses fatores e os resultados alcançados: i) diatopia x sexo; ii) diatopia x faixa etária. Os cruzamentos serão apresentados durante a seção de análise.

O procedimento foi feito de forma idêntica com as vogais posteriores, considerando todo o passo a passo para o resultado das rodadas.

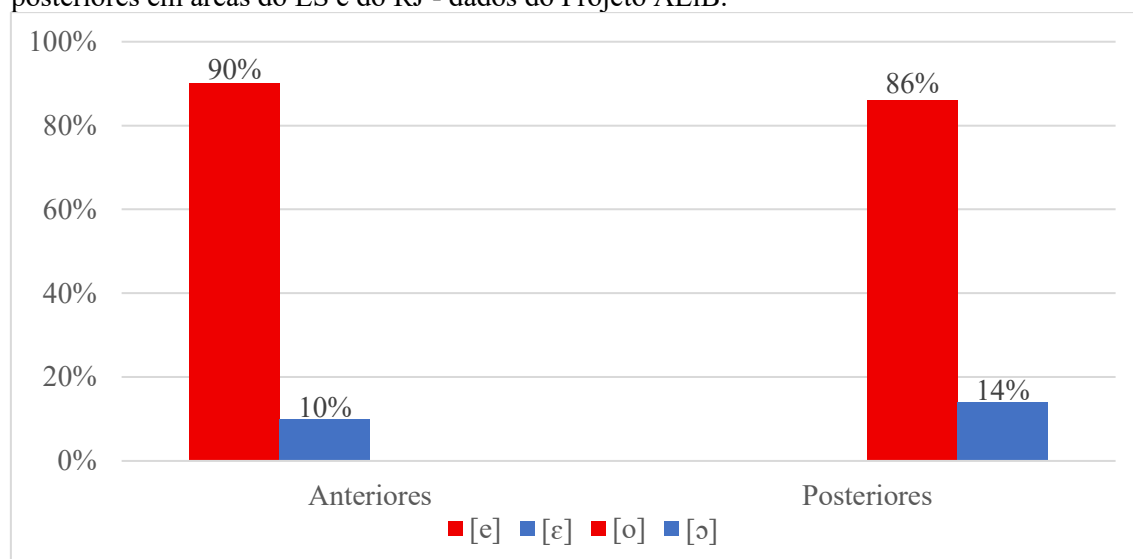
Todos os resultados alcançados a partir do passo a passo descrito na presente seção serão comentados no item 6 do presente trabalho, apontando números e indicando os grupos eliminados pelo programa.

6 ANÁLISE DOS DADOS

A seguir, serão analisados os dados levantados na presente pesquisa, considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos, mencionados anteriormente, na tentativa de descrever de forma mais fidedigna possível a realidade linguística brasileira no que tange ao uso das vogais médias em posição pré-acentuada, tanto anteriores quanto posteriores, na fala dos informantes dos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro que compõem o *corpus* do Projeto ALiB.

Em um panorama geral, e como afirmado por Nascentes (1953 [1922]) a partir de seus estudos, as vogais semifechadas, ou médias-altas, predominam na área em questão, localizada no sudeste brasileiro. A distribuição pode ser observada em percentual a partir dos resultados obtidos, considerando os dados seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional e a análise sob a luz da Sociolinguística Variacionista.

Gráfico 3 – Distribuição geral das realizações das vogais médias pretônicas anteriores e posteriores em áreas do ES e do RJ - dados do Projeto ALiB.



Fonte: elaborado pela autora.

Visualizando o Gráfico 3, é possível perceber a diferença acentuada entre o uso das variantes semiaberta e semifechada nos dois estados, tanto para anteriores quanto para as posteriores, havendo um percentual expressivo de 90% de [e], contabilizados das 3.692 ocorrências, contra 10% de [ɛ], e 369 ocorrências; e 85% de [o], com 2.527 ocorrências, contra 15% de [ɔ], com 429 ocorrências, e tal dado revela uma preferência dos falantes pelas variantes semifechadas. Ao todo, foram obtidas 7.017 ocorrências.

Conforme o objetivo de verificar quais contextos proporcionam uma restrição ao comportamento das vogais médias pretônicas semifechadas, ocasionando em ocorrências de semiabertas em área de predomínio da variante semifechada, a análise será pautada em função de [e], porém, também, descrevendo e buscando justificativas para o comportamento de [ɛ].

Nesta seção, primeiro serão analisados os resultados estatísticos obtidos para as vogais anteriores [e] e [ɛ], em seguida, para as vogais posteriores [o] e [ɔ].

Deve ser sempre considerado o fato de que foram entrevistados apenas 4 informantes em cada localidade, o que pode não ser ideal ou perfeito para o mapeamento dos fenômenos em variação na língua. O que se conhece são as realidades linguísticas daqueles recortes, as quais podem ser projetadas à realidade comum daquele espaço geográfico (Santos, 2006 [1996]).

6.1 VOGAIS ANTERIORES

Os resultados para as vogais anteriores passaram por todos os procedimentos descritos no item 5, e que serão mais bem explorados na presente seção, para serem obtidos.

Tabela 1 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ – dados do Projeto ALiB.

Vogais anteriores	Ocorrências	Percentual
[e]	3692/4061	90%
[ɛ]	369/4061	10%

Fonte: elaborada pela autora.

Observados os números referentes à análise inicial, com ocorrências e percentuais, serão vistos, em seguida, alguns apontamentos para as rodadas estatísticas, as quais darão uma melhor visão a respeito dos fatores linguísticos e sociais utilizados no presente estudo e de que forma eles agem sobre as variantes e qual a importância deles em determinado contexto.

Como já havia sido descrito anteriormente na seção 5 deste estudo, foram submetidos ao software *GoldVarb 2001* os dados referentes às ocorrências das vogais no Espírito Santo e Rio de Janeiro, de forma conjunta, para que seja possível entender as tendências de fechamento e/ou abertura das vogais nessas localidades, bem como verificar seu grau de abertura.

Como já foi descrito anteriormente no passo a passo da pesquisa, a sequência do trabalho deu-se com a realização das rodadas estatísticas, nas quais foi possível visualizar os pesos relativos e, então, depreender as tendências do comportamento das vogais anteriores nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Na rodada geral, foram eliminados os grupos de variáveis linguísticas (1) posição da pretônica no vocábulo e (3) constituição da sílaba em que se encontra a pretônica. Para o *GoldVarb*, esses grupos não se mostraram estatisticamente relevantes para o processo de variação do fenômeno nas localidades estudadas, o que não significa que essas variáveis não devam ser consideradas ou observadas neste ou em estudos de outros fenômenos.

Adiante, serão analisados, particularmente, os resultados indicados, seguindo a ordem dos grupos segundo a chave de codificação para padronizar os resultados de anteriores e posteriores, para cada uma das variáveis independentes, sejam elas linguísticas ou sociais. Os resultados dispostos nas tabelas seguem a ordem indicada pelo próprio programa.

6.1.1 Estudo das vogais médias anteriores: variáveis linguísticas

6.1.1.1 Distância entre pretônica e tônica

A partir dos critérios preestabelecidos para este trabalho, seguindo alguns dos fatores e parâmetros propostos por estudos anteriores para o fenômeno dentro do Projeto ALiB, a variável independente “distância entre pretônica e tônica”, como já explicado, mede a distância entre a sílaba pretônica observada e a sílaba tônica, podendo ser contígua à tônica, distando duas ou três sílabas da posição tônica.

Tendo como base nas rodadas estatísticas realizadas o auxílio do programa *GoldVarb 2001*, é possível observar, na tabela a seguir, os resultados para a variável linguística em questão e suas tendências.

Tabela 2 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo distância entre pretônica e tônica – dados do Projeto ALiB referentes à manutenção de [e].

Distância	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Contígua p[e]cado	2562/2870	89%	0.39

2 sílabas t[e]l <u>e</u> fone	764/818	93%	0.69
3 sílabas p[e]rnambu <u>c</u> ano	366/373	98%	0.88

Input: 0.981 - Significância: 0.041

Fonte: elaborada pela autora.

Os contextos em que a sílaba pretônica dista 3 sílabas da tônica é o maior favorecedor para a realização da variante fechada [e], seguido do contexto de duas sílabas de distância. Já as sílabas contíguas à tônica apresentam um peso relativo baixo, o que significa que esse contexto está desfavorecendo a ocorrência de vogal fechada, consequentemente, favorece de modo significativo a vogal aberta [ɛ].

Para melhor estabelecer as relações entre as sílabas e a ocorrência do fenômeno, é necessário avaliar, sobretudo, a qualidade das vogais tônicas e das sílabas átonas seguintes, sendo apenas uma ou duas, por exemplo, pois, geralmente, o compartilhamento dos traços ocorre de forma gradativa: primeiro uma vogal espraia o traço para a mais próxima, e essa espraia também para a outra mais próxima (pensando em um caso de três sílabas de distância).

Assim, foi percebido que o único contexto que favorece a abertura da vogal pretônica é o que implica contiguidade entre pretônica e tônica, como em “pressão”, “pecado” e “peteca”, sendo necessário, em estudos posteriores, verificar se há relações também com as características da vogal tônica.

6.1.1.2 Vogal tônica

Desde os primeiros estudos a respeito do fenômeno de variação das vogais médias pretônicas, a vogal da sílaba tônica tem apresentado grande importância e influência no comportamento das pré-acentuadas, como observado por Silveira (1921) e Câmara Júnior (1970), uma vez que é grande a força exercida pela sílaba tônica na palavra, sobretudo por seu núcleo, a vogal. Existe, assim, a probabilidade dessa influência recair sobre a altura da língua, deixando-a idêntica, ou muito próxima, à realização da tônica por um processo de assimilação, visto amplamente em casos de harmonização vocálica (Bisol, 1981).

Neste trabalho, são propostos um total de 14 contextos de vogal tônica, sendo eles distribuídos entre as diversas vogais orais, nasais e a ocorrência de ditongos, variando entre abertos e fechados.

Portanto, serão apresentadas a seguir as informações a respeito do comportamento das vogais pretônicas diante de contextos tônicos possíveis e o que isso vai impactar em sua realização.

Tabela 3 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a vogal tônica – dados do Projeto ALiB dados do Projeto ALiB referentes à manutenção de [e].

Vogal tônica	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
[ẽ] t[e]rr[ẽ]no	657/689	95%	0.40
[ẽ] ch[e]g[ẽ]ndo	381/410	93%	0.52
[i] p[e]rd[i]da	256/269	95%	0.57
[ɛ] pr[e]s[ɛ]pio	47/203	23%	0.01
[o] ant[e]ri[o]r	324/329	98%	0.81
Ditongo fechado p[e]rd[ew]	259/263	98%	0.73
[e] d[e]f[e]sa	521/531	98%	0.90
[u] f[e]rrad[u]ra	94/99	95%	0.64
Ditongo aberto mat[e]ri[aw]	531/574	92%	0.33
[ũ] p[e]rf[ũ]me	86/87	99%	0.86
[a] p[e]rgunt[a]r	355/409	87%	0.21
[õ] p[e]rnil[õ]ngo	67/73	92%	0.30
[ĩ] n[e]bl[ĩ]na	75/77	97%	0.93
[ɔ] r[e]l[ɔ]gio	39/48	81%	0.05

Input: 0.981 - Significância: 0.041

Fonte: elaborada pela autora.

Alguns pesos relativos chamam bastante atenção pelos seus valores significativos, sejam eles em favorecimentos ou desfavorecimentos. Por isso, é importante destacar, inicialmente, os contextos tônicos [o], [e], ditongos fechados e as vogais nasais altas [ĩ] e

[ũ]. Em todos eles, existe um favorecimento acentuado da vogal média-alta na posição pretônica, ou seja, uma tendência ao fechamento, comportamento bastante comum visando à perspectiva tanto linguística (por processos assimilatórios) quanto espaciais (difundido naquele espaço).

Destaca-se também a quantidade numérica de ocorrências diante das vogais abertas [ɔ] e [a]. Embora pareça coerente ocorrer um processo de assimilação de abertura nesses dois casos também, a maioria dos resultados, quando as vogais são abertas, é de vogal fechada.

Tabela 4 – Vogais anteriores diante de [ɔ] e [a] em sílaba tônica – dados do Projeto ALiB.

Contextos	Ocorrências	
	[e]	[ɛ]
[ɔ] nerv[ɔ]sa	39/48	9/48
[a] peg[a]r	355/409	54/409

Fonte: elaborada pela autora.

Esse processo, no entanto, não ocorre com a vogal aberta [ɛ] nesse contexto. O resultado para a sílaba tônica, embora não seja categórico, apresenta maiores ocorrências, de fato, da vogal [ɛ] diante de [ɛ], havendo, nesse contexto, 156 ocorrências da variante semiaberta (77%) contra 47 ocorrências da variante semifechada (23%). Nesse caso, parece ocorrer mais o processo de assimilação por espraçamento do traço de abertura das vogais tônicas para as pretônicas, de fato, já sendo visto um número mais elevado de ocorrências, nas quais se pode compreender melhor o comportamento da variável. Observa-se a ilustração desse processo na figura a seguir.

seja mais elevado (cf. Tabela 4), o peso relativo revela que, de fato, a presença de vogais baixas ou média-baixas em posição tônica favorece o abaixamento da vogal [e], fato apontado nos trabalhos de Silva (1989) e Alves (2022), por exemplo, que estudam as vogais médias pretônicas em Salvador (BA) e em Minas Gerais, respectivamente.

Agora, para os pesos relativos mais inferiores presentes na Tabela 3, aqueles que apontam para um favorecimento à outra variante, a semiaberta, são encontrados para os contextos tônicos das vogais [ɛ], [ɔ], [a], vogal nasal [õ], ditongos abertos e vogal nasal [ẽ], embora essa última promova favorecimento mais leve à abertura da pretônica. Nesses casos, sobretudo nos contextos das vogais mais baixas, é comum que haja uma influência em relação ao processo de abaixamento, fazendo com que, de forma harmônica, as pretônicas se alinhem quanto a essa característica.

Sobre a vogal nasal [õ], com peso relativo de 0.30, não se pode definir, com certeza, de que forma é exercida sua influência nesse caso, uma vez que as ocorrências são poucas, o que dificulta na delimitação e especificações quanto ao seu comportamento. Além, disso, todas as ocorrências registradas da vogal semiaberta [ɛ] diante de contextoônico [õ] foram da lexia “p[ɛ]rnil[õ]ngo”, resposta à pergunta QSL088 (Comitê Nacional, 2001, p. 28), registradas na fala de informantes de faixa dois, homens e mulheres, das localidades de Barra de São Francisco-ES (inf. 3), São Mateus-ES (inf. 4), Itaperuna-RJ (inf. 3, primeiro dizendo [pɛhna'lõɡu], e se corrige em seguida, dizendo [pɛhni'lõɡu]) e Barra Mansa-RJ (inf. 4, duas vezes).

Silva (2021, p.65), revisitando os dados de sua análise sobre o falar baiano (ao norte e fronteiro com o estado do Espírito Santo, pertencente ao falar fluminense de Nascente, 1953) de 1989, afirma que os contextos nasais favorecem um abaixamento da pretônica, principalmente quando o contextoônico é composto por uma das médias nasais. Este fato também é visto no presente trabalho, quando os contextos das médias nasais, favorecendo a abertura.

A autora aponta que as vogais [ɛ], [ɔ], [a], [ẽ], [õ] e [ẽ] favorecem o abaixamento de [e], que o fenômeno no dito falar baiano estaria sujeito a uma regra variável de timbre (Silva, 1989), a qual, dentre outras especificações, define que as pretônicas cujo contexto seguinte seja nasal, terá obrigatoriamente um abaixamento.

Alves (2022) analisa especificamente a qualidade da vogal tônica e percebe que as vogais nasais estão, de fato, favorecendo o abaixamento da pretônica nos

dados obtidos em Minas Gerais, o que corrobora, também, a hipótese de abaixamento referente à regra variável de timbre apresentada por Silva (1989).

Serão então analisados os contextos de vogal tônica nas qualidades orais e nasais para definir, de forma mais específica, como as pretônicas se comportam quanto a esses contextos. Para esse recorte, foram retirados os ditongos abertos e fechados, e, por isso, o valor total de ocorrências não coincide com o total geral obtidos para as vogais anteriores.

Tabela 5 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a qualidade da vogal tônica – dados do Projeto ALiB.

Qualidade da vogal	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Nasal	1266/1336	94%	0.65
Oral	1636/1888	90%	0.40

Input: 0.908 - Significância: 0.000

Fonte: elaborada pela autora.

No caso dos dados dos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, foi encontrado um resultado oposto: as vogais nasais estão favorecendo a manutenção da média-alta.

Para compreender esse resultado, é preciso pensar no processo acústico-articulatório de produção das vogais nasais, as quais se caracterizam pela dupla ressonância da corrente de ar, nas cavidades oral e nasal. Logo, enquanto entidade física, dentre outros elementos, uma vogal nasal será caracterizada não só pela presença dos formantes¹⁹ orais, que caracterizam as vogais orais, mas, também, de formantes nasais.

Ao apresentar os valores médios do primeiro formante – que, de modo geral, seria referente ao movimento de elevação da língua / abertura da vogal – de vogais nasais e suas contrapartes orais, Silva *et al.* (2019, p.114), revelam algumas compreensões que podem ajudar a entender parte dos resultados ora encontrados. As vogais [ẽ] (F1: 560 Hz) e [ũ] (F1: 269 Hz) tônicas apresentam valores médios de F1 mais baixos do que suas contrapartes orais [a] (F1: 740 Hz) e [u] (F1: 307 Hz), revelando, portanto, que essas nasais tendem a ser ligeiramente mais fechadas.

Para as vogais [ĩ] e [i], os valores de F1 são próximos (277 e 263 Hz, respectivamente), revelando que esses segmentos não se diferenciam quanto ao grau de

¹⁹ Em Fonética Acústica, com base na Teoria Fonte-Filtro, Formantes são faixas de frequência de ressonância. No ressoador oral, são geradas pelos diferentes movimentos dos articuladores ativos em direção aos passivos. No ressoador nasal, são geradas em função da posição da cavidade nasal com relação à laringe (Kent; Read, 2015).

abertura, sendo ambas vogais fechadas. Quanto ao fenômeno em análise, em proporções distintas, nasal e oral favorecem a manutenção da média-fechada anterior [e]. O peso elevado de [ĩ] precisa ser observado em termos de contexto vocabular, haja vista tratar-se de apenas 77 ocorrências no *corpus*.

Quanto às médias nasais [ẽ] (F1 = 503 Hz) e [õ] (F1 = 488 Hz), os valores apresentados por Cristófar *et al.* (2019) denotam que essas vogais são mais abertas que suas contrapartes orais [e] (F1 = 401 Hz) e [o] (F1 = 427 Hz). Este fato permite compreender o comportamento desses elementos quanto ao favorecimento à abertura da pretônica média anterior.

6.1.1.3 Contexto vocálico seguinte (vogal inacentuada)

Após o contexto das vogais tônicas, outro muito importante, e que revela interação com a vogal da sílaba pretônica, é a vogal seguinte inacentuada. Estudos como os de Hora e Pereira (1998) pontuam ações desse contexto na manutenção da altura das vogais pretônicas, em consonância, também, com a vogal tônica, e uma possível restrição ao seu comportamento.

Os nocautes encontrados para essa variável revelam informações relevantes para o presente trabalho e serão apresentados no quadro a seguir:

Quadro 5 – Nocautes acusados pelo *GoldVarb 2001* para as vogais anteriores no ES e RJ, segundo o contexto vocálico seguinte (vogal inacentuada) – dados do Projeto ALiB.

Variável	Variantes	Referência	Ocorrências
Contexto vocálico seguinte (vogal inacentuada)	[e] t[e]l[e]visão	[e]	341/341
	[ɛ] t[ɛ]l[ɛ]visão	[e]	0/9
	[ĩ] t[e]rm[ĩ]nal	[e]	3/3
	[ɔ] r[e]f[ɔ]gada	[e]	4/4

Fonte: elaborado pela autora.

Observa-se que, sendo o contexto vocálico da sílaba seguinte inacentuada a vogal [e], a pretônica em questão sempre será [e], dentro destes dados; bem como nos contextos vocálicos seguintes inacentuados de [ɛ], a vogal pretônica também será sempre [ɛ]. Essa

informação revela uma regra em potencial no que diz respeito a um possível processo de assimilação, em que a vogal pretônica recebe uma característica compartilhada entre si, um traço referente à abertura.

Contudo, ainda a respeito do contexto da vogal seguinte (inacentuada), outro dado curioso se mostra na condição de ocorrência categórica da pretônica [e] quando a sílaba seguinte inacentuada é [ɔ]. Embora haja uma abertura na sílaba seguinte, a vogal pretônica não absorve esse traço. Foram observadas apenas 4 ocorrências nesse contexto específico para as lexias “melhorar” (2 ocorrências), “refogada” (1 ocorrência) e “restaurante” (1 ocorrência), emitidas, respectivamente, como [meʎɔ'ra], [hefɔ'gadɐ] e [heftɔ'rɛtʃi]. Devido ao pouco número de ocorrências, torna-se difícil compreender melhor o fenômeno nesse contexto específico, mas já se observa alguns poucos casos de um desvio a uma regra de assimilação, que, certamente, não é absoluta.

Verificam-se, assim, os resultados estatísticos obtidos, após eliminação dos nocautes por exclusão das variantes, na tabela a seguir.

Tabela 6 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo o contexto vocálico seguinte (vogal inacentuada) – dados do Projeto ALiB.

Vogal átona seguinte	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
[i] tel[e]v[i]são	285/292	98%	0.72
[ẽ] p[e]rn[ẽ]mbucano	89/90	99%	0.51
[ũ] p[e]rg[ũ]tar	99/100	99%	0.86
[a] s[e]p[a]ração	147/184	80%	0.06
[o] m[e]lh[o]rou	22/23	96%	0.73
[u] int[e]rr[u]ptor	105/106	99%	0.64
[ẽ] d[e]f[ẽ]dendo	12/13	92%	0.29
[õ] [e]c[õ]nômico	8/9	89%	0.24

Input: 0.981 - Significância: 0.041

Fonte: elaborada pela autora.

Como se pode observar na Tabela 6, não ocorreram vogais média-baixas em sílaba seguinte átona no universo dos dados coletados, o que talvez acompanhe um dado já exposto no tópico anterior, em relação à vogais tônicas, em que houve apenas 203 ocorrências da vogal [ɛ] e 48 da vogal [ɔ], resultados melhor analisados na tabela de número 3. Nesses casos, não existindo contextos mais baixos que, supostamente, pudessem favorecer a abertura da vogal pretônica, tem-se apenas três favoráveis: a vogal baixa [a] e as vogais médias anteriores nasais [ẽ] e [õ].

A vogal média-baixa nasal [ẽ] não será eleita como favorecedora à vogal média-alta anterior, pois, nesse caso, apresenta um peso relativo próximo ao ponto neutro. Não estando, dessa forma, nem favorecendo, nem desfavorecendo a ocorrência das variantes.

Novamente, traz-se a ideia mencionada por Silva (1989), corroborada pelas análises de Alves (2022), sobre o fato de as vogais nasais favorecerem o processo de abaixamento da vogal [e]. No entanto, com base nos dados do presente trabalho, ainda não seria muito assertivo afirmar que esse é um fator favorecedor, mesmo com um peso relativo para a vogal [ẽ] em posição átona seguinte apontando tal tendência, pois foram registradas apenas 13 ocorrências nesse contexto, um valor não ideal para Campoy e Almeida (2005).

Havendo, assim, mais ocorrências numéricas de contextos médio-altos e altos, tanto em posição tônica (cf. tabela de número 3) quanto em posição átona (visíveis na Tabela 6), e um maior favorecimento da variante média-alta, é possível supor que ocorre um processo de assimilação entre as tônicas e as seguintes à pretônica inacentuadas. Ou seja, também há um compartilhamento de traço de abertura nessas posições observadas, fazendo com que seja propício um contexto para ocorrência da vogal média-alta [e].

6.1.1.4 Contexto consonântico precedente

Além dos contextos vocálicos, é importante controlar também os contextos consonantais que cercam a vogal pretônica analisada, uma vez que sua realização pode também influenciar na altura da vogal e, por isso, foi escolhido o ponto de articulação para a realização da amálgama dos grupos das consoantes nas rodadas do *GoldVarb*, como já descrito na seção 5 deste trabalho. Para as vogais anteriores, foram registrados dados correspondentes a seis contextos consonantais.

O único nocaute acusado pelo programa foi um caso pontual, em que houve apenas uma ocorrência da consoante lateral palatal [ʎ] diante da pretônica. É visto um

resultado singular partindo de um contexto incomum, em que o informante utiliza uma maneira idiossincrática para responder à questão 083 do questionário semântico-lexical (“Como se chama uma mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?”), sendo a resposta “mosca varejeira”, nesse caso, conforme respondido pelo informante, “valhejeira”. Esse nocaute no grupo 7 foi apenas eliminado da análise, não participando da amálgama feita entre as consoantes.

A seguir, conferem-se os resultados estatísticos.

Tabela 7 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo o contexto consonântico precedente – dados do Projeto ALiB.

Contexto consonântico	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Dentoalveolares hor[te]lã	1813/1912	95%	0.62
Labiodental [ve]rão	400/417	96%	0.56
Bilabial [be]terraba	981/1093	90%	0.39
Velar [ke]stão	60/61	98%	0.15
Róticos velares e glotais [xe]lâmpago	305/346	88%	0.33
Pós-alveolares [ʒe]leia	27/60	45%	0.03

Input: 0.981 - Significância: 0.041

Fonte: elaborada pela autora.

Pensando na estrutura silábica, as consoantes precedentes encontram-se em posição de ataque, ou seja, ocupam o espaço à esquerda do núcleo, a vogal pretônica em questão; o ataque não é uma posição obrigatória de preenchimento na língua portuguesa, ao contrário do núcleo, que é expresso em todos os casos. Hierarquicamente, o núcleo possui uma relação menos dependente com o ataque do que com a coda silábica (Moares, 2024, p. 97), fator também opcional na língua portuguesa, por isso, supõe-se que a interferência não seja tão direta nesse sentido.

É possível observar, a partir dos resultados, que há mais circunstâncias que favorecem o abaixamento do que a elevação da vogal média anterior, como os contextos de pós-alveolares ([ʃ] e [ʒ]), as velares ([k] e [g]), róticos velares ou glotais ([h], [x], [ɦ], [ʁ]) e as bilabiais ([p], [b], [m]).

A realização desses sons, na perspectiva dos pontos de articulação, revela uma relação mais forte na manutenção da altura da língua, fator para a produção das vogais, o qual vai definir sua abertura ou fechamento. No caso dos contextos favorecedores do abaixamento mencionados anteriormente, é perceptível, na realização articulatória desses segmentos, a influência sobre as variantes médias das vogais. Ainda que as ocorrências, no geral, mostrem que há uma preferência pelo uso da variante semifechada, os pesos relativos deste grupo apontam, de fato, para uma tendência ao abaixamento da vogal [e] nos contextos apresentados.

Para as consoantes oclusivas velares, os róticos velares ou glotais e as oclusivas bilabiais, a parte anterior da língua se movimenta na posição, ou o mais próximo, de repouso, seja durante o processo ou ao final do processo, ou seja, ela alcança um ponto baixo da cavidade oral. Nesse sentido, a articulação desses sons pode estar agindo sobre o abaixamento da língua também na sequência da pronúncia, favorecendo a ocorrência da variante [ɛ]. Embora, em alguns casos, a quantidade de ocorrências não seja tão expressiva, há coerência em também observar as características a partir da perspectiva articulatória.

No caso das pós-alveolares, há uma aproximação mais significativa do palato para a realização da fricção necessária dos sons [ʃ] e [ʒ], no entanto, não há uma interação intensa como ocorre com as dentoalveolares (cujo peso relativo encontrado foi de 0.62), que, de fato, tocam a parte superior da cavidade oral em algum ponto, fato pelo qual se faz acreditar que esteja havendo certa influência na manutenção de [e].

As labiodentais não apontam um comportamento muito definido, uma vez que o peso relativo apresentado se encontra na zona neutra, não indicando nitidamente favorecimento ou desfavorecimento às variantes.

6.1.1.5 Contexto consonântico seguinte

Após analisar os resultados para o contexto consonântico precedente, faz-se necessário observar a consoante que surge após a vogal pretônica, para compreender, assim, as interferências nas alturas que a língua assume para emitir determinado timbre.

Além dos casos tocados na subseção anterior, foram incluídos os casos de coda silábica para as consoantes /S/ e /R/, uma vez que seu comportamento quanto à altura se

mostra extremamente importante devido à forte relação existente entre a posição de núcleo (a vogal média pretônica) e a coda da sílaba.

Os nocautes acusados para essa variável foram das consoantes [ʒ] e [n], pertencentes aos grupos, respectivamente, das pós-alveolares e das dentoalveolares, e ambos os casos foram igualmente aglutinados.

A seguir, a tabela apresenta os resultados para os contextos, considerando, ainda a classificação das consoantes por ponto de articulação.

Tabela 8 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo contexto consonântico seguinte – dados do Projeto ALiB.

Contexto consonântico	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Róticos velares e glotais t[ɛɦ]eno	221/240	92%	0.37
Dentoalveolares agr[ɛs]ivo	1426/1687	84%	0.42
Pós-alveolares r[ɛʒ]ião	105/107	98%	0.79
/R/ em coda s[ɛɦ]viço	755/781	97%	0.46
Bilabial n[ɛb]lina	256/277	92%	0.21
Labiodentais el[ɛf]ante	492/498	99%	0.70
/S/ em coda temp[ɛf]tade	291/295	99%	0.93
Velares p[ɛk]ado	123/150	82%	0.31
Palatais v[ɛʌ]aco	23/26	88%	0.19

Input: 0.981 - Significância: 0.041

Fonte: elaborada pela autora.

Os contextos consonânticos que demonstram favorecimento à abertura da vogal são de consoantes palatais, bilabiaais, velares, róticos velares e glotais, dentoalveolares e o /R/ em posição de coda silábica. Diferentemente do encontrado para as consoantes precedentes, no caso das seguintes, existe uma inversão de tendências em relação às dentoalveolares e as pós-alveolares, conforme valores apresentados na Tabela 8, o que torna inconclusiva a possível interferência entre essas duas categorias de consoantes.

Analisando sob outra perspectiva, é de conhecimento que as consoantes em posição de coda silábica têm uma relação mais intensa com o núcleo, que, nesse caso, é a vogal pretônica analisada. Com a existência de valores que dificultam a delimitação da ação das consoantes sobre as vogais pretônicas nesse caso, fez-se necessário observar de que forma se comporta a vogal seguinte, observando a ocupação da posição de coda silábica, como é possível analisar na tabela a seguir:

Tabela 9 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo contexto consonântico seguinte: coda silábica e ataque da sílaba seguinte – dados do Projeto ALiB.

Posição	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Coda	1046/1076	97%	0.75
Ataque da sílaba seguinte	2646/2985	89%	0.40

Input: 0.921 - Significância: 0.000

Fonte: elaborada pela autora.

Nesta pesquisa, foram encontradas as consoantes /R/ e /S/ ocupando a posição de coda silábica, sendo que, na outra possibilidade (/l/ em coda), os dados seriam inviabilizados por estarem fora dos critérios, uma vez que haveria a vocalização do /l/, consequentemente, gerando um ditongo. As consoantes que constituem coda silábica nos dados do presente estudo favorecem mais a ocorrência da variante semifechada. Em relação ao contexto ataque da sílaba seguinte, haverá um favorecimento, mesmo que não tão expressivo, ao abaixamento de [e].

Certamente a quantidade de ocorrências não são equiparáveis, há mais casos, de fato, de consoantes seguintes que não participam da mesma sílaba da pretônica do que os casos que participam. Contudo, existe uma importância em observar de que forma essas consoantes agem sobre a vogal pretônica, sobretudo considerando as relações hierárquicas entre os elementos da sílaba. Por isso, entende-se que as realizações possíveis do /S/ e do /R/ em coda silábica nesses casos são os mais fortes caracterizadores da vogal pretônica.

De acordo com os dados apresentados na tabela de número 8, embora o /R/ na posição de coda esteja, ainda, indicando um favorecimento ao abaixamento de [e], esse favorecimento é bastante sutil, conforme sugere o peso relativo de 0.46, muito próximo ao ponto neutro. Já em relação ao /S/ em mesma posição, o peso relativo apontado na Tabela 8 é de 0.93, ou seja, é um contexto extremamente favorecedor da vogal semifechada [e]. Lembra-se, também, que a capital fluminense, segundo os resultados já publicados no ALiB, volume 2 (Cardoso *et al.*, 2014b), é área de palatalização do /S/ na

coda silábica, diferentemente de Vitória-ES, região com baixos índices de palatalização do /S/, e essas diferentes realizações podem influenciar, em função de sua zona de articulação, a forma como a vogal pretônica pode estar sendo produzida.

De modo a tecer algumas considerações, apresenta-se adiante a escala de sonoridade de Selkirk (1984)²⁰.

Figura 31 – Escala de sonoridade segundo Selkirk (1984).

(2)	
a. Glides:	j, w, ɥ
b. Vowels:	i, u, y, ɯ, e, o, ε, æ, etc.
c. Sonorants:	m, n, ŋ, etc. (nasals); l, r, etc. (liquids)
d. Syllabic sonorants:	m, n, ŋ (nasals); l, r, etc. (liquids)
e. Obstruents:	s, z, f, etc. (fricatives); b, p, t, etc. (stops)
f. Syllabic Obstruents:	s, ?? ²

Fonte: Selkirk (1984, p. 108), adaptado pela autora.

Diante da proposta e dos resultados, é possível compreender que:

- i) as consoantes em coda têm uma relação mais próxima com a vogal pretônica, uma vez que participam da mesma sílaba, enquanto as demais pertencem às sílabas subsequentes;
- ii) os róticos em coda, em sua maioria registrados como velares e glotais ([h, x, ɦ, ɣ]), podem estar favorecendo a vogal semiaberta, mesmo que de forma menos intensa, pois, verificando a escala de sonoridade (Selkirk, 1984), esses elementos, classificados como mais posteriores, o que significa dizer que possuem uma sonoridade menos intensa, consequentemente mais fracas e mais distantes de vogais abertas; iii) o /S/ na posição de coda, podendo configurar-se como [s, ʃ, z, ʒ] e sendo elas consoantes fricativas, encontram-se em posição mais inferior na escala de sonoridade, tornando-as menos sonoras.

²⁰ Embora a ideia de escala de sonoridade perpassasse os estudos fonológicos desde o começo do século XX, com o modelo proposto por Otto Jespersen, optou-se pela escala de Selkirk (1984), por sua correlação com a Teoria da Sílabas proposta no âmbito da Fonologia Não-Linear.

6.1.1.6 Número de sílabas do vocábulo

O número de sílabas do vocábulo é a última variável linguística controlada e diz respeito ao tamanho da palavra em que a pretônica é encontrada. Nesse sentido, será observado de que forma esse fator influencia o comportamento das vogais médias em posição pré-acentuada e suas tendências a partir dos resultados estatísticos que serão explanados a seguir. Lembra-se que, para esse fator, são considerados os vocábulos com duas sílabas, três sílabas, quatro sílabas ou mais.

Tabela 10 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo o número de sílabas do vocábulo – dados do Projeto ALiB.

Número de sílabas	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Duas qu[e]stão	365/377	97%	0.854
Três m[e]lhorar	1750/1950	90%	0.558
Quatro ou mais r[e]lâmpago	1577/1734	91%	0.344

Input: 0.981 - Significância: 0.041

Fonte: elaborada pela autora.

Conforme entendimento dos dados apresentados na tabela, é percebido que vocábulos menores, como os de duas sílabas, são aqueles que mais favorecem a vogal semifechada [e], e que os maiores, com quatro sílabas ou mais, favorecem a vogal semiaberta [ɛ], enquanto as lexias com três sílabas (as quais estão em maior número de ocorrências) indicam um resultado muito mais próximo da neutralidade. Em uma área de predomínio de vogais fechadas, com base no princípio da saliência fônica, seria mais provável, de fato, que, em contextos mais salientes, as vogais mantenham-se fechadas.

6.1.2 Estudo das vogais médias anteriores: variáveis extralinguísticas

Aqui serão analisadas, a partir dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, as interações entre as variáveis sociais e o fenômeno em questão, observando as tendências e os fatores relevantes para sua realização nas localidades estudadas, buscando, sempre que necessário e possível, embasamento na socio-história, na geografia e na cultura desses locais.

Para isso, serão controlados os fatores diatopia, sexo e faixa etária. Embora o programa tenha desconsiderado alguns deles em uma primeira rodada, ainda serão pautados aqui para melhores informações e esclarecimentos quanto ao comportamento das vogais médias pretônicas nos respectivos contextos sociais.

6.1.2.1 Distribuição diatópica

Para o presente estudo, a variação diatópica é de extrema importância para compreender como se dá a distribuição espacial do fenômeno. Como já foi constatado, existe uma preferência pelo uso das variantes fechadas no contexto dos dados levantados, contudo, outros aspectos serão analisados, para que se compreendam determinados comportamentos, sobretudo a tendência de abertura das vogais de acordo com a localização geográfica.

Tabela 11 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a distribuição diatópica – dados do Projeto ALiB.

Estado	Localidade	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
ES	Barra de São Francisco	182/225	81%	0.10
	São Mateus	199/218	91%	0.40
	<i>Vitória</i>	202/224	90%	0.32
	Santa Teresa	126/154	82%	0.12
	Alegre	192/225	85%	0.20
RJ	Itaperuna	176/215	82%	0.13
	São João da Barra	192/212	91%	0.41
	Campos dos Goytacazes	168/181	93%	0.58
	Três Rios	201/212	95%	0.75
	Nova Friburgo	221/240	92%	0.56
	Macaé	202/224	90%	0.46
	Valença	200/216	93%	0.62
	Petrópolis	242/259	93%	0.65
	Nova Iguaçu	224/241	93%	0.65
	<i>Rio de Janeiro</i>	193/204	95%	0.75
	Niterói	247/264	94%	0.66

Arraial do Cabo	174/181	96%	0.78
Barra Mansa	201/210	96%	0.78
Paraty	150/156	96%	0.80

Input: 0.981 - Significância: 0.041

Fonte: elaborada pela autora.

O fato que mais chama atenção nesses resultados é a escala crescente em relação aos dois pontos extremos dos estados: entre Barra de São Francisco, ponto mais ao norte do estado do Espírito Santo, e Paraty, localidade mais ao sul do estado do Rio de Janeiro, os pesos relativos distribuem-se apontando a tendência mais intensa de abertura até a tendência mais intensa para ocorrência da vogal pretônica fechada.

A respeito do Espírito Santo, ainda que São Mateus e Vitória, a capital, tenham valores um pouco mais diferenciados em relação às demais localidades do estado, os pesos relativos ainda indicam uma maior tendência à abertura, portanto, que há restrições ao fechamento das vogais.

São Mateus, como exposto na seção 4, no tópico 4.3.2, possui um percentual em torno de 45% dos 109.028 habitantes não naturais da cidade (49.027 pessoas, sendo 23.392 de fora do Espírito Santo), o que pode estar apontando para um contato mais intenso entre outras possíveis variedades da língua. Nas fichas dos informantes dessa localidade, não foram encontradas informações que indiquem influência de pessoas próximas, como pais, pais adotivos e cônjuges, exceto o caso do informante 3, cuja esposa é natural de Januária-MG, e não há outras informações a respeito de quanto tempo reside em São Mateus.

Todos os cinco pontos do estado apontam para uma espécie de favorecimento à abertura em relação ao Rio de Janeiro, cuja causa pode ser hipotetizada, considerando, principalmente, a proximidade com a Bahia, estado que apresenta, ainda, uma preferência pela variante aberta, conforme é percebido pelos resultados da capital Salvador publicados no segundo volume do Atlas Linguístico do Brasil (cf. carta F01 V1 em Cardoso, 2014b, p. 71) e em estudo realizado por Mota e Lopes (2023).

Embora Vitória possua um peso relativo que indique desfavorecimento estatístico à manutenção vocálica, os dados relativos ao município destacam-se por apresentar um comportamento distinto das demais localidades do estado, com exceção de São Mateus, também localizada na região litorânea capixaba. Ambas apresentam pesos relativos acima de 0.20.

O litoral brasileiro, em geral, é sempre um destino muito procurado, sobretudo para turismo. Devido aos altos índices de migrações, sejam de permanência de longa ou curta duração, diversos fatores podem ser agregados à fala, sobretudo por se tratar de um fenômeno que se encontra na base estrutural da língua, ou seja, de baixa percepção dos falantes, quase inconsciente. Sobre isso:

grande parte de seus fluxos, tanto de imigração quanto de emigração, ficam restritos aos estados vizinhos, fundamentalmente Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Tal dinâmica seria fruto do peso da atividade econômica do estado em nível nacional, pouco relevante para a atração de fluxos de mais longa distância. (Dota, 2016, p. 10).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os dados do Ministério do Turismo, historicamente, a cidade de Vitória recebe migrantes e turistas, sobretudo, do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, e, entre os anos de 2005 e 2010, recebeu também migrantes de outros estados brasileiros não identificados, mas com um número significativo (Dota; Coelho; Camargo, 2017, p. 38). São Mateus, único município litorâneo além de Vitória que faz parte da rede de pontos do Projeto ALiB, está entre as cidades mais visitadas do Espírito Santo, conhecida principalmente por suas praias, e recebe, também, migrantes dos mesmos locais que Vitória, porém em proporções diferentes.

Rio de Janeiro e Minas Gerais, vizinhos do Espírito Santo, são estados marcados, em sua maioria, pela utilização de vogais fechadas, enquanto a Bahia apresenta preferência, em sua capital, pelo uso das variantes abertas (Alves, 2022; Mota e Lopes, 2023). Acredita-se que o fluxo migratório de baianos para as cidades capixabas dá-se, sobretudo, pela proximidade, ou seja, a maioria dos baianos devem ser originários das regiões mais ao sul da Bahia, uma vez que não foi possível encontrar especificações em Dota, Coelho e Camargo (2017).

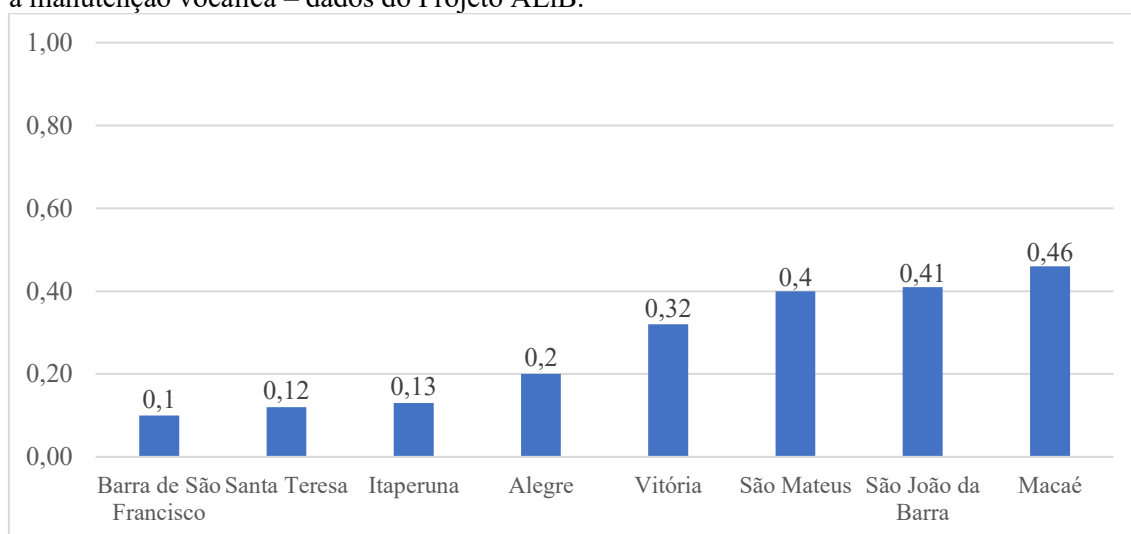
Tal fluxo migratório pode ter causado a mudança mais expressiva em relação à influência da variante fechada nas localidades de Vitória e São Mateus. Embora os pesos relativos sejam baixos para a manutenção vocálica e se compreenda o contexto do Espírito Santo, de uma forma geral, com relação ao Rio de Janeiro, área mais prototípica das vogais médias fechadas, lembra-se, a partir dos dados publicados em Cardoso (2014b), que Vitória se caracteriza por ser uma capital de prevalência de [e] pretônico. Assim, à vista do processo migratório identificado e do resultado visto, talvez seja este um dos pontos de transição entre as áreas caracterizadas pela abertura vocálica e aquelas marcadas por sua manutenção.

Já em relação ao estado do Rio de Janeiro, a distribuição diatópica revela uma escala crescente mais expressiva da tendência ao uso da variante fechada. Itaperuna, localizada ao norte do estado, apresenta um peso relativo muito inferior às demais localidades, o que pode ser justificado pela proximidade com a região mais ao sudeste de Minas Gerais, a qual ainda sofre certa influência das variantes abertas provenientes do contato com o estado da Bahia, como o município de Muriaé, o qual indicou uma tendência à abertura da vogal (Alves, 2022).

Enquanto Itaperuna recebe influência da área de favorecimento da variante semiaberta de Minas Gerais, o comportamento dos informantes de Três Rios indica forte influência da cidade de Juiz de Fora, marcada pela tendência ao fechamento de acordo com Alves (2022, p. 175).

A seguir, é possível visualizar, graficamente, os pesos relativos referentes às localidades que indicam uma tendência ao processo de abaixamento de /e/, o qual dispõe os valores em ordem crescente, de forma indiscriminada quanto ao estado a que pertencem:

Gráfico 5 – Localidades do ES e RJ cujos pesos relativos obtidos demonstram desfavorecimento à manutenção vocálica – dados do Projeto ALiB.



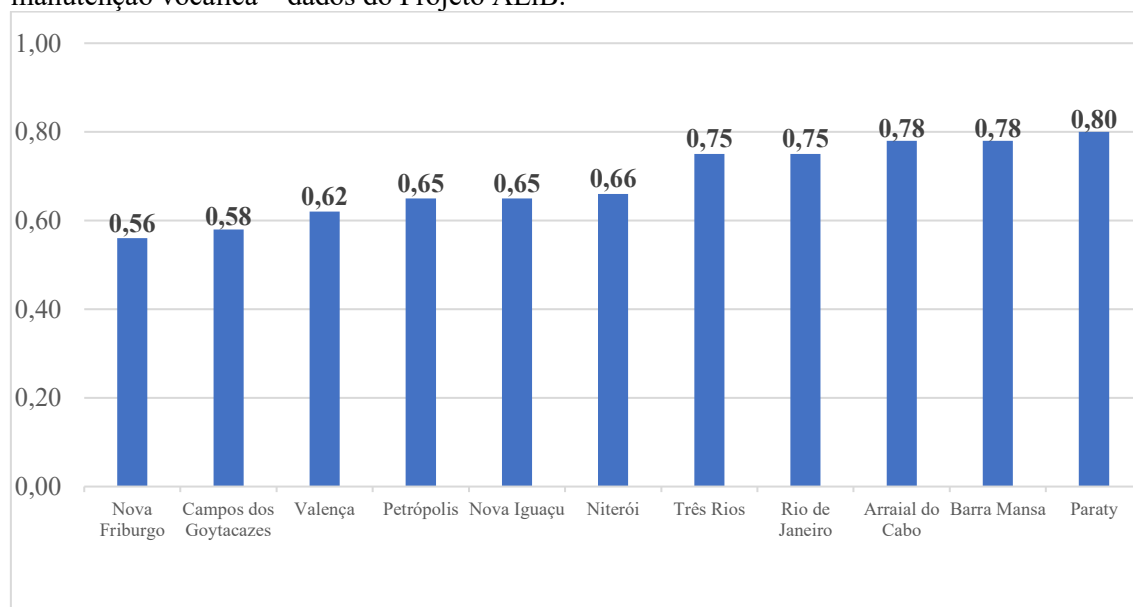
Fonte: elaborado pela autora.

A maioria das localidades onde se favorece a abertura da vogal média pretônica anterior pertencem ao estado do Espírito Santo, apenas três das oito localidades são fluminenses. Como mencionado anteriormente, Itaperuna-RJ se destaca pelo peso relativo inferior em comparação às demais localidades do Rio de Janeiro das quais se aproxima, além de Alegre, localidade mais ao sul do estado capixaba que compõe a rede de pontos do Projeto ALiB.

Macaé-RJ, embora esteja entre Campos dos Goytacazes-RJ e Nova Friburgo-RJ, pontos que indicam favorecimento à manutenção da vogal, apresenta um peso relativo inferior, demonstrando um comportamento ligeiramente distinto quanto à escolha das variantes a. A partir do que foi visto na seção 4, tópico 4.3.11, a respeito da cidade de Macaé-RJ ser um local que concentra grandes números de pessoas vindas de fora da cidade e do estado, devido à larga produção de gás natural e petróleo nas plataformas, acredita-se que esse fator impulse a troca interdialeto de forma mais intensa. Contudo, não foi possível rastrear a origem dos imigrantes, sejam eles brasileiros ou estrangeiros, o que auxiliaria no processo de identificação das variedades envolvidas nesse contato.

A respeito do material encontrado nas fichas dos informantes: três dos quatro são naturais de Macaé-RJ, a informante 4, mulher da faixa etária II, é natural de Carapebus-RJ, assim como seus pais, município localizado a aproximadamente 28 quilômetros de Macaé-RJ; não possuem relações diretas, como pais, pais adotivos e cônjuges, de fora. Além disso, apenas o informante 3, homem da faixa etária II, esteve quatro anos de sua vida em Niterói-RJ, quando era criança. No entanto, não é possível saber sobre suas relações com o fluxo econômico e os migrantes locais.

Gráfico 6 – Localidades do ES e RJ cujos pesos relativos demonstram favorecimento à manutenção vocálica – dados do Projeto ALiB.



Fonte: elaborado pela autora.

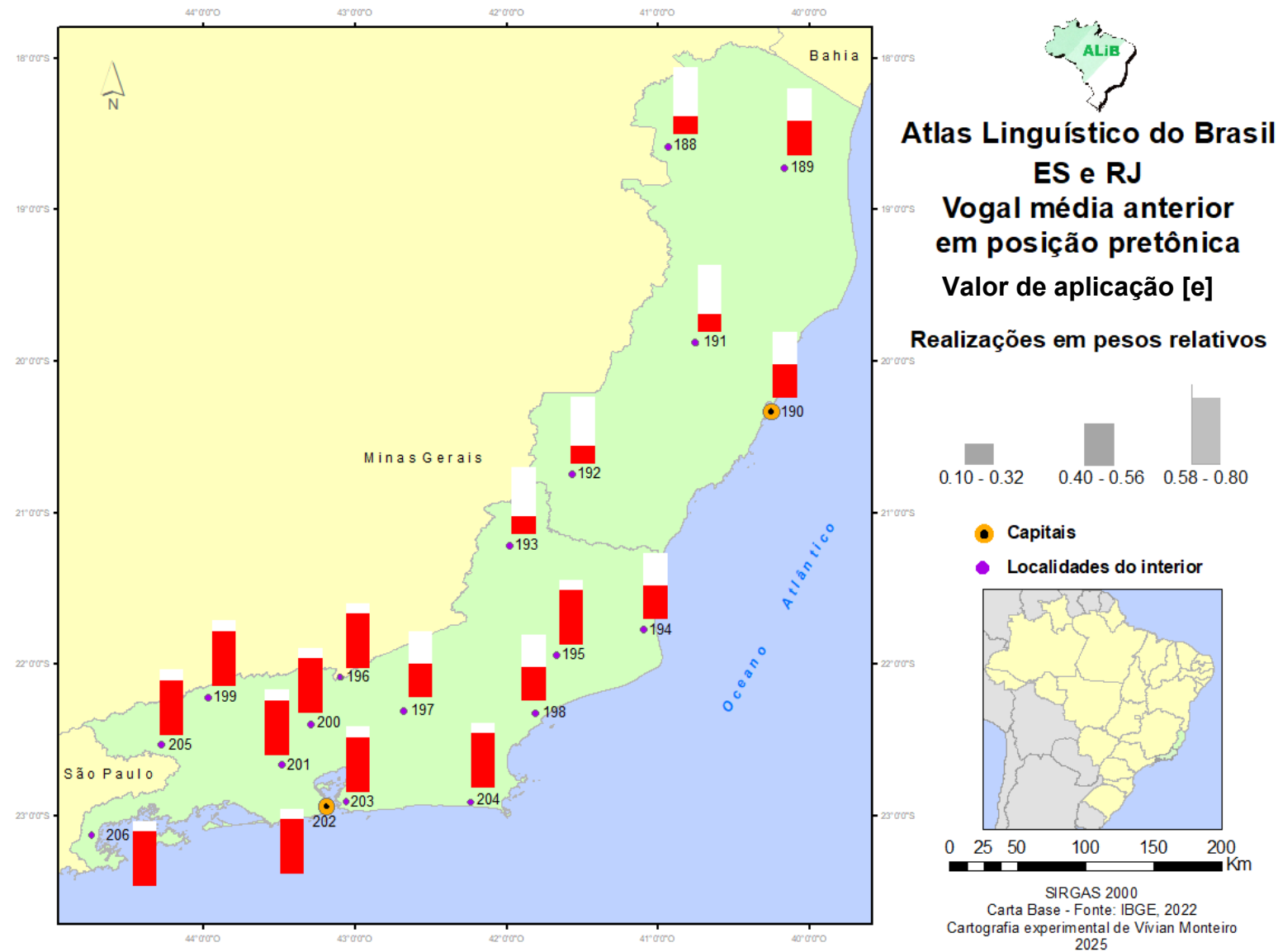
Todas as localidades em que os pesos para as médias-fechadas estão acima de 0.50. Campos dos Goytacazes-RJ e Nova Friburgo-RJ são pontos que indicam um comportamento intermediário em relação às demais localidades próximas, pois os valores se encontram entre 0.50 e 0.60.

As demais localidades ilustradas no Gráfico 6 demonstram um favorecimento mais expressivo da variante semifechada, sobretudo Três Rios-RJ (P.R. 0.75), Rio de Janeiro-RJ (P.R. 0.75), Arraial do Cabo-RJ (P.R. 0.78), Barra Mansa-RJ (P.R. 0.78) e Paraty-RJ (P.R. 0.80), que possuem pesos relativos superiores a 0.75, e localizam-se na parte centro-sul do Rio de Janeiro.

Como também foi possível observar na seção 4, sobre a história dos estados e de cada uma das localidades, há, ainda hoje, uma forte presença de comunidades de imigrantes, principalmente europeus, e esse contato, ao longo de muitos anos, além dos processos de colonização, podem exercer certas influências na língua falada hoje, a partir do contato entre os povos. Certamente, um estudo mais aprofundado sobre as características das línguas trazidas, como o alemão, italiano, pomerano, entre outras, relacionadas à língua portuguesa de ontem e de hoje, possa indicar aspectos que são marcantes e, possivelmente, provenientes do contato prolongado.

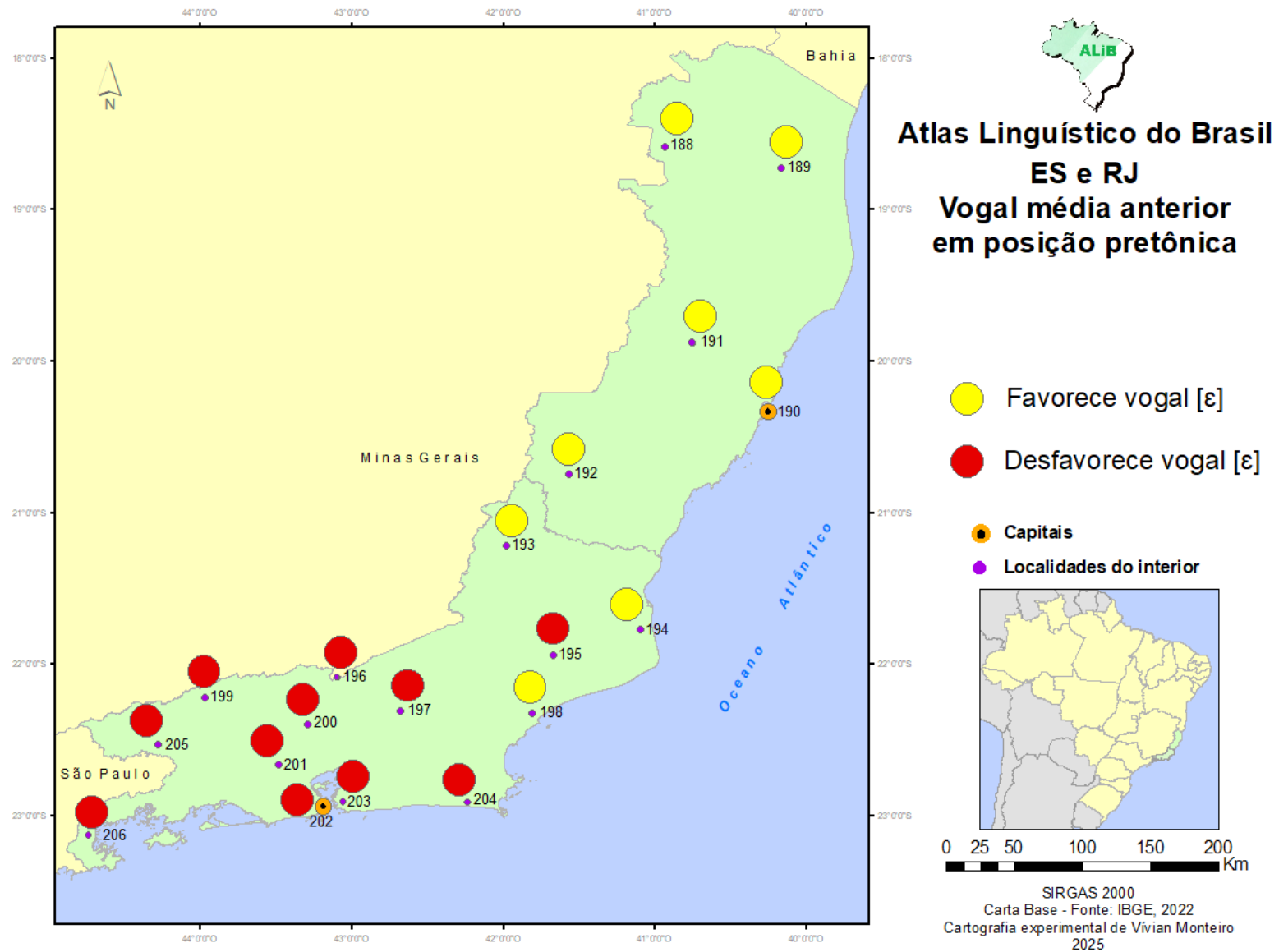
A seguir, serão apresentadas cartas linguísticas que melhor ilustram a distribuição espacial do fenômeno nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, primeiro em pesos relativos, a partir de três intervalos; em sequência, uma carta que reúne as informações quanto às tendências de uso, apontando as localidades que, nesta visão de contínuo, favorecem ou desfavorecem estatisticamente, o abaixamento da vogal anterior.

Figura 32 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e RJ, distribuição diatópica dos pesos relativos – dados do Projeto ALiB.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 33 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e RJ, distribuição diatópica quando a tendência – dados do Projeto ALiB.



Fonte: elaborada pela autora.

Na Figura 32, observam-se os pesos relativos distribuídos pelas localidades conforme os resultados também apresentados na Tabela 11, em que o Espírito Santo mostra, em sua maioria, valores até 0.32, como o caso de Barra de São Francisco, Santa Teresa e Alegre, o que significa dizer que esses pontos favorecem a ocorrência da variante semiaberta; e duas das cinco localidades possuem pesos relativos entre 0.40 e 0.56, indicando um comportamento mais próximo de uma transição de favorecimento a desfavorecimento da vogal [ɛ]. No Rio de Janeiro, com exceção de Itaperuna, todos os demais pontos possuem um peso relativo superior a 0.40, podendo, na maioria dos casos das localidades mais ao sul do estado, chegar até 0.80.

Por outro lado, observa-se também a Figura 33, em que são apontadas mais diretamente as tendências quanto ao favorecimento e desfavorecimento da variante semiaberta, visualizados, respectivamente, nas cores amarela e vermelha na carta. Em uma visão de contraste, considerando as relações dialetais entre as localidades do Espírito Santo e as localidades do Rio de Janeiro, percebe-se que os informantes capixabas tendem mais à abertura vocálica, ao longo de todo o estado. Em contraponto, os fluminenses, à exceção dos nativos de Itaperuna, São João da Barra – mais próximas do ES – e de Macaé – área de intensas migrações – optam pela manutenção das médias-fechadas.

Todo o estado do Espírito Santo aponta um favorecimento à abertura, enquanto a maior parte do Rio de Janeiro, um desfavorecimento, exceto os casos de Itaperuna, São João da Barra e Macaé.

6.1.2.2 Sexo

Na presente pesquisa, é utilizada a variável sexo como fator extralinguístico, tendo como base as duas formas de sexo biológico, uma vez que, durante a recolha de dados do Projeto ALiB, não eram pautadas as questões referentes às identidades de gênero, pois à época não era uma discussão amplamente conhecida, e os padrões dos estudos em dialetologia e sociolinguística não observavam tal fato.

Hoje, com as informações e o maior conhecimento a respeito do assunto, muitas pesquisas não só controlam o fator gênero, como também analisam a variável de forma não necessariamente binária e analisam de que forma as funções exercidas por todos os indivíduos envolvidos nas pesquisas dentro da sociedade estão atreladas ao gênero.

Considerando os dados dos dois estados de forma conjunta, foi observado que a variável sexo mostrou-se relevante como um fator estatístico para a variação das vogais pretônicas.

Observa-se, assim, os dados levantados na tabela a seguir e as conclusões acerca deles:

Tabela 12 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo o sexo – dados do Projeto ALiB.

Sexo	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Masculino	1829/2043	89%	0.375
Feminino	1863/2018	92%	0.627

Input: 0.981 - Significância: 0.041

Fonte: elaborada pela autora.

Como é possível observar, os homens do Espírito Santo e Rio de Janeiro apontam para um favorecimento à abertura da vogal, enquanto as mulheres indicam uma tendência para a variante mais fechada.

Yacovenko (1993), em sua pesquisa a respeito do fenômeno no Rio de Janeiro, também observa uma preferência por parte das mulheres em utilizar a variante de prestígio, concluindo, de similar forma, que os homens estão participando do processo de abaixamento de [e] mais do que as mulheres participam.

De acordo com Labov (2008, 1983 [1972]), utilizar a diferença de sexos nas investigações linguísticas não é uma escolha que está meramente ligada ao fato da distinção biológica, mas sim ao papel desempenhado por esses indivíduos em uma sociedade e a postura pela qual optam ao se expressar, ou seja, a depender de quais padrões de interação seja requerido, o falante deve se portar da maneira que mais pareça coerente para si. Por isso, observa que o comportamento linguístico de mulheres e homens se difere, uma vez que ambos os sexos se mostram e são vistos de distintas formas socialmente. Devido, talvez, à necessidade de assumir uma postura certas vezes mais polida e pela necessidade maior de aprovação, as mulheres podem preferir, de forma consciente ou não muito consciente, o uso de variantes mais prestigiadas, formais, da “norma-padrão”, etc.

Diversos autores sociolinguistas apontam o caráter conservador das mulheres na sociedade, sobretudo no que tange à língua, como o próprio Labov, consequentemente tendendo ao uso da variante de prestígio. No entanto, não se pode apenas concluir que esse fato é, de forma bastante categórica, o que gera a preferência linguística feminina. É de conhecimento que essa variável deva ser analisada considerando não somente a fala

por ela mesma, mas vinculada a um papel social exercido pelas mulheres e o que, a partir disso, a sociedade espera delas, e destaca-se que não há dados que corroborem, no caso das vogais médias pretônicas, o prestígio associado a uma variante ou outra.

Para a melhor compreensão do fenômeno entre os homens e mulheres nas localidades distribuídas nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, fez-se necessário realizar o cruzamento dos fatores não-linguísticos sexo e diatopia. É possível conferir, então, os resultados desse procedimento estatístico na tabela a seguir:

Tabela 13 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a diatopia e o sexo – dados do Projeto ALiB.

Dimensão espacial		Homem			Mulher		
Estado	Localidade	Oc.	Perc.	PR	Oc.	Perc.	PR
ES	Barra de São Francisco	84/110	76%	0.05	98/115	85%	0.17
	São Mateus	94/106	89%	0.21	105/112	94%	0.62
	<i>Vitória</i>	105/115	93%	0.61	94/109	86%	0.16
	Santa Teresa	35/54	65%	0.04	91/100	91%	0.36
	Alegre	84/107	78%	0.07	108/118	91%	0.53
RJ	Itaperuna	77/99	78%	0.10	99/116	85%	0.14
	São João da Barra	84/94	89%	0.30	108/118	91%	0.49
	Campos dos Goytacazes	75/82	91%	0.37	93/99	94%	0.77
	Três Rios	108/113	96%	0.78	93/99	94%	0.72
	Nova Friburgo	113/121	93%	0.61	108/119	91%	0.48
	Macaé	97/107	91%	0.38	105/117	90%	0.50
	Valença	86/96	90%	0.47	114/120	95%	0.74
	Petrópolis	138/149	92%	0.47	104/110	94%	0.79
	Nova Iguaçu	117/129	90%	0.51	107/112	95%	0.76
	<i>Rio de Janeiro</i>	92/100	93%	0.52	101/104	97%	0.92
	Niterói	145/155	93%	0.50	102/109	94%	0.78
	Arraial do Cabo	83/86	96%	0.74	91/95	96%	0.82
	Barra Mansa	137/145	94%	0.60	64/65	98%	0.95
	Paraty	72/75	96%	0.70	78/81	96%	0.87

Input: 0.982 - Significância: 0.045

Fonte: elaborada pela autora.

Em geral, pode-se concluir que os pesos relativos referentes às mulheres são sempre mais elevados do que os dos homens quanto à ocorrência da vogal média-alta [e]. Em muitas localidades, as mulheres são as únicas a favorecer a manutenção vocálica, como, por exemplo, em São Mateus (mulheres: 0.62; homens: 0.21) e Alegre (mulheres: 0.53; homens: 0.07). Ao contrário, os homens favorecem o abaixamento da vogal [e], em diversas localidades do Rio de Janeiro, exceto em Três Rios, Arraial do Cabo, Barra Mansa e Paraty.

Após a investigação nas fichas dos informantes, foi visto que o informante 3, homem da faixa etária II, de Arraial do Cabo-RJ, embora seja nativo, possui mãe, pai e cônjuge naturais de Monte Alto-SP, município localizado a aproximadamente 908 quilômetros de distância de Arraial do Cabo-RJ. Além disso, o informante 1, homem da faixa etária I, também relatou que sua esposa é mineira, não especificando de qual cidade é natural.

A respeito de Barra Mansa-RJ, também foi encontrado que o informante 3, homem da faixa etária II, esteve dois anos de sua vida fora, em São Paulo, não precisando em qual município residiu. Ademais, conta que sua esposa também é mineira, mas não informa em qual cidade de Minas Gerais ela nasceu ou há quanto tempo está residindo em Barra Mansa. Vale ressaltar que ambos os estados, São Paulo e Minas Gerais, estão muito próximos a Barra Mansa-RJ: limítrofe com São Paulo, município de Bananal-SP, e dista aproximadamente 50 quilômetros da cidade de fronteira mineira chamada Passa Vinte-MG.

Em três das 19 localidades, os homens alteram sua postura diante da realização das pretônicas, apresentando um peso relativo mais alto do que as mulheres, a saber: Vitória-ES, Três Rios-RJ e Nova Friburgo-RJ.

Sobre os informantes de Vitória-ES, pode-se registrar que as de número 2 e 4, mulheres das faixas etárias I e II, respectivamente, estiveram fora: informante 2 passou dois anos e seis meses em Minas Gerais, sem especificar a cidade; a informante 4 esteve fora por dois anos de sua vida, em Linhares-ES (aproximadamente 140 quilômetros de Vitória-ES) e em Guarapari-ES (em torno de 55 quilômetros da capital), não discriminando o tempo em cada uma das cidades. Além disso, a informante 4 também registra que seu pai, pelo qual foi criada, é natural do Rio de Janeiro-RJ.

A respeito dos informantes de Nova Friburgo-RJ, foram encontradas apenas as fichas dos informantes 3 e 4, mulher da faixa etária I e homem da faixa etária II,

respectivamente, e nenhuma das informações apontam para contatos diretos, como pais e cônjuges, que são ou estiveram fora da localidade.

Novamente, é importante ter em mente que a presença de comunidades de imigrantes, principalmente na região serrana, como o caso de Petrópolis-RJ e Nova Friburgo-RJ, proporcionaram um contato entre línguas que podem ter influenciado em algum aspecto a língua falada atualmente.

6.1.2.3 Faixa etária

Dentro dos grupos considerados estatisticamente relevantes para esta análise, o de faixa etária mostrou resultados não tão distintos, pensando na escolha da vogal média pretônica. É observada uma diferença pouco significativa entre os dois grupos de idades, apresentando a informação de que ambos os grupos, jovens e mais velhos, revelam comportamentos imparciais diante da manutenção / abertura vocálica, uma vez que os pesos relativos obtidos são próximos a 0.50.

Tabela 14 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a faixa etária – dados do Projeto ALiB.

Faixa etária	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
I (18 a 30 anos)	1798/1954	92%	0.54
II (50 a 65 anos)	1895/2107	90%	0.46

Input: 0.981 - Significância: 0.041

Fonte: elaborada pela autora.

Para melhor ser compreendida a relação entre esses falantes, distribuídos nas duas faixas etárias, e as localidades, fez-se necessária a realização do cruzamento dos dados obtidos dentro desses dois fatores. Assim, é possível observar o resultado desse cruzamento na Tabela 15, a seguir.

Tabela 15 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES e no RJ, segundo a diatopia e a faixa etária – dados do Projeto ALiB.

Dimensão espacial		Faixa etária I			Faixa etária II		
Estado	Localidade	Oc.	Perc.	PR	Oc.	Perc.	PR
ES	Barra de São Francisco	88/99	89%	0.16	94/126	75%	0.05
	São Mateus	103/113	91%	0.40	96/105	91%	0.35
	Vitória	101/117	86%	0.17	101/107	94%	0.62
	Santa Teresa	40/44	91%	0.38	86/110	78%	0.07

RJ	Alegre	96/112	86%	0.21	96/113	85%	0.16
	Itaperuna	101/113	89%	0.33	75/102	73%	0.05
	São João da Barra	107/115	93%	0.50	85/97	88%	0.28
	Campos dos Goytacazes	73/79	92%	0.41	95/102	93%	0.64
	Três Rios	89/98	91%	0.51	112/114	98%	0.93
	Nova Friburgo	106/113	94%	0.67	115/127	90%	0.43
	Macaé	98/111	88%	0.44	104/113	92%	0.44
	Valença	86/92	93%	0.65	114/124	92%	0.58
	Petrópolis	122/132	92%	0.51	120/127	94%	0.75
	Nova Iguaçu	104/108	96%	0.83	120/133	90%	0.52
	<i>Rio de Janeiro</i>	91/97	94%	0.53	102/107	95%	0.85
	Niterói	131/140	94%	0.59	116/124	93%	0.70
	Arraial do Cabo	82/87	94%	0.62	92/94	98%	0.89
	Barra Mansa	109/111	98%	0.95	92/99	93%	0.54
	Paraty	70/73	96%	0.79	80/83	96%	0.81

Input: 0.985 - Significância: 0.000

Fonte: elaborada pela autora.

Observando os dados apresentados na Tabela 15, é possível perceber que não há, necessariamente, um comportamento padrão quanto às tendências assumidas pelas faixas etárias: em determinados locais, a faixa etária I favorece mais o fechamento da vogal média pretônica, em outros, a faixa etária II é responsável por tal tendência, e os números não estão dispostos de forma regular.

A capital capixaba é a única localidade em que há uma proeminência da faixa etária II, aproximando-se do comportamento das tendências – até então conhecidas – do Sudeste como um todo, enquanto em todo o restante do estado ambas as faixas restringem as semifechadas.

Como também foi assinalado no tópico anterior a respeito da variável diasssexual, observando a ficha da informante 4 de Vitória-ES, mulher da faixa etária II, recolheu-se o dado de que ela esteve fora por dois anos, além de haver a presença do pai natural do Rio de Janeiro-RJ. O informante 3, homem da faixa etária II, por outro lado, é natural de Cariacica-ES, pertencente à região metropolitana da grande Vitória, assim como seus pais, pelos quais foi criado. O município se encontra a aproximadamente 15 quilômetros da sede da capital.

Quanto aos dados da capital Vitória-ES apresentados percentualmente no volume 2 do *Atlas Linguístico do Brasil* (Cardoso *et al.*, 2014), nas perspectivas diageracional e diastrática, o comportamento segue a mesma linha dos resultados apresentados aqui em relação ao uso da variante semifechada, e, reforçando, segundo o estudo publicado sobre as capitais brasileiras de Mota e Lopes (2023), existe, de fato, a predominância quanto à idade e quanto à escolaridade. Ou seja, tanto os mais velhos quanto os mais jovens, tanto os falantes de nível fundamental quanto os de nível universitário, vão optar pelo uso de [e].

Em Campos dos Goytacazes-RJ, cuja faixa etária II favorece a ocorrência da variante semifechada, não há informações que possam estar indicando uma influência no comportamento dos falantes. Todos os quatro informantes são naturais do município, bem como seus pais, e nunca estiveram, declaradamente, fora da cidade em período algum de suas vidas.

Os informantes da faixa etária II de Macaé-RJ registram informações a respeito de naturalidade, tempo fora e cidade natal dos pais, como foi descrito no tópico anterior. Enquanto os informantes da faixa etária I são macaenses, declaradamente nunca deixaram a cidade para moradia e seus pais são também naturais de Macaé-RJ. No entanto, nenhuma dessas informações parece causar um conflito em relação ao comportamento dos informantes no que tange à realização das vogais anteriores: as faixas etárias I e II favorecem a abertura, mesmo que de forma menos intensa (P.R 0.44 em ambas), de igual maneira.

6.2 VOGAIS POSTERIORES

Seguindo os mesmos passos já descritos para a análise das vogais anteriores, as vogais posteriores foram submetidas a procedimentos idênticos, sendo, assim, possível analisar os resultados obtidos a partir desses tratamentos. Nesse caso, foram registradas um total de 2.956 ocorrências de vogais posteriores, sendo 2.527 da variante semifechada [o], e 429 da variante semiaberta [ɔ].

Antes de iniciar as análises, no entanto, é necessário alertar sobre o fato de que, devido à própria estrutura do questionário linguístico utilizado, não foi possível obter-se um número tão satisfatório de ocorrências para o estudo das vogais posteriores dentro dos

contextos estabelecidos pela metodologia, pois eles são, naturalmente, menores do que apresentam as vogais anteriores.

É possível, então, verificar a distribuição de ocorrências e o percentual expostos na tabela a seguir:

Tabela 16 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ – dados do Projeto ALiB.

Vogais anteriores	Ocorrências	Percentual
[o]	2527/2956	85%
[ɔ]	429/2956	15%

Fonte: elaborada pela autora.

Após a eliminação dos nocautes apontados pelo *GoldVarb 2001*, foi possível obter os pesos relativos quanto às variáveis que o programa considerou estatisticamente relevantes. Os grupos eliminados nessa rodada foram os seguintes: (1) posição da pretônica no vocábulo e (8) quantidade de sílabas do vocábulo. Tanto para as anteriores quanto posteriores, o grupo (1) foi eliminado.

Assim, tomando como base os dados fornecidos pelas rodadas estatísticas, serão, a seguir, apresentados os resultados para cada uma das variáveis linguísticas e sociais consideradas nesta pesquisa, lembrando que, assim como foi feito para as vogais anteriores, o fator de aplicação para as posteriores também foi a variante semifechada, a vogal [o].

6.2.1 Estudo das vogais médias posteriores: variáveis linguísticas

6.2.1.1 Distância entre pretônica e tônica

Bem como apresentado para as vogais anteriores, as mesmas variantes estão presentes na descrição das vogais posteriores, sendo elas referentes à distância entre pretônica e tônica, medida em sílabas, ou seja, há uma contiguidade, duas sílabas ou três sílabas de distância.

A seguir, serão ilustrados na tabela os resultados obtidos:

Tabela 17 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a distância entre pretônica e tônica – dados do Projeto ALiB.

Distância	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Contígua ad[o] <u>t</u> ada	1873/2269	83%	0.34
2 sílabas c[o]rrente <u>z</u> a	631/663	95%	0.90
3 sílabas l[o]caliz <u>a</u> r	23/24	96%	0.95

Input: 0.858 - Significância: 0.045

Fonte: elaborada pela autora.

A contiguidade com a sílaba tônica, no caso das vogais posteriores, desfavorece a ocorrência de [o], conseqüentemente, será um fator favorecedor ao processo de abaixamento dessa vogal, ainda que o número de ocorrências aponte para uma preferência do uso da variante semifechada. Ou seja, quanto mais próximo da sílaba emitida com maior força expiratória, maior a chance de se ter uma vogal aberta, algo muito coerente, uma vez que elas são mais fortes, pela escala de sonoridade de Selkirk (1984).

Após observar os resultados das vogais anteriores e posteriores, é possível perceber que a realização semiaberta será favorecida, nesse caso, a partir de um processo de percepção do segmento mais saliente. A vogal tônica, mais saliente do que os demais sons da palavra, por ser mais forte na perspectiva articulatória e acústica, torna propício o espaço pretônico imediato a compartilhar das mesmas características fônicas que compõem a vogal tônica em um processo de assimilação e harmonização vocálica (Bisol, 1981).

Já os contextos que apresentam a distância de duas e três sílabas estão indicando altos índices para o favorecimento da variante média-alta. É perceptível, no entanto, que há um total de apenas 24 ocorrências para o contexto de distância de três sílabas, sendo que apenas uma ocorrência foi da vogal semiaberta [ɔ], referente à lexia “c[ɔ]rrespondência”, dita pelo informante 1 de Petrópolis-RJ, em resposta à pergunta QFF094 – Correio.

A distância de três sílabas, no entanto, não pode ser, de forma geral, considerada como um fator favorável ao processo de fechamento da vogal, pois uma pequena quantidade de ocorrências para o contexto não é considerada ideal (Campoy e Almeida, 2005). Dentro desses dados é considerada relevante, mas insuficiente para descrever, de maneira assertiva, o comportamento do fenômeno diante dessa circunstância.

6.2.1.2 Constituição da sílaba em que se encontra a pretônica

Considerando a variável referente à constituição da sílaba em que a pretônica está, são percebidos valores em todos os contextos dispostos na tabela apresentada na sequência, exceto no contexto CCVC, no qual todas as ocorrências registradas foram da lexia “prostituta”, resposta à pergunta 142 do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB, cujo intuito é encontrar as denominações para “a mulher que se vende para qualquer homem” (Comitê Nacional, 2001, p. 32). Nesse contexto, na construção da sílaba inicial “PROS”, foi, categoricamente, utilizada a variante semifechada [o] para a palavra “pr[o]stituta”. Os demais contextos, como dito, podem ser percebidos a seguir:

Tabela 18 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a constituição da sílaba em que se encontra a pretônica – dados do Projeto ALiB.

Distância	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
V [o]perar	208/210	99%	0.96
VC [o]rvalho	13/14	93%	0.97
CV n[o]vembro	1615/2016	80%	0.35
CVC t[o]rnado	392/414	95%	0.60
CCV pr[o]blema	231/234	99%	0.85

Input: 0.858 - Significância: 0.045

Fonte: elaborada pela autora.

Apenas o contexto que contém CV não favorece a ocorrência da vogal média-alta, consequentemente, favorece a variante semiaberta [ɛ]. O contexto CV, diferentemente dos demais, é o que possui mais ocorrências, pois é o padrão silábico do português.

Nos casos dos contextos V, há apenas duas ocorrências da variante aberta, encontradas na lexia “oferta”, respondida à pergunta QFF095 – Promoção, e em seu plural “ofertas”. A primeira, respondida pela informante mulher, da faixa etária II, de Barra de São Francisco-ES; enquanto a segunda, dita pelo informante homem, da faixa etária I, de Valença-RJ.

No contexto em que a sílaba é composta por VC, com menor registros dentre todos desta variável, apenas uma ocorrência foi registrada para a variante semiaberta [ɔ] na palavra “orvalho”, em resposta à pergunta QSL020 – Orvalho/sereno, dada pelo informante homem, da faixa etária II, de Alegre-ES.

Já em relação ao contexto CCV, somente três ocorrências foram da vogal média-baixa [ɔ], sendo encontradas nas lexias “problema”, dita pelo informante homem, da faixa etária I, de Barra de São Francisco-ES; “trocada”, pelo informante homem, da faixa etária I, de Petrópolis-RJ; e “processo”, resposta dada pela informante de número mulher, da faixa etária I, do Rio de Janeiro-RJ.

Devido a esse panorama, que distribui valores muito desiguais entre as variantes, e possivelmente com a interação entre o grupo em questão e o grupo referente à variável posição da pretônica no vocábulo (grupo de número 1, já desconsiderado na rodada geral dos pesos relativos), acredita-se que os valores para este fator que leva em conta a constituição da sílaba em que se encontra a pretônica inviabilizem uma melhor análise acerca do comportamento do fenômeno.

6.2.1.3 Vogal tônica

Como já se sabe, a vogal da sílaba tônica emprega grande influência na realização da vogal pretônica por ser o segmento mais forte da palavra, e isso interfere diretamente na altura que a língua assume para a realização dos sons antecedentes. Por isso, são considerados todos os contextos vocálicos possíveis do português brasileiro em posição tônica para o presente estudo, os quais serão devidamente analisados a seguir, a partir de suas ocorrências nos dados deste trabalho.

Os nocautes encontrados neste contexto mostram-se importantes na descrição do comportamento das vogais médias pretônicas posteriores, por isso, serão apresentados no quadro a seguir e analisados.

Quadro 6 – Nocautes acusados pelo *GoldVarb* 2001 para as vogais posteriores no ES e RJ, segundo a vogal tônica – dados do Projeto ALiB.

Variável	Variantes	Referência	Ocorrências
Vogal tônica	Ditongo fechado t[o]rn[ej]ra	[o]	215/215
	[o] horr[o]r[o]so	[o]	106/106
	[ũ] c[o]rc[ũ]nda	[o]	77/77
	[ẽ] pr[o]pag[ẽ]da	[o]	107/107

	[õ] c[o]l[õ]nia	[o]	4/4
	[ĩ] d[o]rm[ĩ]ndo	[o]	28/28

Fonte: elaborado pela autora.

Observa-se a ocorrência categórica da variante semifechada diante de contextos majoritariamente fechados. Não tão coerente, no entanto, é pensar no fato de que, diante da vogal tônica [ẽ], há um fechamento da vogal pretônica, pois, embora seja uma vogal central média-baixa, e não totalmente baixa, a tendência indicaria abertura do contexto pretônico. Tal comportamento mostra-se um tanto quanto semelhante ao encontrado para as vogais anteriores, em que há mais ocorrências da variante semifechada pretônica diante da vogal nasal [ẽ] em posição tônica; para as anteriores, no entanto, o peso relativo apresentado na Tabela 3 não aponta nenhum favorecimento expressivo (P.R. 0.52). No presente tópico, referente às vogais posteriores, o comportamento categórico do fenômeno diante de [ẽ]ônico já demonstra a relação de favorecimento quanto à pretônica.

Quanto aos contextos seguintes à vogal pretônica abertos e semiabertos, tem-se os seguintes resultados:

Tabela 19 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e RJ diante de contextos abertos em sílaba tônica – dados do Projeto ALiB.

Contextos	Ocorrências	
	[o]	[ɔ]
Ditongos abertos	392/450	58/450
[ɛ]	50/153	103/153
[ɔ]	48/192	144/192
[a]	423/523	100/523
[ẽ]	107/107	0/107

Fonte: elaborada pela autora.

Apenas nos casos de [ɛ] e [ɔ] em posição tônica as ocorrências da vogal posterior semiaberta são mais significativas, o que quer dizer que quando a vogal forte da palavra for uma média-baixa, a pretônica tende a acompanhá-la, havendo harmonização vocálica.

Quanto aos contextos de vogais fechadas em sílaba tônica, há um uso categórico da variante fechada [o] na maioria deles, ficando fora apenas [ẽ], [u] e [i].

Tabela 20 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e RJ diante de contextos fechados em sílaba tônica – dados do Projeto ALiB.

Contextos	Ocorrências	
	[o]	[ɔ]
[ẽ]	205/223	18/223
[u]	191/192	1/192
[i]	178/181	3/181

Fonte: elaborado pela autora.

Em todos os casos, há poucas ocorrências da vogal aberta [ɔ]. Para o [u], a única ocorrência de média aberta refere-se à lexia “solução”, pronunciada como [sɔ'lusɔ] pela informante mulher, da faixa etária I, de Petrópolis-RJ, diferenciando-se das demais em resposta à pergunta 103 do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB (Comitê Nacional, 2001, p. 29). Diante de [i], há três ocorrências da vogal aberta [ɔ] para i) duas ocorrências de [adɔ'tivɔ], pelo informante homem, da faixa etária II de Santa Teresa-ES e pelo informante homem, da faixa etária I, de Alegre-ES; e ii) uma ocorrência de [hɔta'tivɔ], pela informante mulher, da faixa etária II, de Alegre-ES.

A seguir, observam-se os resultados estatísticos obtidos:

Tabela 21 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a vogal tônica – dados do Projeto ALiB.

Vogal tônica	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
[a] adv[o]g[a]do	423/523	81%	0.22
[e] [o]r[e]lha	503/505	99%	0.96
[ɛ] c[o]l[ɛ]ga	50/153	33%	0.02
[ẽ] in[o]c[ẽ]te	205/223	92%	0.48
Ditongos abertos men[o]p[aw]sa	392/450	87%	0.31
[i] s[o]rr[i]so	178/181	98%	0.85
[ɔ] c[o]t[ɔ]	48/192	25%	0.02
[u] g[o]rd[u]ra	191/192	99%	0.94

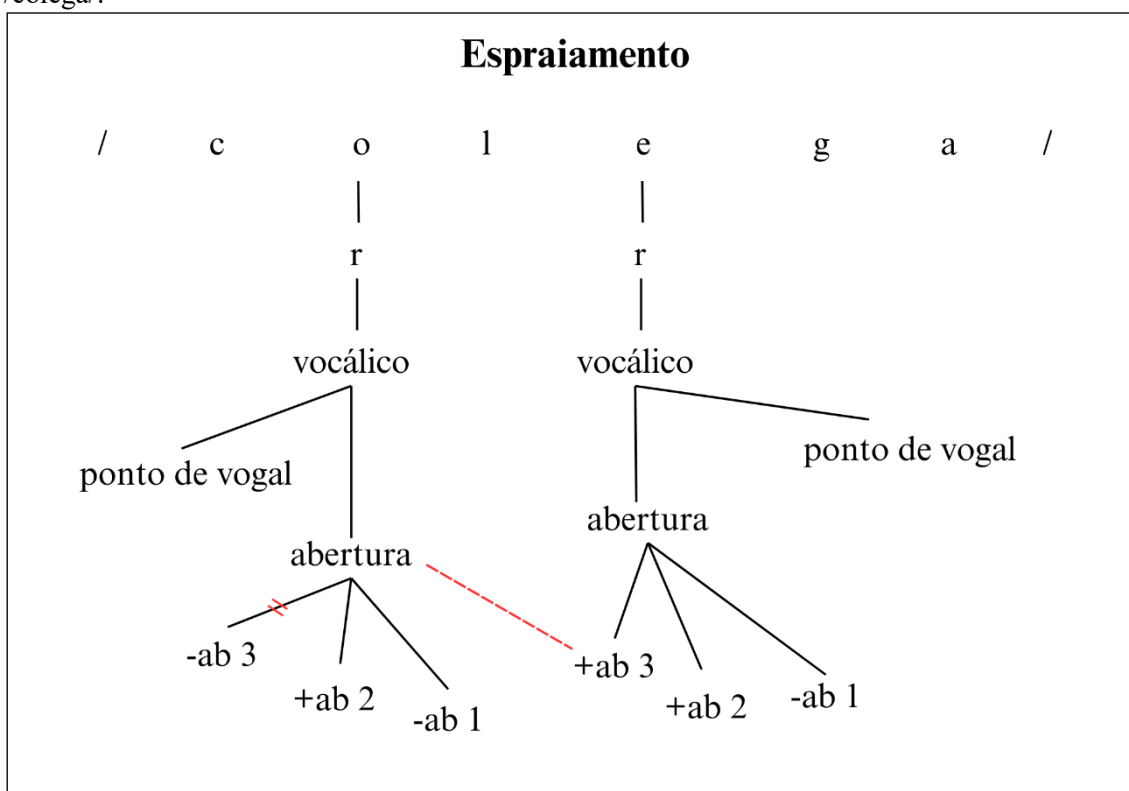
Input: 0.858 - Significância: 0.045

Fonte: elaborada pela autora.

A vogal aberta [a] favorece à abertura da vogal em menor intensidade do que as semiabertas [ɛ] e [ɔ], enquanto os ditongos abertos, os quais sempre carregam um elemento fechado que é a semivogal, favorecem-na de forma menos intensa ainda, embora apresente um maior número de ocorrências da vogal média-alta [o] do que os demais contextos tônicos aberto e semiabertos.

É nítido que acontece, nos casos da presença de vogais aberta e semiabertas na posição tônica, um processo de espraçamento, como já observado anteriormente na Tabela 5 para as vogais anteriores [e] e [ɛ], o que faz com que a vogal pretônica receba um traço compartilhado de abertura da vogal tônica, causando maiores ocorrências de vogais de semelhante postura. Observa-se o processo de espraçamento ilustrado na figura a seguir.

Figura 34 – Processo de espraçamento de traço de abertura da vogal tônica para a pretônica em /colega/.



Fonte: elaborada pela autora.

A respeito dos contextos nasais, o único em que ocorreu variação foi o da vogal média anterior [ẽ], que apresenta um valor muito próximo do ponto neutro, não indicando favorecimento para o abaixamento de [o]. Os demais contextos nasais captados no *corpus*, [ũ], [õ] e [ĩ], foram descartados no processo de eliminação de nocautes, uma vez que todos apontam para o uso categórico da variante média-alta [o].

Alves (2022) encontra nos dados de Minas Gerais, estado fronteiriço do Espírito Santo e Rio de Janeiro, um favorecimento à abertura muito mais expressivo da vogal

nasalizada [ẽ], e, além dele, obtém variação do fenômeno diante dos contextos nasais tônicos de [ẽ], [ĩ] e [ũ]. Nesse caso, apenas a vogal [ẽ] apresenta favorecimento ao processo de abaixamento da vogal [o].

Observando os contextos orais de vogal tônica, percebe-se que há um favorecimento bastante expressivo das vogais altas e médias-altas da vogal semifechada [o]. É importante, então, analisar os casos em que é utilizada a variante média-baixa diante desses contextos.

Para a vogal [e] em posição tônica, apenas dois casos destoam dos demais 503, quando utiliza-se a vogal [ɔ] em posição pretônica, encontrada na lexia “c[ɔ]rrent[e]za”, dita pelo informante homem, da faixa etária I, de Itaperuna-RJ; e “t[ɔ]rnuz[e]lo”, pela informante mulher, da faixa etária II, também de Itaperuna-RJ. Em ambos os casos, a vogal tônica se distancia da pretônica em questão por duas sílabas, havendo, entre elas, a vogal média anterior nasal [ẽ] e a vogal alta posterior [u], respectivamente. Tal fator será analisado de forma mais ampla no tópico seguinte referente à sílaba seguinte átona.

Além de [e], as vogais altas [i] e [u] também apresentam elevados pesos relativos, indicando o favorecimento da vogal média-alta [o]. Nesses contextos, também houve poucos casos de utilização da variante semiaberta, sendo produzidas, para a alta anterior, nas lexias “ad[ɔ]t[i]vo”, pelos informantes homens, um da faixa etária I e o outro da faixa etária II, de Santa Teresa-ES, e “r[ɔ]tat[i]vo” pela informante mulher, da faixa etária II, de Alegre-ES; para a vogal posterior em posição tônica, foi encontrada apenas uma ocorrência da variante [ɔ], na lexia “s[ɔ]l[u]so”, dita pela informante mulher, da faixa etária I, de Petrópolis-RJ.

Em síntese, é possível compreender que o comportamento da vogal pretônica posterior sofre influência da vogal tônica, bastante nítida, sobretudo, nos casos das vogais mais abertas ocupando essa posição; enquanto as altas e médias-altas agem diretamente na variante semifechada, sendo poucos os casos em que há um processo de abaixamento nesses contextos mais altos.

6.2.1.4 Contexto vocálico seguinte (vogal inacentuada)

Novamente, a variável da vogal inacentuada seguinte mostra-se relevante para os estudos das vogais médias pretônicas. Embora também não tenha sido encontrado um número muito expressivo de ocorrências dentro dos contextos, os dados obtidos já se

mostram suficientes para a descrição do comportamento das vogais posteriores nas localidades observadas do Espírito Santo e Rio de Janeiro.

A seguir, são apresentados os nocautes alcançados durante o tratamento dos dados com o auxílio do *GoldVarb 2001*.

Quadro 7 – Nocautes acusados pelo *GoldVarb 2001* para as vogais posteriores no ES e RJ, segundo a vogal seguinte inacentuada – dados do Projeto ALiB.

Variável	Variantes	Referência	Ocorrências
Contexto vocálico seguinte (vogal inacentuada)	[o] b[o]rb[o]leta	[o]	192/192
	[i] pr[o]c[i]ssão	[o]	210/210
	[e] ad[o]l[e]scence	[o]	42/42
	[õ] c[o]l[õ]nial	[o]	3/3
	[ũ] v[o]l[ũ]ntária	[o]	1/1
	[ẽ] des[o]rg[ẽ]nizado	[o]	1/1

Fonte: elaborado pela autora.

Assim como visto no contexto da vogal tônica, a maioria dos nocautes para a vogal átona seguinte são devido ao uso da variante [o] diante dos contextos mais altos, como [o], [i] e [e].

No caso da vogal nasal [õ] em posição tônica, foram obtidas apenas três ocorrências, sendo duas da lexia “coronel”, resposta à pergunta 093 do QFF “como se chama a pessoa que usa farda, que vive em quartel? [Tem o tenente, o sargento e depois o que é que vem?]” (Comitê Nacional, 2001, p. 14), um para “colonial”, em resposta à questão 169 do QFF (p. 35), que busca as denominações para o tipo de janela veneziana.

A respeito da vogal alta nasal [ũ], houve a utilização apenas da palavra “v[o]l[ũ]ntária”, o que inviabiliza a análise do comportamento da vogal pretônica nesse contexto. E, por fim, sobre a vogal média-baixa nasal [ẽ], como se trata também de uma única ocorrência da lexia “des[o]rg[ẽ]nizado”, a análise fica, novamente, prejudicada, já que não é um valor ideal para se poder descrever o comportamento sob essa perspectiva.

Quanto aos contextos inacentuados seguintes à vogal pretônica abertos e semiabertos, tem-se os seguintes resultados:

Tabela 22 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e RJ diante de contextos abertos em sílaba tônica ou átona seguinte – dados do Projeto ALiB.

Contextos	Ocorrências	
	[o]	[ɔ]
[ɛ]	2/3	1/3
[ɔ]	3/17	14/17
[ɐ]	102/118	16/118

Fonte: elaborada pela autora.

Embora haja relativamente poucas ocorrências para os contextos de [ɛ] e [ɔ] átonos, é possível perceber numericamente a preferência pelo uso da variante fechada em [ɛ] e da variante aberta em [ɔ]. E o mesmo ocorre com a vogal [a]: ainda que seja a vogal mais baixa dentre todas as demais, ela não ocasiona maior abertura da vogal pretônica.

O único contexto de vogal alta sem uso categórico foi da vogal [u], que apresenta apenas uma ocorrência para a variante aberta [ɔ] na posição pretônica, na lexia [tɒɦnu'zelɔ], dita pela informante mulher, da faixa etária II, de Itaperuna-RJ. Diante do contexto [ĩ] átono, não foram registradas ocorrências para ambas as variantes, ou seja, trata-se de um contexto inexistente dentro dos dados levantados.

Após analisados os contextos de forma detalhada, podem-se observar os resultados estatísticos obtidos:

Tabela 23 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo o contexto vocálico seguinte (vogal inacentuada) – dados do Projeto ALiB.

Vogal seguinte inacentuada	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
[a] c[o]r[a]ção	102/118	86%	0.42
[u] pr[o]c[u]rar	84/85	99%	0.82
[ẽ] c[o]rr[ẽ]teza	13/14	93%	0.03
[ɔ] c[o]l[ɔ]rau	3/17	18%	0.12
[ɛ] g[o]v[ɛ]rnador	2/3	67%	0.01

Input: 0.858 - Significância: 0.045

Fonte: elaborada pela autora.

Ao todo, foi registrado um total de 686 ocorrências de vogais átonas seguintes, um valor relativamente pequeno em relação à quantidade total de dados das vogais

posteriores (2.956 dados), e isso ocorre pelo fato já mencionado no início desta seção, um fator inerente à própria estrutura do questionário.

Com alguns dos contextos previamente eliminados a partir dos nocautes acusados pelo *GoldVarb*, analisados anteriormente, restaram 237 ocorrências para serem consideradas aqui, observando de que forma tais contextos interagem com a pretônica precedente.

A vogal alta [u] em posição átona seguinte é o único contexto que apresenta favorecimento à ocorrência mais elevada da média pretônica, havendo apenas um caso em que foi utilizada a variante semiaberta diante da vogal derivada /u/: “t[ɔ]rn[u]zelo”, dita pela informante mulher, da faixa etária II, de Itaperuna-RJ, em resposta à pergunta QSL118, que busca denominações para “tornozelo”.

Nos demais contextos orais em contexto átono seguinte, o processo de abaixamento está sendo favorecido. Contudo, os números maiores de ocorrências da variante semiaberta ocorrem apenas diante de [ɛ], vogal de idêntica altura à pretônica. Nesse caso, no entanto, foram registradas apenas três ocorrências, em que duas são da variante média-alta, e uma é de média-baixa, na fala do informante 1 de Petrópolis-RJ para “c[ɔ]rr[ɛ]spondência”. Nos outros casos, de [a] e [ɔ], há um número pouco maior de ocorrências da variante semiaberta, embora a quantidade total de ocorrências diante de [ɔ] não seja tão expressiva quanto de [a].

Observando o comportamento da vogal nasal [ẽ], ainda que haja um favorecimento bastante expressivo à abertura da pretônica, foi obtida apenas uma ocorrência da variante [ɔ].

Percebe-se, tanto nos nocautes quanto nos resultados tratados estatisticamente, que há, de fato, processos de assimilação de traços entre a vogal seguinte átona e a pretônica em questão analisada também, ocorrendo um compartilhamento do traço [+abertura2] através de um espraçamento quando a seguinte inacentuada é aberta.

Como já sinalizado, não há, em geral, muitos registros que tornem a análise mais proveitosa, embora já seja possível observar alguns indícios e contextos que podem vir a favorecer em uma amostra mais ampla.

6.2.1.5 Contexto consonântico precedente

Os contextos consonânticos precedentes estão distribuídos em seis possibilidades que, como já se sabe, foram unidas em grupos considerando o ponto de articulação da

consoante. O total de ocorrência para esse contexto também não coincide com o total geral, pois, lembrando, ele não ocorre em todas as lexias, como “*orvalho*”, em que a pretônica analisada é uma inicial absoluta.

Houve apenas um nocaute acusado pelo *GoldVarb 2001* durante o tratamento dos dados. A consoante palatal [ʒ] foi utilizada apenas sete vezes diante da média pretônica analisada, todas em função de [o] e todos na palavra “jogar”. Esse nocaute foi eliminado a partir da amalgamação das consoantes, como descrito no capítulo de metodologia.

Aqui, propõe-se, então, analisar se há uma influência direta da consoante precedente na realização da vogal média pretônica posterior.

A seguir, a tabela revela os resultados quanto à variável linguística em questão:

Tabela 24 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo o contexto consonântico precedente – dados do Projeto ALiB.

Contexto consonântico	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Dentoalveares [no]vembro	1009/1084	93%	0.44
Bilabiais [bo]rboleta	607/676	90%	0.61
Velares [ko]ração	531/756	70%	0.52
Labiodentais ad[vo]gado	81/125	65%	0.24
Róticos velares e glotais [ho]tatória	27/30	90%	0.61
Pós-alveolares [ʒo]gar	38/46	83%	0.56
Palatais me[ʎo]rou	13/15	87%	0.39

Input: 0.858 - Significância: 0.045

Fonte: elaborada pela autora.

Como visto nas variáveis apresentadas anteriormente na análise das vogais posteriores [o] e [ɔ], nem todos os contextos controlados proporcionam uma quantidade ótima de ocorrências para que sejam observados de forma equalitária, por isso, alguns dos resultados são, de certa forma, inconclusivos.

No geral, as consoantes [f] e [v], agrupadas como labiodentais, que precedem a vogal pretônica, estão favorecendo a abertura de forma mais expressiva, o que pode ser observado a partir de uma perspectiva articulatória: os dois contextos de labiodentais são

de consoantes fricativas, e é na junção entre os dentes superiores e o lábio inferior onde ocorre o estreitamento do ar, fazendo com que a língua assuma uma altura referente à vogal que se seguirá, alta ou baixa, o que significa dizer que a realização dessas labiodentais não influencia direta e necessariamente na altura da vogal, o que dá espaço a outras análises.

A maioria das ocorrências de labiodentais, no entanto, é da consoante [v] (76), tendo a lexia recorrente “advogado” para esse contexto: 39 ocorrências idênticas da realização ad[vɔ]gado contra 35 de adi[vo]gado. Tal fato revela o quão restritos são esses contextos, e que ocorre, assim, um processo de difusão lexical²¹, no qual acredita-se que, quando há uma mudança em curso, nem todas as lexias são afetadas ao mesmo tempo (Bybee, 2015, p. 39), o que sugere que os informantes que aprenderam a falar “adv[ɔ]gado” estão em áreas onde essa forma é difundida.

As consoantes palatais também apontam um favorecimento ao uso da variante semiaberta, com peso relativo de 0.39; contudo, não se tem uma quantidade ótima de ocorrências para melhor descrever a interação da consoante com a vogal pretônica, uma vez que foram obtidos apenas 15 casos, sendo 13 deles de vogais [o], e dois da variante [ɔ], a saber: palavra “melhorar”, dita pela informante mulher, da faixa etária II, de Nova Friburgo-RJ. Nesse caso, a consoante [ʎ], além de ser palatal, é uma lateral, consoante sonoramente mais forte e, portanto, mais próxima de vogais abertas (Selkirk, 1984).

No caso das dentoalveolares, ponto que engloba um maior número de sons consonantais dentro da língua portuguesa e também da presente amostra, há um total mais significativo de ocorrências, sobretudo para a vogal semifechada [o]. Ainda assim, o peso relativo referente a essa característica indica, ainda, um favorecimento, mesmo que não seja muito expressivo às médias-abertas. Para isso, faz-se necessário ampliar a visão desta análise, compreendendo quais consoantes estão envolvidas nessa produção:

Tabela 25 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e RJ segundo o modo de articulação das consoantes dentoalveolares – dados do Projeto ALiB referentes à manutenção de [o].

Dentoalveolares	Modo de articulação	Ocorrências	Percentual
[t] [to]rneira	Oclusiva	142/146	97%
[d] [do]brar	Oclusiva	125/133	94%

²¹ De acordo com Bybee (2002), a difusão lexical se refere à forma como uma palavra é adquirida, havendo uma mudança sonora que afeta determinada lexia, e difundida em um determinado espaço por determinadas pessoas ou grupos de pessoas.

[n] [no]vembro	Nasal	203/243	83%
[r] p[ro]teção	Tepe	304/317	96%
[s] [so]luço	Fricativa	165/166	99%
[z] de[zo]bedecer	Fricativa	7/8	87%
[l] des[lo]cando	Lateral	63/71	89%

Fonte: elaborada pela autora.

Analisando os modos de articulação e as ocorrências referentes às consoantes, percebe-se que o maior número se encontra, na perspectiva do princípio de sonoridade sequencial, em um ponto mais sonoro desse contínuo, sendo classificados como sons consonantais vibrante ([r]), lateral ([l]) e nasal ([n]). Na percepção da escala de sonoridade (Selkirk, 1984), entende-se que, quanto mais próximo das vogais essa consoante for, sobretudo as baixas, mais sonoro esse som será. Tanto vibrantes quanto laterais e nasais são consideradas mais sonoras, segundo Hooper (1976), do que oclusivas e fricativas, o que pode fazer com que haja um processo de abaixamento de [o] na perspectiva da sonoridade do ataque silábico (Matzenauer, 2005).

Quanto ao favorecimento ao fechamento, as consoantes que mais se sobressaem são os róticos, sejam eles velares ou glotais, consoantes sonoramente mais fracas e posteriores. Nos demais contextos, não há um favorecimento ou desfavorecimento muito nítido por parte das consoantes precedentes.

As consoantes velares e pós-alveolares não apresentam um comportamento muito bem definido, uma vez que os pesos relativos apontados na Tabela 24 indicam um comportamento muito próximo do ponto neutro: 0.52 e 0.56, respectivamente; o segundo já expressando um leve favorecimento à variante semifechada.

Assim como também observou Alves (2022) no estado de Minas Gerais, a variável mostra-se imprecisa a respeito da interferência na altura das vogais médias em posição pré-acentuada no Espírito Santo e Rio de Janeiro também, com exceções do suposto abaixamento após as labiodentais, que indicam números mais expressivos para favorecimento de uma abertura.

6.2.1.6 Contexto consonântico seguinte

Além do contexto consonântico precedente, a consoante seguinte também tem destaque na realização dos estudos das pretônicas, e será aqui analisado a partir dos resultados obtidos, também na perspectiva dos pontos de articulação desses sons.

A seguir, serão apresentados os nocautes acusados pelo programa GoldVarb 2001.

Quadro 8 – Nocautes acusados pelo *GoldVarb 2001* para as vogais posteriores no ES e RJ, segundo o contexto consonântico seguinte – dados do Projeto ALiB.

Variável	Variantes	Referência	Ocorrências
Contexto consonântico seguinte	[ʃ] m[o]chado	[o]	3/3
	[z] tor[oz]elo	[o]	45/45
	[ʒ] n[oʒ]ento	[o]	13/13
	[n] cor[on]el	[o]	14/14
	[m] c[om]eço	[o]	10/10

Fonte: elaborado pela autora.

Para o caso do [ʃ] após a pretônica, no ataque da sílaba seguinte, foram encontradas apenas três ocorrências, sendo duas da lexia “moxado”, dita pelo informante homem, da faixa etária I, e uma de “coxera”, sem realização do ditongo da sílaba seguinte, fornecida pelo informante homem, da faixa etária I, ambos de Barra de São Francisco-ES.

No contexto consonântico seguinte de [z], há um total de 42 ocorrências da palavra “tornozelo”, em resposta à pergunta 118 do questionário semântico-lexical; enquanto há apenas uma ocorrência para cada uma das seguintes lexias: “tornoeleira”, dita pela informante mulher, da faixa etária I, de Barra de São Francisco-ES; “disposição”, respondida pelo informante homem, da faixa etária I, de Arraial do Cabo-RJ; e “posição”, pelo informante homem, da faixa etária II, de Barra Mansa-RJ.

Para [ʒ] como consoante seguinte, houve, ao todo, 13 ocorrências, sendo elas de “cojutivite”, não havendo nasalização da vogal, fornecida pela informante mulher, da faixa etária I, de São Mateus-ES; “primogenito”, dita alterando a tonicidade da palavra ([primoʒẽ'nĩto]), pela informante mulher, da faixa etária I, de São João da Barra-RJ; três ocorrências de “primogênito”, respondida pelos informantes mulher, da faixa etária II, de Nova Friburgo-RJ; homem, da faixa etária II, de Nova Iguaçu-RJ, e mulher, da faixa

etária II, do Rio de Janeiro-RJ. Além dessas, houve duas ocorrências para a lexia “nojenta”, ambas ditas pela informante mulher, da faixa etária I, de Macaé-RJ; uma ocorrência da palavra “projeto”, fornecida pela informante mulher, da faixa etária II, de Macaé-RJ; e, por fim, cinco ocorrências de “mojano”, forma para “mojando”, ditas pelo informante homem, da faixa etária I, de Barra Mansa-RJ.

No contexto de [n] em sequência à pretônica, foram encontradas 14 ocorrências, a maioria delas de “tonozelo”, forma para “tornozelo”, contabilizando oito, e duas ocorrências para “tonuzelo”. As demais são de “coronel”, três casos; e uma para “econômica”.

Por fim, nos casos de [m] seguinte, foram obtidas, ao todo dez ocorrências, a maioria são de “promoção”, com oito registros; as demais encontradas foram uma de “começo” e uma de “cometa”, ambas sem nasalização da vogal.

A seguir, serão apresentados os resultados alcançados após o tratamento estatístico dos dados.

Tabela 26 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo o contexto consonântico seguinte – dados do Projeto ALiB.

Contexto consonântico	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
/R/ em coda [oɦ]valho	387/409	95%	0.27
Dentoalveolares on[os]ente	1056/1316	80%	0.50
Labiodental tr[ov]oadá	285/294	97%	0.66
Bilabial men[op]ausa	164/192	85%	0.24
Róticos velares e glotais m[oɣ]eu	302/307	98%	0.82
Velar b[ok]al	218/315	69%	0.40
/S/ em coda pr[oʃ]tituta	84/85	99%	0.60
Palatais c[oʌ]ega	15/22	68%	0.76

Input: 0.858 - Significância: 0.045

Fonte: elaborada pela autora.

De acordo com os resultados apontados, as vogais médias diante das consoantes bilabiais [p], [b] e [m] tendem à abertura, seguidas das realizações do /R/ em coda

silábica, das consoantes velares [k] e [g]. As dentoalveolares apontam um valor de peso relativo dentro da faixa de neutralidade, ou seja, é possível considerar que não há indícios de favorecimento ou desfavorecimento de forma mais assertiva.

Já nos casos das consoantes labiodentais, os róticos, sendo eles velares ou glotais, as palatais e o /S/ em posição de coda, existe um favorecimento ao fechamento dessas vogais médias, ou seja, à utilização da variante semifechada [o]. Para róticos velares e glotais, os maiores favorecedores do fechamento, esse fato pode ser observado a partir da perspectiva articulatória, pois a fricção que ocorre durante a passagem do ar é percebida, sobretudo, com a elevação do pós-dorso da língua; com isso, pode provocar uma tendência ao fechamento da vogal posterior. No caso das palatais e do /S/ em coda, em suas possíveis realizações, percebe-se a elevação também do ponto de vista articulatório, visualizando que, para a sua produção, a língua toca o palato, a parte mais alta da cavidade oral, e devido a essa proximidade, pode ser feita uma assimilação da altura.

Todos esses sons que favorecem a utilização da variante semifechada são fricativos, e tal fato também pode ser observado sob a perspectiva da escala de sonoridade, em que essas consoantes se encontram em uma posição relativamente mais fraca quanto à sonoridade, podendo indicar um maior fechamento da cavidade oral.

Embora o /S/ em posição de coda silábica esteja desfavorecendo a abertura da média pretônica de uma forma não muito expressiva quanto os demais contextos (P.R 0.60), ainda é um fator que proporciona a utilização de [o]; o oposto do /R/ em mesma posição, que favorece o abaixamento de [o]. Em ambos os casos, esses contextos aplicam uma influência mais marcada pela relação com o núcleo da sílaba, a vogal pretônica, como já visto anteriormente a respeito da análise das vogais anteriores.

6.2.2 Estudo das vogais médias posteriores: variáveis extralinguísticas

Para além dos contextos linguísticos, e assim como foi realizado para as vogais anteriores, serão propostas aqui análises das variáveis sociais controladas, considerando os pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Com as análises do *GoldVarb 2001*, foram selecionados como fatores estatisticamente relevantes as variáveis de diatopia e sexo dos informantes.

Assim, serão apresentados os resultados estatísticos a seguir.

6.2.2.1 Distribuição diatópica

Para a presente pesquisa, a distribuição diatópica é um fator extremamente importante, uma vez que o intuito da Dialetologia Pluridimensional é estudar determinado fenômeno em variação na perspectiva espacial de sua realização, observando, também, as implicações que outros fatores não linguísticos exercem sobre as escolhas. Além do mais, é possível descrever, geograficamente, onde se pode encontrar as respectivas variantes e em que patamar a “disputa” linguística se encontra. Tem-se, assim, o auxílio da sociolinguística variacionista neste tipo de análise.

Para as vogais posteriores nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, foram obtidos alguns resultados um tanto divergentes das vogais anteriores no que tange à linearidade demarcada de distribuição dos dados, porém, havendo proporcionalidade entre os resultados de anteriores e posteriores.

Observam-se, a seguir, os resultados na Tabela 27.

Tabela 27 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a distribuição diatópica – dados do Projeto ALiB.

Estado	Localidade	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
ES	Barra de São Francisco	117/169	69%	0.10
	São Mateus	153/179	85%	0.35
	<i>Vitória</i>	141/166	85%	0.41
	Santa Teresa	95/115	83%	0.32
	Alegre	126/153	82%	0.30
RJ	Itaperuna	128/180	71%	0.15
	São João da Barra	123/150	82%	0.32
	Campos dos Goytacazes	110/127	87%	0.61
	Três Rios	119/131	71%	0.77
	Nova Friburgo	161/179	90%	0.63
	Macaé	161/198	81%	0.41
	Valença	127/140	91%	0.68
	Petrópolis	174/201	87%	0.59
	Nova Iguaçu	137/157	87%	0.63

<i>Rio de Janeiro</i>	158/166	95%	0.84
Niterói	120/134	89%	0.65
Arraial do Cabo	124/135	92%	0.63
Barra Mansa	131/142	92%	0.75
Paraty	122/134	91%	0.64

Input: 0.858 - Significância: 0.045

Fonte: elaborada pela autora.

Os pesos relativos encontrados distribuem-se de forma bastante semelhante ao visto na Tabela 11²², em relação às vogais anteriores, indicando que, na perspectiva diatópica, tanto anteriores quanto posteriores comportam-se de forma parecida, corroborando a divisão dos espaços em zonas de favorecimento/desfavorecimento estatístico das variantes semiabertas e semifechadas, como será ilustrado na sequência.

A análise quanto às vogais posteriores trilha-se pelos mesmos caminhos percorridos pelas interações já apresentadas no tópico 6.1.2.1 do presente trabalho.

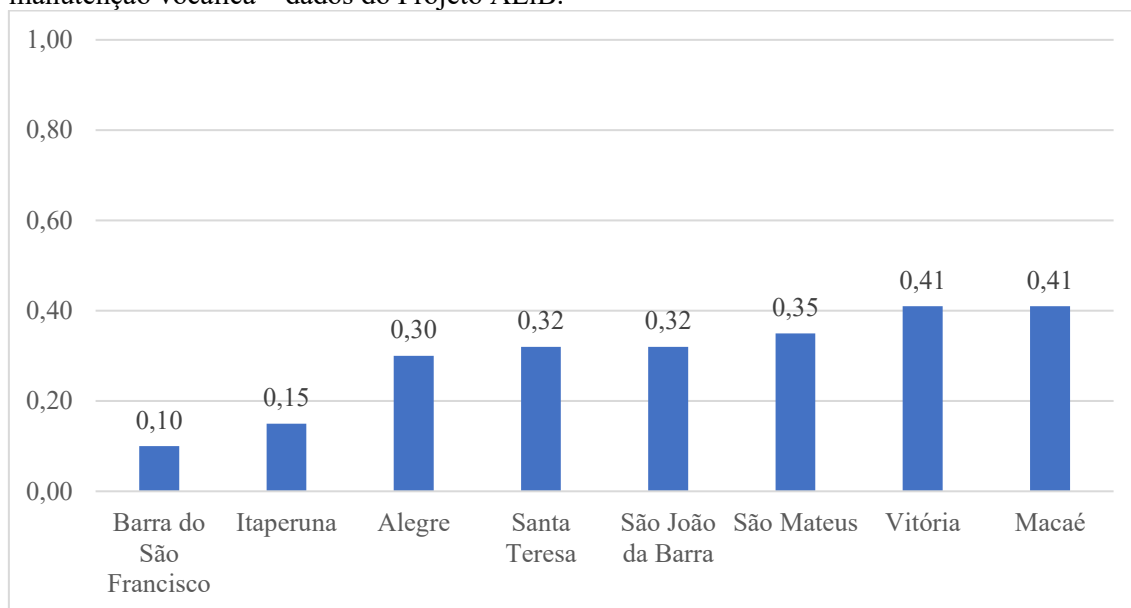
Como existe um número inferior, tanto de ocorrências gerais quanto das ocorrências dentro dos contextos previstos, naturalmente os resultados não serão replicados de igual maneira, mas é perceptível que há uma ortogonalidade, como dito anteriormente, entre os dados de vogais anteriores e posteriores na perspectiva diatópica.

Os valores em pesos relativos obtidos para as vogais posteriores demonstram que há, de fato, um padrão da tendência apontada pelos pesos relativos das vogais anteriores, em que as localidades mais litorâneas do estado do Espírito Santo revelam um menor favorecimento ao abaixamento da vogal, e as mais internas ao continente apontam um maior favorecimento; enquanto no Rio de Janeiro, essa relação não se mostra tão marcada: as localidades mais litorâneas e as localidades mais internas desfavorecem a abertura da vogal, com exceção de Itaperuna, São João da Barra e Macaé. Ressalta-se que esta é a visão que se tem quando se verificam os dados desses dois estados em análises multivariadas e que uma melhor compreensão da situação será possível mediante o confronto desses dados com os de outras áreas brasileiras.

Observam-se melhor os pesos relativos no Gráfico 7, a seguir.

²² Valores da Tabela 11: Barra de São Francisco = 0.10; São Mateus = 0.40; Vitória = 0.32; Santa Teresa = 0.12; Alegre = 0.20; Itaperuna = 0.13; São João da Barra = 0.41; Campos dos Goytacazes = 0.58; Três Rios = 0.75; Nova Friburgo = 0.56; Macaé = 0.46; Valença = 0.62; Petrópolis = 0.65; Nova Iguaçu = 0.65; Rio de Janeiro = 0.75; Niterói = 0.66; Arraial do Cabo = 0.78; Barra Mansa = 0.78; Paraty = 0.80.

Gráfico 7 – Localidades do ES e RJ cujos pesos relativos demonstram desfavorecimento à manutenção vocálica – dados do Projeto ALiB.



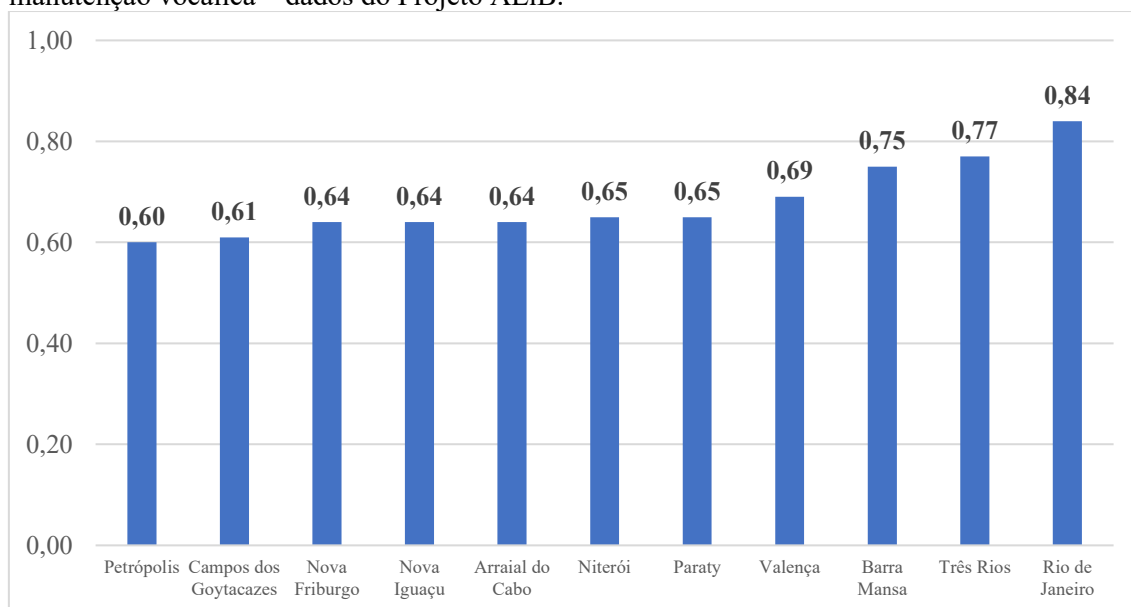
Fonte: elaborado pela autora.

Os pesos retratados, todos abaixo de 0,50, possibilitam compreender que há uma restrição à manutenção vocálica em todas as localidades que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB no estado do Espírito Santo. Além delas, algumas localidades do Rio de Janeiro também apresentam tal comportamento. São elas Itaperuna-RJ, o ponto mais próximo do Espírito Santo, com peso relativo inferior à maioria dos outros pontos do estado vizinho. Ao norte, São João da Barra também apresenta um peso relativo baixo no que concerne à utilização da variante semifechada, estando esse ponto mais afastado da fronteira com o Espírito Santo. Macaé, com o peso relativo mais alto entre as localidades potencialmente favorecedoras à abertura, encontra-se a sul de Campos dos Goytacazes-RJ, localidade caracterizada pelas médias-fechadas.

Cardoso *et al.* (2014b, p. 73) e Mota e Lopes (2023) mostram como se comportam, dentro do *corpus* do Projeto ALiB, as vogais pretônicas nas capitais Vitória e Rio de Janeiro, também encontrando valores muito próximos aos descritos aqui, entre 76 e 99% de ocorrências da variante [o]. Ao se tomarem por base os pesos relativos apontados por Mota e Lopes (2023), há, em ambas as capitais, tendência à manutenção vocálica, obtendo-se 0,97 para [o] em Vitória e 0,96 no Rio de Janeiro. Deve-se ressaltar que os estudos publicados no atlas contemplam a fala de informantes com escolaridade universitária, não observados nesta amostra, além de contrapor os dados de Vitória e Rio de Janeiro aos das outras 23 capitais estudadas pelo Projeto ALiB.

Todavia, os valores obtidos agora, refletem o entorno geográfico imediato de cada capital, em seu respectivo estado e, também, em contraste com as cidades do estado vizinho. Ainda, parte-se da fala de indivíduos de menor escolaridade. Por isso, os valores ora obtidos precisam ser interpretados à luz desse cenário peculiar, uma vez que os contrastes entre os dados capixabas e fluminenses têm revelado pesos relativos mais baixos para a manutenção vocálica nas áreas do Espírito Santo. Entende-se, assim, que, embora as médias-fechadas sejam frequentes, há uma tendência à sua restrição em algumas áreas, quando em contraste com o Rio de Janeiro, onde parecem mais disseminadas.

Gráfico 8 – Localidades do ES e RJ cujos pesos relativos demonstram favorecimento à manutenção vocálica – dados do Projeto ALiB.



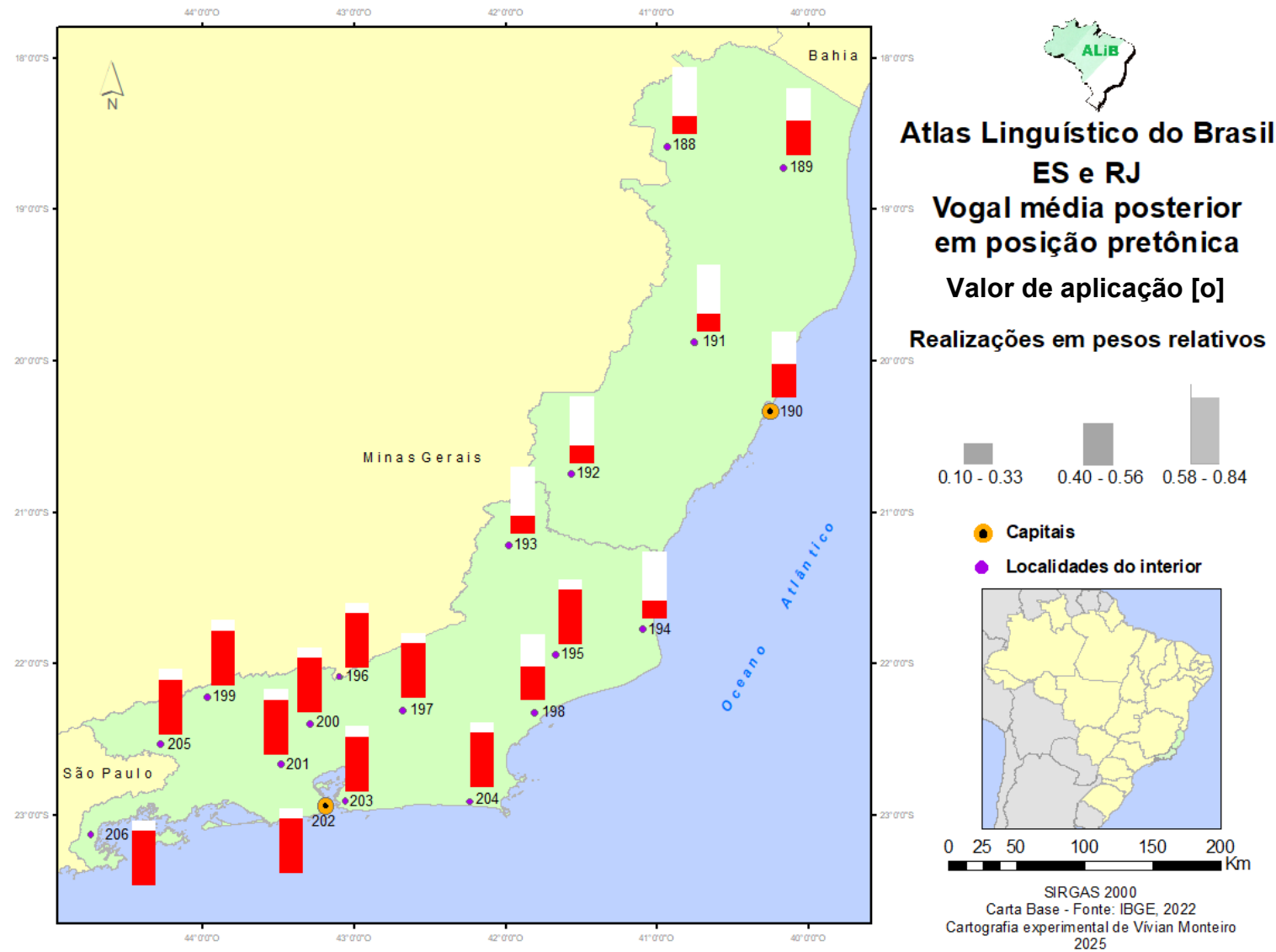
Fonte: elaborado pela autora.

Dentre as localidades abrangidas pelo estudo, há um maior número de localidades cujos informantes parecem optar pela variante semifechada [o]. No entanto, todas essas cidades são pertencentes ao estado do Rio de Janeiro, as quais demonstram comportamentos que vão de menos expressivos no que concerne à manutenção vocálica – com pesos relativos próximos a 0.60 – às mais expressivas, apresentando números superiores a 0.70.

As dinâmicas histórico-sociais podem explicar de forma mais adequada a relação entre essas localidades, principalmente pensando na proximidade com o estado de Minas Gerais, que também demonstrou um comportamento geográfico semelhante quanto às tendências das vogais médias pretônicas (Alves, 2022).

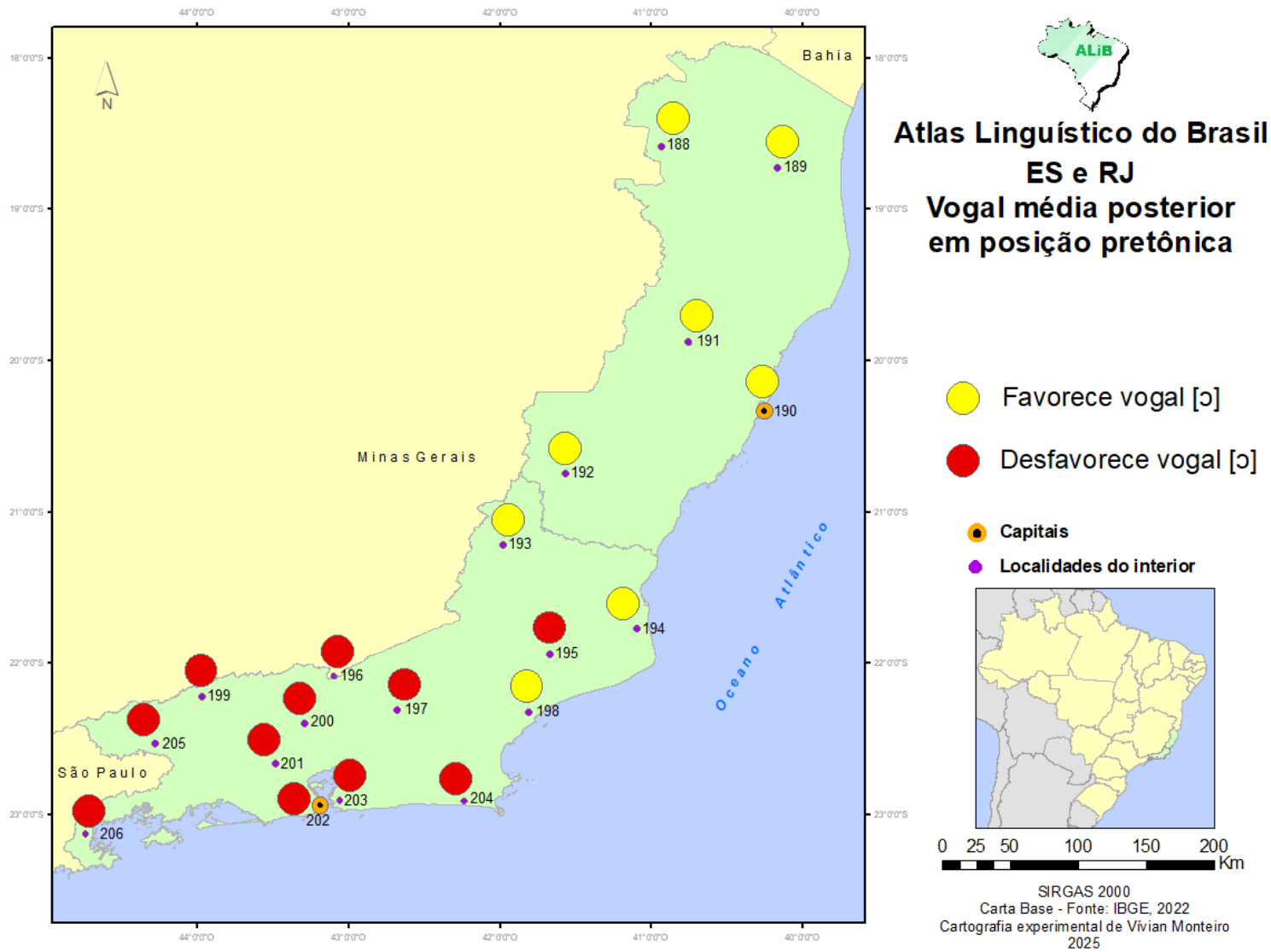
A seguir, observam-se as cartas linguísticas referentes à distribuição diatópica quanto aos pesos relativos e à tendência ao uso da variante semiaberta [ɔ]. A Figura 35 apresenta os valores sobre as localidades em três intervalos, enquanto a Figura 36 mostra o favorecimento e o desfavorecimento de cada ponto através das cores amarela e vermelha, nessa ordem.

Figura 35 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e RJ, distribuição diatópica dos pesos relativos – dados do Projeto ALiB.



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 36 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e RJ, distribuição diatópica quando a tendência – dados do Projeto ALiB.



Fonte: elaborada pela autora.

Assim como ocorrido com as anteriores, a maioria das localidades do Espírito Santo apontam pesos relativos dentro da menor faixa dos intervalos, entre 0.10 e 0.33, o que indicaria favorecimento à abertura, conforme também os resultados presentes na Tabela 27, a saber: Barra de São Francisco, Santa Teresa e Alegre. São Mateus e Vitória têm pesos dentro do intervalo de 0.40 a 0.56, o que precisa ser ponderado e observado em termos de restrições linguísticas às duas variantes, para compreender a situação das normas locais.

O Rio de Janeiro, por seu turno, possui, em maioria, pesos relativos entre 0.58 e 0.84, o que indica desfavorecimento ao processo de abertura da vogal posterior. Destacam-se os casos das localidades Itaperuna e São João da Barra (0.10 a 0.33) e Macaé (0.40 a 0.56) por apresentarem valores que indicam um comportamento transitório, sobretudo Macaé.

6.2.2.2 Sexo

Como já se sabe, a variável sexo mostrou-se relevante para a análise estatística em relação à variação das vogais pretônicas posteriores, tendo ocorrido de forma idêntica com as anteriores, já descritas nesta seção.

Dessa forma, serão apresentados a seguir os resultados referentes à variável social sexo:

Tabela 28 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo o sexo – dados do Projeto ALiB.

Sexo	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Masculino	1242/1492	83%	0.39
Feminino	1285/1464	88%	0.61

Input: 0.858 - Significância: 0.045

Fonte: elaborada pela autora.

Novamente, assim como acontece com as vogais anteriores, os homens utilizam menos a variante semifechada em comparação com as mulheres. Além disso, seus dados apontam para um favorecimento do processo de abaixamento de [o]. As mulheres, por outro lado, fazem mais uso da variante semifechada, demonstrando tenderem à manutenção vocálica.

Os dados dispostos na tabela anterior informam que, em ambos os sexos, existem mais ocorrências da vogal média-alta, mas os pesos relativos apresentados indicam que há tendências favoráveis e desfavoráveis ao uso de [ɔ]. Para compreender melhor de que forma esse fenômeno está se comportando, será feito um cruzamento entre os fatores sociais de diatopia e sexo, permitindo analisar de que forma eles interagem e como se torna a distribuição dos pesos relativos pelos espaços geográficos nessa perspectiva.

Tabela 29 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a diatopia e o sexo – dados do Projeto ALiB.

Dimensão espacial		Homem			Mulher		
Estado	Localidade	Oc.	Perc.	PR	Oc.	Perc.	PR
ES	Barra de São Francisco	50/79	63%	0.05	67/90	74%	0.17
	São Mateus	59/76	78%	0.18	94/103	91%	0.56
	<i>Vitória</i>	86/98	88%	0.54	55/68	81%	0.25
	Santa Teresa	30/44	68%	0.16	65/71	91%	0.55
	Alegre	61/78	78%	0.19	65/75	87%	0.44
RJ	Itaperuna	57/80	71%	0.08	71/100	71%	0.23
	São João da Barra	50/65	77%	0.19	73/85	86%	0.47
	Campos dos Goytacazes	52/61	85%	0.37	58/66	88%	0.79
	Três Rios	70/78	90%	0.73	49/53	92%	0.78
	Nova Friburgo	81/91	89%	0.56	80/88	91%	0.69
	Macaé	75/99	76%	0.30	86/99	87%	0.52
	Valença	64/73	88%	0.55	63/67	94%	0.82
	Petrópolis	91/108	84%	0.46	83/93	89%	0.72
	Nova Iguaçu	74/88	84%	0.47	63/69	91%	0.80
	<i>Rio de Janeiro</i>	73/77	95%	0.85	85/89	95%	0.83
	Niterói	67/73	92%	0.75	53/61	87%	0.51
	Arraial do Cabo	61/67	91%	0.55	63/68	93%	0.71
	Barra Mansa	73/81	90%	0.54	58/61	95%	0.90
	Paraty	68/76	89%	0.59	54/58	93%	0.64

Input: 0.876 - Significância: 0.036

Fonte: elaborada pela autora.

Como é possível perceber a partir dos resultados expostos na tabela anterior, na maioria dos casos, as mulheres preferem, mais do que os homens, utilizar a variante

semifechada. Os pesos relativos costumam ser maiores para as mulheres também, com exceção de Vitória e de Niterói-RJ, em que o favorecimento da variante semifechada é maior para os homens. Na capital fluminense, o favorecimento expressivo à manutenção vocálica se dá por ambos os grupos de informantes, os quais apresentam pesos equilibrados (0,85 homens; 0,83 mulheres). Em dez das 19 localidades, os dados referentes aos homens, por sua vez, apontam para um favorecimento à abertura.

Em cinco localidades, os homens apresentam valores próximos do ponto neutro; já as mulheres, em quatro localidades, apresentam pesos relativos que indicam uma posição neutra quanto a favorecimentos e desfavorecimentos mais explícitos.

Não existe um padrão muito bem demarcado em relação às posteriores, bem como percebido anteriormente, analisando as vogais anteriores.

6.2.2.3 Faixa etária

A faixa etária novamente faz-se importante para a realização das vogais médias pretônicas nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, no caso das variantes posteriores, o que leva à apresentação dos valores de ocorrências, percentuais e pesos relativos que melhor descreverão como a variável age sobre o fenômeno em questão. Lembra-se que os informantes são distribuídos nas faixas etárias I, que vai de 18 a 30 anos; e a faixa etária II, que vai de 50 a 65 anos.

Os resultados podem, assim, ser observados na tabela a seguir:

Tabela 30 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a faixa etária – dados do Projeto ALiB.

Sexo	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Faixa I	1234/1407	88%	0.54
Faixa II	1293/1549	83%	0.46

Input: 0.858 - Significância: 0.045

Fonte: elaborada pela autora.

Os pesos relativos mostram-se proporcionais aos que foram apresentados para as vogais anteriores, mostrando que, na ótica dessa variável, as vogais se comportam de maneira similar, ou seja, os dois grupos, da faixa etária I e II, demonstram comportamentos imparciais diante da manutenção / abertura vocálica, posto que os pesos relativos obtidos nas rodadas estatísticas aproximam-se de 0.50.

Os dados da faixa etária I estão mostrando uma preferência maior pelo uso da variante [o], enquanto os mais velhos, da faixa etária II, preferem um pouco menos. Em

relação às tendências encontradas para esta variável, é perceptível também que os mais velhos favorecem, mesmo que de forma não tão intensa, o processo de abaixamento da vogal [o]; os mais jovens, embora possuam números que indicam favorecimento, esse valor se encontra na zona de neutralidade, não apontando maiores favorecimentos ou desfavorecimentos expressivos. Portanto, o fator é pouco relevante à aplicação da regra.

Bem como feito para a variável sexo, é importante observar, dentro da perspectiva diatópica, de que maneira o fenômeno está se comportando quanto às faixas etárias dos informantes, para melhor compreender sua realização.

Tabela 31 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES e no RJ, segundo a diatopia e a faixa etária – dados do Projeto ALiB.

Dimensão espacial		Faixa etária I			Faixa etária II		
Estado	Localidade	Oc.	Perc.	PR	Oc.	Perc.	PR
ES	Barra de São Francisco	58/81	72%	0.11	59/88	67%	0.08
	São Mateus	72/84	86%	0.26	81/95	85%	0.39
	<i>Vitória</i>	70/74	95%	0.67	71/92	77%	0.26
	Santa Teresa	31/33	94%	0.73	64/82	78%	0.19
	Alegre	67/80	84%	0.33	59/73	81%	0.24
RJ	Itaperuna	61/88	69%	0.12	67/92	73%	0.16
	São João da Barra	68/84	81%	0.36	55/66	83%	0.25
	Campos dos Goytacazes	51/55	93%	0.49	59/72	82%	0.61
	Três Rios	57/60	95%	0.89	62/71	87%	0.66
	Nova Friburgo	78/81	96%	0.88	83/98	85%	0.43
	Macaé	83/92	90%	0.50	78/106	74%	0.31
	Valença	65/76	85%	0.42	62/64	97%	0.93
	Petrópolis	86/104	83%	0.49	88/97	91%	0.69
	Nova Iguaçu	65/75	87%	0.57	72/82	88%	0.67
	<i>Rio de Janeiro</i>	82/85	96%	0.87	76/81	94%	0.81
	Niterói	60/65	92%	0.72	60/69	87%	0.56
	Arraial do Cabo	52/57	91%	0.59	72/78	92%	0.63
	Barra Mansa	76/78	97%	0.91	55/64	86%	0.58
	Paraty	52/55	94%	0.78	70/79	89%	0.51

Input: 0.877 - Significância: 0.000

Fonte: elaborada pela autora.

Os resultados da distribuição diatópica, analisada em conjunto com o fator faixa etária, revelam que, no Espírito Santo há, em sua maioria, um favorecimento à abertura proporcionado tanto pelos mais jovens, quanto pelos mais velhos, com exceção de Vitória-ES, a capital, e Santa Teresa-ES, nas quais os informantes de faixa I favorecem o fechamento de forma expressiva.

No estado do Rio de Janeiro, por sua vez, revela-se um comportamento de favorecimento à variante semifechada, com ambas as faixas etárias apresentando pesos relativos mais elevados. Apenas Itaperuna-RJ e São João da Barra-RJ, localidades mais próximas do Espírito Santo, apontam para um favorecimento à abertura, seja pelos informantes da faixa I ou pelos informantes da faixa II.

Em Nova Friburgo-RJ e Macaé-RJ, o comportamento da faixa II destoa da faixa I, apresentando favorecimento à variante semiaberta, enquanto em Valença-RJ, o oposto ocorre: os mais jovens estão favorecendo o processo de abaixamento da vogal.

Em Campos dos Goytacazes-RJ e Petrópolis-RJ, o peso relativo obtido encontra-se muito próximo da zona neutra (0.49), não sendo possível apontar tendências quanto à escolha da vogal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a exposição de todos os dados e a descrição do comportamento das vogais médias pretônicas nos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro, é possível concluir que, em um plano geral, há preferência pelo uso das variantes semifechadas, corroborando resultados outros já levantados da região em questão ou de áreas similares.

Observou-se aqui fatores linguísticos e sociais que foram considerados estatisticamente relevantes para esta análise e, para eles, foram tecidas descrições que podem caracterizar o fenômeno, bem como de que maneira todos esses fatores podem estar agindo sobre as variantes. Na tentativa de sintetizar os resultados obtidos acerca das variantes linguísticas e extralinguísticas, serão lembrados alguns dos pontos principais revelados por este trabalho.

No âmbito dos fatores linguísticos considerados, os grupos destacados como mais relevantes e que revelam características fundamentais para a variação das vogais médias pretônicas são a *vogal tônica*, *contexto vocálico seguinte inacentuado* e a *diatopia*. Essas características foram mais bem marcadas dentro dos resultados e permitiram uma melhor compreensão dos fenômenos fonológicos que delineiam uma possível regra variável.

Além dessas variáveis, também foram levantadas como relevantes, tanto para as vogais anteriores quanto para as posteriores, a *distância entre pretônica e tônica*, revelando que as sílabas, em ambos os casos, favorecem a abertura da vogal pretônica, como é possível visualizar nos exemplos recuperados, *pecado* e *adotada*.

Conforme já mencionado, o fator *vogal tônica* destaca-se nesta descrição e é considerado relevante para as vogais anteriores e posteriores. Assim, tem-se que, para as anteriores, os contextos mais favorecedores são [ɛ], [ɔ], [a], [õ], ditongos abertos e [ẽ], sendo as três primeiras variantes trazidas as maiores favorecedoras das ocorrências da vogal semiaberta [ɛ], com pesos relativos bastante inferiores²³. Retomando os resultados das posteriores, são apontadas como favorecedoras do processo de abaixamento de [e] as vogais [ɔ], [ɛ], [a] e [ẽ], além de um importante dado apontado por um dos nocautes obtidos: a vogal [o], o que significa dizer, nesse caso, quando a vogal tônica era [o], a pretônica também era realizada como [o]. Os outros resultados estatísticos de

²³ Faz-se necessário recordar que, conforme já explicado ao decorrer deste trabalho, o valor de aplicação utilizado para as rodadas estatísticas, tanto para anteriores quanto para posteriores, foram as variantes semifechadas [e] e [o], e a análise dos resultados é feita a partir da ótica das variantes semiabertas, cumprindo com o objetivo do presente trabalho.

favorecimento também indicam uma possível regra variável, ou seja, quando houver uma vogal mais aberta em posição tônica, a pretônica tenderá à abertura.

Para a variável *vogal da sílaba seguinte inacentuada*, tem-se um comportamento semelhante já apresentado pelos nocautes obtidos, como [ɛ], [e], [ĩ] e [ɔ] para anteriores, sendo [ɛ] em função de [ɛ], [e] em função de [e], [ĩ] em função de [e], e [ɔ] em função de [e]. O último caso apresenta um comportamento irregular em relação aos demais, no qual haverá a realização de uma vogal mais alta [e] diante de uma mais baixa [ɔ], entretanto, é um contexto com poucas ocorrências e de uma única lexia, não sendo ideal para observação do comportamento da pretônica. Nas posteriores, são obtidos os contextos favorecedores de abertura [ɛ], [ẽ], [ɔ] e [a], indicando que, diante dessas vogais em contexto seguinte inacentuado, a tendência é a realização de uma pretônica mais aberta.

Foi percebido que, nos casos de vogais abertas na posição tônica ou seguinte inacentuada, haverá um processo de espriamento do traço de abertura por parte da tônica ou seguinte inacentuada, em que a pretônica assimilará esse traço e será realizada, também, de forma mais aberta.

Em *contexto consonântico precedente*, para as vogais anteriores, as consoantes que mais favorecem a abertura são as pós-alveolares, róticos (velares ou glotais), velares e bilabiais. Para as posteriores, foram obtidas as consoantes labiodentais, palatais e dentoalveolares como maiores favorecedoras da abertura. Alguns desses contextos foram analisados à luz da Fonética Articulatória, na tentativa de identificar de que maneira esse fator pode influenciar na realização da vogal.

Também foi considerada relevante a variável contexto consonântico seguinte, para a qual foram identificadas as consoantes adjacentes seguintes palatais, bilabiais, velares, róticos (velares ou glotais) em ataque da sílaba seguinte, dentoalveolares e o /R/ realizado em coda como favorecedores da abertura das vogais pretônicas anteriores. Já para as posteriores, foram favorecedoras as bilabiais, o /R/ na posição de coda e as velares. Além disso, foi feita uma rodada separando coda silábica e ataque da sílaba seguinte para melhor observar como se comportam as pretônicas em relação à estrutura da sílaba (com ou sem coda). As codas desfavoreceram, nesse caso, a abertura da vogal.

O *número de sílabas do vocábulo* foi um fator considerado para as vogais anteriores apenas, indicando que palavras com quatro sílabas ou mais (polissílabas) favorecem a ocorrência da variante semiaberta [ɛ].

Já a *constituição da sílaba em que se encontra a pretônica* foi apenas relevante para as vogais posteriores, sendo a formação CV, dentre as outras, a favorecedora do processo de abaixamento de [e].

Ao final dessa retomada, é perceptível que muitos contextos não são tão bem delimitados, uma vez que lhes faltam ocorrências para melhores análises, sobretudo os contextos das vogais posteriores, naturalmente menos recorrentes na amostra em questão, devido à própria estrutura do questionário. Tal fato dificultou o trabalho quando os poucos dados apontaram resultados indefinidos, principalmente a respeito de algumas consoantes precedentes e seguintes.

Na ótica da diatopia, é visível uma distribuição consistente quanto às tendências apontadas em cada uma das 19 localidades que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB no contínuo ES-RJ. Espírito Santo e parte norte do Rio de Janeiro apresentam favorecimento ao processo de abaixamento de [e] e [o], enquanto o eixo centro-sul do Rio de Janeiro indica um favorecimento à ocorrência das variáveis semifechadas.

Em relação aos fatores sexo e faixa etária, em panorama geral, em ambos os casos de vogais anteriores e posteriores, observaram-se pesos mais baixos para a manutenção vocálica na fala dos informantes homens, ao passo que as mulheres apresentam sempre pesos mais elevados. Em muitos casos, os homens desfavorecem o uso das vogais semifechadas. No geral, para a faixa etária, não foram encontradas diferenças significativas nos comportamentos dos informantes das duas faixas etárias. Contudo, nas cidades em que contrastes mais sensíveis foram notados, há uma tendência à manutenção vocálica por parte dos mais jovens. Conclui-se que homens preferem usar [ɛ] e [ɔ], assim como os informantes mais idosos da faixa etária II.

Após relembrar os resultados alcançados nos âmbitos das variáveis linguísticas e extralinguísticas, faz-se necessário retornar também aos questionamentos apresentados na seção de introdução deste trabalho, os quais basearam a investigação aqui realizada e lançaram algumas hipóteses para definir o percurso da pesquisa.

Inicialmente é trazida a pergunta *seria mesmo o falar baiano – que compreende o estado de Sergipe, Bahia e a parte norte de Minas Gerais – intermediário entre norte e sul conforme propõe Antenor Nascentes (1953)?* Ainda não se tem uma análise completa dos dados do estado da Bahia e Sergipe (tampouco do Brasil todo) com base nos dados do ALiB para se ter essa certeza, contudo, pode-se afirmar que, atualmente, observando as tendências à abertura encontradas na distribuição diatópica da presente pesquisa, o falar baiano não caberia mais como zona de transição, uma vez que as médias abertas

parecem prevalecer no Espírito Santo, que já faria parte do falar fluminense. Isto confirma a primeira hipótese apresentada.

O segundo questionamento lançado diz: *como se comporta o estado do Espírito Santo (que compõe o falar fluminense, de acordo com Nascentes, 1953), observando capital e cidades do interior, diante das realizações abertas das vogais médias em posição pré-acentuada?* Como observado, o Espírito Santo, partindo de toda rede de pontos do ALiB no estado, favorece a abertura da vogal, seja ela anterior ou posterior, indicando que pode ter havido, de fato, uma mudança após a década de 50 do século passado, quando Antenor Nascentes propôs suas divisões dialetais, visualizando a característica de fechamento, e o momento da coleta dos dados do ALiB, nos anos 2000 (2003 a 2013). É sabido que as comunidades envolvidas mudaram e, certamente, com elas, a língua em uso. Tal fato confirma a segunda hipótese.

Para finalizar, *a cidade de Vitória é ou está, de fato, em uma zona de transição, ao invés do falar baiano, como propôs Antenor Nascentes?* A cidade de Vitória, no Espírito Santo, não é, mas compõe uma área de transição, confirmando a terceira hipótese, uma vez que se pode pensar, então, no falar fluminense como zona de transição entre norte e sul na perspectiva dos estados litorâneos do Brasil, de acordo com as tendências vistas neste trabalho com base nos dados do ALiB. A capital capixaba é uma área de predominância das variantes semifechadas, contudo, a partir da presente amostra, apresenta restrições sociolinguísticas importantes ao uso das variantes semifechadas.

Os resultados de Alves (2022) também demonstram um processo de transição dentro do estado de Minas Gerais, corroborando o padrão de tendências aqui explorado. Por isso, pensa-se aqui, que a atual zona de transição, na perspectiva de uma nova divisão dialetal, pautada nos dados coletados pelo Projeto ALiB no que tange às vogais médias pretônicas, seja o falar fluminense.

Certamente a pesquisa não se encerra aqui, com este trabalho, pois é necessário que se realize uma investigação mais ampla na perspectiva do Brasil, concluindo o estudo de áreas mais interioranas do país. É preciso contemplar mais espaços para melhor observação dos fatos, o que já está sendo realizado por pesquisadoras do Projeto ALiB, para, assim, obter-se o panorama completo e definir de forma mais assertiva o comportamento do Espírito Santo e Rio de Janeiro em relação às demais áreas do país, com base nos dados do Projeto. Ademais, será preciso repensar uma proposta de divisão dialetal que, de fato, congregue aos dados linguísticos a compreensão dos movimentos

históricos e sociais do Brasil contemporâneo, possibilitando, assim, um mapeamento mais assertivo dos dialetos brasileiros.

Reafirma-se, dessa forma, o compromisso de descrever a língua portuguesa falada no Brasil, nesse caso, no tocante à realização das vogais médias pretônicas. Por fim, espera-se que, com isso, seja possível auxiliar no estudo e ensino da língua, seja nas escolas ou universidades, apresentando às pessoas como são distintas e plurais as formas de se falar dentro desse país de grandes escalas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.
- AGUIAR, Martins. Fonética do português do Ceará. **Revista do Instituto Histórico do Ceará**, Fortaleza, n. 51, p. 271-307, 1937.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALVARENGA, Jefferson Ferreira. Vasco Fernandes Coutinho: governança e actualidade política nos quinhentos. **Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**. Ano 6, n. 11, jan./jun.2022
- ALVES, D. I. C. **As vogais médias pretônicas em Minas Gerais nos dados do ALiB**. Orientadora: Jacyra Andrade Mota. Tese (Doutorado – Doutorado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2022.
- AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira: gramática e vocabulário**. 4.ed. São Paulo: HUCITEC; INL, 1982 [1920].
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa P. **Atlas Lingüístico da Paraíba**. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.
- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO EPÍRITO SANTO. **APEES**. Disponível em: <<https://ape.es.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.
- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <<https://www.aperj.rj.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.
- ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO INSTITUTO HISTÓRICO. Disponível em: <<https://amigosinstitutohistoricodc.com.br/>>. Acesso em: nov/2025.
- BARBOSA ANGELO, Elis Regina. Identidades, Festas e Espaços dos Imigrantes em Petrópolis, RJ, e suas Relações com a História do Turismo e da Cidade. **Rosa dos Ventos**, vol. 6, núm. 2, 2014.
- BATISTA, Allofs Daniel. **Nova Iguaçu: muito prazer!**. Nova Iguaçu, RJ: [s.n], 2021.
- BESSA, José Rogério Fontenele (coordenador). **Atlas Linguístico do Ceará**. Vol.I – Introdução, Vol. II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

- BISOL, Leda. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. 1981. 333f. Tese (Doutorado em Linguística e Filologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geolinguística no Rio de Janeiro**: as vogais médias pretônicas. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, v. 41, p. 229 – 257. jan/jun, 2010.
- BYBEE, Joan L. **Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BYBEE, Joan L. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. **Language Variation and Change**, nº 14, p. 261-290, 2002.
- CALLOU, D. M. I.; LEITE, Y. **As Vogais Pretônicas No Falar Carioca**. *Estudos Linguísticos e Literários*, v. 5, n.1, p. 151-162, 1986.
- Callou, Dinah *et al.* Para uma sócio-história da língua portuguesa no Rio de Janeiro: demografia, escolarização e construção da norma. In: CALLOU, Dinah; LOBO, Tânia (Orgs.). **História social do português brasileiro**. 20-ed. São Paulo: Contexto, p. 322-395, 2020.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001 [1970].
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- CAMPOY, Juan Manuel Fernandez; ALMEIDA, Manuel. Metodología para el estudio de la variación: planificación inicial. In: CAMPOY, Juan Manuel Fernandez; ALMEIDA, Manuel. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Editorial Comares, 2005. p. 37-112.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. **Atlas Linguístico do Brasil**: introdução. v.1. Londrina: Eduel, 2014a.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Lingüístico de Sergipe II**. Rio de Janeiro: S. A. M. da S. Cardoso, 2002.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas Linguístico do Brasil**: cartas linguísticas 1. v. 2. Londrina: Eduel, 2014b.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: Tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Tinha Nascentes Razão? Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil. **Estudos Lingüísticos e Literários**. 5. Instituto de Letras/UFBA, 1986, p. 47-59.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres (Orgs.). **Documentos 3: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Vento Leste, 2012.

CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. **Bandeiras e bandeirantes de São Paulo**. Serie 5.^a Bibliotheca Brasiliana Pedagogica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

CARVALHO, A. M. F. M. de. A baía de Guanabara: os itinerários da memória. **Revista USP**, São Paulo, nº 30: p. 156 - 169, junho/agosto, 1996.

CASTIGLIONI, Aurelia Hermínia. Transição migratória e urbana no estado do espírito santo - 1950 a 2010. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 20, n. 72, p. 33–53, 2019.

CELIA, Gianni Fontis. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia - ES**. 2004. 0 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CENTRO DE MEMÓRIA DIGITAL DE NOVA IGUAÇU. Disponível em:

<<https://centrodemoriadigitaldenovaiguacu.wordpress.com/>>. Acesso em: set/2025.

CHAGAS, Mário; STORINO, Claudia. MUSEU, PATRIMÔNIO E CIDADE: camadas de sentido em Paraty. **Cadernos de Sociomuseologia**, vol. 47, 2014.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper, 1968.

CITELI, Bárbara G. **A regência variável do verbo de movimento ir na cidade de Vitória-ES**. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

CLEMENTS, G. N. Place of Articulation in Consonants and Vowels: a unified theory. **Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory**. n. 5, 1991. p. 77-123.

CLEMENTS, G. N. The Geometry of Phonological Features. **Phonological Yearbook**. n. 2, 1985. p. 225-252.

CLEMENTS, G. N; HUME, E. V. **The Internal Organization of Speech Sounds**. Unpublished ms. University of Conell, 1995.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Lingüístico do Brasil**. Questionários. Londrina: EDUEL, 2001.

CORDEIRO, Dan Gabriel D'Onofre Andrade Silva. Fazenda Santo Antônio do Paiol, Valença/RJ: pioneirismo em serviços de hospitalidade. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 8, n. 1, jan./jun. 2020.

- CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas topodinâmico do Território Incaracterístico**. 2015. 497f. Tese (Doutorado em Estudo da Linguagem), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.
- DIAS, Marcelo Pires. **As vogais médias pretônicas nas capitais da região norte do Brasil**. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.
- DIAS, Valena Regina; CASSIQUE, Orlando; CRUZ, Regina. O fenômeno do alteamento do [o] > [u] das tônicas, na cidade de Breves/Pa, na perspectiva da Geometria de Traços. **Anais do SILEL**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- DIEGUES JR., Manuel. **Regiões culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.
- DOTA, E. M., COELHO, A. L. N., CAMARGO, D. M. de. **Atlas da migração no Espírito Santo**. Vitória: UFES, Proex, 2017.
- DOTA, Ednelson Mariano. A migração no Espírito Santo no período 1991-2010 e o trabalho: novidades e continuidades. **Anais do 4º Encontro Internacional de Política Social e 11º Encontro Nacional de Política Social**. 2016.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Edusp, 2006.
- FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- FERREIRA, Carlota, CARDOSO, Suzana A. M. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996.
- FOERSTE, Erineu et al. Língua pomerana na escola: práticas docentes e diversidade linguística. **Rev. Bras. de Educação**. v. 24 e240011 2019.
- FRANCO, Sebastião Pimentel. **História do Espírito Santo**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2015.
- FUNDO BRASILEIRO PARA A BIODIVERSIDADE. **Rocky Shore of Arraial do Cabo**. Disponível em: <https://www.funbio.org.br/en/programas_e_projetos/marine-and-fisheries-research/rocky-shore-of-arrarial-do-cabo/>. Acesso em: nov/2025.
- GAMBARINI, Viviany de Paula. **Análise sociofonética das vogais médias pretônicas do português de Vitória e Montanha, ES**. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.
- GOLDSMITH, John. **Autossegmental phonology**. New York: Garland Publishing, 1979. (Outstanding Dissertation in Linguistics, Harvard University).

GOMES, M. DE F. C. M.; RAMOS, M. H. R. Segregação sócio-espacial na cidade do Rio de Janeiro: uma reprodução da desigualdade social. **O Social em Questão**, v. 7, n. 10, p. 41–59, 2003.

GOVERNO DO ESTADO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. Disponível em: <<https://www.es.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <<https://www.rj.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

GUILHERME JÚNIOR, Vicente dos Santos; GUIMARÃES, Inácio Andruski; DUENHAS, Rogério Allon. Guerra fiscal entre Rio de Janeiro e Minas Gerais: alguns reflexos sobre as microrregiões de Três Rios (RJ) e Juiz de Fora (MG). **Geopauta**, v. 9, n. 1, 2025

GUY, Gregory Riordan; ZILES, Ana. **Sociolinguística quantitativa** – instrumento de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e fronteiras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Departamento de Cultura da Guanabara, 1975.

HOOPER, J. B. **An introduction to natural generative phonology**. New York: Academic Press, 1976.

HORA, Demerval da; PEREIRA, Regina Celi M. Vogal da sílaba seguinte: uma restrição ao comportamento das médias pretônicas. **Revista Graphos**, Vol. 1, Nº 3. 1998, p. 63-74.

HOUAISS, Antônio. **Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca**. Rio de Janeiro, 1959.

ÍNDICE DE PROGRESSO SOCIAL. **IPS Brasil**. Disponível em: <<https://ipsbrasil.org.br/pt>>. Acesso em: nov/2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **IPHAN**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: out/2025.

INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE. **INEARJ**. Disponível em: <<https://www.inea.rj.gov.br/>>. Acesso em: nov/2025.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **IFES**. Disponível em: <<https://www.ifes.edu.br/>>. Acesso em: out/2025.

INSTITUTO FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **IFRJ**. Disponível em: <<https://www.ifrj.edu.br/>>. Acesso em: out/2025

Instituto Nacional da Mata Atlântica. INMA. Disponível em:

<<https://www.gov.br/inma/pt-br>>. Acesso em: out/2025

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000 [1987].

KENT, R. D.; READ, C. **Análise acústica da fala**. São Paulo: Cortez, 2015.

KOCH, Walter; Klassmann, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. **Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002.

LABOV, William. **Modelos sociolingüísticos**. Madrid: Ediciones Cátedra, S. A., 1983 [1972].

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAETA, Tainá; FERNANDES, Manoel do Couto. Cartografia histórica de Petrópolis (RJ): levantamento dos documentos cartográficos no período de 1846 a 1861. **Atas do VI Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica**, 4 a 7 de novembro de 2015.

LEITE, Melina de Figueiredo. **As Vogais Médias Pretônicas na Fala de Vitória**. 2014. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

LEITE, Yonne F. **Portuguese stress and related rules**. Austin: University of Texas at Austin, 1974.

LEMLE, Miriam. Analogia na morfologia: estudo de um caso. **Revista Brasileira de Lingüística**. Petrópolis, n. 1, p. 16-21, 1974.

LOPES, Paulo Henrique. **Pretônicas na língua falada em Sergipe: dados do Projeto ALiB**. 2013. 103 f. Monografia (Graduação em Letras), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português Afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p.41-73.

MAGALHÃES, Cristiane Maria. Na rota dos caminhos da estrada real e dos tropeiros. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, n. 36/37, ano 20, 2007.

MAIA, Priscilla Nunes Fraga; RODRIGUES, Adrianno Oliveira. A cidade (re)partida: um breve estudo sobre as emancipações de Nova Iguaçu e a formação da região da Baixada Fluminense. **Atas do 15º Congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional**, p. 3856-3897, 2009.

MARINHA DO BRASIL. **Notícias - AvPqHo "Aspirante Moura" participa de projetos de pesquisa em Arraial do Cabo (RJ).** Disponível em:

<<https://www.marinha.mil.br/noticias/avpqho-aspirante-moura-participa-de-projetos-de-pesquisa-em-arraial-do-cabo-rj>>. Acesso em: out/2025.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste:** Alagoas e Pernambuco. São Paulo: Nacional, 1945 [1934].

MATTEDI, Marcos A. **A formação histórica do Espírito Santo.** Vitória: Edufes, 1994.

MATTOS E SILVA, R.V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2008.

MATTOS, Hebe. **Das cores do silêncio:** os significados da liberdade no Sudeste escravista. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013 [1995].

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil.** 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MATZENAUER, Carmen. Introdução à teoria fonológica. In.: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 4. ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 11-81, 2005.

MATZENAUER, Carmen; MIRANDA, Ana Ruth. Teoria dos Traços. In.: HORA, Demerval da; MATZENAUER, Carmen (Org.). **Fonologia-Fonologias.** São Paulo: Contexto, 2017.

MORAES, João Antônio de. **Fonética.** São Paulo: Parábola, 2024.

MOTA, J.; LOPES, P. H. As vogais médias pretônicas. In.: MOTA, J.; RIBEIRO, S.; OLIVEIRA, J. **Atlas Linguístico do Brasil:** comentários às cartas linguísticas 1 – Volume 3. EDUEL: Londrina, 2023. p. 17 – 38

MOTA, Jacyra Andrade. **Vogais antes de acento em Ribeirópolis-SE.** 1979. 2t. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In.: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana (Orgs.). **Documentos 2:** Projeto Atlas lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15 - 26
MULTIRIO. Disponível em: <<https://multi.rio/>>. Acesso em: nov/2025.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.15-26.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun., 1955, p. 213-219

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

OLIVEIRA, David Neves de; MILWARD-DE-AZEVEDO, Julianne Alvim. Dinâmica do Crescimento Urbano-industrial do Município de Três Rios/ RJ: notas sobre os impactos ambientais e vulnerabilidade social. **Revista Espacios**. Vol. 36, Nº 20, 2015.

OLIVEIRA, Dercir. Pedro de (Org.). **ALMS - Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul**. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PAGANOTO, Faber. **Mobilidade e Trabalho em Macaé/ RJ, a “Capital do Petróleo”**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Orientadora: Olga Maria Schild Becker. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG, 2008.

PEREIRA, Matilde. **A presença africana no Espírito Santo: trabalho, cultura e religiosidade**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

PESSOTTI, A. Luciene. Vila da Vitória: Forma Urbana de origem portuguesa. **Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Línguas africanas no Brasil. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**, n. 27-28, p. 63–89, 2007.

PIMENTA, Rodrigo Mello de M.; MELLO, Satina P. M. Pimenta; MARTINS, Everton Basílio de C. Intolerância religiosa: a ineficácia das leis na proteção dos adeptos das religiões de matrizes africanas. **Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**. Ano. 2, n. 3, jan./jul. 2018.

PORTAL VALE DO CAFÉ. Disponível em: <<https://www.portalvaledocafe.com.br/>>. Acesso em: out/2025.

PREFEITURA BARRA DE SÃO FRANCISCO (ES). Disponível em: <<https://www.pmbsf.es.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE ALEGRE (ES). Disponível em: <<https://www.alegre.es.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE ARRAIAL DO CABO (RJ). Disponível em: <<https://arraial.rj.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE BARRA MANSA (RJ). Disponível em:

<<https://barramansa.rj.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ). Disponível em:

<<https://www.campos.rj.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE ITAPERUNA (RJ). Disponível em:

<<https://www.itaperuna.rj.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE MACAÉ (RJ). Disponível em: <<https://macae.rj.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE NITERÓI (RJ). Disponível em: <<https://niteroi.rj.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE NOVA FRIBURGO (RJ). Disponível em:

<<https://www.pmnf.rj.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE NOVA IGUAÇU (RJ). Disponível em:

<<https://novaiguacu.rj.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE PARATY (RJ). Disponível em: <<https://www.paraty.rj.gov.br/>>.

Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE PETRÓPOLIS (RJ). Disponível em:

<<https://www.petropolis.rj.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE SANTA TERESA (ES). Disponível em:

<<https://www.santateresa.es.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE SÃO JOÃO DA BARRA (RJ). Disponível em:

<<https://www.sjb.rj.gov.br/home>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE SÃO MATEUS (ES). Disponível em:

<<https://www.saomateus.es.gov.br/>>. Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE TRÊS RIOS (RJ). Disponível em: <<https://tresrios.rj.gov.br/>>.

Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE VALENÇA (RJ). Disponível em: <<https://valenca.rj.gov.br/>>.

Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DE VITÓRIA (ES). Disponível em: <<https://www.vitoria.es.gov.br/>>.

Acesso em: set/2025.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO (RJ). Disponível em: <<https://prefeitura.rio/>>.

Acesso em: set/2025.

- RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço. Tradução: Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. **Cadernos de tradução** (Porto Alegre). Porto Alegre, RS. N. 5 (jan. 1999), p. 31-51.
- RAZKY, Abdelhak. (Org.) **Atlas lingüístico sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004.
- RIBEIRO, José et. al. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.
- RIBEIRO, Natália Soares; NASCIMENTO, Giovane do. Guardiãs das tradições: mulheres da pesca em Arraial do Cabo-RJ. **Revista Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.10, n.29, novembro/2020.
- ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen; TAGLIAMONTE, Sali. **GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows**. Nova YORK: University of York, 2001.
- RODRIGUES, Ada Natal. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.
- RODRIGUES, Catarina Vaz. Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES): dados do questionário lexical. In: ANTONIO, Juliano Desiderato (org.). **Estudos descritivos do português: história, uso e variação**. São Carlos: Claraluz, 2008.
- ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos: introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas**. Rio de Janeiro: MEC / Instituto Nacional do Livro, 1965.
- ROSSI, Nelson. A Dialectologia. **Alfa**, Marília, v.11, p. 89-116, 1967.
- SANTOS, Ana Claudia Oliveira. **As pretônicas em Minas Gerais: o caso do falar baiano**. 88 fl. 2016. Monografia (Graduação) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. - 4. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006 [1996].
- SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002 [1978].
- SCARDUA, Juliana Rangel. **Análise da concordância nominal na fala de Vitória/ES: o linguístico, o social e o estilístico**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.
- SCIMAGO JOURNAL RANK. Disponível em:
 <<https://www.scimagoir.com/rankings.php?sector=Higher+educ.&country=BRA>>.
 Acesso em: nov/2025.

SECRETARIA DE TURISMO DO RIO DE JANEIRO. Turismo RJ. Disponível em:

<<https://www.turismo.rj.gov.br/>>. Acesso em: set/2025

SELKIRK, Elisabeth. On the major class features and syllable theory. In.: ARONOFF, M.; OEHRLE, R. **Language sound structure**. Cambridge, Mass.: MIT Press, p. 107-136, 1984.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS.

SEBRAE RJ. Disponível em: <<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/rj>>. Acesso em: set/2025.

SILVA, Amanda dos Reis. **Ditongação diante de <S> na Bahia**: diferenciação dialetal e variação fonético-fonológica. Tese (Doutorado – Doutorado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2018.

SILVA, Edeson dos Anjos *et al.* O congo capixaba como resistência a aculturação católica: práxis sincrética descolonizadora dos saberes eurocêntricos. **identidade!** São Leopoldo. V. 26, n. 1 e 2, jan./dez. 2021.

SILVA, Mikaylson Rocha da. **Contato dialetal**: atitudes do falar paraibano em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SILVA, Myrian Barbosa da. **As pretônicas no falar baiano**: a variedade culta de Salvador. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVA, Myrian Barbosa da. **Vogais pretônicas no Brasil**: uma proposta de descrição a partir de Salvador. São Paulo: Blucher, 2021.

SILVA, Rita de cássia B. Cunha. **Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus**. 1980. 209f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

SILVA, T. C. et al. **Fonética acústica**: os sons do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVEIRA, Sousa. A língua nacional e seu estudo. **Revista de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, n. 9, p. 18-32, 1921.

SOUZA, Carlos Alberto de. **Os povos indígenas do Espírito Santo**: história e resistência. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2009.

SOUZA, Daiane Silva. **As vogais médias pretônicas na fala de Goiás com base nos dados do Projeto ALiB**. 2018. 144f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do Português Brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary. **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2018. p.29-54.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes**. Tese (Doutorado – Doutorado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2018.

TRÁFICO DE VIDAS E ESCRAVIDÃO. HISTÓRIA DO RIO PARA TODOS.

Disponível em: <<https://historiadorioparatodos.com.br/timeline/1549-escravos-para-engenhos-traffic-de-vidas-e-negro-banto/>>. Acesso em: set/2025.

TRANCOSO DA SILVA, Romulo Wesley. Expansão da cafeicultura no Vale Norte do Paraíba Fluminense na segunda metade do século XIX. **História Econômica & História de Empresas**, v. 28, n. 2, 2025.

TURISMO DE ARRAIAL DO CABO. Disponível em:

<<https://www.arraialdocabo.com.br/>>. Acesso em: nov/2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **Acesso à informação**.

Disponível em: <<https://www.ufes.br/>>. Acesso em: out/2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **UFRJ**. Disponível em:

<<https://ufrj.br/>>. Acesso em: out/2025.

UOL. **Ranking Universitário Folha**. Disponível em:

<<https://ruf.folha.uol.com.br/2025/ranking-de-universidades/principal/>>. Acesso em: nov/2025.

VALE DO CAFÉ. Disponível em: <<https://ascarij.com.br/vale-do-cafe/>>. Acesso em: out/2025.

VARGAS, Liliana Angel. Baía de Guanabara: a origem de um belo e conturbado cartão postal do Rio de Janeiro, e um desafio para a educação ambiental. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 21, julho a dezembro de 2008.

VIEIRA, Shirley. **O comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

WORLD UNIVERSITY RANKINGS 2025. Disponível em: <<https://cwur.org/>>.

Acesso em: nov/2025.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. **As Vogais Medias Pretônicas No Falar Culto Carioca**. 1993. Dissertação (Mestrado em Letras (Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

ANEXO

ANEXO I – Chave de codificação do Projeto ALiB para o fenômeno das vogais médias pretônicas.

VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS – PROJETO ALiB

SALVADOR, FEVEREIRO - 2025

VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS ORAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO – PROJETO ALiB

CHAVE DE CODIFICAÇÃO – LISTAGEM DE VARIÁVEIS

1. VARIÁVEL DEPENDENTE E VARIANTES	
VOGAIS ANTERIORES i [Vogal alta] ¹ e [Vogal média-alta] 3 [Vogal média-baixa]	
VOGAIS POSTERIORES u [Vogal alta] ² o [Vogal média-alta] > [Vogal média-baixa]	
VARIÁVEIS INDEPENDENTES INTRALINGÜÍSTICAS	
2. POSIÇÃO DA VOGAL PRETÔNICA NA PALAVRA ³	3. POSIÇÃO DA VOGAL PRETÔNICA COM RELAÇÃO À TÔNICA
1 [Inicial absoluta]: ovelha	1 [Contígua à tônica]: tesoura
2 [Não inicial]: travesseiro	2 [Distância de duas sílabas da tônica]: borboleta
	3 [Distância de três sílabas ou mais da tônica]: redemu[ˈi]nho / pernambucano
4. CONSTITUIÇÃO DA SÍLABA EM QUE SE ENCONTRA A VOGAL PRETÔNICA	5. NÚCLEO DA SÍLABA TÔNICA
1 [V]: obrigado	i [i]: bonito e [e]: borboleta

¹ As variantes altas [i, u] só serão consideradas em estudos que lidem diretamente com o alteamento da média pretônica.

² Ver nota 1.

³ Embora este grupo possa interferir no seguinte, durante a rodada, a sua manutenção deve ser feita como controle, caso em algum momento, seja necessário separar as ocorrências de pretônicas iniciais ou não iniciais.

2 [VC] ⁴ : ervilha	3 [e]: colegas a [a]: estr <u>a</u> da > [ɔ]: ter <u>ç</u> ol o [o]: cor <u>o</u> a u [u]: seg <u>u</u> ro I [i]: redemu <u>i</u> nho E [ê] A [ẽ]: elef <u>a</u> nte O [ô]: red <u>o</u> ndo U [ũ]: cor <u>u</u> nda B [ditongo que contém vogal aberta ou média-aberta]: re <u>a</u> l F [ditongo que contém vogal fechada ou média-fechada]: tes <u>ou</u> ra / pref <u>ei</u> to
3 [CV]: seguro	
4 [CVC]/ [CVS]: tornozelo / so[w]dado	
5 [CCV]: prefeito	
6 [CCVC]: prostituta	

6. CONTEXTO VOCÁLICO SEGUINTE: VOGAL INACENTUADA ⁵	7. CONTEXTO CONSONÂNTICO PRECEDENTE
i [i]: bon[i]teza e [e]: el[e]fante 3 [ɛ]: el[ɛ]fante a [a]: merc[a]doria > [c]: borb[ɔ]leta o [o]: borb[o]leta u [u]: gord[u]roso I [i]: rep[i]ntar E [ê]: ferm[ê]ntador A [ẽ]: pern[ẽ]bucano O [ô]: rec[ô]nquistar U [ũ]: redem[ũ]nho / [Não se aplica]: casos em que a vogal pretônica é contígua à sílaba tônica ou de um ditongo (ex.: rec[aw]cado)	p [p/]: pet <u>e</u> ca b [b/]: b <u>o</u> lica t [t/]: tor <u>n</u> eira d [d/]: d <u>e</u> dal k [k/]: c <u>o</u> lher g [g/]: g <u>o</u> rdura f [f/]: fer <u>v</u> oia v [v/]: pro <u>v</u> ocar s [s/]: c <u>e</u> rteza z [z/]: z <u>e</u> lação S [ʃ/]: x <u>e</u> rife Z [ʒ/]: jo <u>e</u> lho m [m/]: m <u>e</u> leca n [n/]: n <u>e</u> cessidade N [ɲ/]: aman <u>h</u> ecer l [l/]: l <u>e</u> uitar L [ʎ/]: envel <u>h</u> ecer r [r/]: desc <u>a</u> roçar H [x/]: ren <u>a</u> scer / [Não se aplica]: sílabas do tipo V ou VC (elefante, orvalho)

⁴ Quando o estudo for referente à variação das médias, no caso das vogais anteriores, como em escola, estilingue, esconde-esconde, não se devem coletar as ocorrências desse contexto (V+S), pois, por questões fonológicas referentes à constituição da sílaba, a tendência é ao alteamento. Para as vogais posteriores, embora a variação aberta/fechada seja mais possível ([ɔ]spital/ [o]spital), uma vez que se trata de sílabas mais leves / vogais mais fracas, há a possibilidade de ditongação diante de /S/, o que traria um elemento alto, palatal ao contexto silábico ([ɔj]spital), trazendo implicações ao processo. Por isso, serão estudadas apenas as sílabas do tipo V+R, como em orvalho, ervilha, organização etc.

⁵ Se houver mais de uma vogal inacentuada e apenas uma média pretônica não contígua à tônica, a codificação deve ser feita com relação às duas vogais. Por exemplo: em mercadoria, temos o /E/ na primeira sílaba pretônica e o /O/ na terceira sílaba pretônica. Assim, para o /E/, as vogais inacentuadas seguintes seriam o /a/ e o /O/, para que possamos avaliar a interferência ou não dessa vogal na primeira.

8. CONTEXTO CONSONÂNTICO SEGUINTE	9. NUMERO DE SÍLABAS DO VOCÁBULO
p [/p/]: sepultar b [/b/]: cebola t [/t/]: estrada d [/d/]: medalha k [/k/]: pecado g [/g/]: regar f [/f/]: mofar v [/v/]: levar s [/s/]: receita z [/z/]: presépio S [/ʃ/]: cochilar Z [/ʒ/]: rejeitar m [/m/]: vomitar n [/n/]: menina N [/ɲ/]: conhecer l [/l/]: meleca L [/ʎ/]: colher r [/r/]: coró H [/x/]: correr \$ [/ʒ/], em coda: pro[s]tituta, pro[ʃ]tituta R [/R/], em coda: corcunda / ferrolho / [Não se aplica]: casos em que a vogal pretônica é sucedida de uma sílaba do tipo V, VC ou VS (doar, doador, realizar, realização).	2 [Duas sílabas]: co.ró 3 [Três sílabas]: co.ra.ção 4 [Quatro sílabas ou mais]: te.le.fo.ne / per.nam.bu.ca.no
10. TIPO DE QUESTIONÁRIO	
@ QFF # QSL	

VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS	
11. SEXO/GÊNERO DO(A) INFORMANTE	12. FAIXA ETÁRIA DO(A) INFORMANTE
H [Masculino]	1 [Faixa etária I = 18 a 30 anos]
F [Feminino]	2 [Faixa etária II = 50 a 65 anos]
13. NÍVEL DE ESCOLARIDADE DO(A) INFORMANTE⁶	
F [Fundamental]	
U [Universitário]	
VARIÁVEIS GEOLINGUÍSTICAS	
14. DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA POR LOCALIDADE	
Consultar tabela referente à codificação da diatopia, adotada pelo Projeto AliB – Regional Bahia.	
15. DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA POR REGIÃO GEOGRÁFICA BRASILEIRA⁷	
5 [Região Norte]	
6 [Região Nordeste]	
7 [Região Sudeste]	
8 [Região Sul]	
9 [Região Centro-Oeste]	

⁶ Apenas para capitais.

⁷ Utilizar somente em trabalhos que contrastem dados de mais de uma Região Administrativa.

APÊNDICE

APÊNDICE I – Resultados das rodadas individuais dos estados do ES e RJ.

Tabela 1 – Vogais médias pretônicas anteriores no ES, segundo a distribuição diatópica – dados do Projeto ALiB.

Estado	Localidade	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
ES	Barra de São Francisco	182/225		0.31
	São Mateus	199/218		0.72
	<i>Vitória</i>	202/224		0.62
	Santa Teresa	126/154		0.34
	Alegre	192/225		0.46
<i>Input: 0.953 - Significância: 0.040</i>				

Tabela 2 – Vogais médias pretônicas anteriores no RJ, segundo a distribuição diatópica – dados do Projeto ALiB.

Estado	Localidade	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
RJ	Itaperuna	176/215		0.08
	São João da Barra	192/212		0.32
	Campos dos Goytacazes	168/181		0.45
	Três Rios	201/212		0.70
	Nova Friburgo	221/240		0.45
	Macaé	202/224		0.31
	Valença	200/216		0.52
	Petrópolis	242/259		0.53
	Nova Iguaçu	224/241		0.56
	<i>Rio de Janeiro</i>	193/204		0.69
	Niterói	247/264		0.55
	Arraial do Cabo	174/181		0.69
	Barra Mansa	201/210		0.69
	Paraty	150/156		0.73
<i>Input: 0.965 - Significância: 0.001</i>				

Tabela 3 – Vogais médias pretônicas posteriores no ES, segundo a distribuição diatópica – dados do Projeto ALiB.

Estado	Localidade	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
ES	Barra de São Francisco	117/169	69%	0.21
	São Mateus	153/179	85%	0.59
	<i>Vitória</i>	141/166	85%	0.67
	Santa Teresa	95/115	83%	0.57
	Alegre	126/153	82%	0.52

Input: 0.215 - Significância: 0.477

Tabela 4 – Vogais médias pretônicas posteriores no RJ, segundo a distribuição diatópica – dados do Projeto ALiB.

Estado	Localidade	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
RJ	Itaperuna	128/180	71%	0.12
	São João da Barra	123/150	82%	0.26
	Campos dos Goytacazes	110/127	87%	0.49
	Três Rios	119/131	71%	0.68
	Nova Friburgo	161/179	90%	0.54
	Macaé	161/198	81%	0.30
	Valença	127/140	91%	0.61
	Petrópolis	174/201	87%	0.52
	Nova Iguaçu	137/157	87%	0.56
	<i>Rio de Janeiro</i>	158/166	95%	0.78
	Niterói	120/134	89%	0.57
	Arraial do Cabo	124/135	92%	0.57
	Barra Mansa	131/142	92%	0.67
	Paraty	122/134	91%	0.58

Input: 0.879 - Significância: 0.000